UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALLAN JAMES MOREIRA

O JIU-JITSU E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: A PERSPECTIVA DE ATLETAS DO JIU-JITSU PARADESPORTIVO

Campinas

2024

ALLAN JAMES MOREIRA

O JIU-JITSU E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: A PERSPECTIVA DE ATLETAS DO JIU-JITSU PARADESPORTIVO

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de Atividade Física Adaptada.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Luiza Tanure Alves

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO ALLAN JAMES MOREIRA, E ORIENTADO PELA PROFA. DRA. MARIA LUIZA TANURE ALVES.

Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

M813j

Moreira, Allan James, 1995-
O jiu-jitsu e a pessoa com deficiência : a perspectiva de atletas do jiu-jitsu paradesportivo / Allan James Moreira. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Maria Luiza Tanure Alves.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Jiu jitsu. 2. Pessoas com deficiência. 3. Estudos sobre deficiência. 4. Esportes para pessoas com deficiência. I. Alves, Maria Luiza Tanure. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Jiu-jitsu and people with disabilities : the perspective of paradesportive jiu-jitsu athletes
Palavras-chave em inglês:
Jiu jitsu
Peoples with disabilities
Disability studies
Sports for people with disabilities
Área de concentração: Atividade Física Adaptada
Titulação: Mestre em Educação Física
Banca examinadora:
Maria Luiza Tanure Alves [Orientador]
Marcelo Moreira Antunes
Mariana Simões Pimentel Gomes
Data de defesa: 01-12-2023
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-6098-7984
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/7029805548177177

COMISSÃO EXAMINADORA[1]

Prof. Dra. Maria Luiza Tanure Alves

Presidente da banca

Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes

Membro titular

Prof. Dra. Mariana Simões Pimentel Gomes

Membro titular

[1] A referida ata da Defesa da dissertação, devidamente assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA - Sistema de Fluxo de Dissertação e na Secretaria do Programa da Faculdade de Educação Física (FEF/UNICAMP).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais por todo amor e esforços que fizeram ao longo de toda vida para que essa caminhada se concretizasse. Sem eles, nada seria possível. Agradeço também a minha orientadora Malu, por estar presente ao longo desses anos, auxiliando em tudo que foi preciso para a conclusão deste trabalho e da minha formação acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da bolsa de estudos pelo processo nº 130980/2021-8. Dessa forma, deixo também meu agradecido ao órgão por tornar possível a realização desta pesquisa.

Além do mais, agradeço também aos participantes deste trabalho, por compartilharem informações de suma importância para sua construção. Agradeço também ao Professor Elcirley, presidente da Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo (FBJJP), por sanar todas minhas dúvidas sobre a modalidade e fornecer contato com praticantes.

Por fim, agradeço a todos meus amigos e alunos, que estiveram presentes ao longo de todo esse período, pelo incentivo e por todo aprendizado que carrego comigo. As amizades construídas foram essenciais tanto nos momentos de felicidade e de tristeza, minha eterna gratidão.

RESUMO

O Jiu-jitsu Paradesportivo se caracteriza como uma modalidade esportiva de combate desenvolvida para pessoas com deficiência que foi institucionalizada recentemente, em 2017. Antes disso, pessoas com deficiência que buscavam a prática do Jiu-jitsu encontravam dificuldades para estarem inseridas adequadamente na modalidade, em especial, em caráter competitivo. Através do relato de homens com deficiência que são atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo, este estudo busca apresentar a História Oral de vida desses sujeitos. Por meio de entrevistas semiestruturadas, foi possível coletar o relato dos participantes. Após a análise dos dados, foram evidenciadas questões no que se refere a opressão social enfrentada pela pessoa com deficiência, principalmente no que diz respeito a prática esportiva e participação social. No âmbito dos estudos da deficiência, as questões levantadas na pesquisa encontram respaldo no Modelo Social de deficiência, que foi utilizado como referencial teórico para orientar este trabalho. O capacitismo se mostrou um elemento central nos relatos, ao criar ambientes impeditivos para que os participantes pudessem estar plenamente inseridos na prática da modalidade estudada. Ademais, levantamos reflexões sobre o Jiu-jitsu Paradesportivo como espaço de potencialidade para as pessoas com deficiência, uma vez que a modalidade pode promover uma "superação da inclusão", já que neste espaço, o corpo com deficiência pode não representar uma ideia de desvantagem, como é comumente associada a deficiência por uma sociedade capacitista. Pela lógica interna da modalidade, todo praticante, com ou sem deficiência, necessita de adaptações de técnicas por diversas questões, como: restrição articular ou encurtamentos musculares que impeçam determinadas movimentações, comprimento dos membros, biotipo, etc. Logo, a prática para a pessoa com deficiência não deve focar em suas limitações, mas nas potencialidades físicas e cognitivas, como na modalidade convencional. Através das adaptações de técnicas de acordo com a corporeidade do praticante, pode-se explorar possibilidades e desenvolver um conjunto de técnicas afetivas durante a luta. Assim, a pessoa com deficiência devidamente orientada, pode obter vantagens durante o combate, em decorrência da própria deficiência, ao desenvolver técnicas adaptadas para seu corpo. Como apontado nos relatos, isso pode ocorrer pelo uso de técnicas adaptadas que não são esperadas pelos adversários. Contudo, para que isso se concretize, é necessária a capacitação profissional dos professores, que em geral, não estão preparados para lidar com pessoas que fogem do estereótipo associado aos praticantes de Jiu-jitsu, representados como sujeitos que se associam aos padrões de normalidade estabelecidos pela sociedade. Dessa forma, pessoas com deficiência ainda são marginalizadas nos espaços de treino. Portanto, mostrou-se indispensável a quebra de paradigma por parte dos educadores, que devem adotar uma postura anticapacista a fim de possibilitar adaptações e cuidados necessários a seus alunos, com ou sem deficiência. Através dessas mudanças, nossos participantes se mostraram inseridos na modalidade ao considera-la como um estilo de vida, uma prática capaz de ressignificar a deficiência para os mesmos e romper com os preconceitos associados a deficiência. Dessa forma, o Jiu-jitsu se mostrou um espaço ainda permeado pelas ideias capacitista, mas que através da modalidade paradesportiva, pode auxiliar na mudança desse paradigma.

Palavras-chave: Jiu-jitsu; Pessoa com deficiência; Estudos sobre deficiência; Esportes para pessoas com deficiência.

ABSTRACT

The Paradesportive Jiu-jitsu is characterized as a combat sport developed for people with disabilities and institutionalized quite recently. Prior, people with disabilities who seeking to practice Jiu-jitsu face difficulties in being properly integrated into the sport, especially in a competitive context. Through the reports of men with disabilities who are Paradesportive Jiu-jitsu athletes, this study aims to present the Oral History of these individuals. Via semi-structured interviews, it was possible to collect the reports. In this regard, issues related to the social oppression faced by people with disabilities, especially concerning social participation and sports practices contexts were highlighted. In the realm of Disability Studies, these questions raised in the research are supported by the Social Model of disability, which was used as a theoretical framework to guide this work. Ableism emerged as a central element in the narratives, creating obstacle for people with disabilities to be fully involved in the studied modality. Furthermore, we raise thoughts about Paradesportive Jiu-jitsu as a potential space for people with disabilities, once the modality could promote an "inclusion overcoming" perspective, since the disabled body does not need to represent a notion of disadvantage in these contexts, as commonly perceived by an ableist society. Within the internal logic of this modality, every practitioner, with or without disability, requires adaptations for many reasons, such: joint restrictions or muscular limitations, limb length, biotype, etc. Therefore, Jiu-jitsu for people with disabilities should not focus on their limitations but on their physical and cognitive potentials. By adapting techniques according to the body characteristics, possibilities can be explored, and a set of effective techniques could be developed during fighting. Thus, people with disabilities, properly guided, could achieve advantages during combat. As indicated by participants, this could occur through the use of unexpected adapted techniques by opponents. However, for this, the need for teacher's qualification has been evident, as they are generally unprepared to deal with people who do not fit the stereotype associated with Jiu-jitsu practitioners, characterized as normative individuals by ableist society. Therefore, a paradigm shift is necessary for educators, who must adopt an anti-ableism stance to enable adaptations and necessary care for their students, whether they have disabilities or not. Through these changes, our participants demonstrated integration into the sport by considering Jiu-jitsu as a lifestyle, a modality capable of redefining disability for them and breaking down prejudices associated with it. Thus, Jiu-jitsu proved to be a space still permeated by ableist ideas, but through Paradesportive modality, it could contribute to changing this paradigm.

Keywords: Jiu-jitsu; People with disabilities; Disability Studies; Sports for people with disabilities.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	AS ARTES MARCIAIS	12
3.	DAS ARTES MARCIAIS JAPONESAS AO JIU-JITSU BRASILEIRO	15
	3.1 O *Ju-jutsu*	16
	3.2 O Jiu-jitsu brasileiro	20
4.	ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA	24
	4.1 Contextualização histórica	24
	4.2 O Modelo Médico de deficiência	26
	4.3 O Modelo Social de deficiência	27
	4.4 A crítica feminista ao Modelo social de deficiência	32
5.	ATIVIDADES FÍSICAS PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	37
	5.1 As Artes Marciais para a pessoa com deficiência	38
	5.2 O Jiu-jitsu Paradesportivo	40
6.	OBJETIVO	45
7.	MÉTODO	46
	7.1 Design de pesquisa	46
	7.2 Participantes	46
	7.3 Procedimentos	48
	7.4 Análise dos dados	49
8.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
	8.1 O atleta com deficiência	52
	8.2 O Jiu-Jitsu negado	57
	8.3 O Jiu-jitsu Paradesportivo	59
	8.4 Eu adapto meu “jogo”	64
9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

11. ANEXO 1 76

12. ANEXO 2 81

13. ANEXO 3 93

14. ANEXO 4 129

15. ANEXO 5 146

16. ANEXO 6 162

1. INTRODUÇÃO

As técnicas de combate desarmadas acompanham o ser humano desde os primórdios civilizatórios, passando por um intenso processo de ressignificação ao longo da história e de seus espaços de prática. Uma dessas manifestações se constitui através do Jiu-jitsu, que possui suas primeiras sistematizações fundadas no Japão, a princípio como uma Arte Marcial. Essa mesma prática se transformou ao longo do tempo, sendo reinventada no Brasil e a partir disso, difundida em todo o mundo através de sua forma esportivizada.

A princípio, podemos suspeitar que as Artes Marciais, na sua maioria, não eram voltadas para as pessoas com deficiência, já que eram desenvolvidas majoritariamente para soldados e combatentes, com fins bélicos. No caso do Jiu-jitsu, o movimento que tornou essa prática acessível para tal população de forma institucionalizada, se dá através da criação do Jiu-jitsu Paradesportivo, que foi fundamentado a partir do que chamaremos de Jiu-jitsu convencional, a modalidade esportiva comumente praticada por pessoas sem deficiência.

O Jiu-jitsu Paradesportivo, também conhecido como ParaJiu-jitsu, ainda é muito recente, sendo institucionalizado apenas no ano de 2014, e está em fase de estruturação. Assim como a prática convencional, tem no território brasileiro sua formação e estruturação enquanto esporte. Antes de sua elaboração, a pessoa com deficiência que buscava competir no Jiu-jitsu apenas encontrava espaço na modalidade convencional, que apresenta diferentes tipos de barreiras para tal população. No âmbito competitivo, a ausência de um conjunto de regras e pontuações inclusivo, que as colocavam em desvantagem. Além das questões pedagógicas, como a falta de preparo por parte de professores e instrutores para ensinar a modalidade para essas pessoas.

Dessa forma, o Jiu-jitsu Paradesportivo foi idealizado para a prática da pessoa com deficiência, com adaptações de regras (e de seus sistemas de pontuação) para tornar a prática viável para pessoas com diferentes tipos de deficiência e grau de comprometimento, contando com um amplo conjunto de classes funcionais. Um fato de suma importância para esse cenário é de que a criação dessa modalidade foi elaborada por pessoas com deficiências adquiridas e que já praticavam o Jiu-jitsu convencional antes de suas lesões. Isso denota a importância da participação da pessoa com deficiência na construção dos espaços que frequentam, exercendo, de fato, uma participação ativa na sociedade.

Apesar do Brasil ser o país responsável pela criação dessa modalidade, os Emirados Árabes Unidos possuem destaque no fomento a tal esporte, injetando fundos financeiros para a expansão da modalidade, principalmente através de competições, cursos de formação para

professores e árbitros, além do oferecimento de espaços para a prática. De acordo com Gonçalves (2020), no ano de 2017, os Emirados Árabes Unidos se estabeleceram como maiores financiadores para a expansão do Jiu-jitsu Paradesportivo, e em menos de três anos, a modalidade passou a ser praticada em mais de 25 países ao redor do mundo, possuindo representatividade nos cinco continentes, demonstrando o potencial para crescimento que esse esporte possui.

O embasamento teórico que guia este trabalho no âmbito dos estudos da deficiência, se dá através do Modelo Social de deficiência, que surge como um contraponto ao Modelo Médico. Aprofundamentos sobre esses modelos serão tratados em seus próprios capítulos, mas o ponto-chave para entender a escolha do Modelo Social como referência estrutural desta pesquisa, se expressa pelo fato de que, de acordo com o mesmo, a deficiência não é entendida como uma questão natural e de ordem individual, mas sim como uma forma de opressão social que impõe barreiras para a vida da pessoa com deficiência, inviabilizando sua participação em sociedade na maior parte do tempo, em diferentes espaços e contextos. O Modelo Social é fruto dos estudos de diversos teóricos que são pessoas com deficiência e que buscaram constituir um movimento em que essas pessoas pudessem contribuir para o entendimento das noções de deficiência, em especial no âmbito das políticas públicas que envolvessem suas experiências cotidianas e participação social.

Tendo essa contextualização em vista, o propósito deste estudo é de alocar os holofotes da pesquisa nas pessoas com deficiência e que praticam o Jiu-jitsu Paradesportivo, e com isso entender suas experiências, vivências e concepções acerca da modalidade. É de interesse deste estudo entender o que é ser um atleta de Jiu-jitsu com deficiência, através do relato expressado pelos mesmos. Utilizando-se deste material, também são levantadas reflexões sobre facetas que se relacionam com a temática, como questões sobre o oferecimento de tal modalidade no contexto nacional e como a formação dos mestres, professores e instrutores se constitui.

2. AS ARTES MARCIAIS

Este capítulo tem a intenção de apresentar um breve panorama geral sobre o surgimento das Artes Marciais e em quais contextos essas práticas estão inseridas nos dias atuais. Vale salientar que neste campo de estudo ainda não existe um consenso geral entre os estudiosos sobre a terminologia correspondentes às práticas de combate a nível internacional (GUTIÉRREZ; GARCÍA; MOLINA, 2011). Essa discussão também ocorre no contexto nacional (BARREIRA, 2017; CORREIA; FRANCHINI, 2010; FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2011). Dessa forma, para orientar este trabalho, usaremos a terminação Arte Marcial, por ser a mais empregada no âmbito internacional (GUTIÉRREZ; GARCÍA; MOLINA, 2011). Ademais, através dessa terminação podemos entender o fenômeno das práticas de combate de uma maneira ampla, como será explicitado a seguir.

Para Antunes (2009), a Arte Marcial corresponde a instituição de um método que compreende um determinado conjunto de técnicas específicas, que almejam um desenvolvimento das aptidões física, mental e espiritual. Além disso, o treinamento da Arte Marcial confere ao indivíduo condições de adaptação e superação ao inesperado, objetivando o bem comum.

Nesse contexto, entendemos que as Artes Marciais são as práticas de combate organizadas que emergem em diferentes períodos e lugares ao redor de todo o mundo. Ao longo do tempo, e através da sistematização e de mudanças históricas nas significações atribuídas para as Artes Marciais, podemos encontra-las em diversos espaços e contextos, como em práticas de lazer e/ou esportivas e também no âmbito educacional formal ou informal (ANTUNES; ALMEIDA, 2016; PAES; GALATTI; REVERDITO, 2016).

A princípio, as Artes Marciais eram práticas majoritariamente desenvolvidas para o contexto militar, objetivando o controle de territórios, bem como sua expansão. Além disso, também podiam apresentar a característica de uso político, voltada ao controle de populações (RATTI; WESTBROOK, 2006; ANTUNES; ALMEIDA, 2016). Apesar dessa origem, ao longo da história, determinados fatores causaram mudanças nas funções atribuídas a Arte Marcial. Como aponta Antunes (2016), uma dessas mudanças se dá pela introdução de componentes filosóficos e religiosos nessas práticas. Esse processo aconteceu em diferentes regiões, como o Cristianismo influenciando as práticas desenvolvidas pelos templários na Europa, ou como o Islamismo presente nas práticas dos povos árabes e também diferentes religiões sendo trazidas para as Artes Marciais do Oriente. Dessa forma, há a inclusão de uma jornada espiritual nesse contexto, criando uma dimensão ética associada a tais disciplinas.

Outro elemento que recebe destaque se dá pela mudança na maneira em que os conflitos ocorriam após a inclusão e disseminação das armas de fogo em confrontos e batalhas. A expansão e difusão desse novo tipo de armamento, fez com que as Artes Marciais se tornassem secundárias no contexto bélico (ANTUNES; ALMEIDA, 2016). Com o uso expandido dessas novas tecnologias, as Artes Marciais passaram a ocupar um espaço social diferente daquele em suas origens. Antunes e Almeida (2016) se apoiam em Elias (1994), através de seu conceito de processo civilizatório para entender que com o tempo, a sociedade passa a se comportar de uma maneira mais regulada que outrora. Uma das mudanças de paradigmas advindas desse processo é que os níveis de tolerância à violência são diminuídos. Dessa forma, as Artes Marciais passam por uma reorganização e apresentam novos usos e significados, chegando até as suas funções atuais, em que podemos encontra-las no âmbito esportivo, da educação e da saúde (ANTUNES; ALMEIDA, 2016).

Partindo desses pressupostos, podemos entender que nos dias atuais, as Artes Marciais ostentam um espaço de múltiplas possibilidades. Para fundamentarmos essa afirmação, iremos nos pautar no entendimento do Esporte Contemporâneo para entender também a lógica das Artes Marciais no presente. De acordo com Galatti et al. (2018), o esporte é um fenômeno sociocultural que apresenta um dinamismo atrelado a mudanças na sociedade. Dessa forma, o Esporte Contemporâneo se caracteriza como um fenômeno multifacetado e globalizado, indo desde os grandes eventos internacionais até as pequenas práticas locais. Além disso, se constitui como amplo espaço que agrega a participação de diferentes personagens, dentre os quais a pessoa com deficiência está inserida, ainda que por muitas vezes, por conta de uma lógica de mercado (GALATTI et al., 2018).

Sobretudo, as Artes Marciais estão inseridas no âmbito do Esporte Contemporâneo, sendo manifestadas em diversos cenários, como em grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos. Essa inserção é possibilitada através do processo de esportivização ocorrido entre as Artes Marciais. Como principais características desse fenômeno, temos a institucionalização dessas práticas, que ocasionou a formalização e unificação de regras para diferentes modalidades, bem como a criação de órgãos responsáveis pelas mesmas, como federações e confederações. Além disso, essa perspectiva permite que as Artes Marciais ainda passem por alterações que culminem no surgimento de novas práticas, como é o caso do fenômeno dos grandes eventos de Artes Marciais Mistas, comumente conhecidos por MMA (*Mixed Martial Arts)*, oriundos do antigo Vale Tudo (ANTUNES; ALMEIDA, 2016).

Vale salientar que as Artes Marciais abrangem diversas manifestações para além do cenário esportivo e que entendemos a limitação do termo quando tratamos de tais fenômenos.

Dessa forma, faz-se necessário este adendo sobre a adoção desta alcunha através da lente do Esporte Contemporâneo, já que este conceito nos dará apoio para entendermos a modalidade que está em pauta neste trabalho.

Por fim, é evidente que as Artes Marciais estão em pleno dinamismo ao longo do tempo, e as mudanças apresentadas por tais práticas possibilitaram que essas mesmas pudessem chegar aos dias atuais e que atendessem um amplo espectro de possibilidades, chegando ao oferecimento para a pessoa com deficiência, assunto que será abordado em seu respectivo capítulo.

3. DAS ARTES MARCIAIS JAPONESAS AO JIU-JITSU BRASILEIRO

Este capítulo tem como objetivo expor os conhecimentos relacionados as Artes Marciais japonesas que levaram a criação e expansão do Jiu-jitsu. Colocaremos ênfase nos aspectos históricos a nível internacional e nacional dessa prática, até nos localizarmos no surgimento do Jiu-jitsu Paradesportivo.

Reitera-se a importância desse capítulo pelo fato de que a compreensão sobre as raízes dessa prática pode nos ajudar a aprofundar o entendimento relacionado a experiência das pessoas com deficiência que praticam essa modalidade. Vale salientar que, por questões terminológicas, usaremos o termo *Ju-jutsu* quando as referências forem à prática desenvolvida em território japonês, e o Jiu-jitsu para denominarmos a prática estabelecida e difundida no Brasil. Nesse contexto, usaremos o termo com hífen a fim de estarmos alinhados com a grafia utilizada pela Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo.

De acordo com Ratti e Westbrook (2006), o Japão possui grande contribuição na constituição de práticas de combate armado e desarmado, sendo que as técnicas desenvolvidas no país estão entre as mais antigas, sofisticadas e duradouras já documentadas. Para Matsunaga et al. (2009), as Artes Marciais japonesas tradicionais emergem das práticas relacionadas à classe guerreira, popularmente conhecida por *Samurai* ou *Bushi*. Como já apontado no capítulo anterior, as Artes Marciais surgem através do apelo bélico, voltado para o contexto técnico para aplicação prática (ANTUNES; ALMEIDA, 2016).

Essa lógica se mantém na gênese das Artes Marciais japonesas. Assim sendo, a Arte Marcial no contexto japonês surge sob a denominação de *Bu jutsu*. Esse termo foi, e ainda é, fortemente empregado para se referir as técnicas e métodos de combate desenvolvidos e praticados principalmente pela classe militar japonesa (RATTI; WESTBROOK, 2006). Esse termo surge da união de dois ideogramas: *Bu (武)* utilizado para denotar a dimensão militar, como apontam Ratti e Westbrook (2006) ou sendo a representação de homens com alabardas marchando corajosamente para a batalha, como expressa Matsunaga et al. (2009). Apesar disso, esse termo passou a ser entendido com o significado de "parar as armas" através da interpretação das escolas confucionistas chinesas, durante o Período Sengoku (1467-1615) (MATSUNAGA et al., 2009). Já o termo *jutsu (術)* pode ser entendido como "técnica", "arte" ou "método". Assim, *Bu jutsu* representa as técnicas ou métodos militares e por implicação semântica, refere-se as Artes Marciais japonesas (RATTI; WESTBROOK, 2006).

Entretanto, *Bu jutsu* não é a única terminação utilizada no contexto japonês. Quando essas técnicas passam a ser trabalhadas para além das motivações bélicas, com um propósito de

educação e ética, o termo *jutsu* dá espaço ao *dô* (道), que assume uma perspectiva de "caminho". Com isso, a terminação *Budô* apresenta a ideia de um rumo ou direção ao desenvolvimento espiritual através das técnicas de combate (RATTI; WESTBROOK, 2006).

O termo *Bu jutsu* refere-se ao conjunto geral de técnicas combativas no contexto japonês, entretanto, cada conjunto de especialização possui sua própria denominação. Em geral, cada especialização se caracteriza pelo método sistemático de técnicas desenvolvidas para uma determinada arma. A exemplo disso, temos o *Ken jutsu* ou "arte da espada", em uma tradução livre. As técnicas que não faziam uso de armamentos, em geral, recebiam a denominação de *Ju-jutsu*, fazendo alusão ao uso força, flexibilidade, ou conjunto de técnicas desarmadas para o controle de adversários (RATTI; WESTBROOK, 2006).

3.1 O *Ju-jutsu*

Neste estudo não nos aprofundaremos no entendimento amplo da formação e caracterização das distintas formas de Artes Marciais desenvolvidas no Japão. Como recorte, iremos nos apegar nas origens e desenvolvimento da prática do *Ju-jutsu*.

Como já citado anteriormente, o *Ju-jutsu* se caracteriza como um conjunto de técnicas desarmadas. Essas técnicas tinham como objetivo se utilizar do próprio corpo humano como uma arma, a fim de conseguir projetar oponentes ao solo, imobilizar, deslocar articulações, realizar estrangulamentos ou golpes traumáticos direcionados a centros vitais (RATTI; WESTBROOK, 2006). De acordo com Ratti e Westbrook (2006), a classe guerreira focava seu treinamento em técnicas armadas, sendo o *Ju-jutsu* também treinado, mas de forma subsidiária, principalmente para situações em que o combatente fosse desarmado. Além disso, muitas das técnicas desarmadas preconizavam defesas de investidas contra adversários armados. Como apontam Ratti e Westbrook (2006), pode-se entender que as técnicas armadas e desarmadas foram desenvolvidas simultaneamente no Japão. Dessa maneira, a prática do *Ju-jutsu* esteve presente em diferentes espaços e escolas, ainda que de forma secundária. Contudo, para este trabalho iremos focar nos registros existentes de escolas dedicadas à prática do *Ju-jutsu*.

Diversas foram as escolas que trabalharam o *Ju-jutsu*, se entendermos esse como um conjunto de técnicas desarmadas sistematicamente elaboradas. De acordo com Ratti e Westbrook (2006), como disciplina sistematizada, essa arte surge no século XVII, sendo mencionada em livros que abordam a temática da Arte Marcial, como o *Bugei* Shogen. Diversos são os registros de escolas que surgiram, mas aparentemente, a grande maioria dessas "descendiam" de escolas maiores. Outras buscavam se diferenciar de acordo com a ênfase dada

a determinados conjuntos técnicos. A exemplo disso, dentre as escolas de técnicas desarmadas, temos a *Kito ryu,* reconhecida pela excelência em técnicas de projeção, a *Tenjin-Shinyo ryu*, pelos golpes traumáticos e a *Takenouchi ryu* pelas torções e deslocamentos de articulação (RATTI; WESTBROOK, 2006; MATSUNAGA et al., 2009).

Dado esse contexto, podemos perceber que diversas escolas de *Ju-jutsu* foram criadas ao longo da história no Japão. Como aponta Ratti e Westbrook (2006), até o Período Tokugawa (1603-1868), existiam poucas escolas independentes. Em geral, esses centros de ensino estavam associados à algum clã e possuíam um objetivo bélico bem determinado, já nos períodos anteriores a tensão entre os clãs era extrema e os exércitos estavam frequentemente preparados para batalhas, que ocorriam em demasia. Portanto, antes do Período Tokugawa, o *Ju-jutsu* assumia uma presença secundária, seja em campo de batalha ou no campo dos estudos e desenvolvimento de suas técnicas. Contudo, foi durante o período em destaque que essas técnicas desarmadas foram amplamente difundidas pelo Japão (RATTI; WESTBROOK, 2006). Durante essa época, o país estava sobre o domínio do clã Tokugawa e encontrava-se dominado por uma série de imposições sociais e políticas severas, que levaram ao total isolamento das terras nipônicas. Apesar das restrições, finalmente o Japão entrou em um período de maior estabilidade política, as guerras entre os clãs foram cessadas e os conflitos bélicos já não eram frequentes. Isso impactou diretamente a maneira de viver dos Samurais, uma vez que sua função social de combatentes foi reduzida. Assim, houve um declínio das academias de práticas voltadas para o combate, e os Samurais acabaram assumindo outras ocupações na sociedade, das quais se destacam as artes e a educação. (SANSOM, 1961; MHAROOTUNIAN; SANSOM, 1964; RATTI; WESTBROOK, 2006).

Todas essas mudanças proporcionaram uma maior atenção ao desenvolvimento de conjuntos de técnicas desarmadas, não mais elaboradas com foco militar para as grandes batalhas, mas sim para a defesa civil nas situações cotidianas. Essa nova lógica foi reforçada pela crescente ascensão social dos mercadores, que durante esse período possuíam maior poder aquisitivo em comparação com os Samurais, proporcionando assim um ambiente em que poderiam pagar por aulas. Nesse período, o surgimento de grandes centros urbanos gerava a necessidade e interesse de proteção por parte da classe mercantil e, associado a isso, muitos "guerreiros sem senhor" (*rounin*) decidiram fundar escolas para atender tais demandas. (RATTI; WESTBROOK, 2006).

Como já citado anteriormente, diferentes escolas de *Ju-jutsu* surgiram durante o Período Tokugawa, cada qual com suas próprias especializações. Como apontam Ratti e Westbrook (2006), era comum que as escolas realizassem apresentações públicas para provar a

efetividade de suas técnicas. Dessa maneira, a especialização dessas escolas, característica desse período, é considerada a principal motivadora da rivalidade existente entre essas mesmas. Em geral, as exposições ao público frequentemente contavam com duelos individuais entre representantes de diferentes *dojos*. Esses encontros não eram simbólicos, os combatentes não hesitavam em fazer uso de técnicas letais e por muitas vezes, tais duelos resultavam na morte do perdedor ou ao menos geravam graves lesões.

Essas exibições eram resultado de um intenso desejo pelo refinamento das técnicas desarmadas, postas em prova em situações realistas. Sobretudo, os duelos eram importantes pois firmavam a reputação das escolas vencedoras. De acordo com Ratti e Westbrook (2006), durante o Período Tokugawa, o governo não tolerava qualquer tipo de desordem. Dessa maneira, ao longo do tempo, esses conflitos foram sendo minimizados. Durante esse mesmo período, advindo das políticas restritivas do governo Tokugawa, o Japão se encontrava em um grande isolamento com relação ao restante do mundo. Isso culminou em um atraso tecnológico e econômico em comparação com o Ocidente, sobretudo com relação a Europa. Dessa forma, uma parte da população clamava pela modernização do país, contestando as políticas isolacionistas de Tokugawa. Isso afetou diretamente o *Ju-jutsu* devido a dois principais fatores: essa prática passou a ser associada a um "Japão antigo" e conservador, em detrimento as novas ideias estrangeiras, e também pelo fato de que a escassez de alunos fez com que os professores de diferentes estilos voltassem a apelar pelos desafios para provar a superioridade de suas técnicas. Como nos tempos antigos, na maioria das vezes, esses desafios eram brutais, arruinando de vez a imagem social do *Ju-jutsu*, que passou a ser associado com baderneiros, bandidos, etc. (LEVINSON, DAVID; CHRISTENSEN,1999).

Inicia-se então o Período Meiji (1868-1912), com uma nova estruturação do Japão Imperial. Nessa época, a classe Samurai foi totalmente removida da sociedade e as práticas de *Bu jutsu*, incluindo o próprio *Ju-jutsu,* encararam um profundo declínio, com poucas escolas ainda ativas. Apesar disso, as práticas armadas começaram a passar por adaptações para se enquadrar nas novas demandas da sociedade japonesa daquele período. Dessa maneira, as práticas combativas pautadas no desenvolvimento pessoal e espiritual, caracterizadas pelo *Budô,* previamente explicado, passaram a ser incorporadas como métodos de educação em massa. Essa movimentação deu origem às Artes Marciais japonesas modernas, como: o Kendô, Aikidô, Karatedô, Kyudô e aquela que iremos abordar com mais detalhes, o Judô (MATSUNAGA et al., 2009). Assim, é nesse mesmo período que a figura de Jigoro Kano se torna imprescindível para a conservação e desenvolvimento das lutas desarmadas no Japão (RATTI; WESTBROOK).

Apesar da imagem marginalizada atribuída ao *Ju-jutsu* no final do Período Tokugawa e durante a Restauração Meiji, Jigoro Kano (1860-1938) entendia o esse grande conjunto técnico como um importante elemento da cultura japonesa. Assim, passou a estudar incessantemente diferentes estilos e a partir de seus conhecimentos buscou modernizar essas práticas para o contexto da época. Interessante notar que a partir de seus estudos poucas novas técnicas foram criadas, seu foco foi de reunir técnicas já existente que atendessem o seu ideal de *Seiryoku Zenyo* (eficiência máxima com o mínimo de força) para a criação de um estilo de luta que não apenas resgatasse um importante elemento cultural, mas que também fosse acessível, eficiente e seguro (MATSUNAGA et al., 2009). Um de seus principais trunfos foi em relação a maneira de se treinar, isso porque Kano eliminou todas as técnicas altamente lesivas que não poderiam ser treinadas de maneira legítima, como torções de pescoço e golpes nos olhos. Dessa forma, com um reduzido número de técnicas, mas com eficiência comprovada e um rígido código de conduta, era possível que seus alunos treinassem contra a resistência um dos outros, dando fluidez a luta, através de combinações de técnicas e da fusão entre ataque e defesa. Além disso, Kano também inclui em sua nova modalidade elementos éticos e educacionais(MATSUNAGA et al., 2009; RUFINO; DARIDO, 2016).

Através dessas inovações, Jigoro Kano criou o Judô e para provar sua eficiência, desafios foram realizados, mas com um estrito conjunto de regras para que o novo estilo de luta também não fosse relacionado a desordeiros. Os resultados dos representantes do Judô foram impressionantes e em 1887 a academia de Jigoro Kano (*Kodokan*) passou a atender mais de 1500 alunos. Além disso, em 1911, o Judô foi incluído nas escolas japonesas (MATSUNAGA et al., 2009).

De acordo com Matsunaga et al (2009), durante as décadas de 1920 e 1930, as competições esportivas passaram a ganhar o interesse da população japonesa. É nesse período em que as antigas Artes Marciais japonesas começam a ser modificadas numa lógica advinda da esportivização dessas práticas. Assim, regras começam a ser unificadas e novas modalidades como o Judô passam a se expandir. O sucesso do Judô no Japão criou o interesse em difundi-lo pelo mundo. Por consequência, os melhores representantes da *Kodokan* passaram a realizar desafios em diferentes países, a fim de divulgar a nova modalidade.

Um deles foi Mitsuyo Maeda, que mais tarde passou a atender pelo título de Conde Koma. Maeda foi um praticante do *Ju-jutsu* antes de iniciar a prática do Judô, e era um dos mais hábeis representantes da *Kodokan*, sobretudo pelo seu domínio das técnicas de solo, denominadas *Ne Waza* (RUFINO; DARIDO, 2016).

3.2 O Jiu-jitsu brasileiro

Através da ideia de difundir o Judô pelo mundo, Mitsuyo Maeda chega ao Brasil em meados da década de 1910, auxiliando no processo corrente de imigração japonesa para o país, além de participar de desafios e dar aulas. Durante sua estadia em Belém do Pará conheceu um diplomata brasileiro, Gastão Gracie, que o auxiliou em suas demandas com os processos de imigração. Mitsuyo Maeda, agora atendendo pela alcunha de Conde Koma, como forma de agradecimento, ofereceu dar aulas para Carlos Gracie, filho mais velho de Gastão (RUFINO; DARIDO, 2016).

Antes de chegar ao Brasil, Conde Koma viajou por diversos países, nos quais se envolvia em desafios com lutadores de diferentes estilos de luta que o mesmo desconhecia, e por conta disso passou a adaptar seu conjunto de técnicas, a fim de ser mais efetivo em seus confrontos. Essas adaptações foram incorporadas nas aulas dadas para Carlos Gracie, posteriormente influenciando o estilo de luta da família. Importante salientar também que em dado momento, Conde Koma passou a se intitular representante de *Ju-jutsu* e não mais de Judô, não se sabe ao certo o motivo dessa mudança, mas os teóricos do campo acreditam que esse fato se deu pelo seu envolvimento em lutas sem regras, contrárias a filosofia de Jigoro Kano (RUFINO; DARIDO, 2016).

A família Gracie se muda para o Rio de Janeiro e no ano de 1930, Carlos Gracie funda a primeira academia do então intitulado "Gracie Jiu-jitsu[2]". É nesse espaço que Hélio Gracie, uma das figuras centrais para o desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro iniciou seu aprofundamento na modalidade (RUFINO; DARIDO, 2016).

Hélio Gracie era filho de Gastão Gracie e irmão mais novo de Carlos. A princípio, Hélio era impedido de participar das aulas, por ser considerado um garoto franzino e sem aptidão física para a prática. Apesar disso, o mesmo sempre acompanhava as aulas com muita atenção e justamente pela ausência de força, Hélio Gracie passou a adaptar as técnicas já aprendidas para seu porte físico, construindo assim um novo estilo de luta. A partir disso, posições que até então eram pouco exploradas, como as *guardas*[3], passaram a fazer parte do arsenal de técnicas desenvolvido pela família Gracie (RUFINO; DARIDO, 2016).

---

[2] Com a disseminação pelo Ocidente, o termo original *Ju Jutsu* passou a sofrer diversas alterações em decorrência da dificuldade de comunicação entre os povos naquela época. Dessa forma, inúmeras grafias passaram a ser adotadas nos países ocidentais. Com a instauração do estilo brasileiro propagado pelos Gracies, o termo Jiu-jitsu passa a se tornar mais comum, até ser difundido por todo o mundo.

[3] Posição em que o indivíduo luta sentado ou com as costas apoiadas no solo, utilizando braços e pernas para atacar e se defender.

Os Gracie, bem como seus precursores, optaram por realizar apresentações públicas para atestar a efetividade de sua modalidade. Com isso, durante a década de 1930, em especial no Rio de Janeiro, diversos membros da academia de Carlos, sobretudo da própria família Gracie, participaram de infindos desafios contra representantes das mais diversas lutas, obtendo pleno sucesso (RUFINO; DARIDO, 2016).

Vale ressaltar que os Gracie não foram os únicos a desenvolverem o estilo brasileiro de Jiu-jitsu, outras figuras como Luiz França e Oswaldo Fadda foram responsáveis pelo refinamento e ampliação da modalidade, sobretudo nas regiões periféricas do Rio de Janeiro, ainda assim, carecemos de fontes que contemplem a história desses indivíduos de forma mais aprofundada.

Na década de 1950, o Jiu-jitsu continuou em plena expansão, sendo que em 1952 a primeira academia fora do Rio de Janeiro foi fundada por Pedro Hemetério, em Fortaleza-CE (GUIMARÃES, 2005). Já na década seguinte houve uma preocupação pela padronização da modalidade, já que até então, o Jiu-jitsu era vinculado à Federação Brasileira de Pugilismo do Estado do Rio de Janeiro e só existiam torneios realizados entre as academias, sem fundamentações sistematizadas. Devido a essas demandas, no ano de 1967 é fundada a Federação de Jiu-Jitsu do Brasil. Essa foi uma iniciativa muito importante para a continuação do desenvolvimento da modalidade, trazendo uma organização inexistente até o momento. Entre as iniciativas propostas nesse período temos: as ordens de faixas de graduação regularizadas, bem como as regras para competições (RUFINO; DARIDO, 2016).

Apesar dessas novas características, em comparação com as demais Artes Marciais presentes no Brasil, o Jiu-jitsu, apesar de seu reconhecimento, ainda não era amplamente difundido. Com isso, os desafios entre estilos continuavam à tona, atendendo pela denominação de "Vale-tudo".

A essa altura, a família Gracie já era conhecida por todo território nacional, devido principalmente aos desafios realizados até então. Em geral, esses confrontos possuíam poucas regras e só acabavam com a desistência de um dos lutadores. A espetacularização desses combates levantou interesse da mídia, a ponto de que eventos foram realizados até mesmo no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (GUIMARÃES, 2005).

Essa lógica se manteve ao longo das décadas seguintes. O Jiu-jitsu brasileiro chegou aos Estados Unidos e à Europa durante esse período, e um fato de suma importância para a expansão da modalidade foi a criação do *Ultimate Fighting Championship* (UFC) em 1993. Este foi um torneio de Vale-tudo idealizado por Rorion Gracie (filho mais velho de Hélio Gracie), que contava com o confronto entre representantes de diversas Artes Marciais, sem

divisão por peso ou limite de tempo, sendo que os resultados eram obtidos apenas por nocaute ou desistência. As lutas eram realizadas em ringues compostos por oito lados (octógonos) e cercados por grades. Na primeira edição, o Jiu-jitsu foi representado por Royce Gracie (também filho de Hélio Gracie), escolhido por ser um representante mais leve e fisicamente menos apto que os demais participantes do evento. Apesar disso, Royce se consolidou vencedor do torneio, afirmando ainda mais a eficiência do Jiu-jitsu Brasileiro (RUFINO; DARIDO, 2016; VASQUES, 2013).

Com o decorrer das edições, o UFC passou por diversas mudanças, incluindo desde a instituição de tempo para as lutas, regras mais severas, como a proibição de determinados golpes, a fim de preservar a integridade física de seus participantes (VASQUES, 2013). Bem como a criação de categorias de peso e também a alteração do modelo de torneio, onde um mesmo lutador deveria vencer várias lutas no mesmo dia para se sagrar campeão, para um modelo pautado em edições, onde os lutadores fariam apenas uma apresentação por evento. Todas essas mudanças também foram implementadas para que a competição se adaptasse ao modelo das grandes redes de televisão que transmitiam os eventos através dos pacotes de *pay-per-view*. Além do UFC, outras organizações surgiram nesse período, como o *Pride Fighting Championship*, no Japão (RODRIGUES et al., 2018; VASQUES, 2013).

Esses tipos de eventos geraram uma grande revolução no mundo das Artes Marciais, sendo que a princípio era comum que seus participantes representassem um determinado estilo de luta, mas com o passar do tempo, a necessidade de conseguir se adaptar em diferentes situações para conquistar a vitória, fez com que os lutadores passassem a deixar de se dedicar exclusivamente a uma modalidade específica para treinar duas Artes Marciais distintas ou mais. Isso fez com que os atletas se tornassem mais completos, combinando elementos de diferentes estilos, esse fenômeno acabou dando origem ao que conhecemos nos dias de hoje como Artes Marciais Mistas ou MMA (*Mixed Martials Arts)* (VASQUES, 2013).

Como já descrito, esse tipo de evento catapultou o Jiu-jitsu no cenário internacional e assim a modalidade cresceu muito, principalmente dentro do Brasil. Ainda na década de 1990, a modalidade já estava bem mais estruturada, com a criação de novas federações, como a Federação Paulista de Jiu-jitsu, em 1994. A essa altura já existiam campeonatos nacionais e internacionais, como o Pan-Americano e o Campeonato Mundial (RODRIGUES et al., 2018).

Vale salientar que nos dias atuais, o Jiu-jitsu não possui uma unificação no âmbito federativo. Dessa maneira, há uma descentralização da modalidade, existindo diferentes Federações e Confederações que buscam sistematizar essa prática. Apesar de apresentaram similaridades entre si, cada uma dessas organizações possui seus próprios estatutos, conjunto

de regras, competições, etc. Essa é uma problemática que afeta a prática convencional, mas que também vem a gerar desdobramentos para a modalidade paradesportivo. Tendo este cenário em vista, a organização que recebe maior prestígio no âmbito internacional é a *International Brazilian Jiu-jitsu Federation* (IBJJF) e no Brasil, a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu (CBJJ). Essas organizações conseguiram expandir a modalidade pelo mundo e promovem competições, cursos de arbitragem, entre outras especializações, além de constantemente atualizar as regras da modalidade e regularizar os professores faixa preta.

Além disso, o Jiu-jitsu se constitui como elemento integrante do currículo da Educação Física Escolar Brasileira, pela sua caracterização como luta, proposta pela Base Curricular Nacional Comum (BNCC). Esse tópico é de muita importância para denotar a amplitude dos espaços em que a modalidade pode ser oferecida e sua inserção nas diretrizes oficiais da educação no âmbito brasileiro.

Por fim, essa contextualização ajuda-nos a entender a trajetória do *Ju-jutsu* desde os primórdios das Artes Marciais japonesas até a instauração do Jiu-jitsu brasileiro. Entretanto, entendemos a necessidade de conceituarmos nosso referencial teórico no âmbito da deficiência antes de apresentarmos maiores aprofundamentos sobre o Jiu-jitsu Paradesportivo. Dessa maneira, essa modalidade, foco do trabalho em questão, será apresentada no capítulo a seguir.

4. ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA

Este capítulo tem como intuito apresentar um breve panorama sobre os estudos da deficiência no âmbito nacional e internacional, com ênfase no Modelo Social da deficiência, que define a abordagem com a qual o trabalho se desenvolverá.

4.1 Contextualização histórica

O entendimento sobre a deficiência passou por diversas perspectivas ao longo da história. Retomando às primeiras civilizações, o abandono ou sacrifício de deficientes ou enfermas eram comuns na época. Essa prática perdurou entre diversas outras sociedades, a exemplo dos primeiros registros ocidentais da Antiguidade Clássica, que apontam esse mesmo tipo de tratamento com a pessoa com deficiência entre os cidadãos espartanos e romanos (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Com o declínio do Império Romano e a passagem para a Idade Média, entre séculos V a XV, as religiões politeístas perdem força na Europa e o Cristianismo se instaura como principal religião. Com isso, a Igreja Católica posta-se como poderosa instituição com influência no campo político, o que trouxe mudanças sobre como a pessoa com deficiência era encarada pela sociedade. Durante esse período, os deficientes não eram mais sacrificados ou abandonados. A doutrina cristã adota a cultura da caridade, partindo do entendimento de que todas pessoas possuem uma alma, e com isso, o direito à vida. Nesse contexto surgem os primeiros hospitais de caridade para abrigar os necessitados, entre eles, as pessoas com deficiência, que também ocupavam asilos e conventos. Nesses espaços, apenas os cuidados mais básicos eram oferecidos. A pessoa com deficiência estava muito longe de ter acesso à educação e possuir uma participação ativa na sociedade. Ainda estavam reclusas sob os cuidados de suas famílias ou em instituições criadas por pessoas sem deficiência (CORRENT, 2016; MOISES; STOCKMANN, 2020).

Apesar dessas mudanças, é importante salientar que durante a Idade Média, a deficiência também passou a ser encarada como uma sentença individual, na qual a própria pessoa com deficiência era culpada por sua deficiência, como um castigo de Deus. Além disso, talvez eram vistas como coitadas e dignas de pena (CORRENT, 2016).

Moises e Stockmann (2020) apontam que a pessoa com deficiência também passa a ser alvo da Inquisição durante a Idade Média, uma vez que a partir do senso comum da época, muitas vezes considerava-se que o deficiente estava possuído por demônios ou que seriam bruxos.

Essa lógica se manteve dominante até o século XVI, que através do Renascimento trouxe uma perspectiva pautada na razão antropocêntrica, culminando no movimento Iluminista já no século XVII. Sendo assim, a valorização da ciência, sobretudo do Empirismo, possibilitou avanços para a vida da pessoa com deficiência, que a partir de então, para além de possuidores de uma alma, agora poderiam exercitar a razão (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Como apontam Moises e Stockmann (2020), essa nova perspectiva foi muito influenciada pelo livro "*An essay concerning human understanding"* de John Locke, publicado em 1690. A obra valoriza as experiências para a formação do sujeito no âmbito da prática pedagógica, sendo essa, parte elementar do processo de aprendizagem. A partir desse viés, em 1784 é fundado o Instituto Nacional dos Jovens Cegos, em Paris. Essa foi a primeira instituição com intervenções educacionais para a pessoa com deficiência (MOISES; STOCKMANN, 2020).

O próximo grande salto se dá a partir da Revolução Industrial, já no século XVIII, período em que o Capitalismo é colocado em cena. Transformações no arranjo social são geradas, como a divisão da sociedade entre a burguesia e os proletários. A primeira, composta pelos detentores dos meios de produção, e a segunda pelos operários, que possuem apenas sua própria força de trabalho braçal. Através dessa mudança na estrutura social, a burguesia, buscando ampliar os lucros de suas produções e controlar possíveis revoltas operárias, amplia a escolarização entre as pessoas não deficientes, mas com o intuito de instruí-los para operação dos maquinários industriais. Enquanto isso, as pessoas com deficiência ainda frequentavam as instituições já citadas anteriormente, sem uma participação ativa no convívio social ou no mercado de trabalho (MOISES; STOCKMANN, 2020). Durante esse período ocorre a valorização do "corpo produtivo", aquele que era capaz de se colocar ativamente dentro dessa nova estrutura como mão-de-obra capaz de produzir riquezas (BISOL; PEGORINI; VALENTINI, 2017; WATSON; VEHMAS, 2020).

Nessa nova estrutura social, a produtividade da mão-de-obra proletarizada se torna central, sendo que as políticas públicas buscavam maximiza-la, em detrimento a saúde dos trabalhadores. Longas jornadas de trabalho até mesmo para crianças e baixos salários eram comuns (MOISES; STOCKMANN, 2020).

Temos então a chega ao século XX com a ampliação do processo de industrialização pautada nos moldes capitalistas. Além disso, diversas guerras acontecem durante esse período, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. A partir desse período, as pessoas com deficiência não apresentavam somente lesões ou comprometimentos decorridos de alterações genéticas, começam a ser frequentes as doenças incapacitantes do trabalho, em

decorrência as péssimas condições de trabalho impostas na época, mas também as lesões causadas em guerras. Em decorrência a esses fatores, este é um período em que a medicina se desenvolveu com maior afinco e debruçou esforços para a reabilitação dos combatentes feridos em combate (BISOL; PEGORINI; VALENTINI, 2017; DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2012; WATSON; VEHMAS, 2020).

Esse é um período em que a sociedade percebe o crescimento do número de pessoas com deficiência e também de idosos. Desse modo, novas demandas passam a ser criadas no âmbito da saúde e de serviços voluntários, instituições de atendimento e a especialização profissional começam a surgir. Intervenções voltadas para a pessoa com deficiência começam a ser institucionalizadas, principalmente no que diz respeito a reabilitação e tratamento focados em remover ou amenizar os danos corporais. Assim, é possível perceber uma maior preocupação e cuidado com as deficiências físicas (BISOL; PEGORINI; VALENTINI, 2017).

É neste cenário, e com a virada para o século XIX que as ideias positivistas são reforçadas. Assim, o saber médico encontra validação também no campo da deficiência. Com isso temos as raízes do modelo médico de deficiência, que passou a influenciar políticas públicas e práticas que institucionalizaram a discriminação da pessoa com deficiência através de uma justificativa intelectual (JÚNIOR, 2010; MOISES; STOCKMANN, 2020; WATSON; VEHMAS, 2020).

4.2 O Modelo Médico de deficiência

O modelo médico de deficiência parte dos pressupostos biomédicos para constituir a deficiência. Nesse modelo, a deficiência é compreendida como uma consequência natural da lesão. Sendo assim, a deficiência é abordada como uma questão de ordem individual, uma vez que tal modelo entende que a própria lesão da pessoa com deficiência é responsável pelas desvantagens sociais causadas pela deficiência. É possível identificar, portanto, uma ideia de causalidade entre lesão e deficiência (BAMPI; GUILHEM; DORNELLES, 2010; DINIZ, 2007). De acordo com Bampi, Guilhem e Dornelles (2010): “a deficiência, nesse modelo, é a expressão de uma limitação corporal do indivíduo para interagir socialmente.”

Ao entender a deficiência como uma desvantagem natural associada às doenças, em uma estrutura capitalista voltada para a produção, o modelo médico de deficiência foca na reabilitação, correção e medicalização dos indivíduos, afim de que esses atinjam ou se aproximem de um padrão de funcionamento esperado. Com isso, modelo médico adota um discurso de “normalidade” para os corpos, ao entender que os impedimentos corporais e limitações funcionais são indesejados e devem ser corrigidos através da intervenção médica,

pois se constituem como impeditivos para a participação desses sujeitos na sociedade. Nesse modelo, o corpo deficiente somente se delineia quando contrastado com um corpo sem deficiência, ou "corpo normal" (DINIZ, 2007a; DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009; NEPOMUCENO, 2019).

De acordo com Diniz (2007), o modelo médico assume uma relação de causalidade e dependência entre a lesão e deficiência, sendo que ambas são estritamente relacionadas a doenças. Além disso, esses conceitos são determinados em termos biomédicos que assumem a ideia de "normalidade" baseada em dados estatísticos sobre os padrões corporais. Em suma, o modelo médico considera que as possíveis desvantagens causadas pela lesão são absolutas e universais, sem relação com outros desdobramentos ou questões sociais.

O modelo médico de deficiência influenciou a formulação de diversas diretrizes e políticas públicas ao redor de todo o mundo, influenciando diretamente na vida da pessoa com deficiência. A exemplo disso, Diniz, Barbosa e Santos (2009) nos alertam sobre o domínio das ideias propostas pelo modelo médico de deficiência ao influenciar soberanamente as determinações da Organização Mundial da Saúde (OMS) por quase 30 anos, como é o caso da documentação referente a classificação e descrição das condições de saúde, a "*International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps* (ICIDH), elaborada na década de 1970 e publicada em 1980. Segundo este documento, as desvantagens vivenciadas pelas pessoas com deficiência seriam produto dos impedimentos expressos no corpo do indivíduo através das lesões, o que justificaria as intervenções curativas e de reabilitação. Essa classificação influenciou as políticas públicas de diversos países, como no caso do Brasil, que adotou medidas de assistências, políticas de saúde e educação pautadas neste modelo (DINIZ, 2007; DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009).

Por fim, o modelo médico pautou-se nos conhecimentos científicos do campo biológico e permitiu que a deficiência não fosse mais encarada através da narrativa religiosa de outrora (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). Contudo, este é um modelo que apresenta diversas inconsistências, que são apontadas pelos estudiosos do chamado Modelo Social de Deficiência.

4.3 O Modelo Social de deficiência

Como citado anteriormente, o modelo social de deficiência surge como um contraponto à compreensão de deficiência proposta pelo modelo médico.

A principal proposta do modelo social foi conceituar a deficiência em termos políticos, não se limitando a diagnósticos pautados nos saberes biomédicos, e contando com a

contribuição de outras áreas do conhecimento, principalmente no campo das humanidades, apoiando-se na sociologia e antropologia (DINIZ, 2007).

Para além disso, uma característica elementar do modelo social é a sua criação através de teóricos que experenciavam a deficiência. Tais estudiosos começam a indagar os pressupostos do modelo médico sobre a causalidade entre lesão e deficiência, associadas a doenças e de ordem individual, ao entender que a deficiência seria uma condição natural para um corpo com lesões, e que esse mesmo deveria ser reabilitado para se adaptar aos padrões impostos. O modelo social, por sua vez, adota uma abordagem distinta ao entender que a deficiência não deveria ser encarada como uma "tragédia pessoa", mas sim como um fenômeno sociológico. A experiência da deficiência não seria produto da lesão, mas sim de uma sociedade que cria ambientes proibitivos para a participação de determinados corpos, através de uma forma particular de opressão social sobre a diversidade física (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

Ademais, o Modelo Social critica o conceito de normalidade comumente abordado no Modelo Médico, pois esta é uma ideia que apenas reforça os ideais de um sujeito produtivo para o capitalismo e que instaura a noção de normalização dos corpos deficientes, através de intervenções de cunho médico (DINIZ, 2007).

Para entendermos o desenvolvimento do modelo social de deficiência, precisamos retornar ao seu início, em meados dos anos 1960 com Paul Hunt, sociólogo deficiente físico, que já estudava o fenômeno sociológico da deficiência, temática ainda inexplorada durante este período. Em 1972, o sociólogo endereça uma carta ao jornal "*The Guardian"*, alertando sobre as condições de vida encaradas pelas pessoas com deficiência, que segundo o mesmo, estavam encarceradas em instituições que não forneciam as condições básicas. Em sua carta, Hunt ainda propõe a formação de um grupo de pessoas para representar a voz dos deficientes que viviam nessas instituições perante ao Parlamento (DINIZ, 2007).

Foi como resposta a essa carta que muitas pessoas se mostraram interessadas em participar da formação de um grupo de pessoas com deficiência, o que culminou na criação da *"Union of the Physically Impaired Against Segregation"* (UPIAS) no ano de 1974, contando com idealizadores como o próprio Paul Hunt, Michael Oliver, Paul Abberley e Vic Finkelstein, formando a primeira organização política formada *por* pessoas com deficiência. Esse é um marco importante, já que até o dado momento, as instituições existentes eram *para* pessoas com deficiência. Nesses espaços, os deficientes não participavam ativamente nas decisões e estavam afastados do convívio social (BAMPI; GUILHEM; DORNELLES, 2010; DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

Os teóricos do modelo social partem do marco teórico do materialismo histórico para entender a deficiência. Assim, diferentemente do modelo médico que compreendia a deficiência como uma consequência natural da lesão, no modelo social, essa mesma era entendida como uma forma de opressão social, expressada pelos ambientes hostis à diversidade física (DINIZ, 2007).

Nas palavras de Diniz (2007 p.11): "A estratégia da Upias era provocativa, pois tirava do indivíduo a responsabilidade pela opressão experimentada pelos deficientes e a transferia para a incapacidade social em prever e incorporar a diversidade."

Dessa maneira, os teóricos envolvidos na criação da Upias buscavam justificar sua perspectiva de que as opressões sofridas pela pessoa com deficiência não eram produto de suas lesões ou limitações corporais, e sim o resultado de políticas inadequadas à diversidade corporal (DINIZ, 2007). Para isso era necessária uma redefinição sobre a deficiência que iria contra a compreensão já estabelecida pelo modelo médico.

Com esse objetivo, no ano de 1976, os membros da Upias elaboram um manifesto denominado "*Fundamental Principles of Disability",* o qual aborda as principais características do modelo social de deficiência, ao questionar a compreensão de deficiência adotada pelo modelo médico. O documento propõe definições para lesão e deficiência que não se restringiam aos saberes biomédicos, criando assim termos sociológicos que levavam em consideração a opressão social para entender tais conceitos (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019; WATSON; VEHMAS, 2020)

Dessa maneira, a UPIAS produz definições que consideram a ideia de exclusão social, e que além disso, trazem uma clara distinção entre lesão e deficiência em termos conceituais, apresentando as seguintes definições:

> Lesão: falta parcial ou total de um membro, ou possuir um membro ou mecanismo do corpo defeituoso.
>
> Deficiência: A desvantagem ou restrição de atividade causada pela organização social contemporânea, que não considera ou pouco considera as pessoas com lesões físicas e, portanto, as exclui da participação das atividades sociais (UPIAS, 1976 apud WATSON; VEHMAS, 2020 p.35).

Vale salientar que apesar das diferenças, os teóricos do modelo social de deficiência não se opunham os benefícios propiciados à saúde através dos saberes biomédicos, como os tratamentos. A grande questão colocada em evidência era que apenas a medicalização e os demais recursos biomédicos não eram suficientes para que a opressão sofrida pela pessoa com deficiente fosse diminuta. Esse fato se dá pelo motivo de que no entendimento do modelo social, a lesão (*impairment*) seria uma característica corporal isenta de valor, enquanto que a

deficiência (*disability*) se constitui como produto da relação entre um corpo com lesões em uma sociedade que o oprime, causando as desvantagens e restrições. Dessa forma, não há sentido em focalizar intervenções apenas no indivíduo, uma vez que não há um olhar crítico às estruturas sociais, econômicas e políticas que criam condições de opressão para a pessoa com deficiência. Com isso, o modelo social propõe a divisão conceitual, entendendo como objeto de intervenções biomédicas, as lesões, enquanto a deficiência seria abordada na política, na questão dos direitos e justiça social (DINIZ, 2007).

Os esforços dos teóricos do modelo social de deficiência começaram a produzir efeitos na sociedade. Em 1975, no Reino Unido, foi iniciado o primeiro curso de graduação baseado no modelo social, denominado "A pessoa com deficiência na comunidade", dentre os conteúdos propostos, entendia-se a deficiência enquanto estilo de vida, atentando-se às políticas e práticas sociais voltadas para a pessoa com deficiência. O curso tinha como objetivo o aprimoramento das habilidades profissionais e sociais para a pessoa com deficiência desenvolvesse sua máxima autonomia (WATSON; VEHMAS, 2020). O primeiro curso de pós-graduação foi fundado logo em seguida, registrando o termo "estudos sobre deficiência" pela primeira vez, com intuito de englobar as pesquisas sociológicas e políticas nesse âmbito (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019). A consolidação acadêmica dos estudos da deficiência se fez fundamental para que o modelo social atingisse as políticas públicas. Até o momento ainda não existiam revistas científicas que abordavam o modelo social, apenas aquelas que individualizavam e associavam a deficiência a doenças. Assim, um marco de suma importância foi a criação do primeiro periódico voltado para a temática e sob a ótica do modelo social, o "*Disability, Handicap and Society",* em 1986. O periódico foi responsável por abordar as novas perspectivas sobre a deficiência e também incluir abordagens fenomenológicas sobre o corpo e a lesão (DINIZ, 2007). O nome desse período foi revisto e alterado para *"Disability & Society"*, no ano de 1993, isso porque o termo *Handicap* trazia uma conotação negativa à deficiência, já que vem da expressão inglesa "chapéu na mão", sendo referência ao estereótipo de pedinte (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019).

A atenção a terminologia das palavras empregadas para a descrição de conceitos no modelo social era tema de muita atenção para os teóricos. Isso se deve ao fato de que os mesmos buscavam conceituar a deficiência em termos políticos, não mais se restringindo aos domínios dos saberes biomédicos. Assim, diversos termos associados a pessoa com deficiência foram revistos. Os mais pejorativos, como "aleijado", "retardado", "mongoloide", entre outros, foram imediatamente abandonados. Apesar disso, alguns termos ainda eram tema de discussão, entre

eles: pessoa com necessidades especiais, pessoa portadora de deficiência, pessoa com deficiência (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019).

É importante salientar que ainda hoje não existe um consenso sobre os termos descritivos, mas para os teóricos da Upias, as terminologias mais utilizadas são aquelas que reforçam a questão da identidade na deficiência, reconhecendo a mesma como um estilo de vida. Portanto, "pessoa com deficiência" ou apenas "deficiente" são termos empregados, ao reconhecer a deficiência como parte da identidade dos sujeitos. De acordo com Diniz (2007), Oliver e Barnes, teóricos da Upias, entendem que: "a expressão pessoa com deficiência sugere que a deficiência é propriedade do indivíduo e não da sociedade". Assim, os autores se contrapõem a essa denominação, que é a mais utilizado no contexto brasileiro. Ao utilizar o modelo social de deficiência como referencial teórico para essa dissertação, assumimos também o compromisso de utilizar a terminologia proposta pelos estudiosos desse modelo. Portanto, neste trabalho utilizaremos apenas os termos "pessoa com deficiência" ou "deficiente", e também "pessoa não deficiente".

Através dos esforços de acadêmicos e ativistas, na década de 1980, o modelo social começa a receber atenção da sociedade, ainda que o modelo médico fosse soberano no âmbito das políticas públicas. A exemplo desse fato, temos a promulgação feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional das Pessoas com deficiência, em 1981. Essa promulgação levou a utilização do termo "pessoa com deficiência" pela primeira vez (JÚNIOR, 2010; NEPOMUCENO, 2019). Apesar disso, no ano anterior, a Organização Mundial de Saúde (OMS) propõe a "Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap" (ICIDH) com intuito de sistematizar a linguagem biomédica referente a lesão e deficiência. O documento era baseado no catálogo já existente no meio médico, a "Classificação Internacional de Doenças" (CID) (DINIZ, 2007).

O novo catálogo reforçava as ideias propostas pelo modelo médico de doença e não contou com a participação de estudiosos do modelo social para sua elaboração. Assim, lesões eram entendidas como consequência de doenças, a noção de normalidade foi novamente colocada em pauta e foi proposta uma relação de dependência entre lesão, deficiência e *handicap* (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

A ICIDH foi duramente criticada pelos defensores do modelo social de deficiência, que apontavam que o documento era um retrocesso nas políticas públicas, que passaram a se basear no catálogo proposto pela OMS, que possuía grande força política (DINIZ, 2007).

As críticas à ICIDH eram referentes a cinco principais pontos, dentre eles: a falta de representatividade do documento ao não considerar a experiência de pessoas com deficiência

em sua elaboração; a utilização de fundamentos morais ultrapassados, como o conceito de normalidade, que deixava implícita a ideia de anormalidade para aqueles que não atendessem o padrão pré-determinado de pessoa produtiva; a noção de causalidade entre lesão e deficiência ao desconsiderar a interferência do ambiente para opressão da pessoa com deficiência; a reiteração das intervenções e medicalização ao corpo deficiente, fortalecidas pelas ideias do modelo médico; e por fim, a ordem política do documento, que encarava o corpo deficiente como o problema a ser combatido, reforçando a deficiência como tragédia pessoal e influenciando as políticas públicas pautadas em reabilitação e medidas sanitárias, em detrimento a ações de cunho social e reparação de desigualdade (DINIZ, 2007).

Apenas 20 anos mais tarde, em 2001, a OMS propõe um novo catálogo acerca da temática da deficiência, a Classificação Internacional de Funcionalidade Deficiência e Saúde (CIF). Esse novo documento foi elaborado em uma perspectiva muito distinta de seu antecessor, reconhecendo a influência do ambiente para entender a expressão da deficiência. Isso se deve a participação de diversas entidades e movimentos sociais comprometidos com o modelo social (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

A CIF busca integrar o modelo social e o médico, a fim de se estabelecer como uma referência sobre funcionamentos, atividades e participação. A princípio com a proposta de elaborar um novo vocabulário para entender a deficiência, ao considerar a sociedadade, o indivíduo e o corpo de maneira equivalente. Para isso, utiliza-se de uma abordagem "biopsicossocial", que gerou descontentamento entre os estudiosos do modelo social por não ir ao encontro da ideia de lesão como característica neutra do corpo humano (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

Dentre as contribuições do modelo médico na CIF, temos o entendimento da opressão na constituição da deficiência, entendida no documento como um "termo guarda-chuva" que denota os aspectos negativos de restrições. Além disso, o termo *handicap* foi finalmente descartado nesse documento (DINIZ, 2007).

4.4 A crítica feminista ao Modelo social de deficiência

É inegável que o modelo social de deficiência provocou profundas reflexões e avanços, principalmente ao se contrapor ao modelo médico e entender a deficiência para além dos domínios biomédicos, considerando-a como uma questão de ordem coletiva, expressa pela sociedade, e que por esse motivo, é necessária uma atenção multidisciplinar para compreendê-la como uma forma de opressão à diversidade dos corpos. Apesar desses avanços e de se pautarem em estudos de gênero e feminismo, os primeiros teóricos do modelo social eram da

chamada “elite dos deficientes”, ou seja, eram homens e com lesões físicas. Por esse motivo, muitas das concepções elaboradas pelos mesmos acabavam por reproduzir suas realidades (DINIZ, 2007).

Nesse contexto, a crítica feminista encontra um paradoxo no modelo social, que de acordo com Diniz (2007 p.51):

> “Por um lado, criticava-se o capitalismo e a tipificação do sujeito produtivo como não deficiente; mas, por outro, a luta política era por retirar as barreiras e permitir a participação dos deficientes no mercado de trabalho”.

Com essa reflexão, as teóricas feministas denotam o foco do modelo social para a inclusão, não atentando-se a moralidade por trás das estruturas sociais de trabalho e independência. Dessa maneira, as feministas começam a incluir temáticas ainda não trabalhadas no âmbito da deficiência. Vale salientar que essas estudiosas não discordavam do modelo social, as mesmas apresentavam uma preocupação em não criar uma oposição sobre as conquistas do modelo, ademais, tinham como objetivo expandir a discussão (GARLAND-THOMSON, 2011). Assim, a partir dos anos 1990 e início dos 2000, surge a segunda geração do modelo social, pautando-se nas críticas feministas e nas abordagens pós-modernas (DINIZ, 2007).

Um dos pontos de debate para as feministas foi o projeto de igualdade e justiça proposto pelo modelo social. Isso porque o desejo de independência proposta, em suma, referia-se a inclusão do deficiente na função do trabalho produtivo. Esse fato era justificado pela afirmação de que a remoção das barreiras garantiria que a pessoa com deficiência colocasse sua produtividade em ação. Contudo, a crítica feminista se dá pela inadequação desse conceito para as diferentes experiências da deficiência (GARLAND-THOMSON, 2011). Mesmo com a remoção de inúmeras barreiras, nem todas pessoas com deficiência poderiam ter a independência pautada na produtividade. Por esse motivo, a noção de interdependência é trazida à tona, e com ela as discussões sobre a experiência de viver em um corpo lesado. Assim, através dessas reflexões que as feministas apontam que nem todos os corpos poderiam experimentar a independência como proposto pelos primeiros teóricos do modelo social, reiterando a importância da igualdade pela interdependência como fator muito mais expressivo para a constituição da noção de justiça para as diferentes maneiras de se experenciar a deficiência (DINIZ, 2007).

A princípio, o modelo social era majoritariamente desenvolvido por pessoas com deficiência. Contudo, pautada na noção de interdependência como valor central para o modelo social, a crítica feminista apresenta mais uma novidade, a voz de cuidadoras de deficientes, que causaram discussões sobre o argumento da autoridade de experienciar a deficiência para

escrever sobre ela (GARLAND-THOMSON, 2011). Contudo, as cuidadoras foram legitimadas no campo e entre os pressupostos abordados a partir dessas contribuições, o cuidado se caracteriza como ponto-chave, não apenas para pessoas com deficiência, mas para a vida humana de forma geral (DINIZ, 2007).

A filósofa estadunidense, Eva Kittay, cuidava de sua filha com paralisia cerebral grave. Eva denota a importância da interdependência como fator de estruturação das relações humanas, que independentemente do contexto, em algum momento, o cuidado é necessário (GARLAND-THOMSON, 2011). Com isso, levanta-se a reflexão de que o interesse de independência proposto inicialmente não contemplava as diversas formas de deficiência, e para além disso, é necessário reconhecer o cuidado como a grande demanda por justiça, sem reforçar as políticas de caridade como outrora ou excluir a independência já proposta. Essas são questões que geram tensionamento nos estudos da deficiência até nos dias atuais. Ainda existe o desafio de propor um projeto de justiça condizente com os ideais supracitados em situações extremas de desigualdade de poder. Como é expresso por Diniz (2007 p.58): "O objetivo final deve ser o de reconhecer as relações de dependência e cuidado como questões de justiça social para deficientes e não deficientes."

Além disso, uma das características da crítica feminista, é passar a trazer a deficiência como categoria de análise para a construção de identidade dos sujeitos através da noção de interseccionalidade, como aponta Garland-Thomson (2011) e Gesser e Mello (2020). Assim, para entender a deficiência, é necessária a compreensão sobre outros atravessamentos diversos que constituem a identidade dos sujeitos, como: gênero, raça, sexualidade e classe social.

Embora a interseccionalidade seja uma perspectiva que vem sendo estabelecida no âmbito das ciências humanas no contexto nacional, a deficiência ainda vem sendo deixada de lado enquanto categoria analítica (GESSER; MELLO, 2020). Essa questão é de suma importância e está relacionada a ideais capacitistas sobre a deficiência. De acordo com Campbell (2009), o capacitismo se estabelece como atitudes que desvalorizam ou diferenciam a pessoa com deficiência através de um conjunto de ações e concepções que enaltecem uma ideia de normalidade para o corpo humano, pautada nas capacidades físicas e/ou cognitivas desses mesmos.

Dessa forma, aqueles corpos que se afastam desse padrão imaginado, não correspondem ao que é esperado para um indivíduo e assim, passam a sofrer opressão em diversos níveis, não participando ativamente da sociedade, como seus pares que se encaixam nessa ideia construída de normalidade. Através dessas reflexões, podemos notar que o

capacitismo se relaciona com as noções propostas pelo Modelo Médico de deficiência, uma vez que entende que essa mesma deve ser curada, eliminada ou erradicada na busca pelo padrão de normalidade (CAMPBELL, 2009).

Como apontam Gesser e Mello (2020), o capacitismo pode ser entendido como a discriminação que as pessoas sofrem em decorrência da deficiência, que também podemos entender como lesão. A interseccionalidade, fomentada pela crítica feminista se faz presente nesse entendimento, uma vez entende o capacitismo como estrutural e estruturante, interferindo diretamente na maneira como pessoas e instituições se constituem. Com isso, cria-se um sujeito ideal baseado nas capacidades normativas, que moldam substancialmente a forma com a qual a sociedade se relaciona e promove suas políticas, crenças e concepções. Dessa maneira, corpos que não são contemplados através deste estereótipo normativo, são, de certa forma, considerados deficientes, secundários ou de menor valor. Entre esses corpos, podemos citar alguns exemplos, como: pessoas negras, mulheres, indígenas, pessoas LGBTQIA+, pessoas de classes sociais menos abastadas, imigrantes, refugiados, e também pessoas com deficiência (GESSER; MELLO, 2020).

Portando, é necessário compreender a importância do conceito de interseccionalidade para entendermos a construção da deficiência enquanto componente identitário. Esse conceito entre em pauta através da crítica de teóricas feministas negras ao que as mesmas chamaram de "feminismo branco", que assim como a primeira corrente do Modelo Social de deficiência, tratava seu objeto de estudo através da ótica de um número limitado de pessoas e de concepções sobre a vida, representando uma elite. Tais autoras não se sentiam contempladas ao tratar as questões de gênero, e assim, buscaram expandir a discussão para incluir a transversalidade de outras questões, como a raça, classe social, sexualidade e também a deficiência (GESSER; MELLO, 2020). Em outros palavras, tais autoras queriam apontar que existem profundas diferenças entre ser uma mulher negra com deficiência e ser uma mulher branca sem deficiência. As pautas feministas existem para ambas personagens, mas não de uma maneira semelhante, os atravessamentos das categorias identitárias adjuntas agregam características singulares e devem ser levadas em consideração.

Por fim, o modelo social de deficiência ainda luta contra o histórico de opressão sofrida pelas pessoas com deficiência. Ao incluir as condições de restrições enfrentadas pelos idosos também como deficiência, o modelo conta com aparatos para elaboração de políticas, mas para isso é necessário sempre reiterar a deficiência enquanto termo sociológico. Apesar dessas contribuições, ainda hoje poucos cientistas sociais atuam nesse campo. O modelo social segue amparado pela proteção dos direitos humanos, entendendo a deficiência como um estilo

de vida plural e diverso, sempre com atenção sobre as políticas sociais e de proteção social (DINIZ, 2007). E apesar do estudo em questão abordar homens com deficiência, entendemos a necessidade da compreensão sobre as colaborações trazidas pela crítica feminista para abordarmos uma noção mais aprofundada acerca da temática da construção da identidade de sujeitos com deficiência.

5. ATIVIDADES FÍSICAS PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Antes de iniciarmos a discussão sobre as Artes Marciais oferecidas para as pessoas com deficiência, é necessário entender como tem sido o desenvolvimento das atividades físicas em geral para essas populações e também compreender o Esporte Adaptado e Paralímpico.

Para explicar essa questão, faz-se necessário voltar alguns séculos na história para entender como a deficiência era encarada pela sociedade. Assim, Luigi (2018) afirma que antes dos anos de 1700, a literatura praticamente não possuía referências sobre as deficiências, apresentando apenas limitados conhecimentos sobre doenças, desfigurações e ferimentos de guerra. O mesmo autor também aponta a importância dos movimentos pelos direitos da pessoa com deficiência e para elucidar como essas ações são recentes, o mesmo menciona que a primeira lei pública focada para essa população nos Estados Unidos, surge apenas em 1798, com o intuito de oferecer suporte aos soldados que sofreram amputações ou ferimentos graves, buscando sua reinserção na sociedade.

Durante esse período, os benefícios das atividades físicas para as demais populações já eram reconhecidos. Dessa forma, no que diz respeito às práticas físicas para pessoas com deficiência, a reabilitação foi comumente adotada como principal abordagem.

O esporte para as pessoas com deficiência física passou a ser muito estudado no hospital de Stoke Mandeville, uma vez que o neurologista Ludwing Guttman passou a adotar o esporte como um componente da reabilitação, focada principalmente para soldados veteranos com amputações ou graves lesões físicas. Suas iniciativas levaram a criação do "*Stoke Mandeville Games",* em 1948. Essa competição é considerada uma antecessora das Paralimpíadas atuais, e isso se deve ao fato de que foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1960, sendo realizada paralelamente aos Jogos Olímpicos do mesmo ano. Vale salientar que apesar das primeiras competições serem voltadas às pessoas com deficiência física, as Paralimpíadas atuais contemplam modalidades também para pessoas com deficiência visual, intelectual e múltiplas. Desde 1988, essa competição ocorre no mesmo ano e local das Olimpíadas e a partir do ano de 2000, sua organização passou a ser obrigatória para os países que se dispõem a realização dos Jogos Olímpicos (ANTUNES, 2013; MOCARZEL, 2016; LUIGI, 2018).

Nota-se, portanto, ainda que em passos lentos, uma crescente reflexão e aproximação das práticas físicas para essas populações, levantando discussões a âmbito internacional, como é expresso na Carta internacional de Educação Física, Atividade Física e Esporte, proposta pela UNESCO em 2015:

> Oportunidades inclusivas, adaptadas e seguras de participação em Educação Física, atividade física e esporte, devem estar disponíveis para todos os seres humanos, principalmente crianças em idade pré-escolar, mulheres e meninas, idosos, pessoas com deficiência e indígenas.

Dentro dessa proposta é possível notar a presença do esporte para essas populações. Tais avanços são resultados dos esforços de diversos personagens e organizações que contribuíram para a expansão das possibilidades de práticas para as pessoas com deficiência, extrapolando os limites da reabilitação.

5.1 As Artes Marciais para a pessoa com deficiência

As Artes Marciais possuem manifestações em diferentes culturas ao redor do mundo, cada qual com suas próprias características. Existem registros muito antigos com expressões de lutas, desde as representações nas tumbas de Beni Hassan no Egito (2000 a 1500 a.C.) até a prática do *Wrestling* nas Olimpíadas da antiguidade em 704 a.C. (LEVINSON, DAVID; CHRISTENSEN, 1999).

Apesar dessas manifestações estarem presentes nas mais diversas civilizações por muito tempo, a participação das pessoas com deficiência nesses ambientes é ainda muito recente. A inclusão social dessas práticas é expressa através do esporte contemporâneo, que abrange as modalidades esportivizadas das Artes Marciais. A institucionalização dessas práticas com maior controle e regimento de regras, além da sua universalização, permitem a participação variada, garantindo a segurança dos praticantes. Assim, o esporte adaptado ganha força (MARQUES, 2009 apud ANTUNES, 2013).

Em um panorama internacional, dentre as práticas existentes, as modalidades que estão presentes nas Paralimpíadas, são as mais presentes na sociedade, tanto no meio acadêmico, com um número superior de pesquisas, bem como um maior oferecimento à população (KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011; ANTUNES, 2013; MOCARZEL, 2016).

Na lógica do Esporte Contemporâneo, a Esgrima em cadeira de rodas foi a primeira Arte Marcial esportivizada adaptada para as pessoas com deficiência, sendo praticada por pessoas com paraplegia no ano de 1953, em Stoke Mandeville. Já outra modalidade paralímpica muito difundida, inclusive no contexto brasileiro, é o Judô paralímpico, focado para pessoas com deficiência visual, e que foi incluído nos Jogos Paralímpicos de Seul, em 1988. Além desses, o Para Taekwondo foi incluído no cronograma paralímpico no ano de 2015 e esteve presente na edição de 2020, que foi realizada em 2021(KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011).

Apesar da difusão dessas modalidades, as mesmas correspondem a uma pequena fração das possibilidades oferecidas pelas Artes Marciais para as pessoas com deficiência. Dessa maneira, diversos autores nos alertam sobre a importância do desenvolvimento também de práticas não paralímpicas para essa população (ANTUNES, 2013; KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011; MOCARZEL, 2016).

Para auxiliar nos estudos sobre essas práticas não paralímpicas, podemos dividi-las em dois grupos: as Artes Marciais esportivizadas e as não esportivizadas. Com relação às modalidades esportivizadas, temos aquelas que correspondem às práticas que possuem um regimento interno, delimitado por uma confederação ou federação. Além disso, tais práticas oferecem a competição e o processo de iniciação esportiva aos seus praticantes, mas são modalidades que não estão presentes nos Jogos Paralímpicos.

Dentre elas, temos o Karatê, que apresenta categorias para atletas em cadeira de rodas, pessoas com deficiência intelectual e com amputações. O Boxe e o Kickboxing também estão sendo mais oferecidas a pessoas com deficiência, ainda que não tenhamos registros dessas práticas no Brasil. Além dessas, também temos o Jiu-jitsu Paradesportivo, foco deste estudo, que vem sido desenvolvido principalmente no território nacional nos últimos anos e que possui grande margem para crescimento, visto que suas classificações funcionais contemplam pessoas com os mais diversos tipos de deficiência (KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011; FERREIRA et al., 2018).

Já em relação às Artes Marciais não esportivizadas, temos aquelas práticas que possuem outros objetivos, que não estão relacionados à competição. Nesse contexto, a literatura aponta o desenvolvimento de diferentes modalidades do Wushu para as pessoas com deficiência, em especial o Tai-Chi-Chuan e o Qigong: artes marciais chinesas com amplo leque de possibilidades de práticas, envolvendo também técnicas respiratórias e de meditação. Importante lembrar que o Wushu também possui modalidades com fim competitivo, e no Brasil a Confederação Brasileira de Kung Fu/Wushu (CBKW) desenvolve competições de formas e combates para as pessoas com deficiência (ANTUNES, 2013; KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011; MOCARZEL, 2016).

Dentre outras, temos também a prática do Aikido, arte marcial japonesa que apresenta em seus pilares a busca pela harmonia e equilíbrio, e que possuem intervenções focadas principalmente para as pessoas com deficiência auditiva. Pensando na aplicação das técnicas das Artes Marciais para a defesa pessoal, temos a "*International Disabled Self-Defense Association"* (IDSA), fundada em 1996. Essa organização baseia-se na aplicação de torções em articulações, domínio de diferentes pontos pressão e técnicas de desarmes, todas sistematizadas

para oferecimento às pessoas com deficiência (KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011).

Para finalizar, temos também a expressão da capoeira como Arte Marcial arraigada profundamente na cultura brasileira. Essa é uma prática que em geral não apresenta interesse competitivo e além dos benefícios físicos e sociais, também estimula a ludicidade e musicalidade de seus praticantes. Apesar de todas essas características, segundo Mocarzel (2016), a Capoeira para a pessoa com deficiência ainda é pouco explorada no contexto acadêmico, embora possua registros de aplicação em escolas exclusivas para essa população.

Vale salientar que não somente a Capoeira, mas as Artes Marciais de forma geral são consideradas conteúdo da Educação Física, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017. Mesmo assim, nota-se que sua aplicação nas escolas é ainda hoje pouco explorada, sendo os clubes, academias e projetos sociais os maiores responsáveis pelo oferecimento destas, seja para a pessoa com ou sem deficiência (ANTUNES et al., 2017; MOCARZEL, 2016).

Portanto, através dessa breve contextualização sobre o oferecimento dessas atividades de combate sistematizadas para as pessoas com deficiência, é possível perceber que ainda nos dias atuais existem grandes lacunas a serem preenchidas, tanto no campo teórico quanto prático.

Para colaborar com a ampliação dos conhecimentos sobre essas temáticas, iremos então focar nossos esforços em entender a experiência das pessoas com deficiência que praticam o Jiu-jitsu, em especial nos paratletas, a fim de que esses possam expressar suas concepções, anseios e demandas, servindo, assim, como um referencial para futuros avanços não apenas em relação a modalidade escolhida, mas para o desenvolvimento das Artes Marciais de forma geral.

5.2 O Jiu-jitsu Paradesportivo

Apesar da instituição da prática convencional, levou um longo tempo até que o Jiu-jitsu Paradesportivo fosse desenvolvido. Gonçalves *et al.* (2020) apontam que a princípio as pessoas com deficiência participavam do treino com as demais pessoas e não tinham a oportunidade de competir em eventos especializados. Assim, se inscrever em eventos da modalidade convencional era a única escolha. Só em 2014 começaram os primeiros esforços para sistematizar a nova prática, mas apenas em 2017 é que surge a Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo (FBJJP). Como já citada na seção referente a prática convencional, vale lembrar que, apesar da institucionalização do Jiu-jitsu brasileiro, ainda nos dias atuais, não

existe uma unificação entre as Federações existentes. Dessa forma, diversas são as organizações que buscam institucionalizar a modalidade, havendo conflito entre essas mesmas. Essa dinâmica ocorre principalmente no âmbito da modalidade convencional, mas também é uma questão eminente na modalidade paradesportiva, que também não apresenta uma unificação entre as federações. Dessa forma, para o presente estudo, foi feita a escolha em entender o Jiu-jitsu Paradesportivo através da ótica da FBJJP, por esta ser a primeira federação criada, por contar com um maior número de atletas filiados e por se tratar de uma federação voltada exclusivamente para a modalidade paradesportiva, além de ter sido desenvolvida e mantida principalmente por pessoas com deficiência, concepção que vai ao encontro do Modelo Social de Deficiência, que sustenta esta pesquisa.

A FBJJP passou a adaptar o Jiu-jitsu e assim surgiram suas classificações funcionais, pautadas nas regras já estabelecidas pela modalidade convencional e levando em consideração o grau de comprometimento de cada deficiência. Atualmente, o Jiu-jitsu paradesportivo, pelas regras da FBJJP, possui classificação para pessoas com deficiência física-motora, visual, auditiva e intelectual, totalizando 28 classes distintas, sendo uma das modalidades com maior número de classificações funcionais.

No ano de 2022, a Federação Brasileira de Jiu-Jitsu Paradesportivo passou a adotar as seguintes classificações funcionais:

Quadro 1 - Classificações funcionais do Jiu-Jitsu Paradesportivo

Classe	Classe anterior	Descrição
A1 - Amputee	D	Amputação de membro superior. Inclui os amputados e bi-amputados de braço acima do cotovelo.
A2 - Amputee	E	Amputação de membro superior. Inclui os amputados e bi-amputados de braço abaixo do cotovelo.
A3 - Amputee	C	Amputação de membro inferior. Inclui os amputados e bi-amputados acima do joelho.
A4 - Amputee	A	Amputação de membro inferior. Inclui amputados e bi-amputados abaixo do joelho
B1 - Blind	B1	Deficiência visual total. Inclui os indivíduos de nenhuma percepção em ambos os olhos até a percepção de luz com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção. Paratletas nesta categoria competem com auxílio de áudio descrição do placar e da minutagem ao longo da luta.
B2 - Blind	B2	Deficiência visual parcial. Inclui os indivíduos que têm a percepção de vultos, com a capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 ou campo visual inferior a cinco graus. Paratletas nesta categoria competem com o auxílio de áudio descrição do placar e da minutagem ao longo da luta.
B3 - Blind	B3	Deficiência visual subnormal. Inclui os indivíduos que conseguem definir imagens com acuidade visual de 2/60 a 6/60 ou campo visual entre cinco a 20 graus. Inclui também os monoculares. Paratletas nesta categoria competem com auxílio de áudio descrição do placar e da minutagem ao longo da luta.
C1 - Cognition	O	Diagnósticos clínicos de deficiências cognitivas que

		incluem, mas não se limitam, os transtornos do espectro autista (TEA) e os transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).
C2 - Cognition	O	Diagnósticos clínicos de deficiências cognitivas que incluem, mas não se limitam, a síndrome de Down e outras condições sindrômicas onde o aprendizado técnico não seja comprometido.
C3 - Cognition	O	Deficiências intelectuais e cognitivas. Inclui os indivíduos com qualquer grau de incapacidade funcional ou clínica das funções cognitivas onde o aprendizado técnico não seja comprometido.
D1 - Deafness	F	Deficiência auditiva total bilateral. Inclui os indivíduos com ausência total de audição. Para tletas nesta categoria lutam sem o uso do aparelho auditivo.
E1 - Encephalo	O	Indivíduos com deficiências cognitivas e motoras severas secundários a traumatismo crânio-encefálico (TCE).
E2 - Encephalo	O	Indivíduos com deficiências cognitivas e motoras moderadas ou leves secundárias a traumatismo crânio-encefálico (TCE).
E3 - Encephalo	L	Complicações do Acidente Vascular Cerebral (AVC) ou Acidente Vascular Encefálico (AVE). Indivíduos que com sequelas de AVC/AVE que comprometam a mobilidade dos membros em qualquer configuração e consigam manter-se eretos na posição sentados sem auxílio.
E4 - Encephalo	N	Encefalopatias congênitas ou de outra natureza não traumática. Indivíduos com cognição e/ou mobilidade comprometidas devido à doenças neurológicas de diferentes origens. Incluem as paralisias cerebrais de qualquer origem.
E5 - Encephalo	N	Esclerose múltipla ou outras condições que comprometem a função cerebral, o nervo óptico e/ou a medula espinhal. Incluem disfunções neurodegenerativas progressivas.
I1 - Irreversible Paralysis by Poliomyelitis	J	Complicações graves e irreversíveis de poliomielite. Indivíduos com sequelas severas de poliomielite nos membros superiores.
I2 - Irreversible Paralysis by Poliomyelitis	J	Complicações graves e irreversíveis de poliomielite. Indivíduos com sequelas severas de poliomielite nos membros inferiores.
I3 - Irreversible Paralysis by Poliomyelitis	I	Complicações leves ou moderadas e irreversíveis de poliomielite. Indivíduos com sequelas leves ou moderadas de poliomielite nos membros superiores.
I4 - Irreversible Paralysis by Poliomyelitis	I	Complicações leves ou moderadas e irreversíveis de poliomielite. Indivíduos com sequelas leves ou moderadas de poliomielite nos membros inferiores.
K1 - Vertebral Disk	K4	Lesão medular cervical. Indivíduos com lesão nos segmentos cervicais (C1 a C8), os quais são relacionados aos movimentos e sensibilidade da região cervical e dos membros superiores.
K2 - Vertebral Disk	K3	Lesão medular torácica alta. Indivíduos com lesão nos segmentos torácicos superiores (T1 a T7), os quais são relacionados aos movimentos e sensibilidade do tórax e parte dos membros superiores.
K3 - Vertebral Disk	K2	Lesão medular torácica baixa. Indivíduos com lesão nos segmentos torácicos inferiores (T8 a T12), os quais são relacionados aos movimentos e sensibilidade do abdome e parte dos membros superiores.
K4 - Vertebral Disk	K1	Lesão medular lombar. Indivíduos com lesão nos segmentos lombares (L1 a L5), os quais são relacionados aos movimentos e sensibilidade dos membros inferiores.
L1 - Les Autres	N	Inclui indivíduos com deficiência motora não contemplada nas classes anteriores. Classificação sujeito à análise do Departamento de Classificação Funcional da FBJJP.
N1 - Nanism	M	Nanismo. Inclui os indivíduos com baixa estatura derivada de displasia esqueléticas como acondroplasia, hipocondroplasia ou qualquer outro distúrbio congênito que comprometa o crescimento.
P1 - Plexus	H	Lesão total do plexo braquial. Inclui os indivíduos com

		nervos do plexo braquial danificados por alongamento, pressão ou corte, nos quais a mobilidade do braço, uni ou bilateralmente, seja totalmente comprometida.
P2 - Plexus	G	Lesão parcial do plexo braquial. Inclui os indivíduos com nervos do plexo braquial danificados por alongamento, pressão ou corte, nos quais a mobilidade de braço, uni ou bilateralmente, seja parcialmente comprometida.

Fonte: Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu Paradesportivo (2022)

Neste quadro, temos na coluna esquerda a divisão as denominações das classes funcionais de acordo com a deficiência. A coluna central apresenta a antiga classificação e a coluna direta caracteriza quais indivíduos são contemplados pela classe referente.

É possível perceber o esforço genuíno para contemplar o maior número de deficiência através das divisões propostas pelas classificações funcionais. Contudo, um grande número de classes dificulta o caminho do Jiu-jitsu Paradesportivo para ingressar nos Jogos Paralímpicos, em especial por se tratar de uma modalidade muito nova e com classes e subclasses ainda contendo poucos atletas.

Grande parte dos esforços para a instituição do Jiu-Jitsu Paradesportivo se dá através das figuras duas figuras centrais: os professores Elcirley Luz Silva e Mario Edson, apelidado como *Cowboy*. Ambos são paratletas e foram os precursores no desenvolvimento da modalidade, e atuam como presidente e vice-presidente da Federação Brasileira, respectivamente. Ambos chamaram atenção em 2015, quando se inscreveram em um campeonato internacional da modalidade convencional, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos (GONÇALVES et al., 2020).

Os brasileiros eram os únicos para-atletas presentes, o que gerou interesse no *Sheik* da região para implementação do Jiu-Jitsu Paradesportivo no país. É importante citar que o Emirados Árabes Unidos é um dos países que mais investe no Jiu-jitsu, oferecendo-o como componente curricular nas escolas e também para suas forças armadas.

Esse contato com o *Sheik* fez com que a Federação de Jiu-jitsu dos Emirados Árabes Unidos (UAEJJF) passasse a se preocupar também com o Jiu-jitsu Paradesportivo, auxiliando professores na disseminação da nova modalidade. Dessa maneira, nos dias atuais, já existem competições dessa prática nos cinco continentes e a UAEJJF continua a investir na modalidade, sendo que no ano de 2017, passou a se consolidar como a principal fonte de investimento para tal esporte. No ano de 2018, o Jiu-jitsu Paradesportivo foi levado ao Centro Paralímpico Brasileiro (CPB), em um evento que contava com a participação de atletas de diferentes modalidades adaptadas, com o intuito de apresentar e expandir a modalidade (GONÇALVES et al., 2020).

Atualmente existem apenas 350 atletas registrados praticando o esporte no Brasil, de acordo com a Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo, havendo assim uma incrível margem de crescimento, uma vez que o país é potência internacional na modalidade convencional.

6. OBJETIVO

Pautado no entendimento da deficiência como categoria identitária e como uma construção social e cultural para pessoas com lesões corporais, o presente estudo tem como objetivo: compreender o Jiu-jitsu para homens com deficiência física e atletas da modalidade. Neste sentido, o estudo busca colaborar na compreensão da intersecção e contraposição das construções e valores sociais associadas às lutas e à deficiência na significação e inclusão social do indivíduo.

7. MÉTODO

7.1 Design de pesquisa

O estudo apresenta uma concepção qualitativa, interpretativa e exploratória acerca dos significados e características atribuídas ao Jiu-jitsu para pessoas com deficiência. O trabalho foi realizado através da perspectiva de pessoas com deficiência física e atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo. O estudo foi realizado através de entrevistas de história oral com objetivo de permitir o protagonismo da pessoa com deficiência na expressão de suas perspectivas e experiências no campo das artes marciais. A pesquisa foi aprovada (ANEXO 2) pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), recebendo parecer favorável sob o número 072459/2021, CAEE: 4872991.9.0000.5404.

7.2 Participantes

Participaram do estudo homens com deficiência física, a partir dos 18 anos e que tenham participado de pelo menos um evento competitivo oficial de Jiu-jitsu Paradesportivo ou que possuíssem a graduação mínima de faixa azul, a fim de selecionar atletas com maior experiência na modalidade. Foram excluídos do estudo indivíduos com outras deficiências associadas, como deficiência intelectual e/ou dificuldade de comunicação.

Através do contato com o presidente da Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo, atletas da modalidade foram contatados para a participação na pesquisa. Nesse contato foi explicado como seriam todos os procedimentos da participação, além do envio do aos interessados. Os participantes foram selecionados por conveniência a partir do interesse em expressar suas experiências como atleta da modalidade. Ao todo participaram do estudo quatro atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo e as entrevistas, na íntegra, estão disponíveis no anexo deste trabalho. A substituição de dados pessoais foi feita por parte dos pesquisadores, a fim de preservar a identidade dos participantes do estudo. Dessa forma, os nomes apresentados a seguir são todos fictícios.

O primeiro deles, Roberto (ANEXO 3), é natural do estado da Bahia e já havia praticado Jiu-jitsu convencional antes do contato com a prática Paradesportiva, a qual teve início em 2018. Já no ano seguinte, iniciou sua trajetória nas competições. Hoje, no ranking nacional, Roberto ocupa o primeiro lugar em sua classificação funcional (K4) e busca conquistar títulos internacionais. Em relação a sua deficiência, Roberto se tornou tetraplégico após uma lesão na cervical, advinda de um tiro tomado em uma discussão.

O segundo participante, Marcos (ANEXO 4), é do Mato Grosso e antes de conhecer o Jiu-jitsu Paradesportivo não tinha interesse na modalidade convencional e se considerava sedentário. Nos dias atuais, Marcos gosta de auxiliar as crianças no projeto social na academia em que treina, e seu contato com as competições se deu após o incentivo de seu professor, poucos meses após seu início na modalidade. Para este participante, ser um atleta e conhecer o Jiu-jitsu foi um recomeço que o ajudou a superar a depressão após seu acidente de moto, que levou a amputação de uma de suas pernas. Hoje, Marcos coleciona medalhas, mas afirma que seu grande triunfo é o reconhecimento recebido e as amizades cultivadas ao longo desses anos no tatame.

Nosso terceiro participante é Leandro (ANEXO 5), nascido na cidade de São Paulo e com vasta experiência em Paradesportos desde a infância, chegando a participar de campeonatos de basquetebol em cadeira de rodas. Com relação ao Jiu-jitsu Paradesportivo, Leandro já é praticante há oito anos, sendo atleta desde a faixa azul. Atualmente coleciona 33 títulos, recebendo destaque a nível nacional e internacional. Para o participante, um ponto de suma importância relacionado a sua vivência como atleta, é a liberdade conquistada para viajar para competições e também a disposição e bem-estar advindos de sua ampla rotina de atividade física. Tendo passado por mais de 15 cirurgias ao longo de sua vida, em função da artrogripose múltipla congênita, Leandro conta que os médicos indicam que novas cirurgias corretivas ainda deveriam ser feitas, mas o participante afirma que não deseja passar por tais procedimentos e que se sente bem com o seu corpo.

O quarto e último participante é Elias (ANEXO 6), oriundo do estado do Paraná. Tal participante também possui vasta vivência nos Paradesportos, chegando a competir em diversas modalidades antes de ingressar no Jiu-jitsu Paradesportivo. Este participante chegou a ser o primeiro paratleta do sul do Brasil a se certificar no programa de formação de instrutores pela rede de academias que faz parte e possui 4 anos de experiência como atleta, chegando a participar também de competições da modalidade convencional. Apesar disso, Elias demonstra sua preocupação e cuidado durante a prática, desde seus primeiros contatos com o tatame, já que temia sofrer pancadas na cabeça por conta de suas válvulas para hidrocefalia. O cuidado também se estende a alguns conjuntos de técnicas que podem ser lesivos especialmente as suas pernas, devido a sua mielomeningocele. Assim como participante anterior, Elias afirma ter passado por mais de 30 cirurgias ao longo de sua vida e por isso teme novas lesões que possam afastá-lo dos treinos.

7.3 Procedimentos

A concepção que orienta o trabalho em questão se dá através da História oral, que como explica Meihy (2005 p.18): "é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos."Dessa forma, buscamos alocar os holofotes da pesquisa nas narrativas expostas pelos nossos participantes dando, assim, o devido protagonismo a esses atletas, para que esses mesmos possam fornecem uma riqueza de detalhes que possa manifestar da forma mais completa possível o que é ser um atleta de Jiu-jitsu Paradesportivo de maneira ampla, levantando questões sobre a deficiência, a vida cotidiana, as condições de treinamento e competições. Todos esses, assuntos de relevância para a pesquisa (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Tendo em vista tais explicações, pode-se sintetizar a ideia de que o modelo das entrevistas e suas análises buscam trazem uma história "deles" e não "sobre" eles.

De acordo com Meihy (2005), a História oral traz a originalidade plural como um elemento de suma importância para a sua constituição, já que através dela, é possível explorar as mais variadas experiências de ser, em especial dos grupos oprimidos, que em geral não possuem voz nos meios de comunicação e informação convencionais, como é o caso das pessoas com deficiência.

Dessa maneira, para o presente estudo, a História Oral de vida foi a escolha adotada. Isso porque através dessa mesma, podemos trazer o conjunto de experiências de vida de um determinado indivíduo através de sua narrativa. Através desse modelo, o participante (ou colaborador) é capaz de expressar sua própria história da forma mais livre e pessoal possível. A experiência do indivíduo é a principal preocupação (MEIHY, 2005).

Tendo a história oral em vista, as entrevistas individuais foram realizadas através de uma questão norteadora: Você pode contar sua história no Jiu-Jitsu? Afim de buscar a melhor compreensão da temática, a entrevista de história oral foi desenvolvida anteriormente como estudo piloto com a participação de um sujeito. Associada à questão inicial foram realizadas questões acessórias de acordo com a necessidade de esclarecimento e aprofundamento no tema (Smith, Flowers e Larkin, 2009). As questões acessórias foram elaboradas pelo próprio pesquisador no momento da entrevista e estavam relacionadas à compreensão da deficiência, e o envolvimento e prática do Jiu-jitsu pela pessoa com deficiência. Ainda relacionado as entrevistas, os participantes foram ambientados para que estivessem confortáveis com o pesquisador. Esse procedimento foi garantido através de um contato prévio entre as partes, em que o pesquisador deu as devidas explicações sobre as intenções do estudo, garantia de

anonimato e possibilidade de desistência da participação em qualquer etapa da pesquisa, por parte dos participantes (PAULA et al., 2014).

Cada entrevista teve duração média de 2h20min e foram realizadas através de videochamadas e de forma individual. Antes de seu início, o pesquisador responsável fez o envio do link para acesso à plataforma a ser utilizada para a entrevista. O mesmo também se responsabilizou por reler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1) para os participantes da pesquisa, a fim de tratar toda e qualquer dúvida e confirmar a anuência dos mesmos para a participação do estudo. A entrevista teve áudio e vídeo gravados através da própria plataforma utilizada, e também por um aplicativo à parte, a fim de garantir que as informações obtidas não fossem perdidas por qualquer erro de armazenamento por parte da plataforma usada para as videochamadas.

7.4 Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas através da lógica da História oral, como é proposta por Meihy (2005). A História oral se caracteriza pela apreensão das narrativas de quem as contam (MEIHY, 2005). Considera-se a fluidez da "história", partindo da concepção de que as narrativas do passado possuem continuidade no presente, gerando assim um sentido social às narrativas e a vida do depoente, no caso deste estudo, dos atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo. Assim, a História oral busca manter a experiência passada em evidência, concretizando a memória de pessoas ou grupos (MEIHY, 2005).

Através da História oral é possível narrar os acontecimentos corriqueiros e cotidianos de um determinado grupo de sujeitos. Dessa maneira, podemos apreender as concepções da vida social dos indivíduos desses grupos, sejam elas semelhantes ou destoantes entre si. Assim, a compreensão das identidades e da lógica da vida coletiva emergem e a subjetividade dos sujeitos participantes não produzem efeitos negativos para a pesquisa. Como aponta Meihy (2005), na verdade, as emoções expressas nas narrativas é o que dá sentido à História oral.

Tendo em vista essa concepção, no estudo em questão, buscou-se debruçar os esforços na elaboração de uma entrevista com o intuito de emergir as narrativas de nossos participantes. Com isso, a análise conseguinte tratou-se de uma estruturação das principais ideias expostas. Essas mesmas foram organizadas de acordo com o referencial teórico que orienta o estudo, em especial, o Modelo Social de deficiência.

A princípio, uma pré-análise dos dados obtidos nas narrativas de nossos participantes foi realizada. Esse procedimento tem como objetivo auxiliar na organização dos

elementos emergentes em tais relatos. Assim, dois grandes campos narrativos foram identificados: a deficiência e o Jiu-jitsu. Vale salientar que apesar de apresentarmos essa divisão entre tais campos, é impossível dissociá-los entre si na narrativa de nossos participantes. Isso porque cada um deles experimenta a realidade e nos fornece seus relatos através de sua própria subjetividade, portanto, interpretando o mundo nas suas mais diversas sutilezas através da identidade que assumem para si mesmos. Como foi expresso nas narrativas, na maior parte do tempo, nossos participantes atribuem para si uma identidade de atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo.

A fim de limitar a discussão deste trabalho sobre o objeto de estudo, as informações trazidas para os resultados são aquelas que se mostraram mais pertinentes à pesquisa. Essas informações foram selecionadas através do crivo da recorrência e similaridade de certas concepções e posicionamentos que nossos participantes apresentaram. Entretanto, algumas singularidades expressas pelos sujeitos também se mostraram relevantes e de interesse para compor o material de análise, sendo, assim, também utilizadas como material de discussão, como serão expostas nos resultados a seguir.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise das entrevistas baseadas na História Oral de vida, determinadas temáticas foram explicitadas pelos relatos. Aqui traremos aquelas que foram mais pertinentes em relação à compreensão do fenômeno: o que representa ser uma pessoa com deficiência e atleta de Jiu-jitsu? Dessa maneira, trazemos uma análise aprofundada sobre essa questão primordial para o estudo. Para isso, pautamos nosso entendimento através do referencial teórico do Modelo Social de deficiência.

Os resultados estão divididos e serão apresentados de acordo com as unidades temáticas com as quais se relacionam. Vale salientar que a escolha por unidades temáticas se dá por um aspecto organizacional dos conteúdos que serão apresentados. Assim, entende-se que apesar das divisões, os assuntos e as concepções apresentadas possuem atravessamentos entre si e passam pela subjetividade de cada um de nossos participantes.

Tendo isso em vista, a divisão das unidades temáticas se deu de acordo com a concepção ou questão principal que orienta determinado conjunto de aspectos referentes ao entendimento sobre o que é ser um atleta de Jiu-jitsu Paradesportivo para os participantes da pesquisa. Dessa forma, após diversas leituras minuciosas das entrevistas, neste estudo, a atenção foi voltada para agrupar um amplo compilado de falas que abordem uma mesma ideia central, que está sendo tratada pelos sujeitos através de suas subjetividades. Através dessa organização, foi possível identificar concepções aproximadas e/ou distintas sobre um determinado tópico. Assim, os resultados foram organizados e analisados de acordo com a unidade temática referente.

Por fim, após a apresentação dos resultados, traremos as considerações finais deste trabalho, levantando reflexões sobre possíveis intersecções das temáticas abordadas, no âmbito do objeto de estudo. As reflexões trazem conexões entre os conteúdos abordados pelos participantes e relaciona-se também com os referenciais teóricos da pesquisa. Ademais, somado a isso, temos as concepções do pesquisador sobre o fenômeno do Jiu-jitsu e sua prática para as pessoas com deficiência. Tais concepções são advindas não apenas no campo teórico, mas busca expressar também a vivência direita do pesquisador enquanto faixa preta e praticante da modalidade há cerca de 20 anos, dos quais uma década foi voltada ao ensino do Jiu-jitsu convencional, sobretudo na iniciação esportiva para adultos em Projetos de extensão da própria FEF-UNICAMP.

8.1 O atleta com deficiência

Como apontam Gesser e Mello (2020), apesar da presença da primeira e segunda linhagem do Modelo Social de deficiência, seus avanços e influências na legislação a nível internacional, ainda nos dias atuais, as noções abordadas pelo Modelo Médico de deficiência são muito presentes na sociedade, coexistindo com o modelo anterior em vários aspectos e contextos. Dessa maneira, nos relatos de nossos participantes também foi possível identificar a influência do Modelo Médico em determinados pontos das narrativas. Nesse sentido, destaca-se principalmente o entendimento do conceito de superação da deficiência apresentado pelos mesmos atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo. Os trechos a seguir correspondem às falas de Roberto e Elias, respectivamente:

> Eu nunca quis me ver assim, então sempre procurei me superar, vencer as barreiras, vencer as adversidades. Eu fui procurar dirigir, treinar, malhar, viver a minha vida, namorar, construir família... Então fui buscar viver, né? Ser uma pessoa com deficiência para mim... significa superação, né? Significa se reinventar, ser guerreiro (ROBERTO).

> Ser uma pessoa com deficiência é se superar, né? Em todos os sentidos, em todos os aspectos. Não apenas da superação de conseguir subir uma escada, por exemplo, mas se superar no sentido de provar que eu sou capaz de alcançar, de chegar em qualquer lugar do meu jeito, no meu tempo, mas alcançar, chegar lá. É provar pra mim mesmo, porque a sociedade tá cheia de pessoas que falam que você não vai alcançar, não vai chegar onde você almeja (ELIAS).

A reprodução deste conceito de superação empregado no contexto da deficiência é problemática porque, como denotam Gesser e Mello (2020 p.158):

> são construídos, de modo geral, dois padrões de pessoa com deficiência: um é o deficiente incapaz, que precisa ser ajudado e precisa ser alvo da caridade da sociedade iluminada; o outro é o exemplo de superação, que mesmo sendo alvo de caridades e sendo considerados incapazes de estarem no mundo eles conseguem superar todas as barreiras e serem vencedores em uma sociedade de perdedores. Esse último exemplo é utilizado para pessoas sem deficiência acreditarem que elas como pessoas consideradas "normais" deveriam conseguir aquilo que aquela pessoa com deficiência consegue.

É possível notar, portanto, uma hierarquização dos corpos de acordo com sua funcionalidade, e além disso, uma opressão dentro da opressão, uma vez que aquelas pessoas com deficiência, que por qualquer razão que seja, socialmente não são vistas como um exemplo de superação, acabam por serem ainda mais oprimida e segregadas da participação social, quando comparadas com seus pares que apresentam maior mobilidade, por exemplo.

Nesse sentido, o Jiu-jitsu Paradesportivo se apresenta como um espaço capaz de trazer uma forte associação a um conceito de superação para seus praticantes. Apesar disso, ao nos apoiarmos no Modelo Social de deficiência, entendemos que essa noção de superação não deve estar pautada em superar a deficiência em si. Ao praticar a modalidade e se tornar atleta,

é possível identificar que nossos participantes experenciam uma forma distinta de superação. Essa mesma, voltada a superar a opressão social que a pessoa com deficiência sofre em diferentes contextos, não colocando os holofotes de suas conquistas na superação de uma deficiência, no sentido de vencer um problema de ordem individual. Dessa forma, ao se tornar um paratleta e assumir uma função socialmente aceita, nossos participantes demonstraram acessar espaços outrora negados.

A exemplo disso, temos o relato de Leandro, que só passou a experimentar a sensação de liberdade e autonomia para viajar sozinho após se tornar um atleta com deficiência. O participante aponta que essa sensação foi uma de suas melhores experiências proporcionadas pela modalidade:

> Uma das melhores experiências que eu tive, foi viajar pra outro estado pra fazer uma luta de *no-gi*[4]. Foi uma experiência muito boa. Peguei minha mochila, joguei nas costas, peguei o ônibus, viajei por umas 15 horas pra chegar lá. Foi tipo uma experiência muito louca para mim, foi uma das primeiras viagens que eu teria que me virar sozinho e estava indo pra lutar. Eu conheci a cidade inteira, foi muito legal. O pessoal me tratou super bem também. Você ter esse respeito, pra mim valeu demais (LEANDRO).

A incessante tentativa pela normalização dos corpos com deficiência opera na lógica de uma sociedade pautada no capitalismo, que entende que um corpo apto é aquele capaz de produzir capital (GARLAND-THOMSON, 2011). Dessa forma, os indivíduos que, independentemente dos esforços terapêuticos, não consigam atender essas demandas ou necessitem de diferentes tipos de cuidado, acabam sendo alvo de maior opressão. Essas pessoas com deficiências que exigem maiores cuidados, apresentam ainda mais dificuldade para estarem inseridos em uma vida social plena (GARLAND-THOMSON, 2011; WATSON; VEHMAS, 2020).

Tal padrão se tornou evidente nos relatos de nossos participantes com deficiências congênitas. Esses mesmos, passaram por diversas cirurgias ao longo da vida e assumem que por muitas vezes não gostariam de passar por tais procedimentos e que preferirem viver da maneira que são. Apesar disso, eles se sentem pressionados pelos médicos a passarem por novas cirurgias. Em diversos momentos a intervenção cirúrgica está relacionada à dor e ao sofrimento.

Em seu relato, Leandro nos mostra essa perspectiva:

> Eu fiz muitas cirurgias pra correção. Hoje em dia, acho que eu fiz mais de 15 cirurgias. Tem mais algumas pra fazer mais pra frente também, mas ainda não tô pensando em fazer. Eu me sinto bem como como tô hoje em dia. Minhas primeiras cirurgias foram feitas quando eu tinha 2 anos, então não lembro tanto. [...]Ficar acamado, sentindo dor, é a pior coisa que tem no mundo, mas como tinha que que

[4] Prática do Jiu-jitsu sem quimono.

> fazer, tive que aguentar as dores. O médico ortopedista que me atendia que disse que eu deveria fazer outras cirurgias. Ele falou que tinha mais cirurgias de correção, mais algumas cirurgias nos ossos, nos pés, e que eu teria que fazer. Eu sei que toda cirurgia que mexe em osso dói para caramba, então é opção minha não fazer agora. Do jeito que eu estou, para mim tá bom. Eu falo que não estou muito afim de ficar sentindo dor (risos). Eu não faria para não mexer, para não sentir dor. Falo que já senti muita dor na vida. Então, no jeito que eu estou, me sinto bem, o mais importante é você se sentir bem (LEANDRO).

Elias aponta a frequente presença das cirurgias em sua vida e também nos apresenta a questão da dor no uso das órteses:

> Eu passei por 33 cirurgias de protocolo, 30 por causa da mielo. Desde cirurgias na infância até na adolescência, cirurgias que é de praxe acontecer no tratamento da mielo e 3 por lesões no esporte, duas no Jiu-jitsu e uma no handebol. [...]Até o ano passado eu usava órtese, mas ela começou a me trazer problemas. Comecei a ter calos e um desconforto. Eu já não me sentia tão confortável com a tala, ela já estava me trazendo mais incômodos que benefício. [...]Eu tive diminuição de dores no joelho. Depois que eu parei de usar órteses e o aparelho, porque meu aparelho tinha bloqueio no joelho, porque meu joelho valgo. Eu usava a órtese pra bloquear esse valgismo. Então por mais que ela tinha o bloqueio, eu tinha bastante impacto no joelho e depois que eu me libertei dela, as dores diminuíram. Eu tive uma considerável melhora na caminhada e na qualidade de vida (ELIAS).

Como apontado nos relatos de nossos participantes, diversas das maneiras apresentadas pela sociedade para lidar e tratar o corpo com deficiência abordadas, como através de processos cirúrgicos e de reabilitação, comumente causam dores à pessoa com deficiência. Muitos desses tratamentos colocam em segundo plano o bem-estar do próprio indivíduo e preconiza a "normalização" desses corpos. Essa medida, característica ao Modelo Médico de deficiência, atendendo ao interesse de ocultar as deficiências, ainda que causem dor (DINIZ, 2007; GARLAND-THOMSON, 2011).

Nossos colaboradores com deficiências congênitas apresentam um cuidado significativo com seus corpos e em relação a prática do Jiu-jitsu paradesportivo. Como já apresentado acima, torna-se evidente que os mesmos, após passarem por diversos processos cirúrgicos ao longo da vida, buscam evitar tais procedimentos nos dias atuais. Dessa maneira, ainda que sejam atletas de uma modalidade que apresenta muito contato físico, ambos denotam a importância dos cuidados para evitarem lesões que possam necessitar de intervenções cirúrgicas, e como consequência, afastá-los dos tatames.

A questão da lesão e o afastamento dos treinos se expressa como o grande medo para Elias:

> O principal fantasma né que nos rodeia é a lesão, que faz você parar. Eu acho que, como hoje vida se baseia dentro do esporte, se eu tenho um receio ou um medo eu acho que posso dizer tranquilamente que é o medo de alguma possível lesão, que faça com o que eu tenha que parar de treinar e competindo no alto rendimento (ELIAS).

O mesmo participante também comenta sobre seu cuidado com as válvulas que possui da cabeça, por conta da hidrocefalia:

> eu tenho duas válvulas de hidrocefalia, na época ainda uma… eu tinha um pouco daquele preconceito, digamos assim, com o esporte de contato, esporte de impacto, né? [...] Entrei no tatame, o neurologista que colocou a minha segunda válvula, faixa roxa também de Jiu-jitsu, treina na mesma academia e eu não sabia. Fiquei um ano treinando com receio, medo, me cuidando e no dia que eu vi ele lá eu fui, né? Com receio e tal, falei: "ô, doutor, tem algum... alguma restrição? Tem que ter algum cuidado redobrado? Daí ele: "não, cara. Essa válvula que eu coloquei em você é uma tecnologia, uma válvula muito boa, é a técnica em si, da cirurgia que é muito tranquilo então pode perder esse teu medo, pode rolar sem medo de bater a cabeça." Hoje vive acontecendo de acabar batendo, é óbvio que eu cuido para não bater direto nela, mas depois que eu tive a oportunidade de conversar no tatame com uma pessoa que me operou, que colocou aquela essa válvula, confesso que eu, até o meu Jiu-jitsu deu uma evoluída porque eu perdi um pouco daquele medo, aquele receio, é... de treinar, de bater, né? (ELIAS).

Prosseguindo em nossa discussão, através dos relatos apresentados, tornou-se necessário debruçar esforços para entender como se constitui a construção da identidade dos atletas com deficiência. Para esse fim, é possível utilizar o que Watson e Vehmas (2020) chamam de "modelo das minorias", que está inserido no contexto do Modelo Social de deficiência, para auxiliar-nos a entender à construção identidade da pessoa com deficiência.

De acordo com esta pauta, em geral, as pessoas com deficiência a princípio buscam a "normalização" de seus corpos. Essa normalização é a busca pela mitigação do estigma associado a deficiência, através de estratégias de passagem para que não sejam reconhecidas como pessoas com deficiência ou que sejam consideradas como "pessoas com deficiência aptas" (WATSON; VEHMAS, 2020). Esse tipo de distanciamento da deficiência é identificado entre o discurso de nossos participantes, como a exemplo de Elias e Roberto, respectivamente:

> Não sei com exatidão qual a proporção, mas eu acho que passa dos 90% dos pacientes de mielo que são usuários diários da cadeira de rodas. Eu não, eu caminho de muletas, tenho bastante dificuldade, tropeço bastante no meu pé, nas minhas pernas. É frequente eu acabar tropeçando, mas não fiquei refém da cadeira de rodas (ELIAS).

> E aí tem os colegas que ainda ficam brincando: esse tetra de mentira, esse é tetra coisa nenhuma, pô. O cara com mobilidade dessa não é tetraplégico, não (ROBERTO).

Outra forma comum da busca pela normalização é o distanciamento das comunidades de pessoas com deficiência. Por esse motivo, é muito comum que as pessoas passem a inserir a deficiência como parte de sua identidade e comecem a interagir com uma comunidade deficiente apenas na idade adulta (WATSON; VEHMAS, 2020). De acordo com Watson e Vehmas (2020), as pessoas com deficiência que buscam desassociá-las de sua identidade durante a juventude, apresentam qualidade de vida inferiores quando comparadas com seus pares que fazem o oposto (WATSON; VEHMAS, 2020).

Em nosso trabalho, foi possível perceber a importância do convívio com outras pessoas com deficiência para a construção de identidade dos nossos participantes. A seguir trazemos trechos de Roberto e Marcos, respectivamente:

> Antes da Federação Brasileira (de Jiu-jitsu Paradesportivo), eu não tinha contato nenhum com pessoas com deficiência, apesar de ser deficiente. Antes do contato com o ParaJiu-jitsu não tinha essas relações, apesar de me aceitar muito bem. Eu tinha mais receios das minhas limitações, por exemplo, falar abertamente sobre a minha forma de urinar. Quando você não tem vivência nenhuma desse mundo, você se sente um estranho, mas com o tempo eu fui me aceitando e essa vivência com outras pessoas facilitou com que eu visse como lidar, até em ajudar o outro, você começa a se entender. Às vezes tem uma pessoa que tem limitação maior que a sua, tem vergonha de falar como faz as suas necessidades, e aí você tenta explicar que é normal, procura lidar bem. [...] Então foi extremamente importante por esse lado. Apesar de me aceitar bem, me ajudou a agir com mais naturalidade (ROBERTO).

> Antes do meu acidente, não tinha contato nenhum com pessoas com deficiência. Eu não tinha noção do que era esse mundo. Depois do meu acidente que eu fui entender, me tornei uma pessoa com deficiência e fui buscar conhecimento até pra minha readaptação, né? [...] Eu fui levado pro Jiu-jitsu, porque naquela situação de depressão, eu comecei a falar bobagem na internet e meu pai viu e falou com meu irmão. Esse meu irmão me levou pro professor que tinha a mesma amputação que eu. O professor foi me contando histórias, como foi o acidente dele e eu falei: caramba, eu quero isso pra mim[...]. Hoje eu tenho o maior orgulho de ser como eu sou, sabe? De dizer, de mostrar que me falta um pedaço. Isso para mim não é tristeza, não é vergonha, não é nada. Eu falo para colegas com lesão medular que chegam aqui na academia. Também tem deficiente visual que treina com a gente. Tem crianças com autismo, tem um garoto mudo, né? E nas nossas rodinhas de papo na hora dos intervalos de treino, eu tenho o maior orgulho de ser quem eu sou, de ter me tornado assim (MARCOS).

Além das citações sobre o contato com uma comunidade deficiente já citados acima, os participantes também destacam essa relação referente aos membros da Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo. Roberto aponta que:

> Além de ter esse cuidado dos profissionais, eles estão mais focados nisso e também são pessoas com deficiência, que pra mim é um diferencial gigantesco, são pessoas que conhecem na prática tudo isso. Pra mim, aí que tá toda legitimidade da Federação Brasileira. O próprio presidente sempre deixa claro que é importante os profissionais de um movimento tão grande esse, como o da Federação, sejam pessoas com deficiências, porque ninguém mais apto pra entender um deficiente do que um deficiente, né? É a legitimidade que a gente sempre bate nessa tecla (ROBERTO).

Nesse trecho, além do aspecto da comunidade de pessoas com deficiência, é interessante notar o relato da participação ativa da pessoa com deficiência na construção do ambiente do Jiu-jitsu Paradesportivo, indo ao encontro das ideias propostas pelo Modelo Social de deficiência, em que as pessoas com deficiência devem ter espaço para articular sua vida de forma política, colaborando com a construção dos ambientes que ocupam. Elias ainda aponta a questão da profissionalização na modalidade, segundo o mesmo:

> Sou paratleta há 10 anos, comecei no handebol para cadeirantes [...] já em 2017 eu fui para o tênis em cadeiras de rodas, competi um ano, na temporada de 2017 inteira e o começo de 2018, mas não dei seguimento no tênis porque é um esporte muito caro

> [...]. Conhecer o esporte adaptado, se sentir útil dentro do esporte foi uma mudança de chave pra minha vida. Comecei a ter uma seriedade, uma rotina nos treinos de handebol. Aí no ParaJiu-Jitsu foi onde eu, de fato enxerguei a possibilidade de sair de um hobby pra seguir profissão, né? Foi a possibilidade de me encontrar no esporte adaptado e viver disso (ELIAS).

A importância da profissionalização foi expressa entre todos os participantes. Porém, também é unânime entre os mesmos que o cenário atual ainda é muito limitado e que frequentemente os atletas não possuem condições financeiras para arcar com os custos para viajar para as competições. Além disso, também relatam a dificuldade que possuem para encontrar patrocínios. A exemplo disso, temos o relato de Leandro e Roberto:

> Quem é atleta é... apoio aqui no Brasil ou Patrocínio é muito difícil de ter, não é? Então você sempre tem que... meio que ou ir por conta, ou, ou algum amigo ajuda com algum valor (LEANDRO).

> Não é o meu caso pessoas, mas tem pessoas com deficiência que vivem do uso do benefício do governo, né? O dinheiro do INSS. Pra você ter esses profissionais à sua disposição, é caro. Então é muito difícil você se manter em alto nível...você ter lugares acessíveis pra treinar...né? Hoje...eu tenho o meu carro, graças a Deus, eu posso ir e voltar, mas tem gente que tem dificuldade até para se deslocar...Então, ser um paratleta é muito... ser atleta já é difícil. É que geralmente a gente sabe que não tem apoio...é... os empresários, não valorizam o atleta. Muita gente ainda não leva a sério como profissão... Ser atleta já é difícil, ser um atleta do Paradesporto é mais difícil ainda. Por fim, também cabe o destaque aos benefícios físicos, psicológicos e sociais proporcionados pelo Jiu-jitsu Paradesportivo (ROBERTO).

Para finalizarmos este tópico, trazemos também a concepção dos nossos participantes em relação aos benefícios que o Jiu-jitsu Paradesportivo promoveu na vida destes atletas.

Roberto aborda os benefícios físicos e psicológicos advindos da prática:

> O Jiu-jitsu, além de fisicamente ter me ajudado muito, eu consigo ter uma mobilidade muito maior, me ajudou muito fisicamente, né...Ajudou muito na minha mobilidade [...]. Eu sempre fui muito violento, não domesticamente, não com mulheres, mas um cara agressivo, um cara brigão. Mesmo depois da torcida, da cadeira de roda, já me meti em algumas confusões, né? Então o Jiu-jitsu me deu disciplina, me deu uma postura nova de vida, respeitar o outro e mostrar que o mundo é bem diferente, eu me considero um ser humano melhor, porque o Jiu-jitsu me proporcionou isso (ROBERTO).

Já para Marcos, o Jiu-jitsu se mostra como espaço de extrema importância para lidar com a depressão:

> Eu usei e permiti usar do Jiu-jitsu pra poder sair da depressão, sair daquela coisa ruim que eu estava, pra poder responder as minhas questões, que eu mesmo tinha comigo (MARCOS).

8.2 O Jiu-Jitsu negado

Neste tópico abordaremos a questão da negação da prática do Jiu-jitsu para as pessoas com deficiência, através da perspectiva de nossos participantes. Foi possível

compreender que tal negação da prática da modalidade pode ocorrer em vários aspectos e possuir motivação multifatorial. Dentre as mais proeminentes encontradas neste trabalho, temos: a falta de preparo profissional por parte dos professores e instrutores para trabalhar com pessoas com deficiência, a falta de acessibilidade nos espaços de treino, o desconhecimento da possibilidade de praticar o Jiu-jitsu por parte da própria pessoa com deficiência e a opressão social encarada nesses espaços.

Roberto aponta a dificuldade de acessibilidade que os espaços de treino frequentemente apresentam:

> A minha academia, ela não é acessível. É uma discussão que eu levo muito aqui na Bahia, porque são pouquíssimas academias com acessibilidade, a maioria é escada, é primeiro andar, são muito poucas academias acessíveis [...] paro meu carro. no local lá próximo a academia, e o colega já me pega no meu carro, tipo, de macaquinho e já me bota nas costas e a gente vai direto pro tatame (ROBERTO).

Os atletas reiteram em seus discursos a dificuldade em conseguir praticar a modalidade. No relato de Roberto, é possível notar que o despreparo profissional foi um fator que dificultou seu acesso ao Jiu-jitsu após a deficiência, ainda que já praticasse a modalidade antes de se tornar uma pessoa com deficiência. Além disso, a espetacularização de seu corpo no espaço das academias se apresentou como uma forma de opressão, afastando-o desse ambiente:

> "Bom, eu já era do Jiu-jitsu, né? Extremamente apaixonado pelo Jiu-jitsu e era uma das minhas frustrações não poder mais lutar. No começo eu fiquei muito triste. Um momento bem melancólico, não poder mais praticar o Jiu-jitsu. Eu cheguei a ir na academia algumas vezes pra fazer alguma atividade, alguma mobilidade, mas o ParaJiu-jitsu não tinha ainda o seu trabalho montado (ROBERTO).

> Apesar de ser muito bem recebido pela minha equipe, ninguém sabia o que fazer comigo. Pô, o cara tetraplégico vai fazer o que aqui? Mas eles me chamavam pra ir. Eu botava o kimono e ficava lá, né? Abraçando um, tirando uma foto e tal...Eu falei: pô, não dá, mano. Não dá pra treinar Jiu-jitsu, cara. Eu não vou ficar aqui servindo de...de manequim pra tirar foto com ninguém, entendeu? (ROBERTO)

> As pessoas não sabiam como lidar e o que fazer. Isso me frustrava muito. Eu não morri, eu só tive algumas limitações, então eu tenho que buscar viver com elas e o Jiu-jitsu era uma coisa que eu amava (ROBERTO)

É evidente que existem diferentes nuances para o acesso adequado a prática do Jiu-jitsu Paradesportivo. Dessa forma, a capacitação dos professores surge como uma questão eminente. Esses são os responsáveis em mitigar as dificuldades apontadas pelos participantes e proporcionar o acesso a prática. Contudo, no presente trabalho foi possível perceber a diferença do preparo profissional entre professores de nossos participantes.

Elias encontra-se numa relativa posição confortável nesse quesito, já que está inserido em uma escola preparada para atender pessoas com deficiência:

> Os meus professores são formados pelo curso de instrutores da Federação Brasileira de Jiu-jitsu Paradesportivo. Eu treino na primeira academia certificada da minha região, isso traz uma tranquilidade imensa, no sentido de que a gente tá no caminho certo e estamos com as pessoas certas dentro da missão (ELIAS).

Por outro lado, Roberto aponta a dificuldade de estar inserido nos treinos do Jiu-jitsu devido à falta de preparo de seus professores:

> Até hoje ainda é muito difícil profissionais capacitados pra trabalhar com o Jiu-jitsu. eu vejo muita gente me falar sobre isso, de professor não sabe lidar, deixa um pouco de escanteio o atleta, né? E você se sente deslocado ou inferiorizado, desprezado. Enfim, acho muito importante você ter um conhecimento de como trabalhar [...] (ROBERTO).

Winkle e Ozmun (2013) apontam que são diversos os trabalhos que consideram o despreparo que os professores possuem para trabalhar com as lutas para pessoas com deficiência. No caso do Jiu-jitsu Paradesportivo, a modalidade encontra ainda maior desamparo por se tratar de uma modalidade esportiva de combate que não é paralímpica, possuindo assim, menor representatividade no meio acadêmico e também nas oportunidades de oferecimento à população (KASUM; GLIGOROV; NASTASIC-STOSKOVIC, 2011; MOCARZEL, 2016). Além disso, como apontam Gonçalves et al. (2020), a institucionalização do Jiu-jitsu Paradesportivo ainda é muito recente, dessa maneira, estamos em um momento de formação dos primeiros profissionais capacitados para ensinar e difundir a modalidade. Além disso, por esses mesmos fatores, os nossos participantes ainda relatam que é muito difícil encontrar patrocinadores que se interessem a investir em atletas dessa modalidade.

A difusão da modalidade também se apresenta como necessária e urgente. Essa questão se tornou presente no discurso de nossos participantes, que em diversos momentos, antes de ingressaram na modalidade, consideravam inviável ou até mesmo impossível que uma pessoa com deficiência pudesse estar presente no ambiente do Jiu-jitsu de forma ativa. Como é expresso por Marcos:

> Quando eu me tornei uma pessoa com deficiência, é... eu não me imaginava estar aqui. Estar praticando alguma atividade física. E aí... me abriu essa oportunidade e eu aproveitei. Então... usei e permiti usar do Jiu Jitsu pra poder é... sair da depressão, sair daquele coisa ruim que eu tava, pra poder... responder as minhas questões, que eu mesmo tinha comigo: Será que eu posso? Será que eu vou conseguir? Como que vai ser a partir de agora? Como que as pessoas vão me ver, né? Será que eu vou me tornar dependente de alguém? Será que é possível é... sei lá, ir no supermercado? Será que eu vou conseguir... é... sabe, fazer as coisas que eu fazia no meu dia a dia. E isso foi acontecendo, cada coisa no seu tempo, né? (MARCOS).

8.3 O Jiu-jitsu Paradesportivo

Finalmente chegamos no tópico em que iremos reunir as concepções dos participantes acerca da modalidade no que diz respeito ao significado que o Jiu-jitsu apresenta na vida de cada um destes.

Para Elias e Leandro, nossos participantes com deficiências congênitas, o esporte adaptado sempre foi parte integrante de suas rotinas. É interessante notar o relato de Marcos, que nos conta que antes de seu acidente de moto, que levou à amputação de uma de suas pernas, não possuía interesse na modalidade, relacionando-a com brigas e como algo que jamais praticaria antes de sua lesão:

> Sobre o Jiu-jitsu, eu ouvia dizer porque eu tenho um primo que é praticante, mas assim, nunca dei importância e nunca pratiquei de verdade esporte nenhum. A luta, a arte marcial, pra mim era uma coisa assim, sem chance nenhuma de eu me envolver, que eu não gostava de briga, dessas coisas assim e não queria me machucar, né? (MARCOS).

Por fim, Roberto é o único dos participantes que praticava o Jiu-jitsu antes da deficiência, mas com um fim externo à modalidade, também associado a violência:

> [...] nessa época eu ainda usava a luta da maneira errada, pra brigar, pra ser o cachorro louco, né? Na época, na torcida organizada, meu apelido era Roberto Pitbull e eu treinava Jiu-jitsu com esse fim, de ser o brigão, de ser o valentão. Eu comecei no Jiu-jitsu pra brigar, eu queria ser o "brabão". E foi assim até o dia que eu tomei o tiro, né? E meu mestre falava direto: "velho, para de brigar (ROBERTO).

Apesar das motivações distintas, foi possível perceber que após engajarem na prática do Jiu-jitsu Paradesportivo, nossos participantes passaram a considerar a modalidade como um estilo de vida. Essa tendência fica evidenciada no significado que os mesmos denotam ao Jiu-jitsu. A seguir, trazemos trechos dos relatos de Elias e Roberto, respectivamente:

> O Jiu-jitsu pra mim, hoje é... basicamente tudo. Posso dizer tranquilamente que é a minha vida, porque quem pratica o Jiu-jitsu, independente se é competidor ou não, sabe que se você pisou no tatame, você vai ficar sempre nele. É uma parada viciante mesmo (ELIAS).

> O Jiu-jitsu pra mim é vida. É qualidade de vida em todos os quesitos. O Jiu-jitsu muda a vida, pode ser o seu caminho profissional, pode ser a sua qualidade de vida. Eu sem Jiu-jitsu, não sou nada, a falta dele em 2020 quase me levou a uma depressão [...]. Ser um praticante de Jiu-jitsu é você ser um ser humano melhor porque como eu falei, vejo o Jiu-jitsu como um estilo de vida (ROBERTO).

Em diversos momentos, nossos participantes demonstram a mudança de vida que o Jiu-jitsu Paradesportivo trouxe para os mesmos. O acolhimento recebido por parte da comunidade que já praticava essa modalidade se mostrou um elemento de muita importância para a permanência nesse espaço. O reconhecimento recebido após se tornarem paratletas é um tema comun entre os relatos:

> É, então ser reconhecido por... já fui campeonato que eu só estava indo assistir e por ter vídeos meus lutando aí pelo, pelas redes sociais o pessoal fala: "Ah, você que é o Leandro? Participou do tal campeonato e tal, tal, tal?" "Sou, sou eu mesmo." "Posso tirar uma foto?", aí eu vou lá, tiro foto, converso um pouco com as pessoas, então, tipo, isso é legal né? Você ter esse reconhecimento [...] (LEANDRO).

> Meu irmão, eu me orgulho muito porque é gostoso de ser reconhecido, sabe? Esse é o significado de ser um... um paratleta. Você é reconhecido em qualquer competição que você vai. Você chega lá, você vê aquele cara que você competiu, que você viu numa competição a dois meses atrás, a um mês atrás. "Ô, meu irmão, tá aqui de novo?" Aí você vê o cara de novo, daqui a dois, três meses, você vê ele de novo. Depois você vê ele de novo... se torna uma família e isso é muito significativo. Você cria um vínculo de amizade e de respeito e de família. A pessoa vê que você talvez constrói uma referência (MARCOS).

Dentre os relatos, a disciplina foi fortemente relacionada como um ponto importante durante a prática, emergindo em todas narrativas e sendo associada como uma filosofia marcial. A exemplo disso, trazemos a fala de Marcos e Leandro, respectivamente:

> O Jiu-jitsu é uma filosofia incrível. Você pode entrar aqui e achar que vai aprender a ser um brigão, às vezes a pessoa tem outra ideia do Jiu-jitsu, não é assim, o Jiu-jitsu é uma filosofia (MARCOS).

> A educação é você respeitar o mais graduado, o menos graduado, você cumprimenta o tatame na hora de entrar, na hora de sair, pede autorização para ir tomar água. Então acho que é a disciplina do Jiu-jitsu, é muito educativa (LEANDRO).

No caso de Roberto, foi com a prática do Jiu-jitsu Paradesportivo que nosso participante altera sua motivação para estar inserido nesse contexto. Apesar das dificuldades enfrentadas, é através de sua iniciação na modalidade paradesportiva, que Roberto rompe com sua identidade de torcedor organizado que utilizava o Jiu-jitsu convencional em brigas, para assumir a identidade de atleta de Jiu-jitsu Paradesportivo, alterando radicalmente suas motivações:

> O ParaJiu-jitsu pra mim foi uma mudança de torcedor organizado pra atleta, sabe? Eu não tô dizendo que o torcedor organizado não faz parte da sociedade, mas eu tava...me ressocializando porque a gente sabe que dentro da torcida organizada existem as rivalidades, existem alguns problemas e que acaba sendo marginalizado, todo mundo. Então, até pra minha própria família, eu precisava que mostrar um outro perfil naquele momento. Então eu procurei o esporte que eu amava, eu já tava sendo inserido pra viver minha vida através daquilo (ROBERTO).

De forma geral, ao se depararem com outras pessoas com deficiências semelhantes em campeonatos, nossos participantes encontram a possibilidade de criar uma identidade de atletas de Jiu-jitsu Paradesportivo. Nesse contexto, a competição atua como forte elemento motivador nesta construção. Roberto demonstra o interesse pela competição como um ambiente de desafio:

> Até me emociono, às vezes, de falar disso, porque foi um momento muito importante pra mim, ali, né? Você se sentir capaz de estar de novo competindo dentro do tatame, eu chorei até na posição de começar a luta. Eu fiz duas lutas, perdi as duas (risos), mas sai muito feliz, cara. Feliz demais por estar ali competindo, por estar voltando. E eu sai do tatame vendo que ali existia uma realidade, né? Eu vou adaptar meu jogo e voltar e lutar de novo. Então no meu primeiro campeonato em 2019, eu chorei muito, fiquei muito emocionado mesmo, de poder estar ali, treinando, lutando, né? Existindo uma classe funcional pra você. Você ter que treinar, fazer dieta, trabalhar seu condicionamento físico. Você tá ali de maneira competitiva, você é um atleta, apesar

> das coisas. Então isso pra mim, foi muito...gratificante como pessoa, sabe? (ROBERTO).

Um elemento relacionado com as competições e a identificação como paratleta, se dá pelo reconhecimento recebido através da participação em tais eventos. Essa noção é reiterada pelas amizades criadas nesses espaços. Marcos e Leandro levantam essas questões:

> Eu me orgulho muito de ser um paratleta porque é gostoso de ser reconhecido, sabe? Esse é o significado de ser um paratleta. Você é reconhecido em qualquer competição que você vai. Você chega lá, você vê aquele cara que você competiu, que você viu numa competição a dois meses atrás, a um mês atrás. Aí você vê o cara de novo, daqui a dois, três meses. Assim a gente se torna uma família e isso é muito significativo. Você cria um vínculo de amizade e de respeito e de família (MARCOS).

> Hoje em dia eu sou bem conhecido pelo Jiu-jitsu. Acho importante fazer amizade, independente de equipe, o que vale mais é a amizade entre os paratletas. Quando chega a hora da competição é sem amizade. Depois do tatame, já era, todo mundo é amigo (LEANDRO).

Outro ponto de relevância no contexto das competições é expressado por Leandro no trecho:

> Uma das melhores experiências que eu tive, foi viajar pra outro estado pra fazer uma luta de *no-gi*[5]. Foi uma experiência muito boa. Peguei minha mochila, joguei nas costas, peguei o ônibus, viajei por umas 15 horas pra chegar lá. Foi tipo uma experiência muito louca para mim, foi uma das primeiras viagens que eu teria que me virar sozinho e estava indo pra lutar. Eu conheci a cidade inteira, foi muito legal. O pessoal me tratou super bem também. Você ter esse respeito, pra mim valeu demais (LEANDRO).

Através de seu relato, é possível notar que os elementos extrínsecos ao Jiu-jitsu também fortalecem o engajamento com a modalidade. Neste caso, podemos nos apoiar nas ideias dos primeiros teóricos do Modelo Social de deficiência (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020) para entender que uma das melhores experiências de Leandro, foi a oportunidade de experienciar a independência durante uma viagem para competir.

Outro ponto alinhado à crítica feminista ao Modelo Social de deficiência e que recebeu destaque nos discursos dos participantes deste estudo, diz respeito ao fato de que os mesmos assumem um papel de ativismo entre as comunidades em que estão inseridos. Essa noção pode ser encontrada nos relatos de Marcos e Roberto respectivamente:

> A pessoa vê que você talvez constrói uma referência. Foi só... "eu vi você começar, que bom que você tá aqui até hoje." Então você se torna uma referência. Esse é o grande significado, é o que a gente busca. Não é... centenas de medalhas ou de troféus que você consegue pela... pela carreira, não. É o reconhecimento de que você continuou. Triste quando você sabe, como já aconteceu, de algum atleta ou paratleta que desistiu no meio do caminho, entendeu? Não desistiu do... ele realmente desistiu de viver. Isso é triste, e isso acontece, entende? Como acontece com pessoas comuns, que é muito triste ver isso. E a gente, nós, deficientes, lutamos contra isso também, como eu disse, a nossa luta não começa na hora do esporte, nossa luta começa desde a hora que a gente acorda até a hora da gente ir dormir (MARCOS).

[5] Prática do Jiu-jitsu sem quimono.

> E a diferença pro atleta do ParaJiu Jitsu é só que ele tem uma obrigação de...de servir de exemplo a mais, não só para uma sociedade, mas para uma classe específica, que a pessoa com deficiência...para que outras pessoas venham a entender e tenham uma vida melhor, tanto fisicamente como psicologicamente (ROBERTO).

De acordo com Garland-Thomson (2011), esse é um domínio da teoria feminista que é expandido nos estudos da deficiência.

Mudar a maneira com que a deficiência é entendida e como a pessoa com deficiência é encarada e representada pela sociedade é um árduo processo, mas se alinhado a avanços legislativos, econômicos e sociais, auxiliam na busca pela equidade. E como aponta Garland-Thomson (2011), essa mudança de perspectiva pode ocorrer através de uma ressimbolização cultural da deficiência.

Dessa forma, o tipo de ativismo encontrado nos relatos de nossos participantes refere-se à representação dos mesmos enquanto modelos de pessoas com deficiência em atividades que por muitas vezes não são associadas a essa população. Assim, o uso das mídias sociais para difundir a representação da deficiência como um espaço de possibilidade e experiência familiar presente no cotidiano, se expressa em diversos momentos, como é apontado por Leandro e Roberto, respectivamente:

> Às vezes a gente grava a posição, às vezes gente esquece. Eu sempre o *Instagram* para mostrar o que eu faço (LEANDRO).

> Eu uso muito, gosto de usar minhas mídias sociais pra que outras pessoas com deficiência se espelhem e corram atrás. Que não seja o Jiu-jitsu, mas que seja outra atividade física (ROBERTO).

Esse tipo de representação em mídias sociais, inclusive, foi um dos fatores motivantes para o início da participação de Elias no Jiu-jitsu, que ao saber da existência de outras pessoas com o mesmo tipo de deficiência que a sua, se interessou pela modalidade:

> Enfim, um dia estava nas redes sociais e vi um vídeo de um paratleta daqui da minha cidade, que já estava treinando ParaJiu-jitsu. Eu vi a postagem dele e cheguei até a Federação Brasileira de ParaJiu-jitsu. [...] Então vi outros paratletas e encontrei pessoas também com mielo ou com deficiências semelhantes à minha, e isso me deu um *start*, tipo: "poxa, se já tem gente treinando, competindo no ParaJiu-jitsu com a válvula, por que não tentar? Não dar uma oportunidade para mais essa missão? (ELIAS).

Como aponta Garland-Thomson (2011), esse tipo de representação de pessoas com deficiência em diferentes espaços, aparentando estarem felizes ou serem bem-sucedidas, podem auxiliar na construção da identidade da pessoa com deficiência, uma vez que passem a entender a deficiência como um dos elementos constituintes de sua identificação, ao invés de tentar negá-la, suprimi-la ou escondê-la.

8.4 Eu adapto meu "jogo"

Apesar das limitações no trato didático-pedagógico, é de relevância notar a relação entre nossos participantes e seus professores durante as aulas. Essa relação é expressa pelas narrativas e apresentam alguns pontos em comum, entre eles: em geral, os treinos não sem divididos entre pessoas com ou sem deficiência. Dessa forma, a adaptação das técnicas emerge como ferramenta frequente nesse processo, sendo que a pessoa com deficiência apresenta certa autonomia para adaptar o conteúdo de acordo com suas potencialidades físicas. Essa tendência pode ser identificada nos relatos de Elias e Leandro, respectivamente:

> Eu treino junto com os atletas convencionais, no treino de competição. A gente adapta ou tenta adaptar mais próximo possível das técnicas convencionais. Eu busco fazer todas as técnicas, [...] busco adaptar do meu jeito, e sinto que meu o professor tem um olhar clínico pra adaptação, porque todo treino ele passa a técnica convencional já sabendo como vai adaptar aquela técnica pra mim. Ele já vem do meu lado sabendo o que eu vou fazer, como que eu vou fazer. Eu fico muito feliz em estar rodeado de pessoas com essa visão (ELIAS).

> Eu tento treinar normalmente com o pessoal *normal*, se eles treinam um golpe que eu vejo que não consigo fazer, eu vou tento adaptar ou meu professor vai e adapta para mim. É que hoje em dia, com a minha graduação, eu consigo já entender bem o meu corpo, consigo adaptar sozinho (LEANDRO).

Um elemento de muita importância refere-se à existência da classificação funcional no Jiu-jitsu Paradesportivo. Vale salientar que este trabalho foi pautado na institucionalização da modalidade proposta pela Federação Brasileira de Jiu-Jitsu Paradesportivo (FBJJP).

Nas competições organizadas por essa federação, as categorias apresentam divisão por idade, graduação (faixa), peso e classe funcional. De acordo com a própria federação, para a realização de uma determinada categoria, espera-se reunir pelo menos 3 atletas contemplados pela mesma. Entretanto, quando não é possível chegar a esse número de participantes em um evento, a federação pode agrupar categorias para a realização da competição. Esse agrupamento pode ser entre diferentes classes funcionais, categorias de peso ou graduação, não havendo agrupamento entre faixas etárias (FBJJP, 2023). Para exemplificar, se em um campeonato existem 2 atletas da classe B1 (deficiência visual total), peso médio, faixa azul e categoria adulto, enquanto há apenas 1 atleta na classe B3 (deficiência visual subnormal), peso meio-pesado, faixa branca e categoria adulto, os atletas serão agrupados em uma mesma categoria para a realização da competição.

Com relação aos pontos positivos relacionados a classe funcional do Jiu-Jitsu Paradesportivo, Roberto e Marcos, respectivamente:

> Na Federação Brasileira (FBJJP) a classe funcional é a melhor que eu já vi [...]. Eles fizeram estudos científicos, estudaram muito pra fazer as classes funcionais. Já teve competição pra caramba e não teve um caso de lesão em competição. Tem um ou outro que se machuca ali, que pega uma chave de uma vez, pode machucar, mas, as

> lutas são tão bem casadas, as classes são tão bem organizadas que até hoje não teve um caso de lesão grave ou de comprometimento por condição física do atleta, sabe? (ROBERTO).

> Então pra eu chegar na fase de entender que quando eles planejam toda essa estrutura, quando eles planejam toda essa maneira de casar as lutas[6], criar uma chave de três, quatro, seis lutadores, eu acho aquilo incrível. Pra mim, como eu disse, muitas vezes a luta começa fora do tatame e a deles não é diferente. Então é admirável (MARCOS).

Além desses pontos em comum, Leandro e Elias também reforçam a diferenciação na pontuação entre as classes funcionais, denotando a importância que essas adaptações nas regras podem causar no resultado das lutas:

> Hoje em dia a classe funcional está bem mais certa do que de quando eu comecei. Eu já fiz muitas lutas com paratletas que começavam a luta em pé, pra mim isso já era uma grande desvantagem. Hoje eu começo com alguém que já começa sentado, pode ter mais mobilidade com o braço ou quadril, mas aí a luta fica um pouco mais justa por começarmos sentados (LEANDRO).

> Na minha categoria, na N e na K, eu sou obrigado a começar a luta ou sentado ou de joelho, eu não posso iniciar a luta em pé, mas entre as modalidades (paradesportivo ou convencional) não existe diferença nenhuma, tanto que nas competições o tempo da luta é o mesmo, o é o mesmo dos atletas convencionais, é tudo igual. A principal diferença são as adaptações de cada classe funcional (ELIAS).

Apesar dos pontos positivos, os participantes também mostram descontentamento com as classes funcionais em determinados momentos. Leandro e Marcos apontam que:

> É difícil ter atletas com mobilidade parecida com a minha. Então, muitas vezes eu compito com algumas desvantagens, mas dou meu melhor no tatame [...]. Sempre tem algo a melhorar na organização do Parajiu-jitsu. Por exemplo, nas classes funcionais, às vezes vai ter luta que vai ser mais desvantajosa, mas por não ter muitos paratletas com a mesma deficiência. Você pode lutar com alguém com mais mobilidade, com uma outra deficiência. No começo eu ligava mais pra isso, hoje em dia eu entro no tatame e luto com quem aparecer (LEANDRO).

> Antes eu achava muito injustas as lutas do Para Jiu-jitsu, mas vejo que eles buscam sempre uma igualdade, senão uma proximidade de uma igualdade. Então pra mim é tranquilo. Do jeito que vai, é natural (MARCOS).

Como é possível perceber pela fala de Leandro, não é incomum que ocorra o agrupamento de diferentes subclasses para a realização de competições de Jiu-jitsu Paradesportivo. Como já citado anteriormente, em campeonatos oficiais da Federação, é necessária a presença de ao mesmo 3 atletas de uma mesma categoria para sua realização. Ao levarmos em conta que a modalidade propõe 28 classes funcionais, além das divisões de peso e faixa para caracterização de uma categoria para as competições, pode-se esperar que as categorias contem com poucos atletas. Isso pode afetar a experiência de competição para aqueles de subclasses voltadas para participantes com maior grau de comprometimento. Isso explica a fala de Marcos, que considerava as lutas injustas com frequência, já que

[6] Agrupar paratletas para uma competição.

corriqueiramente existe a necessidade de agrupar paratletas de categorias distintas. Contudo, entendemos a ideia proposta pela Federação em buscar contemplar um maior número possível de deficiências em suas competições, porém, essas questões foram expressas e fazem parte da estrutura competitiva da modalidade.

Apesar de demonstrarem preocupação sobre as classes funcionais, nossos participantes apresentaram interesse em participar de competições da modalidade convencional. Para Elias:

> Competir no convencional, pra mim, é a quebra de um tabu, porque quando eu comecei, eu imaginava que não, eu tenho deficiência, só vou lutar contra pessoas que também tem deficiência. Foi então que eu vi paratletas que também participam de competições no convencional e isso me motivou a tentar me testar. É claro que eu tomo alguns cuidados, em eventos muito grandes eu não me arrisco, mas em eventos regionais é mais acessível, no sentido de se fazer essa participação com mais tranquilidade (ELIAS).

Já para Marcos:

> Fazer uma luta no que chamamos de convencional, que seria lutar com pessoas sem deficiência, é uma prova. É mais um desafio, já que a pessoa vai utilizar de toda mobilidade que ela tem contra a sua mobilidade reduzida. Exatamente isso, é um desafio (MARCOS).

Mais uma vez, podemos utilizar o modelo das minorias (WATSON; VEHMAS, 2020) para entender essa dinâmica, uma vez que a pessoa com deficiência está a ocupar um espaço em que suas capacidades físicas estão em pauta. Contudo, como aponta Garland-Thomson (2011), a representatividade desses corpos considerados como “os outros” em diferentes espaços, pode ser benéfica para a mitigação das opressões encaradas pelas pessoas com deficiência.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível identificar elementos que nos auxiliam a entender a caracterização da identidade de uma pessoa com deficiência e atleta de Jiu-jitsu. Os eixos temáticos abordados facilitaram a identificação das concepções trazidas pelos participantes acerca do fenômeno estudado. Foi possível relacionar tais subjetividades à teoria que fundamenta o presente estudo, o Modelo Social de deficiência.

Ademais, pautando-nos nos referenciais teóricos que compõem estre trabalho e relacionando-as com as experiências vividas e contadas por nossos participantes, tornou-se manifesto que na contemporaneidade a pessoa com deficiência é oprimida de diversas formas. Tal opressão ocorre nas suas mais distintas formas e camadas, desde a inviabilização de seu acesso à espaços físicos até o despreparo que profissionais apresentam para trabalhar com pessoas que fogem ao padrão de normalidade.

Apesar dessas barreiras ainda existirem, através da reflexão sobre esse trabalho em consonância com os referenciais teóricos abordados, foi possível entender que o Jiu-jitsu Paradesportivo pode ser concebido como um espaço de potencialidades para a pessoa com deficiência. A modalidade se mostra como um âmbito muito rico e que possui plenas condições de expansão, mas que ainda carece de atenção por parte da comunidade que pratica a modalidade convencional.

Na lógica interna do Jiu-jitsu Paradesportivo, através deste estudo, em especial pelos relatos de nossos participantes, foi possível compreender que a capacitação profissional emerge como principal elemento para possibilitar a prática segura e prazerosa para a pessoa com deficiência. O professor assume um importante papel quando consegue abordar os conteúdos específicos da modalidade através de estratégias pedagógicas adequadas para seu público, a fim de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem pautado nas potencialidades de seus alunos.

Esse processo deve acontecer de forma contínua durante as aulas e independentemente de se tratar de alunos com deficiência ou não, acontece de forma individualizada. Contudo, nossos participantes apontam as dificuldades encaradas para conseguirem aprender e estarem inseridos na modalidade. Dessa forma, nos parece notável que grande parte dos profissionais que ensinam o Jiu-jitsu, não estão aptos para lidar com pessoas com deficiência em suas aulas.

Essa falta de preparo não se mostrou unicamente relacionada aos processos de ensino-aprendizagem dessa modalidade. Pelos relatos dos participantes do estudo, foi possível

perceber a discriminação encarada pela pessoa com deficiência. Assim, antes mesmos de propostas pedagógicas, tornou-se evidente a urgência da compreensão da deficiência como elemento constitutivo da identidade dos sujeitos. O capacitismo se expressa como barreira primária que dificulta o acesso da pessoa com deficiência para a prática do Jiu-jitsu. É através de uma concepção normativa de corpo, que a pessoa com deficiência é subjugada e afastada dos espaços de treino. Obviamente, como demonstrado nos relatos, as dificuldades referentes à acessibilidade física dos locais também se mostram como um impedimento expressivo, mas é necessária uma compreensão mais aprofundada sobre esse fenômeno para entendermos as raízes dos impedimentos encarados pela pessoa com deficiência.

A espetacularização do corpo com deficiência em uma academia de Jiu-jitsu, como a que foi contada por Roberto, demonstra a maneira que a sociedade enxerga um corpo com lesões corporais e subjuga os espaços que essas pessoas deveriam ocupar. Nessa lógica, o tatame não seria para esses corpos. Neste estudo, tornou-se perceptível que a própria comunidade do Jiu-jitsu cria um estereótipo ideal para o praticante da modalidade. Esse mesmo, seria retratado como o "casca grossa", intimamente relacionado a figura dos "Pitboys"[7], muito difundida pela mídia nacional na década de 1990. Com isso, o estereótipo do praticante de Jiu-jitsu, nos dias atuais, ainda figura na imagem de um homem de meia ideia com aptidões físicas fabulosas, muita força física e sempre preparado para confrontos. Todas aquelas pessoas que fogem desse perfil, ainda estão as margens da modalidade, como: pessoas com deficiência, mulheres, idosos, crianças.

Através de tais inquietações, podemos entender que é necessária uma mudança de paradigma para entendermos que o Jiu-jitsu é um fenômeno que pode contemplar pessoas para além desse estereótipo apresentado. Ainda que voltada para uma lógica de mercado, podemos ver que apesar desse estigma, se compararmos o perfil dos praticantes da modalidade nos anos 1990 para os dias atuais, percebemos a preocupação das grandes escolhas em acolher uma gama maior de pessoas. Com isso, propostas de ensino voltadas especialmente para crianças começaram a ser mais frequentes. A presença feminina passou a ser mais expressiva, contando também com turmas exclusivas para mulheres. Além de adaptações de treino para pessoas idosas. Contudo, a pessoa com deficiência ainda permanece às margens da prática e a democratização do Jiu-jitsu esbarra em tais questões capacitistas.

Dessa maneira, a formação adequada para lidar com tal público se tornou evidente e foi possível perceber que se trata de um conteúdo que deve estar presente na formação desses

[7] Indivíduos que faziam uso das Artes Marciais, em especial do Jiu-jitsu, para o envolvimento em brigas e confusões.

professores. Entendemos que o currículo dos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física, através de um catálogo que proporcione o contato com disciplinas que abordem o esporte adaptado, proporcionam algumas noções básicas de muito valia. Além disso, considerando que tais profissionais possuam conhecimento técnico da modalidade, ou seja, do repertório específico do Jiu-jitsu, é necessário também que os professores busquem acessar as propostas pedagógicas oferecidas por federações, como em cursos de capacitação, entre outros. Apesar dessas formações ainda serem muito escassas, foram abordadas por nossos participantes como parte importante do processo de ensino-aprendizagem do Jiu-jitsu Paradesportivo, que ainda se apresenta em um processo de estruturação. Dessa forma, até mesmo tais capacitações devem ser frequentemente revistas e avaliadas para que estejam atualizadas e que sejam condizentes com as necessidades reais de seu público.

Contudo, em um cenário ideal em que ocorra um preparo profissional adequado aos professores de Jiu-jitsu, e associando suas práticas com as concepções propostas pelo Modelo Social de deficiência, a modalidade pode ofertar um espaço de "superação da inclusão", uma vez que a deficiência não precisaria ser entendida como uma desvantagem, comparada aos corpos sem lesão. Para exemplificar esse cenário de "superação da inclusão", podemos imaginar uma aula de Jiu-jitsu, entendendo que as pessoas inseridas neste espaço apresentam características e potencialidades distintas, independentemente da deficiência. Dessa maneira, podemos imaginar que um dos alunos pode ter facilidade com certo conjunto de técnicas por possuir grande flexibilidade de membros inferiores, enquanto seu colega de treino, com alguma lesão no joelho, precise criar algumas adaptações para executar os mesmos conjuntos de técnicas, ou caso não consiga realiza-las, opte por outras técnicas tão eficientes quanto as primeiras. Tal raciocínio também vale para a pessoa com deficiência, que deve explorar as potencialidades de seu corpo como qualquer outro aluno, em especial, porque cada corpo é único e apresenta suas próprias possibilidades.

Nos relatos abordados neste trabalho, os participantes demonstram a vontade de participarem de eventos do Jiu-jitsu convencional. Em boa parte dos casos, nos é dito pelos próprios paratletas que, muitas vezes, no contexto da luta, a deficiência não se apresenta como uma desvantagem. Inclusive, pode ser um fator surpresa para aplicação de uma determinada técnica que proporcione uma vantagem durante a luta. Para exemplificar esse conceito, imaginemos um paratleta com uma amputação de membro inferior lutando contra um adversário da modalidade convencional. À primeira vista, o paratleta pode aparentar estar em desvantagem, tendo o lado de sua amputação mais exposto a investidas por parte de seu adversário. Com isso, se pensarmos no cenário da luta, podemos imaginar o atleta da

modalidade convencional focando seus ataques sobre o suposto ponto fraco de seu adversário. Contudo, através de adaptações de técnicas para sua especificidade, o paratleta pode estar preparado para contra-atacar diferentes tipos de investidas com um amplo leque de técnicas eficientes. Dessa maneira, o paratleta pode estar estrategicamente mais preparado que seu oponente, que pode não estar habituado a lutar com pessoas com corpos que fogem do dito "padrão de normalidade".

Essa mudança de paradigma pode ser apoiada nos próprios relatos de nossos participantes, que já estão acostumados a treinar com pessoas sem deficiência e a ter autonomia para a adaptação de técnicas. Tal conceito de adaptação é inerente à existência ou não de deficiência.

Ao nos apoiarmos em Garland-Thomson (2011), a autora afirma que todo corpo necessita de cuidado ao longo da vida. Dessa forma, adaptações e cuidados se expressam de diferentes maneiras para os mais variados tipos de corpo, que independentemente da deficiência, apresentam múltiplas formas de potencialidades e limitações. Essa noção pode ser transferida ao âmbito das academias, em especial para os indivíduos que apresentam maiores restrições de mobilidade, já que também apresentam suas potencialidades e através das adaptações necessárias, podem também fazer uso de certos conjuntos técnicas para que usufruam da modalidade bem como seus pares.

Além disso, neste trabalho também foi possível perceber que apesar dos avanços alcançados pelo Modelo Social de deficiência, as concepções criadas e fomentadas a partir de uma noção pautado no Modelo Médico são ainda muito frequentes na nossa sociedade atual, influenciando o entendimento que a própria pessoa com deficiência tem sobre a deficiência. Nesse contexto, reitera-se a importância dos avanços no campo dos Estudos da Deficiência para compreender tal cenário, destacando-se nesta análise a crítica feminista ao Modelo Social (DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

Por fim, notou-se a importância da participação da pessoa com deficiência nos mais diversos espaços possíveis. No contexto do Jiu-jitsu Paradesportivo, ficaram evidenciados os efeitos positivos de uma gestão composta por pessoas com deficiência. Mesmo sem apresentar os conhecimentos conceituais sobre os dois principais modelos de deficiência, nossos participantes demonstraram possuir orgulho do Jiu-jitsu Paradesportivo enquanto movimento fomentado e gerido por pessoas com deficiência. Podemos entender que tal sentimento é advindo através da questão da representatividade que esses indivíduos conseguem encontrar nesse espaço, o que nos remente diretamente ao lema: "*Nada sobre nós, sem nós."*

Com isso, reitera-se a noção de que o Jiu-jitsu Paradesportivo possa se concretizar como um espaço de "superação da inclusão", tanto dentro das academias quanto no âmbito institucional, ao contar ativamente com pessoas com deficiência na sua construção e manutenção. Apesar de ainda ser uma modalidade muito recente, nos parece evidente o potencial de crescimento que o Jiu-jitsu Paradesportivo apresenta e é possível acreditar que, de acordo com os relatos analisados, a qualidade de vida dos atletas apresenta considerada melhoria, seja nos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Dessa maneira, espera-se que tal trabalho possa contribuir para o desenvolvimento do Jiu-jitsu Paradesportivo e do acesso a práticas físicas para pessoas com deficiência, ao alocarmos os holofotes da pesquisa naqueles indivíduos que ajudam a constituir a modalidade, os paratletas. Através de seus relatos, podemos entender tal modalidade como um espaço de potência, mas sem fechar os olhos para as questões que podem dificultar seu crescimento e qualidade, como já abordado no tópico "o Jiu-jitsu negado".

Assim, através dessas reflexões e das próprias demandas advindas dos praticantes da modalidade, concluímos este estudo alertando sobre a necessidade de se desenvolver mais pesquisas que se aprofundem no contexto do Jiu-jitsu Paradesportivo, compreendo-o como um fenômeno complexo e em pleno crescimento. Damos atenção, principalmente, para trabalhos que possam contribuir para uma maior difusão da modalidade, como através de propostas pedagógicas e de capacitações profissionais que estejam alinhadas ao Modelo Social de deficiência.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. M. A relação entre as artes marciais e lutas das academias e as disciplinas lutas dos cursos em educação física. **Lecturas, Educación y Deportes**, Buenos Aires, Año 14, n.139, Deciembre, 2009.

ANTUNES, M. M. As Artes Marciais Chinesas Para Pessoas Com Deficiência : Contextos , Dilemas E Possibilidades Chinese Martial Arts for People With Disabilities : Contexts , Dilemmas and Possibilities. 2013.

ANTUNES, M. M.; ALMEIDA, J. J. G. Artes Marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da educação física reflexões e possibilidades. **Curitiba: CRV**, 2016.

ANTUNES, Marcelo Moreira et al., Lutas para pessoas com deficiência: Uma possibilidade de intervenção na Educação Física. **Corpoconsciência**, p. 107-116, 2017.

BAMPI, L.; GUILHEM, D.; DORNELLES, A. E. Modelo social : uma nova abordagem para o tema deficiência. **Revista Latino-Am. Enfermagem Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 1–9, 2010.

BARREIRA, C. R. A. The essences of martial arts and corporal fighting: A classical phenomenological analysis. **Archives of Budo**, v. 13, n. 2012, p. 351–376, 2017.

BISOL, C. A.; PEGORINI, N. N.; VALENTINI, C. B. Pensar a Deficiência a Partir Dos Modelos Médico, Social E Pós-Social Thinking About Disability Considering the Medical, Social and Post-Social Models Pensar La Discapacidad a Partir De Los Modelos Médico, Social Y Pos-Social. p. 87–100, 2017.

CAMPBELL, Fiona. **Contours of ableism: The production of disability and abledness.** Springer, 2009.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

CORRENT, N. DA ANTIGUIDADE A CONTEMPORANEIDADE: A DEFICIÊNCIA E SUAS CONCEPÇÕES | Revista Científica Semana Acadêmica ISSN 2236-6717. 2016.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. 1. ed. Tatuapé, São Paulo, Brasil.: Brasiliense, 2007.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. DOS. Deficiência, direitos humanos

e justiça. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, p. 64–77, 2009.

_____. **O processo civilizador:** Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FBJJP – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU PARADESPORTIVO. < https://fbjjp.org.br/categorias-competicao?lang=pt-br> acessado em: 20/08/2022.

FERREIRA, D. A. C. F. et al. Benefícios físicos e psicológicos adquiridos por praticantes de Jiu jitsu. **Revista Diálogos em Saúde**, v. 1, n. 2, p. 64–84, 2018.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. spe, p. 67–81, 2011.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, p. 115-127, 2018.

GARLAND-THOMSON, R. **Feminist Disability Studies**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2011.

GESSER, M. et al. **Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social Related papers ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA anticapacitismo e emancipação social**, 2020.

GONÇALVES, LUIS C. O.; NETO, ANIBAL MONTEIRO DE MAGALHÃES; LOPES, JAQUELINE S. S.; VERLI, M. V. DE A. **the History of the Jiu-Jitsu Para-Sport : Inclusion , Health , Education , and Performance**. n. March, 2020.

GUIMARÃES, F. DE M. Jiu-Jitsu Brasileiro. **Atlas do Esporte no Brasil / Atlas of Sport in Brazil**, p. 381–384, 2005.

HAROOTUNIAN, H. D.; SANSOM, G. A History of Japan, 1615-1867. **Journal of the American Oriental Society**, v. 84, n. 4, p. 442, 1964.

JÚNIOR, Mário Cléber Martins Lanna (Ed.). **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Presidência da República, Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promocão dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

KASUM, G.; GLIGOROV, S.; NASTASIC-STOSKOVIC, T. Combat sports for persons with disabilities. **Fizicka kultura**, v. 65, n. 1, p. 60–69, 2011.

LEVINSON, DAVID; CHRISTENSEN, K. **Encyclopedia of World Sport: from ancient times to the present**. Oxford University Press, 1999.

LUIGI, A. J. DE. **Adaptive Sports Medicine**. Springer, 2017.

MATSUNAGA, H. et al. Budo: The Martial Way of Japan. **Tokyo: Nippon Budokan**, 2009.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Rev. Bras. Educ. Fís.** Esporte, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, out./dez. 2009 citado por ANTUNES, M. M. As Artes Marciais Chinesas Para Pessoas Com Deficiência : Contextos , Dilemas E Possibilidades Chinese Martial Arts for People With Disabilities : Contexts , Dilemmas and Possibilities. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 1996.

MOCARZEL, R. C. DA S. Inclusão de pessoas com deficiência através das lutas e artes marciais. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, v. 11, n. 2, p. 70, 2016.

MOISES, R. R.; STOCKMANN, D. A pessoa com deficiência no curso da história: aspectos sociais, culturais e políticos. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, p. e20780, 2020.

NEPOMUCENO, M. F. **Apropriação no Brasil dos estudos sobre deficiência: uma análise sobre o modelo social**, 2019.

PAES, Roberto Rodrigues; GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva. Lutas, artes marciais e esportes de combate: reflexões a partir da pedagogia do esporte. **Artes marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da educação física: reflexões e possibilidades. Curitiba: Editora CRV**, p. 65-87, 2016.

PAULA, Cristiane Cardoso de et al. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, p. 468-472, 2014.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; GUTIÉRREZ-GARCÍA, C.; ESCOBAR-MOLINA, R. Terminological recommendations for improving the visibility of scientific literature on martial arts and combat sports. **Archives of Budo**, v. 7, n. 3, p. 159–166, 2011.

RATTI, Oscar; WESTBROOK, Adele. Segredos dos samurais: as artes marciais do

Japão feudal. **São Paulo: Madras**, 2006.

RODRIGUES, J. V. DE M. S. et al. Jiu-Jitsu Brasileiro: Notas Sobre a Transposição da Arte Marcial para o Esporte Espetáculo - Brazilian Jiu-Jitsu: Notes on the Transposition of Martial Art for Sport Spectacle. **Arquivos de Ciências do Esporte Archives of Sport Sciences**, v. 6, n. 1, p. 11–14, 2018.

RUFINO, L.; DARIDO, S. O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. **… o Ensino de Gradua ção em Educação Física**, 2016.

SANSOM, George. **A History of Japan 1334–1615.** 1961.

SANSOM, George. **A History of Japan, 1615-1867**. Stanford University Press, 1963.

SANTOS, TALIANNE RODRIGUES; ALVES, FABIANA PAULINO; FRANÇA, INÁCIA SÁTIRO XAVIER; COUTINHO, BERTRAN GONÇALVES; JÚNIOR, W. R. DA S. Políticas Públicas Direcionadas Às Pessoas Com Deficiência: Uma Reflexão Crítica. **Revista Ágora**, v. 0, n. 15, p. 210–219, 2012.

SMITH, JONATHAN A.; FLOWERS, PAUL; LARKIN, M. **Interpretative Phenomenological Analysis**, 2009.

VASQUES, D. G. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e Sociedade**, v. 22, n. 8, 2013.

WATSON, N.; VEHMAS, S. **Routledge Handbook of Counter-Narratives**. Routledge, 2020.

WINKLE, J.M.; OZMUN, J.C. Martial arts: an exciting addition to the physical education curriculum. **JOPERD**, v. 74, n. 4, 2003

11. ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Homens com deficiência e LAMEC: A perspectiva de praticantes do Jiu-jitsu Paradesportivo

Nome dos responsáveis: Maria Luíza Tanure Alves, Allan James Moreira, João Castilho

Número do CAAE: 4872991.9.0000.5404.

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de seu consentimento, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, poderá consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar.

Justificativa e objetivos:

Esta pesquisa tem como objetivo entender o significado das Lutas para pessoas com deficiência para que assim esta prática possa ser melhor oferecida para esta população.

Procedimentos:

Participando do estudo, você está sendo convidado a participar de uma entrevista individual a fim de responder algumas questões sobre sua participação nas lutas, suas experiências e vivências na modalidade. O participante terá acesso as perguntas da entrevista apenas durante a aplicação da mesma.

Observações:

- O participante possui plena liberdade em não responder qualquer uma das questões trazidas durante a entrevista, o mesmo pode inclusive solicitar que sua participação

seja cancelada. O participante não sofrerá nenhum prejuízo ao tomar essa escolha.

- Você será abordado apenas uma vez, e caso não aceite participar da pesquisa, e-mails e convites online não serão mais disparados.
- Caso o participante desista de sua participação, o pesquisador se responsabiliza por enviar uma resposta ao mesmo, a fim de confirmar seu desligamento para com a pesquisa, assim como garantir o sigilo das informações obtidas até o momento e também o não-uso das informações coletadas.
- As entrevistas tem uma estimativa de duração de 30 a 90 minutos.
- As entrevistas em ambiente virtual terão áudio e vídeo registrados, em função da ferramenta disponibilizada pela plataforma. Após a entrevista, o pesquisador responsável receberá um e-mail com o conteúdo da videochamada. O mesmo se responsabiliza por deletar o conteúdo de seu e-mail e de outros tipos de armazenamento online, salvando as informações em um dispositivo eletrônico local, a fim de garantir a privacidade das informações obtidas
- As entrevistas serão agendadas de acordo com a disponibilidade do participante (data e horário). Após confirmação, o pesquisador se encarrega pelo envio do endereço eletrônico da videochamada para realização da entrevista através de email.
- Caso ocorra a instabilidade de sinal de internet por alguma das partes ou uma interrupção inesperada da entrevista online, a mesma poderá ser retomada em dia e horário combinados entre as partes.
- No dia e horário agendados para a entrevista, o pesquisador responsável irá retormar este termo de consentimento, lendo todo documento para o participante. Após confirmação de interesse por parte do participante, o pesquisador fará um registro em vídeo de sua anuência. Uma cópia dessa gravação será enviada por e-mail para o participante, com indicações para que o mesmo armazene essa gravação em dispositivo eletrônico seguro, já que trata-se de um arquivo que comprove sua participação na pesquisa.

Desconfortos e riscos:

Existe o risco de compartilhamento das informações com parceiros comerciais por parte da entidade responsável pela plataforma usada para entrevista, a fim de oferecer ofertas de produtos e serviços. Dessa forma, entende-se as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade sobre as informações das contas utilizadas para realização

das entrevistas online.

A pesquisa não apresenta outros riscos previsíveis, mas caso sinta algum desconforto durante a realização da entrevista, você pode interromper sua participação a qualquer instante.

Benefícios:

Não há benefícios diretos aos participantes da pesquisa.

Acompanhamento e assistência:

O pesquisador se responsabiliza pelo acompanhamento dos participantes durante a pesquisa, prestando assistência imediata e integral, estando disponível para esclarecimentos sobre a mesma, antes, durante e depois da aplicação da entrevista.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Apesar desse protocolo de segurança, existe o risco de compartilhamento das informações com parceiros comerciais por parte da entidade responsável pela plataforma, a fim de oferecer ofertas de produtos e serviços. Dessa forma, entende-se as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade sobre as informações das contas utilizadas para realização das entrevistas online**.**

Ressarcimento e Indenização:

Não haverá gastos para os participantes da pesquisa, pois não há custos para a participação da entrevista. Devido ao fato precedente, não se encontra previsto ressarcimentos. Além disso, o participante terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais dados decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa

(CEP) da UNICAMP das 08:00hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:30hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@unicamp.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar.

Para isso, é necessário responder ao e-mail com: Nome do (a) participante da pesquisa e data.

Além disso, no dia e horário combinados para entrevista, o pesquisador responsável irá realizar a leitura deste documento para o participante. Após sanar todas dúvidas e concordar em participar do estudo, o pesquisador irá fazer uma gravação em vídeo do participante concedendo sua anuência, confirmando assim sua participação.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

_____

(Assinatura do pesquisador)

Data: ____/_____/_____.

12. ANEXO 2

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LUTAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ANÁLISE ATRAVÉS DA FENOMENOLOGIA
Pesquisador: ALLAN JAMES MOREIRA
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 48729921.9.0000.5404
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.108.927

Apresentação do Projeto:
As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos apresentados para apreciação ética e das informações inseridas pelo Pesquisador Responsável do estudo na Plataforma Brasil

Introdução:

As Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate possuem manifestações em diferentes culturas ao redor do mundo, cada qual com suas próprias características.
Para o seguinte trabalho, utilizaremos a palavra “Lutas” como um termo correspondente direto a “Artes Marciais” e “Esportes de Combate”, já que essas são comumente utilizadas como sinônimas, ainda que a primeira seja mais difundida no Brasil.

As Lutas estão presentes em diversas culturas pelo mundo há muito tempo e são manifestações que permitem diversas aplicações e possibilidades, desde a defesa pessoal até a prática esportiva.
Existem registros muito antigos com manifestações de lutas, desde as representações nas tumbas de Beni Hassan no Egito (2000 a 1500 a.C.) até a inclusão do Wrestling nas Olimpíadas da antiguidade em 704 a.C.
.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1° andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br

As lutas, enquanto prática corporal sistematizada, são amplamente difundidas em todo o mundo e apresentam variadas abordagens e possibilidades, sendo possível classificá-las através de diversas perspectivas.
A fim de pensar em um modelo de classificação adequado para um contexto educacional, concedendo ainda mais possibilidades para a prática, nos apropriamos das ideias apresentadas por Gomes (2008), que divide as lutas em: curta, média e longa distância.

As lutas são ótimas práticas para pessoas com deficiência, já que necessitam de poucas adaptações e materiais.
Além disso, podem auxiliar em promover disciplina, respeito e também baixar os índices de estresse, auxiliando os praticantes nas demandas cotidianas.

Também é possível contemplar pessoas com diversos tipos de deficiências através das adaptações metodológicas adequadas, o que permite desenvolvimento pleno das habilidades motoras e funções psicomotoras, ampliando os benefícios para o condicionamento físico e fatores psicológicos.
Essas aquisições podem ser levadas para várias populações através das modalidades.
Haegele, Brian e Goodway (2015) apontam que pessoas com deficiência visual tendem a ser mais sedentárias do que aquelas sem deficiência, aumentando assim a exposição para doenças cardiovasculares, diabetes e obesidade. Além disso, no mesmo estudo os autores indicam que esse grupo possui atrasos significativos em suas habilidades motoras fundamentais, questão que poderia ser mitigada com a prática do esporte em questão.

Apesar dessa gama de atuação, no âmbito das práticas corporais para pessoas com deficiência, as lutas ainda não são plenamente desenvolvidas para tal população, seja no campo de atuação, como em academias de lutas, escolas ou outros locais de intervenções, ou até mesmo no meio acadêmico, que carece de pesquisas na área. Isto é - apesar de ser um fenômeno global e com inúmeras variações, ainda foram desenvolvidas poucas pesquisas no âmbito das Lutas para as pessoas com deficiência, principalmente no cenário brasileiro.
Inclusive na própria formação profissional em Educação Física, poucas instituições de ensino promovem um amplo conhecimento e envolvimento de seus discentes com o Esporte Adaptado e também com as Lutas, principalmente no que diz respeito a vivências com práticas que contemplem as duas temáticas, como O Judô paralímpico, a Esgrima em cadeira de rodas, o

Parataekwondo e tantas outras modalidades de lutas adaptadas que não compõem o cronograma olímpico, mas que podem e devem ser levadas a pessoa com deficiência.

Haegele, Famelia e Lee (2017) denotam que existem poucos programas voltados para as pessoas com deficiência visual, sendo necessário a criação de iniciativas ou adaptações em programas já existentes. Nesse contexto Almeida e Silva (2009) nos norteiam sobre o desenvolvimento global das Lutas contextualizadas para essa população em específico, adotando o processo reflexivo como importante ferramenta nesse processo. Os mesmos autores apontam para a importância de uma ação pedagógica com uma visão de não-fragmentação, ou seja, trazendo uma relação entre "o que", "para que" e "como" ensinar. A mesma concepção é apontada por Gomes (2008).

Portanto, este trabalho tem a intenção de ajudar a preencher essas lacunas, em especial no que diz respeito à produção de pesquisas que exploram a subjetividade do praticante, buscando entender o fenômeno das Lutas a partir da perspectiva das pessoas com deficiência e assim investigar por meio de uma abordagem fenomenológica os significados e as experiências que esses sujeitos atribuem a modalidade praticada. Para isso, utilizamos a Fenomenologia como abordagem, com o propósito de alocar os holofotes da pesquisa nas pessoas com deficiência que lutam, e com isso entender suas experiências, vivências e concepções acerca da modalidade praticada.

Metodologia Proposta:

Participarão do estudo homens e mulheres com deficiência física e/ou visual, com 18 anos ou mais, praticantes de lutas.
Como instrumento de coleta, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, posteriormente transcritas e analisadas através da técnica da análise de conteúdo.
Os participantes serão convidados através de mídias sociais e contato com professores de lutas para pessoas com deficiência.
O estudo tem design qualitativo, com uma abordagem fenomenológica acerca dos significados e características atribuídas às Lutas para pessoas com deficiência através de entrevistas individuais, presenciais e/ou por vídeo-chamadas pela plataforma "Google meet", seguindo as medidas de segurança pautadas no Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS1 de 24/02/21, essas mesmas serão transcritas e analisadas através da Análise de conteúdo.

Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, com roteiro pré-estruturado com questões abertas, a serem elaboradas pelos pesquisadores e tendo como base a "Análise fenomenológica interpretativa" (IPA).
Sobre o protocolo para as mesmas, é importante ambientar o participante, para que este esteja confortável com o pesquisador, fato angariado através de contato prévio entre as partes, explicação das intenções do estudo e garantia de anonimato.

É esperado que cada entrevista tenha entre 30 a 90 minutos de duração.
(um roteiro semi-estruturado de entrevistas se encontra no projeto completo - arquivo 'Projeto_submissao_reenvio.docx, de 08/11/2021 15:15:23)

As entrevistas poderão ser realizadas presencialmente em local seguro e sem interferências externas, determinado pelo próprio participante da pesquisa, de acordo com sua disponibilidade e do pesquisador responsável, mas não descartando a hipótese da realização de videochamadas para esse fim, frente ao contexto de pandemia enfrentado durante o andamento da pesquisa.
No caso das entrevistas realizadas presencialmente, serão utilizados gravadores de áudios a fim de registrar as informações concedidas, enquanto as pesquisas no ambiente virtual terão aúdio e vídeo registrados, em função da ferramenta disponibilizada na plataforma em que os encontros acontecerão (Google Meet).

Divulgações em mídias sociais serão criadas a fim de recrutar possíveis participantes.
Além disso, será feito o contato com professores de lutas para pessoas com deficiência, para que esses mesmos indiquem a participação na pesquisa entre seus alunos.
Não serão enviados e-mails repetitivos aos participantes para participar da pesquisa.
Os participantes serão contactados através de email de forma que não seja possível identificação por terceiros, portanto, apenas com um remetente e um destinatário.

O contato posterior a entrevista será realizado através do mesmo endereço de e-mail pelo qual o pesquisador enviou o convite (essa informações estará descrita no mesmo).
Os participantes serão selecionados por conveniência buscando-se aqueles que permitirão, a partir da sua experiência e vivência com a modalidade, melhor compreensão do fenômeno.

A princípio, será enviado um Texto Convite com todas informações importantes sobre a pesquisa para o possível participante.
Após ler o texto convite, os interessados deverão responder ao e-mail para confirmar seu interesse, informando também qual tipo de entrevista deseja participar (presencial ou online).
Assim, o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será enviado para o endereço de e-mail do indivíduo, esclarecendo que esse termo antecede sua participação na entrevista.

Após isso, ao concordar em participar da pesquisa e cumprir com os critérios de inclusão e exclusão, o participante deve responder este segundo e-mail confirmando sua anuência.
Assim, o agendamento da entrevista será realizado também por e-mail, e no dia e local (no caso das entrevistas presenciais) combinados, o pesquisador responsável retomará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lendo-o para participante, para que não haja dúvidas sobre a pesquisa, e que assim se confirme a participação do voluntário através de uma gravação de vídeo, que será armazenada pelo pesquisador em um dispositivo eletrônico local, garantindo a privacidade do participante.

O Texto Convite e TCLE serão enviados por e-mail em forma de texto, assim, indivíduos com deficiência visual conseguem realizar a leitura dos mesmos através de aplicativos de acessibilidade.
Além disso, a retomada do TCLE e seu registro através de gravação de vídeo visa expandir a participação na pesquisa para indivíduos que não consigam assinar um documento físico.
No caso da participação de voluntários com deficiência auditiva, intérpretes de LIBRAS estarão presentes durante a entrevista, auxiliando no contato entre participante e voluntário.

Uma cópia dessa gravação será enviada por e-mail para o participante, com indicações para que o mesmo armazene essa gravação em dispositivo eletrônico seguro, já que trata-se de um arquivo que comprove sua participação na pesquisa e que o acesso ao registro de seu consentimento também pode ser solicitado ao pesquisador, sempre que o participante achar necessário.
O direito de não responder a qualquer questão também será apontado, assim como a possibilidade de se retirar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Uma sala de reunião será criada para cada uma das entrevistas e o link, assim como as orientações

para acessar a sala, serão enviados para o email do respectivo participante.
O participante também será informado sobre as diretrizes e riscos acerca da plataforma utilizada para entrevista em ambiente virtual (Google Meet).
Caso ocorra interrupções inesperadas ou instabilidade de sinal durante as entrevistas onlines, as mesmas poderão ser retomadas em dia e horário combinados entre as partes.

Como já citado, após o recebimento da gravação da entrevista, o pesquisador se responsabiliza por deletar a mesma de seu e-mail e de outros tipos de armazenamento online, salvando as informações em um dispositivo eletrônico local.
Apesar desses protocolos de segurança, será também explicado que existe o risco de compartilhamento das informações com parceiros comerciais por parte da entidade responsável pela plataforma, a fim de oferecer ofertas de produtos e serviços.
Dessa forma, entende-se as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade, reiterando a importância dos protocolos descritos para mitigar os riscos da pesquisa.

Um estudo piloto será conduzido a fim de aferir o roteiro desenvolvido.

(arquivo 'Projeto_submissao_reenvio.docx, de 08/11/2021 15:15:23)

Ao final, espera-se reconhecer quais são as experiências e concepções trazidas pelas pessoas com deficiência que praticam lutas, práticas que em geral demandam capacidades motoras, cognitivas e físicas, elementos que socialmente ainda não são associados a essa população.

Desfecho Primário:
O estudo espera trazer o protagonismo para as pessoas com deficiência que são praticantes de lutas. Dessa forma, espera-se que concepções sejam expressas acerca desse fenômeno e assim, que seja possível direcionar novas reflexões com relação a esse campo do conhecimento.

Critério de Inclusão:
Participarão do estudo indivíduos maiores de 18 anos, com deficiência praticantes de Lutas por no mínimo 2 anos.

Critério de Exclusão:
Não poderão participar deste estudo praticantes com outras deficiências associadas, como deficiência intelectual e/ou dificuldade de comunicação, que não consigam se expressar por conta própria com clareza, seja de forma oral ou pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Tamanho da Amostra no Brasil: 12
Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro
Grupo principal (8) entrevista individual
Grupo Piloto (4) entrevista individual

Objetivo da Pesquisa:
O objetivo deste trabalho é investigar os significados e características atribuídas às Lutas pelos próprios praticantes com deficiência, através de uma abordagem fenomenológica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
(conforme informado pelo pesquisador)
Riscos:
Existe uma limitação dos pesquisadores em garantir a plena confidencialidade sobre as informações das contas utilizadas durante as vídeochamadas através da plataforma "Google Meet".
Posta essa consideração, a pesquisa não apresenta outros riscos previsíveis, mas caso o participante sinta algum desconforto durante a realização da entrevista, poderá interromper sua participação a qualquer instante, sem penalizações ou constrangimento.
Benefícios:
Este estudo busca colaborar com a ampliação da literatura sobre as Lutas para pessoas com deficiência, através da perspectiva dos próprios praticantes, trazendo o protagonismo aos mesmos e permitindo que novas questões surjam e sejam trabalhadas em trabalhos posteriores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Título do projeto na folha de rosto - adequado
Nome do pesquisador responsável na folha de rosto - adequado
Nome da representante da unidade proponente (nome, função, carimbo) - adequado

Proposta de dissertação de mestrado.

Equipe de Pesquisa:

- Allan James Moreira
- João Felipe de Carvalho Moreira Cunha Castilho
- Prof. Dra. Maria Luiza Tanure Alves

No campo 'cronograma' do documento gerado pela Plataforma Brasil, as entrevistas e coletas de dados estão previstas para os meses de fevereiro a abril de 2022 - adequado

No campo 'orçamento' do documento gerado pela Plataforma Brasil, o pesquisador relata um orçamento de 'R$50,00'. Esse orçamento é compatível com o orçamento de um projeto de pesquisa financiado pelo próprio pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram fornecidos

- Dois arquivos de 'Convite' a serem enviado por e-mail:

(ao projeto piloto) - arquivo 'Convite_piloto.docx, de 08/11/2021 15:15:57

(às entrevistas do projeto) - arquivo 'Convite_pesquisa.docx, de 08/11/2021 15:16:17

- Quatro TCLEs distintos (que serão tanto apresentados como lidos, gravados e enviados aos voluntários após consentimento):

(projeto piloto - presencial) - arquivo 'TCLE_entrevista_presencial_piloto.docx, de 08/11/2021 15:12:53

(entrevistas - presencial) - arquivo 'TCLE_entrevista_presencial.docx, de 08/11/2021 15:12:28

(projeto piloto - recurso online) - arquivo 'TCLE_entrevista_online_piloto.docx, de 08/11/2021 15:15:05

(entrevistas - recurso online) - arquivo 'TCLE_entrevista_online.docx, de 08/11/2021 15:14:54

Várias recomendações foram feitas.

Caso o pesquisador tenha interesse em implementá-las, submetê-las posteriormente à Plataforma Brasil através de Emenda ao projeto.

Recomendações:

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), do Conselho Nacional de Saúde (CNS) orienta a adoção das diretrizes do Ministério da Saúde (MS) decorrentes da pandemia causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), com o objetivo de minimizar os potenciais riscos à saúde e a integridade dos participantes de pesquisas e pesquisadores.

De acordo com carta circular da CONEP intitulada "ORIENTAÇÕES PARA CONDUÇÃO DE PESQUISAS E ATIVIDADE DOS CEP DURANTE A PANDEMIA PROVOCADA PELO CORONAVÍRUS SARS-COV-2 (COVID-19)" publicada em 09/05/2020, referente ao item II. "Orientações para Pesquisadores":
- Aconselha-se a adoção de medidas para a prevenção e gerenciamento de todas as atividades de pesquisa, garantindo-se as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa.
- Em observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2 (COVID- 19), é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho.
- Caso sejam necessários a suspensão, interrupção ou o cancelamento da pesquisa, em decorrência dos riscos imprevisíveis aos participantes da pesquisa, por causas diretas ou indiretas, caberá aos investigadores a submissão de notificação para apreciação do Sistema CEP/Conep.
- Nos casos de ensaios clínicos, é permitida, excepcionalmente, a tramitação de emendas concomitantes à implementação de modificações/alterações no protocolo de pesquisa, visando à segurança do participante da pesquisa, assim como dos demais envolvidos no contexto da pesquisa, evitando-se, ainda, quando aplicável, a interrupção no tratamento dos participantes da pesquisa. Eventualmente, na necessidade de modificar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o pesquisador deverá proceder com o novo consentimento, o mais breve possível.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Após readequação do TCLE, todos os itens previstos pela Resolução 466/2012 foram contemplados.

Considerações Finais a critério do CEP:
- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu

consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012 , item XI.2 letra e, “cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento”.

-O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Continuação do Parecer: 5.108.927

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1770838.pdf	08/11/2021 15:17:24		Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.docx	08/11/2021 15:16:31	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
Outros	Convite_pesquisa.docx	08/11/2021 15:16:17	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
Outros	Convite_piloto.docx	08/11/2021 15:15:57	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_submissao_reenvio.docx	08/11/2021 15:15:23	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevista_online_piloto.docx	08/11/2021 15:15:05	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevista_online.docx	08/11/2021 15:14:54	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevista_presencial_piloto.docx	08/11/2021 15:12:53	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevista_presencial.docx	08/11/2021 15:12:28	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoAtualizada.pdf	22/06/2021 10:10:06	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito
Outros	AtestadoMatriculaAtualizado.pdf	22/06/2021 10:08:27	ALLAN JAMES MOREIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPINAS, 17 de Novembro de 2021

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1° andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br

13. ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO – ROBERTO

E: E agora a gente dá início, então, à nossa conversa. Seguindo o roteiro, essa é uma entrevista em que vou deixar que você fale livremente, tá? Então vou interferir pouco, fazendo algumas perguntas e ajudando a guiar essa nossa conversa, tá? Como eu falei anteriormente, qualquer desconforto que você tenha, algo que você não queira responder, é só você dizer, tá? E queria começar essa nossa conversa... sobre sua pessoa, sobre você. E a primeira pergunta é: Quem é Roberto?

P: Bom, eu sou atleta do Jiu Jitsu, né? Do ParaJiu Jitsu, da modalidade Paradesportiva, faixa roxa. Sou psicólogo clínico e psicólogo da Federação Brasileira de Jiu Jitsu Paradesportivo. Atleta da Equipe Edson Carvalho aqui da Bahia, Salvador. Sou deficiente físico, cadeirante, tetraplégico. Lesão...C7 nível cervical e C8 nível medular.

E: Tá certo. E em relação a sua raça, como você se identifica?

P: A raça você se refere a que específico?

E: A sua etnia, suas características. Como você se enxerga, como você se entende...

P: Descrever as minhas características?

E: Isso, em questão de raça, pardo, branco..., como você se define?

P: Me considero pardo, cabelo crespo, né? Olhos escuros, acho que só, mais ou menos isso.

E: Tá, e como você acha que essa questão influencia na sua vida. A questão da raça influência de alguma forma? O que você acha?

P: A raça em específico? Não, acredito que não. Eu vivo, né. Eu sei que existe de modo geral um preconceito social, ele é existente na nossa sociedade, né. Eu acredito que infelizmente existe as pessoas que, né, pensam de uma maneira deturpada, errada ao meu ver. Mas pra mim diretamente, eu sou... eu tenho sim os meus conflitos, as minhas dificuldades de relações, mas eu me considero uma pessoa muito autoconfiante. Então o pensamento do outro não interfere muito no meu dia-a-dia. Então acredito assim, é um pensamento meu, real. Se alguém não gosta de mim pela minha cor ou pela minha deficiência, isso é um pensamento dele. Eu não posso deixar que o pensamento do outro interfira na minha maneira de viver e me relacionar. Então

eu acho que a questão, não da... nem da deficiência, nem da raça interfere muito na minha vivência não.

E: Tá joia. Você tocou aqui na sua fala sobre alguns conflitos internos, né. Você pode falar um pouco mais sobre eles?

P: Sim, como eu sou cadeirante, né e eu sou tetraplégico. Apesar de mexer os braços, eu tenho uma dificuldade muito grande do tipo, eu não tenho pegadas nas mãos, né. Então eu tenho algumas limitações. Então, tipo... eu evito estar em locais que eu não vou ter uma total acessibilidade, eu evito estar em ambientes que eu vou depender muito de terceiros que eu não conheço, que eu não tenho intimidade. Então diante das minhas limitações eu tenho esses conflitos comigo mesmo de me limitar em determinados ambientes, mas nada muito específico.

E: Entendi, tá joia. Já que a gente entrou...

P: Eu vou pra um shopping só... Não que se eu tiver uma necessidade grande, eu não vou deixar de ir, mas eu evito ter que ir em um shopping só e ter que procurar um segurança pra ajudar a tirar a cadeira da minha mala, né...que eu não consigo fazer... Alguns cadeirantes paraplégicos usam aquela estratégia de desmontar a cadeira e botar no carona, né? Como eu não tenho também equilíbrio de tronco, eu tenho essa dificuldade de desmontar a cadeira e guardar sozinho. Então são essas questões que pra mim, às vezes, é conflitante estar indo em lugares diferentes sozinho.

E: Entendi. Já que a gente entrou nessa parte sobre a deficiência, queria... se você pudesse contar um pouco da sua história, como que você teve a deficiência, como que foi isso pra você? Como a deficiência...

P: Já era... oi?

E: Não, pode continuar. Eu ia perguntar como a deficiência apareceu na sua vida. E você já falou um pouco a respeito disso, né? Sobre os conflitos. Se você puder um pouco...contextualizar essa questão pra gente...

P: Tá, você quer saber como eu fiquei deficiente, não é isso?

E: Isso.

P: Pronto. Eu...fazia parte de uma torcida organizada aqui na Bahia e em 2008 teve uma briga entre as torcidas, né? E tinha um cara que estava armado em um carro, foi num ambiente de rua, estava indo assistir um jogo fora da cidade, e ai eu era um líder de um grupo, né, de uma torcida

do Bahia... E ai esse rapaz num momento ele me chamou pra brigar. Na época eu era muito jovem, eu tinha 20 anos, então, né...aquele pensamento ainda inconsequente, né? De brigar e de apontar. Fui pra brigar e ele estava armado, ele disparou um tiro no meu pescoço, e ai ela alojou na cervical, e ai de imediato eu cai, perdi todos movimentos do corpo...fiquei 6 meses no hospital me recuperando, fiquei 3 meses na UTI. Foi um momento bem complicado pra mim. Até a aceitação, né? Eu já treinava o Jiu Jitsu, então pra mim foi uma mudança muito drástica. Eu tava começando a minha vida, né? De atleta, é... começando a ter meu primeiro carro...tava virando um adulto, né? E ai do nada você vê sua vida ter que mudar completamente. Pra mim foi bem complicado no começo, eu não mexia os braços. Então, fui voltar a mexer os braços depois de...teve os 6 meses no hospital, mais 6 meses em casa, foi quando eu fui pro SARA, hospital SARA, fazer reabilitação. E ai eu comecei a mexer os braços pra conseguir fazer algum tipo de transferência, pra cama, pro carro...Então foi mais ou menos isso, até eu chegar no estágio que eu estou hoje, mas através do esporte, a minha evolução.

E: Há quantos anos isso aconteceu?

P: 13 anos, vai fazer 14 anos, foi em 2008.

E: Foi em 2008, entendi. E como você se sente hoje em relação a deficiência na sua vida? Depois desses 8 anos.

P: Bom, hoje, é... Eu me sinto bem, né? As vezes as pessoas falam assim: "não, eu não sinto falta de andar, e não sei o que..." Seria hipocrisia você dizer que você não queria ter sua vida normal de volta, né? Mas assim, como eu falei, eu não me sinto inferior...não me sinto...é, não tenho dificuldade em estar nos locais, desde que eles sejam acessíveis pra mim, né. Então, o shopping, o barzinho, que ele tenha uma acessibilidade, que ele tenha...banheiro apropriado. Então, hoje eu me sinto bem com a minha deficiência, sabe? Eu consigo lidar bem dentro das minhas limitações e tal, procurando estar sempre mais confortável possível, mas pelos ambientes, como eu falei, a sociedade em si, existe...o público mais preconceituoso, como também as pessoas desinformadas. Então a gente ainda não tem uma sociedade totalmente acessível. Eu tava recentemente num campeonato agora...em Paraná e daí a gente tava...eu nem quis ir lá em Curitiba no Jardim Botânico porque é um lugar totalmente "*desacessível*", sabe? Um ponto turístico importantíssimo da cidade, mas que um cadeirante não vai conseguir subir na plataforma lá de vidro pra tirar uma foto, não vai conseguir andar...o local é bem apertadinho onde a galera vai tirar foto, passear por cima do jardim. Então são detalhes que a sociedade precisa se atentar pra incluir as pessoas dentro de suas limitações. Mas eu me sinto bem, me

sinto bem. Claro que seria hipocrisia dizer que...não querer estar no estado normal, né? entre aspas, normal, os movimentos totais..., mas eu lido bem com minhas condições físicas.

E: Entendi. Esse ponto que você falou, dessa viagem para Curitiba, que você preferiu não ir no Jardim Botânico. Foi isso que você disse, né? Como foi pra você? Como foi tomar essa decisão? Foi algo do momento? Você já tinha pensado? Alguém te chamou para ir?

P: É... como eu falei, eu procuro sempre entender...me entender bem até por uma questão de...de...frustações que isso acontece automaticamente na nossa cabeça sem a gente perceber, eu lido muito bem com isso. É algo que eu já me programo muito. Eu fui lá pra lutar, então...eu já sabia que o lugar não era acessível, né? Chegou lá na sexta e um colega meu que tava com a mãe, ele é autista, ele quis visitar esse espaço. Eu falei, não, já que vou pro campeonato no outro dia, já sei que não é acessível. Eu não sou muito aquele cara de ir pra lugar pra ficar tirando foto e tal...especificamente...eu gosto muito de foto, mas não...especificamente estar no ponto turístico pra tirar foto. Se eu for num lugar, tenho que ir num ponto turístico pra tirar foto... não ligo muito pra isso. Falei não, não é acessível mesmo, eu vou ficar aqui e vou descansar, me preparar pra competição. É... foi bem tranquilo pra mim.

E: Entendi, tá joia. Seguindo então, a gente falou, né, especificamente sobre você...mas pra você, o que você entende sobre deficiência? O que é deficiência pra você?

P: Deficiência...é apenas...a depender do quadro, no meu caso, é um...modo diferente de você ter que vivenciar sua vida, nada mais do que isso. Acho que a pessoa com deficiência, ela pode estar inserida em qualquer que seja o ambiente. Apenas...a pessoa, como existe o negro, o branco, é... o cara de cabelo liso, o cara de cabelo puro...é.... o malhado, o gordo, o fraco. Existe a pessoa com deficiência, né. Tem o cara que tem baixa visão...Acho que é apenas um...perfil diferente de ser humano.

E: Entendi. Então, dentro disso, o que é ser deficiente pra você? O que que ela representa na sua vida? Conviver com a deficiência.

P: O que é ser deficiente e conviver...É como eu falei, é só uma...é...no meu caso eu sinto que eu sou uma pessoa com mobilidade reduzida apenas, só isso, nada muito..., mas a... a impactar ou trazer como evidência sobre a deficiência, não. É apenas uma pessoa como qualquer outra, com mobilidade reduzida, só isso.

E: Tá joia. Então mudando um pouco agora as perguntas. O que significa ser homem pra você?

P: Homem...Homem de modo geral...eu acho que... é até bom, a gente até abriga...o devia ser homem, eu acho que...eu uso muito isso, né? Que tem que ser homem, tem que honrar com suas coisas. Mas eu diria até ser Ser humano, né? Serve pra homem ou mulher. Quando falo ser homem...já virou essa...palavra já fixada, mas serve pra homem e pra mulher. Ser homem é você cumprir com suas obrigações e palavras honradas, né...ser uma pessoa...é... intriga na sociedade, acho que basicamente é isso...você andar dentro das regras sociais impostas e honrar com suas obrigações, sejam elas profissionais, pessoais. Acho que isso pra mim é ser homem.

E: Entendi. E o que é ser homem com deficiência?

P: Aí é ser homem dobrado (risos). Homem dobrado, porque além de tudo isso que citei, né, da questão de ser homem, você precisa buscar uma...autoconfiança, uma postura mais firme diante dessa sociedade exclusiva, que exclui, essa sociedade preconceituosa. Então eu acho que ser homem com deficiência, você precisa ser homem autoconfiante e acreditar em você, assim...

E: Tá certo, e dentro dessa questão, ainda sobre ser homem, como você se vê fisicamente e como você se vê em comparação com outros homens?

P: Ave Maria, eu me acho o cara (risos). Eu me vejo muito bem fisicamente, eu...eu não tenho dificuldade nenhuma. Me acho um cara muito bonito, me acho atraente. Eu não vejo...é como eu falei, só não ando como outros caras andam, mas eu me sinto...tenho uma autoestima muito elevada, muito boa. Me sinto um cara bonito, me sinto...tão capaz quanto qualquer outro homem, seja qual for... seja pra paquerar, ou seja, pra vivenciar, pra trabalhar, né...Tudo dentro das minhas limitações por conta da mobilidade física, mas capaz como qualquer outro homem.

Sobre esse ponto, é...eu tenho até uma colega, que ela...tem uma dificuldade, né...de tirar fotos, tirar fotos muito de rosto assim e tal...Eu já conversei muito com ela. Você precisa primeiro de tudo se aceitar, né...é o princípio básico. Entender sua condição, entender que você não é pior que ninguém por isso. Eu mesmo não tenho dificuldade não, tipo...minhas fotos é com minha cadeira...de corpo inteiro, então...acho que é isso, basicamente é isso.

E: Legal. Essa dificuldade que você citou da sua amiga, de onde você acha que vem isso?

P: Eu acho que não posso dizer a fundo porque eu nunca, né, analisei a fundo porque ela...mas ela tem baixa autoestima, né. E é uma das questões, ela tem muito baixa autoestima e uma das questões implica no condicionamento físico dela...condições físicas dela. Ela se sente inferior por estar na cadeira de roda, ser feia, incapaz do que outras mulheres e tal, mas de que

especificamente vem, aí teria que ter uma análise maior pra entender até o histórico de vida dela, porquê ela tem essa baixa autoestima.

E: Entendi, tá joia. Agora então, voltando, né, pra você. Como você acha que as outras pessoas te veem?

P: Bom...eu no modo geral, eu acho que eu tenho uma aceitação muito boa, social, né...Já sofri muito preconceito, como todo mundo sofre, né. É... até pessoas sem deficiência sofrem preconceito, por classe social, ou seja, qual for, é...as diferentes sociais das pessoas. Mas acho que de um modo geral, eu tenho uma boa aceitação.

E: Tá joia...

P: Viver como uma cara...é... que superou, né? A gente usa muito essa questão de superação. E eu acho que...é por isso que eu não gosto muito de dar ênfase: ah...o que é deficiência? Porque assim, você ter uma deficiência...você só tem que aceitar ela e viver, só isso. Se adaptar pra viver normal, como qualquer outra pessoa. Então quando a gente bota a questão da superação, muitas das vezes, que sim, ela existe, mas quando se dá muita ênfase, é como se você fosse pior e tá tendo que lutar muito pra viver, sabe? E eu acho que não, acho que...você apenas precisa de condições, né...ideais para viver, só isso. E...no meu caso eu acho que as pessoas me veem muito assim. Pô, ele é um cara foda, é um cara que procura viver a vida dele, é um cara que procura...dar continuidade. Eu acho que é uma aceitação positiva dessas questões, sem vitimismo.

E: Entendi. Então agora vou pedir pra você falar um pouco sobre o seu dia-a-dia. Como é sua rotina, qual a parte mais importante do seu dia...Como funciona sua vida? Como você se mantém financeiramente? Como é ser você?

P: Então...eu sou psicólogo clínico. Então, tem dias na semana que pela manhã eu tô no consultório particular, né. Até novembro eu tava trabalhando em uma clínica específica na parte de RH, mas eu já sai dessa clínica, só tô com o consultório clínico agora. É a minha renda física...fixa, é o consultório que eu atendo. Estou vendo outras possibilidades aí, além do...porque na Federação brasileira eu faço um trabalho social, mas é um trabalho sem remuneração, né, é voluntário. Então tem dias, depende da semana, eu tenho atendimentos no consultório pela manhã, eu tenho meu carro adaptado, então eu vou até o meu carro, pego meu carro, vou pro consultório, atendo lá geralmente...é... ou a colega, se ela estiver no mesmo turno

que eu, ajuda a tirar minha cadeira ou o segurança do prédio, é... faço atividades físicas, né, de condicionamento físico, geralmente a tarde, e a noite eu treino Jiu Jitsu.

Na coisa do treino físico, sempre vou na aula ou na academia, é muito rotativo de acordo com...com o planejamento do meu acompanhador físico, e na academia...eu geralmente já nem uso a cadeira, você vê como a depender do ambiente eu sou muito tranquilo com a minha condição. A minha academia, ela não é acessível. É uma discussão que eu levo muito aqui na Bahia, porque são pouquíssimas academias com acessibilidade, a maioria é escada, é primeiro andar, são muito poucas academias acessíveis. Lá onde eu treino...já era um amigo meu na época que eu andava, eu estudava junto. Ele...eu parei de treinar, ele deu continuidade e hoje ele é faixa preta, e ai eu treine com ele. Paro meu carro...no local lá próximo a academia, e o colega já me pega no meu carro, tipo, de macaquinho e já me bota nas costas e a gente vai direto pro tatame. Depois da academia eu volto pra casa, tomar um banho, descansar, né? Totalmente independente, eu tenho uma cadeira de banho que ela tem...as rodas para...é... parecidas com a da cadeira normal, que facilita que eu me transfira de uma cadeira pra outra, vou até o banheiro, tomo meu banho sozinho e volto me descansar.

Na minha rotina, assim, como eu falei, questão de acessibilidade sendo ok, eu me viro bem sozinho, bem tranquilo. Só não tenho...é... intimidade com a cozinha, já não tinha antes...da deficiência, e hoje com dificuldade nas mãos, mais ainda. Então...eu moro com minha mãe, só eu e minha mãe. Tenho duas filhas também, uma foi morar com a mãe esse ano, e tenho uma outra filha de uma relação da faculdade, que ela mora no interior. Então esse ano mora só eu e minha mãe, ela já deixa minhas comidas tudo prontinho, eu só passo...pegar e me alimentar direitinho. Acho que é mais ou menos isso, a minha rotina.

E: Entendi. Dentro dessas questões da sua rotina, tem algo que você gostaria de mudar? E quais são suas dificuldades no dia-a-dia?

P: Essa questão da academia é uma dificuldade que eu aceito bem, que a gente tá nessas situações...e eu tenho uma família, uma equipe muito boa, que me traz total conforto pra tá...é... aí eu vou entrar na palavra, né? Superando esse obstáculo que é a... não ter acessibilidade no local, mas o ideal pra mim nesse momento aí, seria...o que a gente pensa muito aqui, montar um projeto, um centro de treinamento, mas específico pra pessoa com deficiência, né? Porque pra mim, como eu falei, eu me aceito muito bem, mas outras pessoas com deficiência, já fica meio, né? Como eu também não gosto de pedir ajuda de estranhos. Então ali me dá um conforto

porque o mestre é um amigo meu, já tinha amigos ali, mas...eu acho que a questão de uma academia acessível, seria melhor até pra pessoa com deficiência de forma geral.

E: Você tinha comentado que você faz um trabalho com a Federação brasileira, né? Você pode falar um pouco mais sobre isso?

P: É um trabalho mais de...incluir, né? De inclusão dessa pessoa...geralmente quando o paratleta vem pra seleção brasileira, ele ouviu pro alguém, né, que existe a modalidade, foi o que aconteceu comigo. Eu fui através de um colega meu de escola, ele é amputado, faixa preta, amputado do braço. Ele me apresentou, pô, existe a modalidade, volta a treinar, e tal. E... meu papel na Federação é receber esse novo paratleta, né? Explicar a ele como é que funciona, mostrar a capacidade dele, entender como ele tá psicologicamente, se ele tem frustações, né? Prepará-lo emocionalmente porque lá não é luta de apresentação, é competição mesmo, real. Você tem sua classe funcional. Então você precisa entender como esse paratleta, ele tá psicologicamente, pra você inserir...até pra lá, quando começar o campeonato, ele não tá frustrado, não se frustrar fácil nas derrotas, né? Não...não se sentir menor do que outro que tem...acontece muito, você vê um cadeirante que, por exemplo, que tem uma mobilidade maior que a sua, e você se sentir incapaz porque o outro é melhor que você. Então meu papel inicial na inserção de novos paratletas, é entender como ele tá psicologicamente e... instruir e trabalhar emocionalmente pra ele se relacionar bem nesse novo ambiente, mostrando a importância da socialização além da competição. E em alguns casos também, eu fico aberto a uma...uma quantidade de acompanhamentos, de sessões terapêuticas...de terapia, diante da necessidade de cada um, né? Se me procurar: tô com algum problema, tô precisando de um suporte... A gente tem uma quantidade de sessões, de maneira gratuita, né? Pra tá ajudando essa pessoa e depois tá direcionando até pra própria cidade dele, né? Como nem sempre...é... paratletas de todo Brasil... o acompanhamento geralmente...geralmente, não, é sempre online, né? Videoconferência...tem alguns que preferem até ligar, né? Então a gente deixa à vontade, mas aí depois de um determinado acompanhante, a gente faz o encaminhamento pra ele procurar um...um acompanhamento na cidade dele, mais adequado...mais adequado pra situação específica.

E: Entendi. E faz tempo que você assume essa função na Federação?

P: Sim, sim...Eu to na Federação desde 2018, né? Antes até de começar a competir. Eu comecei a competir em 2019, mas 2018, eu tô...a gente começou a dar início nesse trabalho, né? Mas ele foi mais encorpado com a minha egressão dentro das competições em 2019.

E: Legal, e como foi chegou nessa função? Tem outras pessoas que também fazem essa mesma função, que você atua?

P: Como psicólogo, só eu, né? Mas...acaba que toda...é...é...eu não sou...não faço parte da... da diretoria da... da... federação, mas acaba que toda di... (cortes da chamada)

E: Só um segundinho, deu uma cortada aqui. Desculpa, viu? Na hora que você foi começar a falar da Federação, cortou pra mim, mas agora tô te ouvindo melhor.

P:Sim...ele...eu não sou...não faço parte da diretoria da Federação, mas todos eles, da diretoria, acabam tendo esse papel de...de psicólogo também, né, de assistente social. De acolher, de conversar, de entender a... a situação de cada um, né? Geralmente são eles que me encaminham pra tá conversando com os paratletas, depois de ter... ter feito, entre aspas, uma triagem, né? De maneira leiga, vamos dizer assim... Então..., mas todos os outros profissionais...na Federação tem...advogados que são deficientes, né? Tem o médico que é deficiente também. Então, cada...cada...é o que o Professor Elcirley, que é o presidente da Federação, sempre deixa claro, né? Que é importante...é... os profissionais de um movimento tão grande desse, como o da Federação, sejam pessoas com deficiências, porque ninguém mais...pra entender um deficiente do que um deficiente, né? É... é a legitimidade que a gente sempre...bate nessa tecla.

E: Legal. Depois eu queria retomar essas partes, quando a gente entrar na parte do Jiu Jitsu, mas continuando no seu dia-a-dia, na sua vida pessoal, é..., a gente já falou das suas dificuldades no dia-a-dia, e quais são suas expectativas pro futuro na sua vida pessoal? Seja profissional, pessoal, afetiva, competitiva...

P: Hoje, afetivamente, eu...eu sai de uma relação recente...do ano passado, então é algo que...não é minha prioridade, até porque eu tenho muitos...muitos objetivos profissionais e pessoais, então, as vezes um relacionamento desfoca um pouquinho, né? Claro que a gente acaba conhecendo pessoas bacanas, mas afetivamente, em relacionamento, não é o meu...o meu objetivo agora. Mas, profissional, eu...eu gosto muito de clinicar. É uma área que eu gosto muito, apesar de ser muito certo, que hoje, o consultório que eu atendo, ele é só de atendimentos particulares, né? Isso dificulta um pouco a captação de clientes. Então...é algo mais... amor do que retorno grandioso financeiro. Pra mim, no caso, é isso, existem outros profissionais, é lógico, que já tem a sua trajetória criada, né? Mas eu tenho...eu gosto muito de clinicar, é uma coisa que eu quero continuar. Penso sim em voltar em outras empresas pra trabalhar como psicólogo, tanto na questão de RH que eu acho muito bacana, quanto em empresas...quanto outras clínicas maiores, que tenham...o acompanhamento já de...de...de convênios, que isso

facilita, já que eu gosto tanto de clinicar. Então essa é minha área profissional da Psicologia, além de tá montando depois o projeto com..com Psicologia do Esporte. Já que eu tô tão inserido com o esporte...Antes da Federação Brasileira, eu não tinha contato nenhum com...com pessoas com deficiência, né? Apesar de ser deficiente. Então pra mim, quando o Professor Elcirley me convidou pra... pra tá fazendo esse trabalho voluntário, pra mim foi maravilhoso, porque...eu não tinha contato nenhum com deficiente, sabe? Foi muito bom, poder tá contribuindo e até conhecendo, aprendendo com outros... outras pessoas com deficiência. E continuar com minha carreira de paratleta, né? Hoje eu sou paratleta...é... tenho apoio do governo do estado da Bahia, pra tá indo nas competições...a gente tem uma bolsa mensal pra tá ajudando nos custos pra se manter ativo e treinando, né? A gente...o governo da Bahia foi um governo pioneiro, eu acho que é até bacana ressaltar isso. Isso...de apoio ao esporte, né? Da... paradesportivo...o Jiu Jitsu em específico, é o primeiro no Brasil, né? Agora o Rio de Janeiro tá fazendo um bom trabalho. Então...gosto muito de ser atleta. Amava muito...é... quando eu andava, né? Então...no começo eu tive um...fiquei muito triste, né? Um momento bem melancólico, não poder mais praticar o Jiu Jitsu. Então no meu primeiro campeonato em 2019, eu chorei muito, muito emocionado mesmo, de...de poder estar ali, treinando, lutando, né? Existindo uma classe funcional pra você. Você ter que treinar, fazer dieta, trabalhar seu condicionamento físico...Você tá ali de maneira competitiva, você é um atleta, apesar das coisas. Então isso pra mim, foi muito...gratificante como pessoa, sabe?

Então, do lado profissional é esse, eu gosto de...de clinicar, pretendo continuar e crescendo como profissional. Continuar como paratleta e lá na frente, né, quando eu já estiver...mais velhinho, não vai demorar muito, já to com trinta e... vou fazer trinta e quatro anos agora. Eu tenho...a ideia de... abrir um centro de treinamento tanto pra pessoas do convencional, né, de várias modalidades, como no Paradesporto. E ser um ambiente de reabilitação pra pessoa com deficiência, através do esporte, quanto de inclusão social.

E: Legal, entendi. É... você falou que a Bahia é pioneira, né, nesse apoio aos paratletas, é uma bolsa atleta? Como que funciona pra conseguir esse apoio?

P: Aqui existem dois programas. Tem um programa que...uma empresa...você precisa participar do edital de alguma empresa que tem interesse em patrocinar o atleta, né? Você sendo aprovado pela empresa, a empresa leva a proposta pro governo do Estado, através da SETRA...SETRE e o... a SUDESB, que são os órgãos competentes aqui. E... eles aprovando, a empresa te patrocina e ela tem isenção fiscal, né, do governo do estado. Esse é um modelo de...esse a gente chama de “Faz atleta”. O que eu participo é o Bolsa Atleta, ele é... Bolsa Esporte, desculpa, o que

participo é o Bolsa Esporte. Ele é... direto com o governo, por esses mesmos órgãos, o... a SETRE e a SUDESB. O governo abre o edital, né? Tem os critérios, você tem que estar ranqueado, tem que ter um determinado tempo de competição...é... tem vários critérios, né? O nível...as classes, se você é nível nacional, nível internacional, nível amador. Você sendo aprovado, você recebe uma bolsa mensal de acordo com a classe que você foi contemplado, né? Se você...no meu caso...hoje eu sou um atleta nível nacional, então eu não tenho títulos internacionais ainda. Se Deus quiser, esse ano aí eu vou tá em Abu Dhabi em novembro.

E: Legal.

P: Mas...até então eu sou nível nacional. Tem o nível amador, o nível nacional, o nível internacional e tem o nível olímpico, né? Pra cada um tem os valores específicos. Você se inscreve como concurso reda, né? Você se inscreve e tal, manda toda documentação, aprovando você recebe mensal. Em três em três meses você tem que prestar conta de todos os valores que você utilizou, né? Tudo através de nota, tudo certinho, porque o incentivo é exclusivamente pro esporte, né? Então, o dinheiro que você receber, ele vai ser... convertido pra você pagar academia, suplementação, essas coisas vinculadas a sua condição de treinar.

E: Entendi, legal. É... e você também falou, você gosta de atuar como psicólogo. Há quanto tempo você atua?

P: Eu formei em 2014, né? Então...eu comecei a... porque eu 2015 eu fiz uma extensão na clínica escola da faculdade mesmo. Eu formei na faculdade do interior aqui da Bahia, e... em Alagoinhas, Faculdade do Santíssimo Sacramento. E aí, como eu tinha um...uma boa relação com o professor do...eu consegui entrar na extensão após o... a formação em 2014. Então em 2015 eu fiquei atendendo na clínica escola e voltei pra Salvador em 2016, comecei...aí voltei atender em consultório particular.

E: Entendi, legal. Então a gente falou um pouco sobre suas expectativas, né? E quais são os seus medos hoje?

P: Eu tenho...deixa eu ver...eu tenho...tenho poucos, viu? Preciso até ter mais, porque isso...limita a gente, é importante o medo. Mas eu tenho medo de me frustrar, principalmente com o Esporte, né? Eu tenho receio de...essa aceitação social que a gente busca muito, principalmente dos poderes públicos...ela...ter uma regressão, né? Você não consiga levar tão a... mostrar o quão, o quanto é sério o... o Esporte Paradesportivo, porque o Jiu Jitsu, ele não é um esporte olímpico. Então isso já é um problema gigantesco, porque a pessoa que não entende

muito: “ah, não é olímpico, não? Que chato, né?” Então...meio que desvaloriza muito. Então eu tenho medo de...é algo que eu gosto muito. Além do consultório, eu gosto do Jiu Jitsu muito mais do que a Psicologia, apesar de gostar da Psicologia demais. Então eu tenho medo de...lá na frente eu não obter os retornos, seja ele financeiro, óbvio...como....é... a visibilidade que eu quero dar pro ParaJiu Jitsu baiano. Então eu tenho medo...de algo desse tipo não dar muito certo.

E: Entendi. Então agora a gente começa a falar um pouco mais sobre o Jiu Jitsu em si, tá? Vou pedir pra você contar um pouco...você já falou um pouco, mas se puder sintetizar um pouco mais sua trajetória no Jiu Jitsu, como foi seu início, como que foi esse seu caminho até o dia de hoje.

P: Então...eu fui convidado, eu já era atleta de Jiu Jitsu convencional. Depois da lesão, que foi em 2008, eu fiquei um bom tempo parado com o Jiu Jitsu. Cheguei a fazer algumas visitas no QG, né? Que é o CT principal da equipe, mas é isso. Não...até hoje ainda é muito difícil profissionais capacitados pra trabalhar com o Jiu Jitsu. Vou até fazer a propaganda, é por isso que a Federação Brasileira hoje...tem o curso específico para os profissionais. Seja ele professor de Educação física, professor de Jiu Jitsu, o aluno que quer conhecer um pouco mais. No site da Federação Brasileira tem informando sobre esse curso. Eu realmente acho muito importante, porque...eu...eu senti muito isso e eu vejo muita gente me falar sobre isso: professor não sabe lidar, deixa um pouco de escanteio o atleta, né? E você se sente...é... deslocado ou inferiorizado, né ou desprezado. Enfim, acho muito importante você ter um conhecimento como trabalhar. Então, no começo eu...eu fui na minha equipe, né? Apesar de ser muito bem recebido pela minha equipe, ninguém sabia o que fazer com o cara lá, né, que...Pô, o cara tetraplégico vai fazer o que aqui? Então, mas eles...me chamavam pra ir e tal. Eu botava o kimono e... ficava lá, né? Abraçando um, tirando uma foto e tal...Eu falei: pô, não dá, mano. Não dá pra treinar Jiu Jitsu, cara. Eu não vou ficar aqui servindo de...de manequim pra tirar foto com ninguém, entendeu? E aí eu...é... era uma coisa que me deixava muito triste, né? Aí foi quando esse amigo meu, quando eu andava, né, quando eu comecei, ele já era faixa azul. E aí em 2016, que o ParaJiu Jitsu começou a ganhar corpo, ele...ele falou comigo: Velho, é uma Federação, tem competições, não é nada de apresentação, não. É... tem sua classe funcional, você vai sair na porrada com outros cadeirantes lá e tal. É...na gíria aqui, né, o bagulho é a vera mesmo e tal.

Eu falei: pô, como é? Então me mostra ai e tal...E ai fui vendo, né? Aí eu voltei lá na minha equipe, procurei meus amigos. Esse amigo meu, Rafael Arara, que é meu professor...ele falou: não, vem pra cá, a gente vai treinar, a gente vai adaptando, aprendendo. Vamo junto, irmão, tá em casa.

E aí eu comecei a treinar...o Jiu Jitsu. Tive alguns amigos, sim...não pode deixar de...tive alguns amigos da própria torcida organizada, né...que lá tinha um projeto social. Eu fui diretor social da torcida por um bom tempo, né? E... lá tinha projeto social, então nesse começo eu fui pra lá pra sede da BAMOR e... ajudei muito lá no projeto social, já tinha um amigo que ele já dava aula lá para as crianças do bairro e tal...a gente tentou incluir algumas pessoas com deficiência e eles me ajudaram muito a adaptar meu jogo. Eu conversei e tal...antes de eu voltar realmente pra minha equipe.

E aí em 2019 foi minha primeira competição, aqui em Salvador mesmo, né? Foi o...o campeonato aqui exclusiva da...exclusiva não, feita pela Federação Baiana de Jiu Jitsu Paradesportivo...Federação baiana de Jiu Jitsu, não é Paradesportivo, que agregou um espaço para as pessoas com deficiência, né? E já existia...esse amigo meu e algumas outras pessoas.

Então, pra mim...antes de entrar no tatame...tanto que...eu lutei com um rapaz que ele veio do Rio, na primeira luta. Aí ele ficou bem preocupado, né? Porque tipo, antes de entrar no tatame, eu tava chorando muito e eu não conseguia parar. Ele: pô, cara. Você tá bem? O que que tá...Fica tranquilo, a gente vai...lutar na boazinha e tal...vai fazer um soltinho.

Falei: não, não é isso, não. É porque eu to, realmente muito... Até me emociono as vezes, de falar disso, porque foi um momento muito importante pra mim, ali, né? Você se sentir capaz de estar de novo competindo dentro do tatame. Até de começar ali mesmo, se pegar...eu chorei até na posição de...de...começar a luta. E foi um momento muito...perdi...fiz duas lutas, perdi as duas (risos), mas sai muito feliz, cara. Feliz demais por estar ali competindo, por tá voltando. E eu sai do tatame...não, agora...existe isso aqui, é uma realidade, né? Eu vou adaptar meu jogo e voltar e lutar de novo, né? E... depois desse campeonato, 2018...2019, aí veio a pandemia, mas eu tava tão eufórico, né, que eu não queria parar. Então, um amigo meu, que hoje ele é faixa preta porque eu botei ele no Jiu Jitsu, né? Comecei a levar ele pra treinar, tanto que ele me deu uma faixa dele, pra eu guardar de recordação, bem na pandemia, quando eu fui visitar ele. Foi um momento que eu fiquei bem...bem mal, assim, né? Eu diria que...eu tive um quadro melancólico alto. Acho que não classificaria como depressão, não, mas eu tive um quadro melancólico muito alto, porque eu fiquei muito preso em casa. Me dê só um minutinho aqui, vou fazer uma parada rapidinho.

E: Tá joia.

P: Pronto, dá pra continuar...

E: Beleza...

P: Eu precisava... eu...eu faço...eu passo sonda de alívio, né, descartável. Ai eu...deu vontade de fazer xixi, eu tive que passar uma sonda aqui.

E: Ah, tranquilo. Qualquer pausa que precisar fazer, fica à vontade, tá bom?

P: Pronto...Então, aí...a pandemia foi muito complicada pra mim, que aí, tipo...eu fui afastado da empresa que eu trabalhava, né, por conta da pandemia...Então eu fiquei muito em casa, velho...e...é... acho que todo mundo passou por isso. Eu já sou... Já sou limitado, entre aspas, né, das minhas...minhas condições. E você em casa, preso ali, cara, sem poder vivenciar nada. Foi muito difícil, e eu tava muito empolgado com a volta de treinar, de competir e tal...fiquei muito mal, cara. Tipo, teve uns dias que eu não queria nem tomar banho, pra você ter noção, sabe? Baixa autoestima...gigantesca ali, mal pra caramba. E ai esse amigo meu falou: Cara, você me ajudou tanto, velho. Hoje eu sou um professor, sou faixa preta por causa de você. Você quer arriscar? Vem aqui pra casa.

Ele tem um...ele tinha um mini CT na casa dele, ainda tem, que dá aula particular. Vem aqui pra casa, irmão. Pega seu carro, vem pra cá...e a gente vai treinar aqui, sair na porrada todo dia. Se quiser, tamo junto.

E aí, pronto, fechou. Fui treinar lá na casa dele com ele, né? Então...foi onde...me deu uma vida de novo, assim, porque eu tava muito malzinho na época, muito ruim. E aí começou a abrir gradativamente, aqui na Bahia ficou tudo muito parado, campeonato, tudo. Mas São Paulo, Rio, Brasília, tava continuando os campeonatos da AJP, né? Eu tinha ido no Rio, logo depois da minha estreia...

E: O campeonato é de qual organização, que você falou?

P: AJP...

E: Como? Você pode repetir, por favor?

P: AJP.

E: AJP, tá certo...

P: É... depois eu fui numa competição no Rio, mas foi na SAFE, né, de uma outra federação. Foi uma outra boa experiência, lutei com uns caras com uma mobilidade diferente também. Eu nunca tinha treinado...na verdade não tinha nem lutado, né, com um cara com uma mobilidade

diferente da minha. Perdi também, mas foi muito bacana. Tipo...né, eu sempre levei o Jiu Jitsu como estilo de vida. Foi...o Jiu...o ParaJiu Jitsu pra mim...foi uma mudança de...de...torcedor organizado pra atleta, sabe? Então...ali eu tava...entre...eu não tô dizendo que o torcedor organizado, ele não faz parte da sociedade, mas eu tava...me ressocializando, né? Porque a gente sabe que dentro da torcida organizada existem as rivalidades, existem alguns problemas e que acaba sendo marginalizado, todo mundo. Então, até pra minha própria família, eu precisava que mostrar um outro perfil naquele momento, né? Então...eu procurei o esporte que eu amava, eu já tava sendo inserido...pra viver minha vida através daquilo. Então, quando eu voltei pro Jiu Jitsu, nas competições, eu não tinha aquele desejo...de ser o melhor, de...de ganhar tudo. Eu queria tá ali, socializar, aprender uma posição nova. Pô, perdi aqui, quando eu pegar esse cara de novo, dessa vez ele não vai acertar mais isso, não. Então...eu levei muito isso pra mim. Então esses dois campeonatos pra mim, foi só ferro. Mas foi gostosão demais. Ai eu...pô, caramba, o cara engatinhava, e eu...não consegui...aqui eu tinha que trabalhar isso aqui e tal...

E aí, os campeonatos da AJP tavam abertos, né, não tavam fechados, tavam rolando pelo Brasil. E é onde a Federação Brasileira atua, né...a Federação Brasileira de Jiu Jitsu Paradesportivo. E aí eu falei com o professor Elcirley, eu falei: ah, professor, eu quero...é... competir, velho. Eu quero tá me jogando dentro das competições, como que eu posso?

Ai ele: velho, tá em pandemia, tá tendo protocolo. Como que tá sua condição física e tal?

Ai eu: tô bem de saúde. Tô de boa, tô tranquilo.

Ai ele: pega a liberação do seu médico, se ele fazer que você pode...

E eu tava afastado da empresa, né? Por causa da COVID (risos), mas não quis nem saber, falei: não, vou lutar. Não vou desistir de lutar, não. E aí eu ia mesmo pra competição.

Ai em 2020 eu lutei... no Rio e em Brasília. Em Brasília pela AJP. Em 2021 eu lutei...em Brusque, Santa Catarina. É... pô, agora eu não tô lembrando de cabeça, não. Mas eu fiz Brusque, é... Goiás, Goiânia, né? Foi lutar em Goiânia. Lutei...Florianópolis já foi esse ano. Eu fiz uns 3 campeonatos por ano, aí. Da AJP.

E: Legal.

P: E... hoje eu sou o primeiro da minha classe funcional. Eu sou classe K4, porque...na classe K é a classe dos cadeirantes, classe K... Só que aí, devido a lesão, existem os níveis, né, de...de mobilidade. E a classe K1, que é o cara que...ele é cadeirante, mas ele tem alguma mobilidade de perna e tal...mexe o quadril. K2 e K3 já tá chegando perto, ele tem uma mobilidade mais

reduzida, mas ele é um paraplégico ainda. E o K4 é a lesão cervical, tetraplegia, que é a minha categoria. Então hoje eu sou o primeiro no ranking da AJP, né...Eu lutei...lutei agora também, recentemente o campeonato da Dream Art no Rio, no Rio, não, em São Paulo. Ganhei também o campeonato. Hoje dentro da Federação brasileira, eu to numa posição muito boa, dentro...dentro da minha categoria. E além disso, hoje aqui na Bahia também, sou número um também, da... da... da classe dos cadeirantes aqui na Bahia...e to aí, velho. Treinando, tentando mostrar, servindo de exemplo pra outras pessoas com deficiência, que...que isso pra mim é mais importante do que...a....a pontuação...a pontuação...o ranking pra mim é importante pros meus programas do governo, né? Você precisa trazer a visibilidade, o retorno, fazer as mídias...mas pra mim, o mais importante mesmo, e é de coração, não é aquele papo: servir de exemplo pra outras pessoas com deficiência, que existe espaço, que me fez feliz, é...é o que me botou no eixo, na verdade. Você pode, através do esporte, ressignificar sua vida e ser uma pessoa, é... acertável, vista positivamente dentro da sociedade. Esse pra mim é o... o caminho que o Jiu Jitsu me trouxe.

E: Legal. É... você falou então, que você iniciou o Jiu Jitsu antes da deficiência e depois acabou um tempo parado e voltou, certo? Como que foi esse primeiro contato com o Jiu Jitsu pra você? O que mudou, também, na sua visão sobre o Jiu Jitsu, depois de tudo que aconteceu?

P: Bom, o Jiu Jitsu, além de fisicamente ter me ajudado muito, né...Eu consigo ter uma mobilidade muito maior. E aí tem os colegas que ainda ficam brincando, perturbando, né? “Esse tetra de mentira, esse é tetra porra nenhuma, pô. O cara com mobilidade dessa não é tetraplégico, não”.

É...me ajudou muito fisicamente, né...Ajudou muito na minha mobilidade. Você faz uma isometria muito grande, você tem que se movimentar. Apesar que eu me movimento...eu tenho muito peso, eu sou pesado, tenho 80 quilos. Então...eu sou aquele...aquele cadeirante mais...menos ágil. Mas eu precisei...ganhei muita...é... mobilidade. Tipo agora mesmo, quando a gente tava conversando, eu tava deitando, que eu cheguei cansado, to deitado. Então eu levantei rápido, pra ir, tipo...passar pra cadeira pra buscar o fone, volta pra cadeira, volta pra cama. Então, coisa que antes do Jiu Jitsu, eu ia demorar muito pra conseguir passar pra cadeira, que eu ia me arrastando lentamente. Então o Jiu Jitsu me ajudou muito fisicamente. Psicologicamente, me mostrou...uma outra vida, né? Eu volto a falar que...eu...não...nunca vou criticar a escolha do torcedor organizado, mas...é... porque eu vivi aquilo desde os 13 anos da minha idade, e eu fui muito feliz em torcida organizada, não vou mentir. Mas eu precisava, chegando em determinada idade, eu precisava ter um...um padrão social mais aceitável, né? Eu

precisava amadurecer como ser humano, é...eu tenho duas filhas, então...por mais que eu fazia muito trabalho bacana com a torcida organizada, construí vários amigos pelo Brasil, fiz vários trabalhos sociais...Existe um lado que...ainda existe, né? Que é a violência, que ela tá...ela tá na nossa sociedade como um todo, né? Mas ali dentro da torcida organizada, já tá predestinado o inimigo, né? Então...eu precisava amadurecer e ser uma pessoa...mais...mais bacana, é...eu sempre fui muito violento. Não domesticamente, não com mulheres, mas um cara agressivo, um cara brigão. Mesmo depois da torcida, da... da cadeira de roda, é... já me meti em algumas confusões, né? Não eu brigar, mas pegar meu carro e...e... pegar os caras e aprontar, entendeu?

Então o Jiu Jitsu me deu disciplina, me deu uma postura nova de vida, respeitar o outro...e... e mostrar que o mundo é bem diferente, a gente precisa...é... hoje eu me considero um ser humano melhor, porque o Jiu Jitsu me proporcionou isso. É uma qualidade de vida melhor, com o psicológico mais organizado e... tudo isso foi o Jiu Jitsu que me mostrou, né? Que eu posso ser um cara melhor. Na verdade, eu percebo muito que...não só na torcida organizada, mas...em outros grupos, né, de...outros meios sociais, tem pessoas que se esconde ali, é uma forma de se sentir alguém, se sentir o brabo, se sentir...né, o miserável, e o Jiu Jitsu me mostrou: não, você não precisa...é...é... tentar ser mau pra se sentir melhor, né? Então, hoje eu me considero um cara bom, de um perfil muito mais aceitável, um pai melhor, um exemplo melhor, um homem melhor pros meus relacionamentos, né, um cara melhor...um cara que dá uma paz melhor pra minha mãe, e eu tento passar isso que...essa mudança que o Jiu Jitsu fez na minha vida, eu tento passar isso para as pessoas. Além da melhoria física...

E é uma das coisas que a gente usa muito no consultório, é... é o uso da... da atividade física pra ajudar a pessoa se socializar, né, e até...trabalhar, substituindo algum tipo de medicação...de...depressão, ansiedade, com o esporte, né. Você consegue...através do esporte, usar muito pra esses fins.

E: Legal, tá certo. E... e seu primeiro contato, então, com o Jiu Jitsu, como foi? Antes da deficiência. Você lembra?

P: Antes da deficiência?

E: Isso...

P: Eu já fazia parte da torcida organizada, né? Eu tinha...14 anos na época e ai...é hora de você fazer uma luta agora, né? Pra ser o miserável...E ai eu malhava numa academia, tava começando a malhar. Tinha o Jiu Jitsu, tinha um...um professor, Marcos Araújo, é...da equipe Demolição.

Ele me convidou, fui lá, perguntei como era, ele falou: não, vem treinar e tal...Comecei a treinar com ele em 2014...2014, não, 2006 ou 2007, não lembro...não, 2004, 2005, enfim, o ano específico eu não lembro, não. Mas foi nessa média aí, entre 2004 pra 2005, por ai.

Eu comecei a treinar com o...com o Marcos Araújo, daí eu comecei ver o...as competições e aí foi quando migrei pra minha equipe mesmo, a Edson Carvalho, né? Eu já era fã de Rogério Carvalho, que era o... o sobrinho do mestre. Já vi ele lutando e aí eu já admirava demais, e... mas nessa época eu ainda usava a luta da maneira errada, pra brigar, pra ser o cachorro louco, né? Na época, na torcida organizada, meu apelido era Pitbull, eu treinava Jiu Jitsu com esse fim, de ser o brigão, de ser o valentão...tanto que eu comecei no Jiu Jitsu pra brigar, eu queria ser o brabão. E foi assim até o dia que eu tomei o tiro, né? E...e... meu professor, mestre, Leandro Carvalho, que eu...tá no Brasil, aqui, falava direto...Meu professor, não, meu mestre, né...é... falava direto: velho, para de lutar. Rogério, que eu era fã, já falava. Ele morava na Suécia. É... não, cara. Para com isso, com torcida. Cara, vou te trazer pra cá, você vai morar aqui na Suécia. Você vai lutar aqui, vai dar aula na minha academia e pá..., mas não, naquela época de molecão, você queria tirar onda de miserável e tal...Então eu usava o Jiu Jitsu dessa forma aí, pra ser o miserável brigão.

E: E nessa época você chegou...você chegou a participar de alguma competição?

P: Sim, sim...A nível estadual, aqui. Participava dos baianos...eu era um atleta muito mediano, sabe? Muito mediano...Algumas eu ganhava, as outras eu nem ia pro pódio. Então eu era um atleta bem mediano, porque minha intenção naquela época não era ser atleta, era...sair na porrada. Eu era do setor organizado, entendeu? Então...meu contato com o Jiu Jitsu não foi nem pela arte, mas sim pelo status de...naquela época o lutador de Jiu Jitsu era os Pitboys, né? Os brabão...

Então foi mais pelos status, não pelo...pelo esporte em si. Então do...do...convencional, eu não fui um bom atleta, não. Eu tive até um Jiu Jitsu bonzinho, mediano..., mas era isso, o... não pensava em lutar...lutei até uma vez fora...lutei em...o Panamericano em Teresópolis. Em 2007, um ano antes de eu tomar o tiro. O único...porque foi uma galera da academia e aí eu falei: ah, vou também, bora.

Aí eu fiquei...em terceiro lugar. Eu fiz boas lutas lá, viu, velho? Tinha uns caras casca grossa lá, mesmo. Na época o Rio era disparado, assim...na...o nível do Jiu Jitsu era altíssimo no Rio. E ai... ganhei duas lutas, a chave tava bem grandinha. Ganhei duas lutas...e tomei um carrinho lá, teve uma luta que eu tomei um carro mesmo. Nem lembro se foi 17 ou...foi uma pontuação

bem alta a 2, sabe? Tipo, dei uma raspagem, depois...tomei um carro gigante. Então...meu contato com o Jiu Jitsu antes da cadeira de rodas, era mais por status mesmo, do...de ser o Pitboy de torcida organizada.

E: E nesse momento...não só pelo status, mas você chegou em se envolver em brigas e usar o Jiu Jitsu nesses momentos? Como foi?

P: Sim, eu usei muito o Jiu Jitsu...na...eu brigava muito, cara. Eu era...eu era líder de um grupo, né, do...a torcida BAMOR, ela era...ela é dividida por distritos, por bairros, e eu era líder do sexto distrito, que era o distrito do centro. Morava no centro...era, na época até chamava, era...os Pitbull do centro, que era o bonde, né, que eu comandava, vamos dizer assim. Aí eu era muito brigão, mas assim, eu brigava muito em torcida. Eu não gostava de ir pra festa brigar, bater nos outros...eu não gostava, eu já tinha esse lado bom. E ai eu evitava ir pra festa, porque como eu era muito brigão, ai nego me trombava assim, eu já queria dar porrada, entendeu? Mas não era meu objetivo, eu não gostava de...Carnaval mesmo, eu ia pro meu bloco.... antes da cadeira de roda, eu ia muito pra Carnaval. Hoje eu não vou porquê...hoje pra ir pro carnaval, eu tenho que ficar no camarote. É aquela questão, o ambiente não é propício pra minha condição...

E: Entendi...

P: E aí eu não to no carnaval, eu to numa festa dentro do Carnaval. Eu gostava de tá ali no bloco, de ir atrás do trio, entendeu? Mas assim, eu ia pro carnaval, ia pro meu bloco e ia embora. Por que se eu ficasse na pipoca com meus amigos, rolava muita briga. Nego bate do nada, entendeu?

E: O que é ficar na pipoca?

P: A pipoca...porque tem...tem os camarotes, né? Tipo...os camarotes que ficam ao redor do circuito, onde o trio passa. Você fica lá no alto, que é tipo um palanque, não sei como é, se você conhece. E tem o bloco, que vem a galera dentro da corda, em volta do trio. A galera paga pra ter aquela camisa, é o bloco. Você tá na parte restrita, dentro da corda, em volta do trio, acompanhando o trio. E aí a pipoca é... o muvucão que tá por fora ali...lá de fora da corda, a galera que vai, fica lá na rua pulando e se batendo...ali é conhecido como a pipoca.

E: Entendi. Ai nessa época você evitava ficar na...na pipoca?

P: Isso, porque...meu bloco e ia embora, porque eu sabia que se eu ficasse...eu era muito esquentadinho, sabe? Tipo...tanto que os caras, quando me deram o tiro, foi isso. Me chamaram pra mão...ó, vem...chamar pra mão é chamar pra brigar, né?

Ê, valentão, você não é o cara? Vem pra mão, pá...E aí eu fui, né? Quando eu cheguei perto, o cara tava armado, ele me deu um tiro. Então, tipo, eu era muito esquentadinho. Eu saia na porrada por qualquer besteira, entendeu?

E: Normalmente...era com alguém que torcia pra um outro time? O que motivava essas brigas? Tipo algo específico ou não?

P: O que, as brigas de torcida?

E: É... você falou que acaba sendo esquentado, se envolvia em brigas. Essas brigas eram só com torcedores de...de outros times, ou...ou não?

P: Então, a briga dentro da torcida organizada...era já era certa (breve interrupção pela mãe do participante). As brigas de...de torcida organizada, já eram certo, né? Existem as torcidas rivais...e aqui na Bahia existem as duas torcidas, do Bahia e do Vitória, e quando a gente se encontrava, a porrada era certa. Até no dia-a-dia mesmo, se...se conhece o cara, se trombava com ele em algum lugar, é... saía na porrada, né, era certo. E eu digo muito esquentadinho, assim, no modo geral. Eu tô com a namorada, o cara mexer com minha namorada...eu não tinha maturidade que eu tento passar hoje para as pessoas...não, velho. Conversa, fala, oh, velho, ela tá acompanhada e tal...pô, evita confusão. Até com os caras biruta mesmo. Eu não, eu não queria papo. O cara...olhou de rabo de olho pra minha namorada, eu já queria dar porrada, nem perguntava nada.

Olhando por que, o cuzão? E já queria bater, entendeu? Era tipo...o cara me olhar feio...ah, achou ruim? Tá me olhando por que? Eu vou bonito? Então eu evitava tipo, estar em festa...essas festas que acontecem muito aqui na Bahia. Festa de Lago, lavagem de não sei o que, é... entendeu? Tipo agora, festas, assim, abertas, de rua. Eu evitava muito porque eu era muito esquentadinho, eu tinha um perfil... esse perfil de boyzinho mesmo, tipo, de cara fechada, pá. Ai os cara já encrencava comigo, eu brigava muito. Então... eu usava o Jiu Jitsu com essa finalidade, de ser o badboy brigão.

E: Entendi, e como era na academia? você ter esse comportamento, o Professor sabia disso?

P: A maioria das vezes não sabia, né, não chegava até a equipe. Só que na academia como tem muitos policiais, aí teve uma vez que teve uma briga de torcida organizada, uma sede da torcida rival era próxima a escola que eu estudava e aí teve uma briga, depois a gente foi na sede deles lá, invadiu, quebrou tudo, foi uma briga feia da cidade, no centro. E ai deu polícia deu tudo e tal, e um desses policiais que me viu era da minha academia... E ai ele levou lá pro mestre, ele

me pegou... não me prendeu mas me deu regulagem legal, me chamou até pra porrada no dia. "Você tá achando que você é homem, bora brigar comigo e tal". Falei, não, vou brigar com polícia, não, deixa quieto. Na academia a gente briga lá no tatame, aqui eu não vou brigar com você, aqui você é polícia e tal. Ai ele falou: "olha, quero você hoje 5 horas na academia.". Ai eu fui, o mestre começou a prestar mais atenção em mim, né. Essas brigas de torcida e tal. Nunca foi afastado, mas ele reclamava muito comigo. Tanto que...foi mais, assim, dos 18 anos que ele começou a pegar mais no meu pé, que eu já tava de maior. Então, tipo, eu tive algumas entradas na delegacia por briga. Nunca fiquei preso, mas acabava indo pra delegacia por briga... E os polícias falavam: "olha, o Junior tava...foi preso. Foi parar na delegacia lá, batendo nos outros, não sei o que". Então como eu morava no centro, tinha a primeira delegacia, que é no centro. Então eu dava muito azar que tinha uns cinco que eram da academia. Então ficavam sabendo. Isso de certa forma me dava um conforto, né, porque tipo, o cara me conhecia. Então acabava indo pra delegacia e era liberado também.

E: Entendi...

P: Mas aí o mestre começou a pegar no meu pé e tal. E aí em 2000... é.... quando eu tava com 19 anos, o mestre já tava me dando o ultimato. "Ou você vai se organizar pra ir embora, ficar com o Rogério lá na Suécia, ou você vai ser afastado porque você tá... Jiu Jitsu não é pra isso não, cara." Na época o Jiu Jitsu tinha uma fama muito ruim, né, de briga e tal. Você tá usando o Jiu Jitsu de forma errada. Você tá acabando com...com o Jiu Jitsu, fazendo isso, cara. E eu era faixa azul na época. Já era...já tava pra pegar a roxa já. Ele: "pô, você pra pegar a roxa e dando um mal exemplo desse e tal. Então você tem esse ano para se resolver, se vai embora para Suécia, se vai se aquietar ou eu vou te expulsar...vou pedir pra você não treinar mais com a gente." Só que assim, tinha uma relação de pai, né. Tipo, o mestre sempre teve essa relação. Então eu continuava brigando... aí ele puxava minha orelha e tal, mas nunca me expulsou. Então, e aí...no ano seguinte, que eu tomei o tiro com 20 anos.

E: Entendi... você falou que você treinou nessa equipe e depois você retornou. Eu só não entendi se você treinou em duas equipes depois, até você chegar onde você treina hoje.

P:Não, não...nunca mudei de equipe, não. Eu cheguei, aí quando eu parei com... quando eu sofri o acidente, o tiro, eu parei de treinar... fui lá na minha equipe, fiz algumas.... né, participações no tatame e parei, parei, né. Fiquei sem treinar. Eu falei: ah, não vou ficar treinando porque não tem o que treinar. Ai como eu era diretor da BAMOR, eu fui diretor geral na época, depois eu

virei diretor social. Eu...coordenava o projeto lá, né. De Jiu Jitsu, tinha capoeira, várias Artes Marciais. E aí eu treinava lá com eles na BAMOR, lá não tinha equipe. Treinava com eles lá.

E: Como é o nome?

P: Oi?

E: BAMOR é a abreviação da torcida? Como que é?

P: Não entendi.

E: Você falou que ia pra BAMOR, como é o nome?

P: BAMOR. M-A-M-O... B-A-M-O-R. BAMOR.

E: BAMOR. Ah, tá certo. Essa é a... seria a...

P: A maior torcida organizada do Bahia.

E: Entendi. Aí o projeto acontecia lá dentro?

P: Isso, na sede da torcida organizada.

E: Você que conduzia?

P: Era, eu coordenava esse projeto. Tinha outros, tinha os professores, né, que davam a aula e eu era o coordenador do projeto, por ser diretor da torcida. E aí eu treinava o Jiu Jitsu lá com os outros amigos da terceira, né. E aí com ParaJiu Jitsu eu voltei a treinar na minha equipe, na minha academia, entendeu? Mas nunca tive outra equipe não. Porque o projeto era só de socialização para os moradores do bairro, para as crianças carentes, não tinha fim de competidor inicialmente. Então não tinha uma bandeira de equipe. Tanto que o professor, ele era de outra equipe que não era a minha, entendeu?

E: Entendi. E esse elemento que você falou da briga, ele também acontecia dentro do tatame ou não? Havia uma separação disso? Enquanto você tava lutando...

P:Não, eu respeitei muito. Na verdade, no ano que eu tomei o tiro...esse é um detalhe bem...interessante, porque eu também fiz muita terapia, viu? É... eu fiquei muito frustrado porque eu também tinha o sonho de ser policial, né? Então eu sempre fui muito respeitar a hierarquia. Eu era totalmente indisciplinado na vida, mas tipo, eu respeitava as... as minhas hierarquias, assim...do dia, sabe? O meu pai... eu sempre morei com minha mãe, mas eu não...eu não desrespeitava o meu pai quando eu tava com ele. Ele nunca foi muito de mandar comigo

porque ele nunca foi presente. Então ele não mandava muito em mim, mas ali era o meu pai, tinha um respeito hierárquico com meu pai. Então na academia eu sempre respeitei o mais graduado, o meu mestre, né. Tanto que quando... a minha graduação de faixa azul mesmo, o Rogério Carvalho que eu era fãzão, ele me bateu para caralho e tipo... eu sair do tatame chorando, entendeu? Mas, tipo...não fiquei chateado porque ele era faixa preta ali, entendeu? E tipo, ele tava... era meio que uma tradição da fachada... você.... a minha equipe, Edson Carvalho, ele veio do Judô, o Sensei Edson Carvalho. Então eles tinham...eles têm muita base do Judô, então na graduação a gente tomava muita porrada, caía muito, tomava muita queda, além da fachada no final, né? Então... tipo, eu respeitava muito. Não ficava...desrespeitando, brigando no tatame, não. Dentro do tatame, eu era...tipo, eu brigava na rua, talvez por isso o mestre nunca me expulsou. Porque eu brigava na rua, mas quando ele falava, eu baixava a cabeça. Desculpa, mestre. Desculpa, eu vou melhorar e tal. Sempre respeitei muito o tatame e a minha equipe.

E: Entendi. E hoje em dia você tem um envolvimento também, com a torcida organizada? Ainda tem algum vínculo?

P: Não, depois que eu me dediquei a carreira de paratleta, eu me desvinculei totalmente com a torcida organizada. De maneira amigável eu pedi o afastamento, falei com a galera...que eu ia dar um foco ao Jiu Jitsu, que eu queria ser um competidor. É algo que eu sempre sonhei. Além de ser policial, eu queria ser lutador. eu gostava muito de lutar. E eu tava tendo a oportunidade de fazer isso, lutar... de verdade, apesar das minhas limitações, que eu ia dar foco nisso. Aí eu me afastei. Hoje... eu tenho muitos amigos. Tem um bar da semana, da torcida. Então as vezes eu vou nesse bar, depois a galera fica resenhando e tal. Vou rever os meus amigos..., mas não tenho mais envolvimento nenhum com a torcida organizada.

E: Entendi. Voltando agora para o Jiu Jitsu. Para você o que é ser um praticante de jiu-jitsu, um jiu jiteiro? Seja do convencional ou do ParaJiu Jitsu.

P: Rapaz... ser um praticante de Jiu Jitsu. Rapaz... é um resumo de tudo que eu falei. É você... ser um ser humano melhor...é porque, eu... como eu falei. Eu vejo o Jiu Jitsu como um estilo de vida, né. É uma Arte Marcial que ela não é brasileira, mas que...ela tem raízes, né, ela cresceu no Brasil, ela foi enraizada na cultura brasileira através da família Gracie. Foi adaptada e.... já faz parte da nossa cultura. Então, vejo o Jiu Jitsu como um estilo de vida, muito mais do que uma luta, né. Então o cara... um lutador de Jiu Jitsu, o jiu jiteiro pra mim ele não é lutador, ele é...é... um artista Marcial. Alguém que tá ali pra mostrar um estilo de vida, uma maneira diferente de socializar. hoje você vai em qualquer ambiente. O seu médico faz Jiu Jitsu, o seu

porteiro faz Jiu Jitsu. Então o Jiu Jitsu, o jiu jiteiro pra mim...ele.... tem que ser, principalmente um cara graduado, tem que ser um ser evoluído. Então pra mim, o jiu jiteiro é um ser evoluído. Alguém que deve mostrar pra a sociedade como um todo, um estilo de melhor, além do tatame. A sua qualidade técnica, ai é os seus critérios, se você vai ser competidor... mas o jiu jiteiro para mim, ele tem que ser um cara evoluído pra vida.

E: Legal. E o que é ser um praticante do ParaJiu Jitsu? Você enxerga alguma diferença entre o praticante do Jiu Jitsu convencional e do ParaJiu Jitsu?

P: A única diferença para mim é que... o jiu jiteiro do convencional, ele tem obrigação de ser evoluído como um todo, né? Eu tive até... uma experiência bem bacana com o mestre, que eu voltei em um voo dele...com ele, de Brusque, é... o pessoal do voo tava muito chateado que ele atrasou, e aí atrasou o voo todo, que ele não queria despachar a mala e tal. Aí tinha uns caras lá meios.... invocado lá, querendo brigar, né. Dizendo desaforo pra ele: "ah, não sei o que e tal". Aí ele levantou, e pô, ele é um cara monstruoso, velho. Um cara grandão, um cara foda, faixa preta. Tinha ganhado em primeiro lugar, o peso e o absoluto nesse evento. Um cara monstro, velho. Esqueci o nome dele... ele até era segurança do Falcão do Rapa. Segurança, não, minto, ele era da produção. E aí ele...tipo, o cara falando desaforo mesmo pra ele. E ele: "Pô, meu amigo, me desculpe. Foi porque realmente tinha uns pertences de valor ali, não queria despachar minha bagagem, você me desculpa ai, atrasar." Então, o jiu jiteiro pra mim, tem que ter aquela postura, apesar que nitidamente ele espancaria aquele pobre coitado, ao meu ver, entendeu? Mas ele foi muito solicito ali, muito tranquilo na atitude dele. E o cara foi: “os caras otários, ignorante, meu irmão." OS caras falando absurdo, né? "Tá pensando o quê? Que é avião próprio, é?" Falando coisas...e ele já tava na cadeira sentado, né e tal. E... ele foi bem legal, então o jiu jiteiro para mim, ele tem que ter essa postura. E a diferença pro atleta do ParaJiu Jitsu é só que ele tem uma obrigação, né...de...de servir de exemplo a mais, não só para uma sociedade, mas para uma classe específica, que a pessoa com deficiência...para que outras pessoas venham a entender e tenham uma vida melhor, tanto fisicamente como psicologicamente. A diferença é só essa, é que o... o paratleta ele vai ter que... uso muito, gosto de usar minhas mídias sociais pra que outras pessoas com deficiência se espelhem e corram atrás. Que não seja o Jiu Jitsu, mas que seja outra atividade física, só esse pontinho a mais.

E:Entendi. Então, somando tudo isso, o que o Jiu Jitsu representa pra você? Qual o significado do Jiu Jitsu?

P: Rapaz, é bem simples... Jiu Jitsu pra mim é vida. É qualidade de vida em todos os quesitos pra tudo. O Jiu Jitsu muda a vida, o Jiu Jitsu...é....pode ser o seu caminho profissional, pode ser a sua qualidade de vida. Então, Jiu Jitsu pra mim é vida, eu sem Jiu Jitsu, não sou nada. Tanto que foi o período que eu voltei a lutar Jiu Jitsu. É... pude voltar em 2019, a competir...e a falta dele 2020 quase me levou a uma depressão. O Jiu Jitsu pra mim é vida.

E: Tá joia. É... você compete, você é um atleta. Como é ser um atleta de ParaJiu Jitsu?

P: É uma...é uma tarefa árdua...porque é difícil você ter profissionais capacitados, não só... hoje no Tatame eu já tenho o que meu professor que aprendeu comigo, né? Tenho alguns amigos também que não é da minha equipe, mas que me ajudou desce o começo. Mas a tarefa difícil é porque você precisa ter o educador físico que entenda da sua deficiência, você precisa ter um nutricionista pra entender. Eu mesmo não tenho uma parede abdominal por conta da minha lesão. Eu não tenho musculatura abdominal, então eu tenho uma barriguinha saliente. Então o...o... profissional, o... nutricionista, ele precisa balancear muito bem minha alimentação pra eu não ficar gordo e nem emagrecer muito pra eu não perder a força da minha caixa torácica e braço que é onde eu tenho mais controle. E você com todas as suas limitações, né. Não é o meu caso pessoas, mas tem pessoas com deficiência que vivem do uso do benefício do governo, né? O dinheiro do INSS. Pra você ter esses profissionais à sua disposição, é caro. Então é muito difícil você se manter em alto nível...você ter lugares acessíveis pra treinar...né? Hoje...eu tenho o meu carro, graças a Deus, eu posso ir e voltar, mas tem gente que tem dificuldade até para se deslocar...Então, ser um paratleta é muito... ser atleta já é difícil. É que geralmente a gente sabe que não tem apoio...é... os empresários, não valorizam o atleta. Muita gente ainda não leva a sério como profissão... Ser atleta já é difícil, ser um atleta do Paradesporto é mais difícil ainda.

E: Entendi. Como você vê os outros paratletas? Seus companheiros de competição.

P: Como?

E: Como que você eles? Como você interage? Como que é essa essa relação de você com outros atletas?

P: É muito difícil eles conseguirem patrocínio, apoios, então a gente conversa muito e tenta se apanhar um ao outro. Tipo, se eu moro em Brotas, um bairro aqui de Salvador, e se eu vou passar pelo outro bairro, por Nazaré, a gente tenta dar um suporte pro amigo que não tem carro. A gente tenta ajudar, é... ontem mesmo eu fui com o amigo no...no CREA, que é um órgão aqui na Bahia que regulariza essas coisas de...bolsa família, grupo familiar, essas coisas. É que o

dele tava suspenso e tal. Mas tenta um ajudar outro pra que ele consiga se manter ativo, né? E buscando a sua melhoria ali dentro do esporte. Então a gente conversa muito e apoia o outro pra que não tenha desistência. A gente fala muito que independente de equipe a gente não vai largar o outro, né. Então, vai sempre procurar apoiar pro movimento cada vez mais crescer.

E: Legal, e você treina também com outras pessoas com deficiência? Tem na sua equipe?

P: Na minha equipe, na minha academia em específico só tem um autista, né? Mas eu faço parte da associação Baiana de jiu jitsu paradesportivo. Então a gente sempre organiza um treinão no CT de um amigo, desse amigo que te falei que me chamou pro Para Jiu Jitsu...ele tem o CT dele, é faixa preta. E aí alguns sábados do mês, a gente organiza uma reunião na associação, com todos esses paratletas pra fazer o treino, passar posição, ajudar o movimento ali específico e tal.

E: São quantas...quantas pessoas mais ou menos aparecem nesse treino?

P: Hoje na associação a gente tem em média de 25 paratletas...

E: Legal, bastante gente.

P: Ativos, ainda nas competições. Tem aqueles, né? Hoje a gente tem um grupo aqui com uma porrada de gente. Se eu não me engano, tem umas 40 ou 50 pessoas, assim... que vai nas competições hoje, que participa ativamente, é em média 25 pessoas.

E: Entendi. Você contou então desse grupo. Alguns treinos durante alguns sábados, né? Mas como que é a sua rotina de treino? A sua semana, a sua rotina semana...

P: Bom, os dias que eu vou pro consultório, né? Fazer o meu papel de psicólogo, eu evito fazer o físico à tarde, pra eu estar bem pra treinar à noite. Então vamos supor que eu vou atender segunda, quarta e sexta essa semana. Terça e quinta eu treino à tarde, segunda, quarta e sexta-feira eu não treino à tarde.

E: o treino à tarde é o treino físico?

P: É o físico, ou musculação, academia ou rodar a cadeira na orla, ou fazer o...é... o percurso do Crossfit do meu amigo, né? Que ele tem um box, eu vou lá e treino com ele. E à noite eu treino todos os dias no Jiu Jitsu. De segunda, quarta e sexta é o dia, né, de kimono, e terça e quinta, No gi, que é o sem kimono.

E: Entendi, de segunda a sexta, então, você treina?

P: É, o Jiu Jitsu a noite.

E:Entendi. E dentro da sua rotina de treino, das experiências que você tem com o ParaJiu Jitsu, qual foi a sua melhor e a sua pior experiência?

P: A minha melhor experiência, você falou dentro do Para Jiu Jitsu, né?

E: Isso.

P: Rapaz eu tive duas muito boa. Eu fui fazer uma visita numa academia de um colega... A primeira, né, que eu chorei muito, foi a minha estreia no ParaJiu Jitsu...foi a melhor sensação do mundo, cara. É... tipo, foi a melhor... eu tive uma sensação muito gostosa quando eu adaptei meu carro na primeira vez, né? Eu já um carro... e aí quando eu consegui adaptar meu carro, pude dirigir de novo, eu fiquei muito feliz. Mas ali de voltar a lutar, velho... eu, porra, fiquei...muito feliz, muito feliz, velho.

E: Você consegue explicar? Você consegue explicar como você se sentiu, em detalhes? O que passou pela sua cabeça?

P: Eu não sei, cara. Eu fiquei muito feliz, porque tipo, eu chorava muito, sabe? Era um sentimento muito...é....tipo...é como se você tivesse vivendo de novo algo...é como se tivesse perdido um ente querido e ele ressuscitou, sacou? É como se você tivesse perdido sua vó e do nada, aquela vozinha que cuidava de você, que te dava leite e tal, voltou...e eu chorava muito, eu tentava parar e a lágrima caía assim, velho. E depois do campeonato, eu fui embora... e os caras da torcida, eles tinham um grupo, né? Era da época que eu treinava Jiu Jitsu, os caras meio com receio de eu estar porque eu perdi, né? E aí ficava: "velho e aí, pá". Eu: "não...", falando com todo mundo. E eu tava indo pro litoral, é... foi bem no final do ano, eu tava de férias. E aí eu tava indo pro litoral e quando cheguei na casa que eu tava, chegou um caminhão de mensagem, a galera "Isso mesmo, guerreiro. Pá...bola pra frente" Ai, eu: "não, velho. To muito feliz, cara. To feliz pra caralho. Eu tava realmente muito feliz, e além dessa sensação teve uma outra, que eu fui fazer uma visita na academia de um cara aqui, né... o professor aqui em Brotas. E aí aluno dele, me...no final assim, eu tava conversando com duas meninas assim... o cara sentou do meu lado e falou: velho, essa semana eu tava pensando em me matar...Eu aqui todo bom, velho. Saudável e tal. E você aí, tetraplégico...pô, consegue nem amarrar sua faixa..." Que eu não consigo amarrar minha faixa, né? Que eu não tenho pegada nas mãos. "E você, pô, dando essa lição de moral aqui pra gente. Você tá sendo inspiração pra minha vida. E até hoje esse cara me segue no Instagram e comenta nas minhas coisas, e..."Sou seu fã e pá", e mó bonito,

entendeu? Então foram duas sensações muito boas... o cara que tava pensando em se matar, que tava infeliz... Tava desempregado, a mulher tinha largado dele e tal. E... esse meu primeiro momento no Jiu Jitsu....

E: Como você sentiu esse dia que o rapaz conversou com você? O que passou pela sua cabeça? Você lembra?

P: Foi ali que...eu abri a mente, né? Pra... pô, eu tenho que ser esse exemplo, né, velho? Pra todo mundo... Fiquei feliz de estar podendo contribuir com alguém...Aquele nível, do cara confessando pra mim: Pô, essa semana eu pensei em me matar." Eu falei: caralho...Tipo, nem preciso ser psicólogo pra estar salvando vidas, entendeu? Pra estar contribuindo pra... pra qualidade de vida de alguém. Aí eu falei: pô, é isso que eu tenho que fazer, velho. Toda vez que eu ver um deficiente na rua. "Você faz algum esporte, cara? Você já procurou Jiu Jitsu? Ah, não gosta, não? Muita agarração? Pô, faz... faz alguma coisa, velho. Eu conheço um cara do Para Taekwondo. Pô, tem o... tem a natação aqui, que é pelo governo e tal. Eu tento, sempre que eu vejo um deficiente, eu tento falar sobre algum esporte. Claro que eu puxo sardinha pro meu Jiu Jitsu, né? Mas se não é do gosto do cara, eu falo: Não, existe esse, tem esse, tem aquele, né...A vantagem pra mim, do Jiu Jitsu, é que é o esporte que mais agrega a pessoa com deficiência...por conta...de ser uma luta de solo, você pode abraçar...então você...é mais fácil, qualquer...qualquer deficiente pode fazer. Eu mesmo...eu não posso fazer o Para Taekwondo...que eu não tenho como chutar, pular, e....entendeu? Tem um amigo que ele faz o... o Karate adaptado, que se eu não me engano, não é competição, é só de Kata. Quer dizer, é competição só do Kata, não tem combate. Então... sempre procuro falar sobre isso, né? Mostrar a importância do esporte na vida das pessoas. Esses dois momentos, minha estreia no Jiu Jitsu, no ParaJiu Jitsu e... ter servido de.... salvação, vamos dizer assim, pra vida desse faixa branca da academia do...amigo. Os momentos melhores que eu tive no ParaJiu Jitsu. Tanto que ontem eu tava com um amigo aqui... Aí ele tava olhando minhas medalhas ali. Aí eu mostrei para ele, né? Porque nesse campeonato que eu fiz, eu ainda medalhei, porque só tinha 3 na chave, no meu primeiro campeonato...ainda peguei uma medalha, de brinde, né? Perdi, mas levei uma medalha. Aí eu falei: é a medalha mais importante. Perdi a luta, mas...é a medalha mais importante pra mim. E o momento mais ruim, né...do...ParaJiu Jitsu, cara... foi...eu não tenho muitos não, viu? Tive excelentes experiências eu tudo que eu fui. Através do Jiu Jitsu pude conhecer outras cidades, eu viajei muito, né... Lugares que eu não conhecia. Construí amizades, amizades incríveis. Pessoas...verdadeiros Samurais, entendeu? E é o cara que eu quero ser um dia na vida. O estilo Samurai mesmo. Aquele cara totalmente correto, que eu erro muito ainda

na vida. Então eu conheci muitas pessoas assim... Mas eu.... pude vivenciar, que já tem no convencional, é... essas brigas de Federações, e... hoje até diminuiu porque eu acho que depois rompeu uma outra Federação que existia aí, eu não sei se existe ainda. Acredito que sim, que eu vi uma postagem..., mas logo quando eu comecei, eu falei pro professor assim: "olha, eu vou lutar em qualquer lugar, eu quero...lutar. Onde tiver...o deficiente mais parelho da minha classe, eu vou lutar." E aí eu participei de uma outra federação e ai eu vi que....é... não queria nem falar muito disso porque tipo...você acaba tendo que falar mal de...de...sabe? Eu não eu quero falar mal de federação nenhuma...

E: Tudo bem, tudo bem.

P: Mas assim, eu...eu tive...vivenciei na...no ParaJiu Jitsu, pessoas de maus índoles, pessoas que tavam usando os deficientes, né...pra se favorecer. Então isso pra mim, foi muito chato. Porque eu sou uma pessoa com deficiência, eu quero mostrar pra outras pessoas com deficiência, o... coisas boas, sacou? Eu não quero me aproveitar delas...Então... acho justo o ... o deficiente pagar academia, porque o professor tá ali pra um trabalho dele, ele vai estudar sua deficiência, mas você se aproveitar, é... sabe? Cobrar...de um ...e aí já é outra situação também que eu vi, de um professor...Não tem nada a ver comigo ou com a minha equipe, mas um determinado cobrar 500 reais da mãe de um autista por mês...pra dar aula...sabia que a pessoa tinha um poder aquisitivo bom, né? E faz tudo pelo filho, então...a parte mais triste que eu já vivenciei, que graças a Deus na Federação Brasileira eu não vejo isso, sabe? E tudo perfeito... Tem coisas que eu discordo do professor Elcirley e escola graças a Deus, ele me dá abertura pra gente conversar muito..., Mas realmente se aproveitar das pessoas...dessa maneira de...de explorar a condição física...Que isso acontece na vida, né? hoje tudo pra um deficiente, é tudo mais caro...Eu tava falando isso com um amigo também. Uma cadeira dessa de banho, que eu preciso pra ir sozinho, é 800 reais. Uma cadeira que eu uso...é...6 mil, 7 mil, uma cadeira normal, não é nem motorizada. Ou você vai pegar do governo uma...pesadona de ferro, entendeu? Pro deficiente já é tudo mais difícil...E eu ver algumas pessoas aproveitadoras querendo....é... usar o ParaJiu Jitsu pra se beneficiar exclusivamente. Eu não sou contra você ter retorno pelo seu trabalho, acho mais que justo. Se você monta a competição, se você dá aula de ParaJiu Jitsu, se você estuda seu aluno que é deficiente, mas justo que você receba, que você tenha retornos por estar realizando um evento. Mas...é... sabe? É... lesar de maneira exagerada, porque sabe que a pessoa vai precisar daquilo ou vai querer muito aquilo porque tá se sentindo bem fazendo aquilo, eu acho.... bizarro. E eu ver umas situações dessas...foi o momento mais triste que eu tive com o ParaJiu Jitsu.

E: Tá, certo. Então, ainda dentro dessa questão das organizações, é...o que você acha das competições, das classificações funcionais, da equipe multidisciplinar em volta do ParaJiu Jitsu?

P: O que eu acho das competições e das equipes?

E: Isso...

P: É porque tinha falhado um pouquinho.

E: É... da equipe multidisciplinar, dos profissionais envolvidos...

P: Certo...Eu não vou falar de outras Federações, tá? Porque...como eu falei, existe uma Federação...que eu não sei como que tá, né? Que foi uma situação que eu participei, mas me desagradou muito, a postura do presidente. Acho que não condiz nem com faixa preta e nem com presidente de uma associação...de uma Federação de pessoas com deficiente, pessoas com deficiência. Foi uma conduta totalmente antiética em vários quesitos. Então eu vou falar...e uma outra que eu não conheço muito, que é a SAFE, mas...não falo mal, ele faz em...bons campeonatos no Rio, sabe? Mas eu não sei como funciona a logística dele, as equipes dele...eu não conheço muito. Participei de um campeonato, mas não conheço muito. Mas vou falar da Federação Brasileira, a... JJP. FBJJP. É... a classe funcional, velho...é a melhor que eu já vi. Hoje é... hoje aqui na Bahia, eu sou responsável por essas questões aqui, de casar as lutas, de classificar o paratleta, né? E eu me espelho muito neles, em tudo que eu faço...eu pergunto ao professor Cowboy, né? O Mario Edson Cowboy, o faixa preta responsável por...pela classe funcional...pelas regras do ParaJiu Jitsu. Professor incrível, o cara...pô, é incrível. Admiro demais, também. Então eles fizeram...tem estudos científicos, né? Estudaram muito pra fazer as classes funcionais...Eu não sei, acho que o só o Professor Elcirley vai poder te dizer quantas competições já teve, mas já teve competições pra caramba, e não teve um caso de lesão em competição, velho. De se machucar, sabe? Que é normal, até você, né? Tipo, tem um, machuca ali, pegar uma chave de vez ali, machucar...mas, as lutas são tão bem casadas, são tão bem organizadas as classes funcionais que até hoje não teve um caso de...de lesão, né? Grave, ou de...até de comprometimento por condição física do atleta, sabe? Alguém pode se machucar porque pisou errado, porque não treinou direito, qualquer coisa...ou porque não bateu na posição. Mas pela condição física, ninguém nunca se machucou em competição. Eu acho que nem assim, essas coisas, nunca teve em competição. Então a classe funcional, ela é muito bem dividida, muito bem estudada, né? Existe um livro de regras, né? Específico para o ParaJiu Jitsu, com... riquíssimo em detalhe, com estudos mesmo, com...com... estudiosos da filosofia, da... da....

biologia, desculpa. Biologia, é... essa parte ai o Professor é...Elcirley, pode te dar mais detalhe, mas os artigos tão lá no site. Mas é... muito bem preparada as classes funcionais, né? Eles passam isso no curso também. E a equipe multidisciplinar...também eu vejo de uma forma muito boa, não só pela qualidade dos profissionais, porque além de ser um médico, você precisa entender de ortopedia, você é um médico clínico, né? Que se não me engano, não tenho certeza, o mestre da Federação, não sei se ele é clínico ou se ele já faz alguma outra especialização...Mas ele estuda muito com os fisioterapeutas, com... porque ele precisa entender muito de todas as deficiências, né? O médico...vamos dizer, normal...ele vai ali, cuidar o básico e o que não é dele, ele encaminha pro outro. Mas o médico da Federação, não. Ele precisa entender de todas deficiências, precisa entender tudo, porque ele é responsável por todos deficientes ali, né? Então...tem que ter esse cuidado maior...Eu mesmo, como psicólogo, nunca tinha trabalhado ou estudado sobre outras deficiências, e hoje eu preciso estar atento a tudo isso...são detalhes, né? A parte fisiológica, né? Como funciona pra cada um. Preciso estar atento porque trás constrangimentos, trás prejuízos psicológicos. E além de ter esse cuidado dos profissionais, eles precisam...tão...mais focados nisso. É... são pessoas com deficiências, que pra mim é um diferencial gigantesco, que são pessoas que conhecem na prática tudo isso. Pra mim, ai que tá toda legitimidade da Federação Brasileira.

E: Legal. É... sobre os seus treinos, então...Você falou que treina com uma outra pessoa, né, com autismo. Mas como é o treino em si, junto com a sua equipe?

P: Eu tenho dois tipos de treino. Um treino que...o... o colega ele fica sentado, ele não é proibido de mexer as pernas, porque as vezes tem uns movimentos involuntários. Então...involuntários que eu digo, sem pensar. Não é espasmo, não. Tipo, na hora ele...tá defendendo a posição, usa a perna, sem querer, né? Aí eles veem: pô, roubei aqui. Então esse é um treino que eu faço com eles, tentando usar a perna, evitando que eles usam a perna. E... eu tenho uma outra versão do treino, que é o treino normal, que ai é onde eu tenho que sobreviver. Eles me passam o carro e aí eu vou tentando sobreviver pra ser finalizado menos vezes possível.

E: Entendi. E a parte técnica, você faz como?

P: Aí é normal. O professor passa duas técnicas, que é antes dos...isso aí eu to falando do "rola", né? Antes eu faço os meus exercícios de...fuga de quadril, fuga de braço, os alongamentos meus, específicos pra minha deficiência, e... quando o professor vai passar a técnica, ele passa a técnica pra turma, eu acompanho, vejo se é alguma que eu posso adaptar. Geralmente quando é técnica de estrangulamento, passagem de guarda, né, ou senão, você tá por baixo, o cara tá

nos 100 quilos, pra você encaixar algum golpe e tal, eu observo pra ver o que eu consigo adaptar pro meu jogo, mas aí é uma coisa minha. Não...não é o professor, ele não me obriga a fazer essa técnica, mas ele fala: Se você ver alguma forma de adaptar, vamos tentar...Aí ele passa a técnica para os demais, do convencional, né? E aí ele estuda uma técnica pra mim e me passa uma técnica por aula. E aí se a técnica que ele tá passando lá for boa pra eu adaptar, eu tento adaptar e ai a gente faz o... os drills com a técnica da galera com a minha adaptação. Se for algo que vai fazer guarda, vai ter que...mexer perna, aí ele passa a minha e eu faço os drills com a minha...técnica que a gente estudou e ele me passou ali.

E: Entendi. E dentro dessa sua rotina de treino, quais são os seus desafios e as suas motivações? O que te mantém no ParaJiu Jitsu?

P: Isso já virou minha vida, velho....eu não consigo ficar sem, sabe? Quando eu vendi...troquei de carro agora, recentemente, a gente teve um probleminha agora porque eu troquei de carro, ai o carro, eu peguei um carro já usado, veio com probleminha de óleo. Ai ontem eu fui resolver isso. Ai...então tava na correria. Amanhã mesmo vou ter que levar de novo no cara, no cara que me vendeu o carro resolver...Então...eu fiquei sem carro, né? Uma semana atrás aqui...eu fiquei agoniado, cara. Então...eu acho que...pra eu estar no Jiu Jitsu eu não preciso de motivação, eu preciso de disciplina, porque eu seio quanto é importante pra minha vida. Parece até frase clichê, né? Mas é verdade, é... a motivação que eu tenho é depois do resultado, sabe? É o reconhecimento das pessoas. É... meu mestre falar que ele é muito feliz de ver a minha dedicação, sabe? É as pessoas falarem comigo: "você é foda. Você, pô, treina pra caralho, rapaz. Você é massa. Eu vejo gente botando desculpa e você vem treinar todo dia." Então...o que me motiva é o resultado depois.... né, que a galera reconhece, minha família reconhece, o meu esforço, sabe? Eu quando perco uma luta, minha mãe fica muito triste. Ela não entende muito, não. Ela fica: ai, meu Deus, você perdeu, meu filho." Ah, minha mãe, mas é normal. E ela: "mas você se dedica tanto e não sei o que". Então... eu...eu tenho mais disciplina por algo que eu amo e que faz bem pra minha vida.

E: E os desafios?

P: Desafios... O desafio, como eu sou tetraplégico, apesar que geralmente não parece, o meu corpo sente muito, a minha lesão é muito alta. É... então, tipo agora mesmo, eu cheguei, né...Agora não, a hora que eu cheguei, eu tava muito cansado, muito fadigado, eu canso muito, os poros do meu corpo ficaram fechados por causa da lesão, então...eu fico com o corpo muito quente. Eu sou o único que pode tirar o kimono no tatame. Depois do rola eu posso tirar um

pouquinho para respirar... jogar uma água no corpo, senão eu superaqueço e meio que baixa a pressão, eu fico fraco, entendeu? E aí no dia a dia eu sinto muito dor na coluna...é....fadiga muscular. Além da questão da... da... da sensibilidade...

E: Sim...

P: Então um dos maiores desafio é lidar com essas dificuldades física, né? Que as vezes, todo mundo tem seu dia ruim, psicologicamente, pra lidar com essas demandas, pra me manter ativo. Então são os maiores desafios. Mas, o corpo é meu maior desafio. Levar meu corpo ao limite... E tem dia mesmo que...tipo, hoje mesmo, se eu vacilar, velho...agora não, que eu já cheguei cedo, descansei, tinha o compromisso com você.... mas quando chega aqui, é... 14 horas, chego acabado. Então...eu deito, tomo banho e deito aqui, minha coluna tá explodindo. Se eu não...não...não me esforça, botar aquilo como obrigação, sabe? Como...é... a disciplina mesmo, falar: ah, velho, hoje eu não aguento ir, não. Então o meu maior desafio é... é levar ao meu corpo a essa...maratona que eu o exponho.

E: Tá certo. E quais são suas expectativas no ParaJiu Jitsu, daqui para frente?

P: A expectativa é lá na frente ser um bom psicólogo esportivo, trabalhando com Paradesporto, e... algo muito mais na frente, é ter a minha...minha academia com ParaJiu Jitsu. E já é o... algo mais próximo é ser campeão mundial no ParaJiu Jitsu na minha categoria em Abu Dhabi.

E: E da onde vem essa... essas expectativas? Tudo isso que você tá falando, como você constrói isso pra você?

E: Então, já tenho minha profissão, né? Que eu...escolhi ela depois da lesão, né? Antes eu fazia física, e eu escolhi ser psicólogo pelo contato com meu psicólogo. Gostei, me adaptei. Eu sou profissional da psicologia e amo o Jiu Jitsu. Então... uma coisa me atrelou a outra. Então...se eu amo o Jiu Jitsu e eu sou psicólogo...eu quero trabalhar com Jiu Jitsu dentro da minha área. Isso é o que me leva a esse objetivo. Ser campeão mundial, é... não é o meu maior, tipo assim, não é o meu maior sonho, mas...é o alto...o maior nível do ParaJiu Jitsu, né? Então hoje eu sou competidor, não vai ser, é.... fundamental para minha vida, mas é uma... realização e que eu vou...lutar pra conseguir. Entendeu? Vou buscar ser... hoje eu sou o melhor do...na federação brasileira da minha classe, sou o melhor na Bahia e... quero ser o melhor do mundo na minha classe. É... vai ser bem duro, até porque...o apoio pra eventos internacionais, não tá rolando, entendeu? O governo ele só tá apoiando a nível nacional. Porque eu sou um atleta de nível nacional. Então eu tô vendo aí, se eu consigo apoio de passagem, é... custos, né? Pra tá nesse

campeonato em novembro lá, que é o....o mundial, né? O World Pro da AJP lá em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes. E o outro, que esse aí eu vou realizar se Deus quiser, é quando eu tiver mais velho, com meu faixa preta, ter a minha equipe. Equipe, não...que eu não tenho vontade de sair da minha equipe, da minha...Vai ser a minha academia, né? Abrir uma filial da minha equipe, num lugar totalmente acessível e inclusivel, eu quero ter bons atletas do...na minha academia, do convencional, com bons professores, mas...vai ser o diferencial, um lugar totalmente inclusivel para pessoas com deficiência.

E: Legal. Então pra gente terminar, eu queria já agradecer a sua disponibilidade aqui, toda essa conversa que a gente teve. E... pra fechar, eu queria te perguntar o que você gostaria que eu tivesse perguntado, mas eu não perguntei, ou algo que você gostaria de acrescentar aqui, pra gente finalizar.

P: Não me vem nada à cabeça, não. Acho que a gente bateu um papo bem extenso, bem bacana. A gente abordou vários pontos interessantes aí, né? Não me lembro, não. Agora, assim, mas... eu só queria... dizer, né, o que você reporta depois, que... o Jiu Jitsu, eu vou falar do Jiu Jitsu...é algo que realmente vai...muda vidas, entendeu? Muda vidas...e mesmo que você não seja melhor, e mesmo que você...é...é... tenha dificuldade pra ir treinar, você não tem uma técnica, você não consiga...evoluir tecnicamente. Aquele ambiente, se você procurar uma equipe, né, de...de...que o professor tenha caráter e saiba usar realmente a faixa preta, é algo que vai te trazer...pra sua vida, uma pessoa melhor...Então, eu digo, o Jiu Jitsu, pratica o Jiu Jitsu que vai mudar sua vida.

E: Então...fechamos então?

P: Fechamos!

Anexo I – Perguntas extras realizadas por áudio em aplicativo de mensagens

E: Na entrevista, você disse que antes de ter deficiência, teve pouco contato com pessoas com deficiência. Então qual foi a importância de ter contato com outras pessoas com deficiência?

P: Bom, pra mim... como falei na entrevista, foi uma experiência nova, né? E muito boa, por que tipo... por exemplo, eu antes da... do contato o ParaJiu Jitsu não tinha essas relações, apesar de me aceitar muito bem, né? Eu tinha mais receios de limitações minhas, por exemplo, falar abertamente sobre a minha forma de urinar. Pô, como é? Você faz cateterismo, você passa uma sonda? Então quando você não tem vivência nenhuma desse mundo, né, você se sente um estranho, né? Então com o tempo eu fui me aceitando e essa vivência com outras pessoas

facilitou com que é... visse, né, como lidar, até em ajudar o outro, você começa a se entender. Às vezes tem uma pessoa que tem limitação maior que a sua, usa uma fralda ou tem vergonha de falar como faz as suas necessidades, e aí você tenta explicar: "não, cara, isso é normal e tal, dentro das limitações, é... procura lidar bem." Então, isso... você acaba de certa forma trazendo para você. E você, psicólogo, começar a fazer um trabalho de Psicologia dentro da Federação Brasileira, eu tinha que estar internalizando isso para mim, né? me entendendo mais para poder ajudar o outro a se entender. Então foi extremamente importante por esse lado. Apesar de me aceitar bem, ajudou... me ajudou a agir com mais naturalidade dentro das minhas limitações.

E: Você pode falar um pouco mais sobre o que significou ser uma pessoa com deficiência, logo após o acidente?

P: Foi... desafiador, essa é a palavra. Eu nunca fui um cara de desistir de nada, sabe? E sempre foi muito competitivo em tudo na minha vida, sempre tive um ego muito alto. Então eu não queria ser um coitadinho, né? Ah, porra... vou usar até uma palavra mais chula: "Ah, pô, você se fodeu agora, né... se ferrou e agora você vai ser um coitadinho, vai precisar dos outros." E eu nunca quis me ver assim, então eu sempre procurei me superar, vencer as barreiras, vencer as adversidades. Então... eu fui procurar dirigir, treinar, malhar, viver a minha vida, namorar, construir família... Então fui buscar viver, né? Então... ser uma pessoa com deficiência para mim... significa superação, né? Significa se reinventar, ser guerreiro.

E: Da onde veio a vontade de voltar para o Jiu Jitsu? Por que essa vontade?

P: Bom, eu já era do Jiu Jitsu, né? Extremamente apaixonado pelo Jiu Jitsu e era uma das minhas frustrações, né? Era não poder mais lutar o Jiu Jitsu, né? Então... cheguei a ir na academia algumas vezes pra... fazer alguma atividade, alguma mobilidade, mas o ParaJiu Jitsu não tinha ainda o seu... o seu trabalho montado. Então... as pessoas não sabiam como lidar e o que fazer, né? Dentro daquela limitação toda. Isso me frustrava muito, né? Então... é como eu falei na pergunta acima, eu sempre quis me superar e viver bem, buscar a minha, né... voltar a viver. Eu não morri, então eu só apenas tive algumas limitações, então eu tenho que buscar viver com elas e o Jiu Jitsu era uma coisa que eu amava. Então quando eu descobri a possibilidade de fazer o ParaJiu Jitsu e adaptar técnicas, adaptar posições, mobilidades, ali no tatame. Então eu falei: é mais uma forma de eu me superar, fazendo algo que eu amo. E aí eu voltei pra lutar, ser atleta e.... pelo convite da Federação Brasileira, é... ajudar a construir um novo... um novo dia pra outras pessoas com deficiência.

E: O seu amigo que te apresentou o ParaJiu Jitsu era uma pessoa com deficiência?

P: Sim, o meu amigo que apresentou o Jiu Jitsu é... quando eu não tinha deficiência ainda, né? Eu andava normal, o meu... eu fui vítima de um tiro, né? De um jogo de futebol. Então a gente estudava no mesmo colégio, ele já era amputado. Se eu não me engano, o dele foi um acidente de... de ônibus, uma coisa assim, quando era pequeno, não lembro exatamente. E aí ele já não tinha um braço, né? Ele já não tinha braço. E ai a gente estudava na mesma escola e... ele treinava Jiu Jitsu na época, e eu também já treinava Jiu Jitsu. Na época não existia o ParaJiu Jitsu, ele treinava... lutava com a galera normal, entre aspas, né? Dita normal, do convencional. E eu também era um atleta do convencional, né? A gente era faixa azul juntos e tal. E... depois do acidente eu parei totalmente com o Jiu Jitsu, né? E aí ele sempre me falava: "não, velho, você tem que dar um jeito, vamo treinar, que não sei o quê." E até o dia que... ele veio falar: "olha velho, existe o ParaJiu Jitsu, é isso aqui." Me apresentou tudo certinho, e aí eu resolvi fazer. Sim, ele já era pessoa com deficiência quando eu o conheci, antes da minha deficiência, e... hoje ele é faixa preta, né? Um excelente faixa preta, por sinal. Pesado... Da deficiência, né? Ele é extremamente eficiente. Um excelente faixa preta e....sim, ele já tinha deficiência antes, me trouxe para o ParaJiu Jitsu e é uma grande referência, né? De... de... de paratleta e atleta, mestre...é um cara muito bacana.

14. ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO - MARCOS

E: Então, pra gente conversar um pouco, né...começar... queria que você falasse um pouco mais sobre você, que você se apresentasse. Dizer para gente, aqui, quem é Marcos?

P: Bom...É... boa tarde, meu nome é Marcos, sou paratleta da escola Gracie Barra, no Mato Grosso. Eu inicio o Jiu Jitsu Para desportivo no ano em que acidentei, né? Tive...minha perna comprometida por conta desse acidente motociclístico e... alguns meses depois do acidente, tentando buscar uma recuperação, eu tive minha perna condenada, né? E eu tive que fazer a amputação pra eu ter uma qualidade de vida ou.... para não ter mais complicações, né? É...no qual isso me afetou psicologicamente, muito e... a única saída foi...passar por essa cirurgia, né? Conheci o Jiu Jitsu, foi acompanhando o projeto aqui na minha cidade. E...me permiti conhecer esse projeto, assim... conhecer ativamente, né? Porque eu vinha acompanhando no dia a dia. E assim que eu fiz a minha cirurgia e me recuperei, eu me permiti a conhecer ativamente o projeto. E assim foi a minha... o meu início nesse, nesse... esporte que...literalmente transformou a minha vida, me salvou, né? Eu sou...eu acidentei com 40 anos de idade, e isso já... lá se vão cinco anos. Eu já...hoje, dentro de alguns dias vou completar meus 45 anos e com muita honra, com muita alegria tenho que dizer que o Jiu Jitsu paradesportivo, ele... ele me transformou de verdade.

E: Legal. Então, o seu primeiro contato com o Jiu Jitsu foi depois desse acidente, mas você já tinha feito alguma luta antes? Já tinha ouvido falar sobre o Jiu Jitsu?

P: Sobre o Jiu Jitsu eu ouvia dizer porque eu tenho um primo que é praticante, mas assim, nunca dei importância e nunca pratiquei de verdade esporte nenhum, né? Meu negócio era... eu achava...a luta de arte marcial, pra mim era...uma coisa assim, sem chance nenhuma de eu me envolver, que eu não gostava de briga, dessas coisas assim e não queria me machucar, né? Futebol... me aventurava as vezes porque tava na grade escolar, mas a prática mesmo, o dia ali, final de semana, é... buscar isso no dia, eu não tinha nenhum esporte.

E: Entendi, legal. Uma segunda pergunta, então...Em relação a sua raça, como você se identifica e como isso influencia sua vida?

P:Então, é... eu me considero desde... desde que eu me entendo por gente, eu sou da raça parda, né? E... isso não interfere em nada na minha vida, o que eu venho a fazer, se eu

fosse branco, se eu fosse negro, se eu fosse, né... qualquer outro tipo de identificação, pra mim isso é um assunto tranquilo.

E: Tá joia. E pra você, o que significa ser homem?

P: Então... ser verdadeiro. Eu acho que o homem, tanto quanto mulher, tem que ser verdadeiro. E... homem pra mim... é... a prática de...de... de que a minha... meu gênero permite, né? Respeito... cada qual com as suas escolhas. Tenho uma... uma... coisa não muito definida nisso porque eu acho que hoje em dia, tanto homem quanto mulher, todos tem ali suas igualdades. Eu.... não me classifico como um cara machista e... enfim, não tenho muito o que dizer com relação a isso.

E: Tá joia. E pra você, o que significa ser um homem com deficiência? Como... o que muda? O que você tem a dizer sobre isso?

P: É... eu acho que é basicamente no...na mesma vertente que eu respondi a pergunta anterior, porque... porque hoje, pelo que eu conheço hoje no Jiu Jitsu, é... antigamente a mulher nem pisava no tatame, isso era uma coisa inadmissível dentro é... dessa ideologia. Hoje não, hoje... o homem, a mulher... eles treinam por igual, lutam por igual, competem por igual, cada um na sua categoria. E eu acho isso é... muito justo, né? O mundo hoje é bem... eu, na minha, no meu ponto de vista, bem... bem... igual nessa, nesse quesito de homem e mulher. Lógico, tem algumas coisas que tem que ser revistas, mas acho que na sua maior...na sua maioria tem uma igualdade tanto pro homem quanto pra mulher. No esporte não é tão diferente assim.

E: Tá joia. Mas você acha que tem alguma diferença entre ser um homem com deficiência ou não? Como as pessoas te enxergam? Como você acham que as pessoas te veem?

P: Com relação a deficiência, ai sim tem uma certa... é... vamos dizer assim...um bloqueio, eu não gosto de dizer preconceito, não. As pessoas...a gente faz muita... eu... eu vejo muita leitura no olhar das pessoas, sabe? As vezes a pessoa te olha, ela já te... meio que te escaneia, né? E aí você percebe o que que é positivo e o que não é. E infelizmente em muitos casos existem aquele olhar meio que negativo, né? Outro já te olham de maneira... com curiosidade. “Por que que você tá assim?” “o que foi isso?” Isso é muito...e aí quando é criança, não... Quando é criança é muito mais tranquilo porque eles realmente têm, as crianças tem realmente, curiosidade de entender porque que te falta, né? De entender como que você dirige um carro. Como que você... anda de muleta, de... uma prótese que parece ser uma coisa de ferro. Isso é diferente pra eles, né? Eu já acho isso muito bacana. Você tem oportunidade de explicar...

de como a gente consegue chegar naquela fase, porque são fases, né? Uma coisa é você não ter deficiência, ai de repente você é uma pessoa com deficiência, te falta uma perna. E aí, como que você vai andar? Ah, você usa muleta? Não, não uso muleta. Eu uso uma perna mecânica. Ah tá e é ruim, é difícil andar? Aí vem aquele monte de pergunta, né? "É difícil? Você cai? Você já caiu?" Enfim, são dezenas de perguntas que... em muitos casos é gostoso de responder.

E: Esses seriam uns dos aspectos positivos, então? Lidar com essa curiosidade, pra você é tranquilo? Como é?

P: Pra mim é super tranquilo, tenho muito orgulho de dizer que... que eu me readaptei dentro desse esporte. Ah, mas pera aí, o Jiu Jitsu, ele é uma arte que você é... se embola ali no chão e vira... o que você conecta isso a sua readaptação, aos... ao você caminhar? É fácil, é você entender que o Jiu Jitsu, é... é uma questão de você entender seu corpo numa... é... no seu equilíbrio. "Ah, tá. Então é o equilíbrio?" É... "Então pra você andar com o equipamento você precisa de um certo equilíbrio?" Precisa. Você precisa se reconhecer... com uma coisa que não é do seu corpo, um corpo estranho que tá conectado ao seu e que você precisa de um certo equilíbrio pra poder conduzir, né? E é isso...

E: Mas você citou também os aspectos negativos. Você pode falar um pouco mais sobre eles? Dar alguns exemplos, por favor.

P: Bom... espera aí só um pouquinho, deixa eu só respondendo negócio aqui rapidinho.

E: Tranquilo.

P: Então... é... sobre a parte negativa... é quando você percebe que a pessoa acha que você vai assustar.... vamos supor, a criança. Filho daquela pessoa. Ou te olha assim: "caramba que coisa ruim, né?" Dentro da família eu tive muitas pessoas que me olhavam assim. "Nossa, eu não gosto nem de ver". Pô, mas por quê? Não tem nada ferido, não tem nada exposto de forma negativa, não tem nada... sabe aquela coisa que... aquele bloqueio das pessoas de não querer olhar? Aquilo me incomodava. Depois com tempo a gente vai acostumando isso, né? Com essa ideia..., mas isso também não é só dentro da família, não. Isso tem dentro do... da própria sociedade que te vê assim.

E: Entendi. Você pode falar um mais agora como é seu dia a dia, um pouco da sua rotina. Qual é a parte mais importante do seu dia, com o que você trabalha.

P: Então... hoje eu... eu já sou aposentado, né? E esse... eu passo em torno de 5 horas dentro aqui da academia fazendo trabalho voluntário com as crianças. É... com as crianças e com outros adultos, mostrando pra eles o que esse esporte fez pra mim, né? É até uma forma de... como o Jiu Jitsu hoje tá bem amplo na questão de competição, de uma federação, a qual eu também faço parte. E a gente vê muitos praticantes aí entrando, outros se desenvolvendo dentro da arte... eu aceitei, quis aquilo para mim e... foi dentro dessa própria academia que eu... que eu tô aqui hoje, eu falei: "professor, eu poderia me dar oportunidade de... de me desenvolver junto com as crianças, com algum outro aluno...? "Olha, tranquilo. Vamos deixar passar uma fase aí pra você entrar dentro, você adquirir um pouquinho mais de conhecimento e aí você pode acompanhar, não tem problema nenhum. E aí, rapaz... foi onde a coisa foi caminhando por esse lado, né? Eu olhei no meio daquela meninada e eles falou assim: "nossa, como que você treina?" E eu: olha, treino assim e tal. "Nossa é diferente." Daqui a pouco eles já tavam encolhendo uma das pernas, querendo me imitar, como se não tivesse, né? E saíam pulando assim como eu é.... pulava, dentro do tatame. Movimentos do Jiu Jitsu é... que eu faço, são momentos adaptados, eles tentam adaptar pra eles também. Então eu passo grande parte do meu dia com... fazendo essas coisas. Olhando... é... material de Jiu Jitsu, fazendo foto com eles, fazendo foto deles, postando na minha rede social, postando na rede social da academia. Esse é meu dia a dia. E aí chego no final do dia, vou para casa, meio cansadão também, que eu acho que... quando a gente chega numa fase da vida que a gente tem a vida transformada da maneira que eu tive. Passei por um túnel negro, que eu costumo dizer. E aí daí dele é... vivo... eu dou graças a Deus a esse esporte que me alimenta de coisas boas todos os dias.

E: Maravilha, e você falou que você trabalha aí com as crianças no projeto. Crianças que fazem Jiu Jitsu convencional ou tem alguém também do Jiu Jitsu paradesportivo?

P: Dos dois, dos dois...

E:Ah, legal.

P: Só um instantinho. Deixa eu só falar com uma pessoa aqui...

E: Tudo bem, tudo bem.

P: Desculpa aí.

E: Imagina, tudo bem.

P: Vamo lá.

E: Você falou, então, um pouco sobre a sua rotina. Quais são as suas dificuldades no dia a dia?

P: No que, por exemplo?

E: Dificuldades de forma geral, associadas ou não a deficiência. O que você encara como dificuldade no seu dia a dia, na sua rotina?

P: Então, hoje, assim... pra ser sincero eu consegui me adaptar completamente, né? O que que eu... eu assim, não... não consigo ficar muito tempo em pé, né? Isso desgasta muito a minha perna, a perna que eu tenho, né, que é minha. Eu não... eu não consigo ficar no... subir escada. É... são situações que eu tinha antes da... de ser deficiente. A questão da altura, né? E hoje, por outro motivo também, que associou que é o cuidado para não... não... não despencar, né? Ter algum acidente e me machucar novamente. Então, assim... são duas situações que eu me preservo muito. Mas a minha vida tá completamente tranquila.

E: Entendi. E sobre as suas expectativas pro futuro, quais são elas? Seja profissionalmente, esportivamente, no campo pessoal, afetivo...

P: Bom, hoje eu sou um cara casado, graças a Deus, bem casado. A minha vida profissional... é... eu quero muito prestar um concurso e seguir uma carreira aí... pública. E no esporte, continuar levando essa mensagem de... de... de superação. Eu acho que superar dificuldades, superar obstáculos, é... seja em qualquer tempo da vida, a gente tem que ter esse... esse pensamento, né? Quem eu nunca imaginei estar como eu estou hoje. E para mim foi muito difícil... enfrentar isso. Mas graças a Deus eu tive uma janela aberta onde eu vi pessoas até de mais idade que eu praticando esse esporte de uma forma bem mais... é... uma forma bem tranquila mesmo. Eu falei, por que eu não posso querer isso para mim, se isso é bom? Se isso é bom para ele, eu quero para mim. É a mensagem que eu levo hoje... Se é bom pra mim, eu quero pra qualquer um que se permita, é... conhecer, né? É maravilhoso.

E: Joia. E quais são os seus medos hoje?

P: Medo... cara, eu vou te falar um negócio. Eu aprendi com meu professor assim... que o próximo segundo não me pertence. Eu vivo o agora, eu vivo o agora e vivo intensamente. Eu não tenho medo de nada, não. De verdade, não tenho medo. Eu sei que uma coisa é certa, uma hora a gente vai embora e eu tento aproveitar o máximo possível, fazer o melhor possível, me doar mais... o... assim, o mais positivamente possível. E eu quero só plantar o bem, entendeu? Só plantar o bem e deixar uma história aí de... a ser seguida, que seja pro meu filho,

que seja pro meu vizinho, que seja pra alguém da minha família, pra quem eu conheça, entendeu? É esse o meu pensamento de hoje.

E: Entendi, perfeito. Você já falou um pouco sobre a sua história. Eu queria focar um pouco mais na parte da deficiência. Você falou que foi um acidente, né? Se você puder falar um pouco mais sobre como aconteceu, como a deficiência chegou na sua vida e como foi lidar com isso. Você falou que no primeiro momento afetou você psicologicamente, né? Você pode falar um pouco mais sobre como foi esse processo?

P: Sim, eu fui... eu tava saindo do trabalho na época. É... por volta de meia noite e quarenta e tava bem... bem exausto pilotando minha moto e... de repente eu apaguei, eu dormi na direção e bati numa caminhonete parado. A qual eu choquei a minha perna direita no para-choque desse veículo, né? Eu Fui jogado pro meio da pista. É... não teve o trauma, teve as fraturas imediatas, mas... a, como eu disse, a amputação, ela veio por consequência de complicações, né? Tive infecções, tive muita infecção. Pra salvar, literalmente, a minha vida, eu tive que sacrificar a minha perna. E isso... nesse meio tempo foi aí quase 10 meses, desde o acidente até a cirurgia. Então... foi uma fase bem complicada da minha vida. E depois do diagnóstico de... que o médico deu, da condenação da perna, que eu... não tinha mais o que fazer. Aí foi outra situação difícil de entender, né? Eu fiquei: caramba, o que vai ser da minha vida? Por que tudo que eu fazia, eu fazia nas pressas, na correria e... e aí? Né, até eu processar tudo isso, superar tudo isso e... chegar e todas essas situações cabulosas que eu... era muito questionamento porque, como que eu vou fazer, como que vai ser... foi... chegou em alguns momentos de eu pensar em desistir de viver, né? Foi quando eu conheci o Jiu Jitsu e passei por toda essa história.

E: Entendi. E pra você, o que significa deficiência?

P: Olha, é... cara, era uma coisa difícil de entender algum tempo atrás. Se eu disser que isso para mim hoje é um orgulho... eu sou... eu tenho o maior orgulho de ser como eu sou, sabe? De dizer, de mostrar que me falta um pedaço. Isso para mim não é... não é tristeza, não é vergonha, não é nada. Eu falo pros meus colegas aqui, que vem aqui, é... pessoas com lesão medular, né? Usando cadeira de rodas... é... tem deficiente visual que treina aqui com a gente também. Tem crianças com autismo, tem... tem um garoto, não, ele já é adulto, vinte e poucos anos, ele é mudo, né? E nas nossas rodinhas de papo na hora dos intervalos de treino, cara... eu tenho o maior orgulho de ser quem eu sou, de ter me tornado assim. Eu acho que... eu gostaria que vocês entendessem, eu falo pra eles. Isso... vocês também tivessem orgulho de estarem

aonde estão, porque se você tá nessa cadeira de rodas você teve uma oportunidade de... de continuar a viver. Deus te deu uma oportunidade de continuar. Se o outro que é cego se tornou deficiente visual, é porque Deus deu a oportunidade dele tá naquela condição, dele continuar. Então, assim, cada um com a sua deficiência é uma nova oportunidade que Deus deu... é... vergonhoso, por que que eu vou... me sentir coitado. Acho que não, acho que a gente tem que ter orgulho de quem somos e de quem nos tornamos. Eu penso assim.

E: Então o que é ser uma pessoa com deficiência? O que é ser um deficiente para você? O que a deficiência representa na sua vida?

P: Ser uma pessoa literalmente especial. Não de cuidados especiais, não de pessoas com necessidades especiais, porque esse termo não se usa mais. Hoje a gente... o termo usado corretamente hoje é PCD, pessoa com deficiência. E eu me sinto um cara especial.

E: Especial em que sentido? Você pode explicar um pouco mais?

P: Especial, especial! Pessoa... eu... eu tive a graça de estar como eu estou. Eu sou um cara agraciado com uma coisa maravilhosa. Que coisa maravilhosa? De ser um deficiente. Eu acho isso orgulhoso, entende? Eu meu orgulho de ser o que eu sou. Que a deficiência me tornou uma outra pessoa. Tem algumas coisas que tem gente que fala assim: "Ah se eu voltasse atrás eu corrigia isso, eu faria outras escolhas". A deficiência me... me fez isso. Ela me fez tornar outra pessoa. Uma pessoa alimentada de coisas positivas. Ah, tá. "Nossa, Alan. Então você é um cara perfeito? Não. Eu tenho minha parte negativa. Eu sinto raiva, as vezes eu fico nervoso, mas aí eu paro e penso: eu tenho que melhorar isso. Por que? Porque eu tenho uma nova vida. Sou uma pessoa agraciada com uma coisa boa, sou feliz do jeito que eu sou. Especial, entendeu? Agraciado por coisas boas, todos os dias. Teve uma situação que... eu... o pessoal veio, uma pessoa, um homem já adulto, entrou aqui e me viu treinando ali com outras pessoas e... ele veio tirar informação de como... o que era o Jiu Jitsu. E aí como não tinha ninguém pra receber ele, eu tava no tatame, eu fui até a grade e fui conversar com ele, ele começou a chorar. Eu falei: ué, o que que aconteceu, cara? Entre aqui, vamo bater um papo. Aí eu pensei, né, na época que eu tava com a minha depressão eu nunca recebi nada assim. Por que que eu não vou acolher o cara, né? Eu vou ver o que ele tem, né? Ele veio buscar alguma coisa. Aí ele falou assim: "irmão, eu vim aqui saber do Jiu Jitsu e vejo você treinando assim." Eu falei: assim, como? "Desse jeito, cara. Você não tem uma dar pernas e tá aí de boa, conversando, né, desenvolvendo as coisas... e eu que não tenho deficiência nenhuma, fico só buscando desculpas.". Eu falei: cara, entra aí. Aí eu chamei ele pra dentro do tatame, conversando no

tatame, batemos papo. Tudo que eu to contando pra você aqui, eu falei pra ele. Não... não espere que você se torne alguma... é... uma pessoa com deficiência. Não espere que as coisas difíceis cheguem até você, se permita a coisas boas. O Jiu Jitsu é uma filosofia incrível. Você pode entrar aqui... você acha que aqui você vai aprender a ser um brigão, você vai aprender a ser... é... sei lá... as vezes a pessoa tem outra ideia do Jiu Jitsu, não é... Jiu Jitsu é uma filosofia.

E: Sobre o Jiu Jitsu, você falou um pouco, mas você pode falar um pouco mais detalhado como foi seu início, a sua trajetória até você estar onde você está hoje? E também falar como você se sentia em cada uma dessas fases.

P: Então, é... eu acho que resumidamente eu comentei, porque assim... quando eu me tornei uma pessoa com deficiência, é... eu não me imaginava estar aqui. Estar praticando alguma atividade física. E aí... me abriu essa oportunidade e eu aproveitei. Então... usei e permiti usar do Jiu Jitsu pra poder é... sair da depressão, sair daquele coisa ruim que eu tava, pra poder... responder as minhas questões, que eu mesmo tinha comigo: Será que eu posso? Será que eu vou conseguir? Como que vai ser a partir de agora? Como que as pessoas vão me ver, né? Será que eu vou me tornar dependente de alguém? Será que é possível é... sei lá, ir no supermercado? Será que eu vou conseguir... é... sabe, fazer as coisas que eu fazia no meu dia a dia. E isso foi acontecendo, cada coisa no seu tempo, né? Claro, eu quis isso também. Não adianta nada eu esperar as coisas acontecerem, ficar lá paradão, eu fui buscar, né? Ah, pera aí, eu tenho que saber os direitos que eu tenho. O que eu posso fazer? Ah tá. Não vou mais incomodar... qualquer pessoa, eu vou tentar me virar. Como? Ah, eu tenho direito ao transporte coletivo gratuito? Eu vou atrás. Fui lá, tirei o meu documento e quando eu queria sair pra fazer qualquer coisa ou até pra vir pra academia, pra... pra treinar, eu usava o transporte coletivo. "Poxa, você tem... como que você subia no coletivo? Cara, eu me jogava lá dentro, né... Eu... puxava e me jogava pra dentro. Ai sempre tem aquele que te ajuda, pega suas muletas, leva pra dentro, pega você pela mão, te dá um apoio. Com o tempo, na prática do esporte, eu fui me adaptando a isso. Então só... eu já conseguia me virar, né? Então foram fases de adaptações, fases de superação, pra tomar banho... eu só conseguia tomar banho sentado. Pegava um banco e botava o banco embaixo do chuveiro, hoje já consigo tomar banho em pé. Ah, e aí cara, como você faz pra levantar da cama? É ruim, é difícil? O Jiu Jitsu me ensinou até isso, cara, sabe? Ah, eu... as vezes você tá largadão na sala de casa, você senta no chão e aí como você faz pra levantar? Fui me adaptando com a prática do esporte, eu vou escalando, seguro aqui, seguro ali, me apoia, apoio minhas costas, vou subindo e assim vai. Como eu disse, são fases de... adaptações as quais a gente vai fazendo isso no dia a dia. Acho que até hoje eu me adapto em

algumas situações que eu as vezes não consigo fazer, que eu acho que eu não consigo fazer e consigo, né?

E: Entendi. E como foi o seu primeiro contato? Como que você ficou sabendo do Jiu Jitsu? Quem que... você procurou na internet ou alguém te indicou uma academia? Como foi esse primeiro contato?

P: Então, eu fui convidado, né? Lá atrás... não, convidado, assim... fui levado, porque naquele... naquela situação de depressão e tal, comecei a falar bobagem na internet e aí meu pai viu e falou com meu irmão, meu irmão foi, me levou pro professor que tinha a a mesma amputação que eu, e... foi me contando histórias, como foi o acidente dele e... eu falei: "caramba, eu quero isso pra mim." Ai como eu já tinha te falado, né? Eu já tinha minha cirurgia marcada e eu falei para ele, falei: ó professor, eu, depois que eu fizer a minha cirurgia, eu vou voltar que eu quero isso pra mim. E fiz a cirurgia, voltei depois de recuperando, uns quatro meses depois e aí fui iniciar. Fui caminhando, fui caminhando e ele falou: ó, é muita gente, tem uma federação, na qual a gente, né, participa de competições, se você se permitir competir e gostar, maravilha. Se você não gostar, você fica só para treinar, vai treinando só pra você não... né, começar a entender o seu novo corpo, ter uma qualidade de vida. E assim eu fiz, participei da primeira competição, gostei, fui muito bem recebido, aí fui na segunda, na terceira, na quarta, eu nem quantas eu já participei até hoje, perdi as contas.

E: Maravilha. Então você consegue sintetizar o que o Jiu Jitsu representa para você? Qual é o significado do Jiu Jitsu na sua vida?

P: O Jiu Jitsu pra mim, foi o recomeço. Foi o meu renascimento. É... hoje eu sou quem eu sou, a pessoa que eu me tornei, é... com orgulho de ser um deficiente, hoje... foi dentro do Jiu Jitsu, ele me mostrou que... eu tenho que ter orgulho de mim como eu sou. Mostrar pra sociedade e... a gente não é feliz só por ter dinheiro, a gente não é feliz só por outras...outras situações, de... de... seja ela qual for. A gente tem que ser feliz do jeito que a gente é, entende? Hoje eu sou feliz do jeito que eu sou, muito feliz.

E: Ótimo. Então pra você, o que é ser um praticante de Jiu Jitsu?

P: Hoje eu... eu treino o Jiu Jitsu pra ter qualidade de vida. Hoje eu participo de competições não pra ser... o melhor, mas pra mostrar pra qualquer um, em qualquer faixa etária, que pode conseguir, que ele pode se permitir e ser feliz praticando um esporte. Seja ele qual for, né? Então, assim, o Jiu Jitsu pra mim, hoje é tudo, né? Foi um presente que Deus me deu, então...

eu... se eu ganhar, pra mim tá ótimo, se eu não ganhar a competição, pra mim é como se tivesse ganho, porque eu me permiti isso. O ruim é você se esconder, né? De quando você não... do que é... te é... vamos dizer assim, você é desafiado, vamos dizer assim, de uma forma positiva que eu quero dizer, e você não querer. "Não, não to afim." Cara, dentro de um esporte desse aí, já vi muitos praticantes de Jiu Jitsu, competidores, dizendo assim: "não, não vou lutar com esse fulano aí porque eu acho injusto. Ah, eu já competi com pessoa sem deficiência e nunca achei injusto. Já chegaram em mim e falaram assim: Cara, eu tô sem luta, luta comigo. Eu falei: bicho, é uma honra. Vamo lá. O cara foi lá, ganhou de mim, tá tudo certo. Agora, porque que eu não vou lutar com uma pessoa só porque eu tenho... eu tenho uma grande certeza ou eu tenho uma possibilidade de perder? Não, eu vou lá, já tive tanta coisa ruim na minha vida, por que que eu não vou lá lutar com o cara 5 minutos? De repente eu ganho dele. De repente ele ganha de mim rapidinho, com um minuto ele ganha de mim. Pelo menos não fugi da "raia". Eu fui mostrar pra ele o que eu sei fazer, é isso.

E: Tá joia. Eu tinha perguntado o que é ser um praticante de Jiu Jitsu. E o que é ser um praticante do ParaJiu Jitsu?

P: (Grande pausa). Na verdade... eu acho que ser praticante do ParaJiu Jitsu é ser campeão antes mesmo de começar a luta, que a minha luta não começa dentro do tatame, ela começa desde a hora que eu acordo. Minha vida já é uma luta, a vida de qualquer pessoa com deficiência, que pratica alguma atividade física, algum esporte, a luta dela não é dentro do esporte, já começa desde a hora que ela levanta. Allan, esse é o exatamente o significado da pessoa com deficiência. Ela começa a lutar desde a hora que ela acorda. Se ela quiser também, que tem aqueles que ficam lá, "morgadão", paradão, escondido com vergonha dele mesmo, se lamentando que não pode, que não consegue. Mas quem quer se alimentar de coisa boa, a luta dela começa a partir do momento que ela levanta. É isso.

E: Tá joia. E além de ser um praticante do ParaJiu Jitsu, como é ser um atleta de ParaJiu Jitsu?

P: Meu irmão, eu me orgulho muito porque é gostoso de ser reconhecido, sabe? Esse é o significado de ser um... um paratleta. Você é reconhecido em qualquer competição que você vai. Você chega lá, você vê aquele cara que você competiu, que você viu numa competição a dois meses atrás, a um mês atrás. "Ô, meu irmão, tá aqui de novo?" Aí você vê o cara de novo, daqui a dois, três meses, você vê ele de novo. Depois você vê ele de novo... se torna uma família e isso é muito significativo. Você cria um vínculo de amizade e de respeito e de família. A

pessoa vê que você talvez constrói uma referência. Foi só... “eu vi você começar, que bom que você tá aqui até hoje.” Então você se torna uma referência. Esse é o grande significado, é o que a gente busca. Não é... centenas de medalhas ou de troféus que você consegue pela... pela carreira, não. É o reconhecimento de que você continuou. Triste quando você sabe, como já aconteceu, de algum atleta ou paratleta que desistiu no meio do caminho, entendeu? Não desistiu do... ele realmente desistiu de viver. Isso é triste, e isso acontece, entende? Como acontece com pessoas comuns, que é muito triste ver isso. E a gente, nós, deficientes, lutamos contra isso também, como eu disse, a nossa luta não começa na hora do esporte, nossa luta começa desde a hora que a gente acorda até a hora da gente ir dormir. É isso...

E: Perfeito. Você pode falar um pouquinho sobre como foi sua primeira competição? Como você se sentiu, como foi até chegar a ela.

P: Então, como eu disse lá atrás, o professor me convidou e me falou. Falou: “ó, se você quiser você continua, se você não quiser você só fica pro treino. E aquele dia que eu entrei naquele ginásio, onde as pessoas já sabiam da minha história. Eu tava dentro do grupo de WhatsApp, que eu contei a minha história... aí o professor mostrava alguns treinos que a gente fazia, a galera começou a me aplaudir antes mesmo de eu começar. E fizeram aquela roda, me deram as boas-vindas... “O meu irmão, você tá dentro uma família agora. Seja bem-vindo.” E aquilo pra mim foi o máximo. Os caras nem me conhecem direito, como é que o cara vem falando um negócio desse pra mim, eu tava pensando, né? Mas que bom que foi assim, que bom que foi assim... tô precisando disso. E aí eu me permiti.

E: Tá joia. E como é a sua rotina de treino? Você treina todo dia, como funciona?

P: Isso, eu venho pra cá nove horas da manhã, dez horas da manhã. Treino aqui meio-dia. Agora à tarde fico aqui de bobeira, fico lendo algumas coisas, fico vendo alguns... alguns vídeos de Jiu Jitsu, leio alguma coisa. Ai quando aparece algum aluno aqui, a gente faz alguma... faz um treininho aqui, rapidão. Ai lá pra cinco horas, cinco e pouquinho eu vou embora, essa é a minha rotina.

E: Entendi. E qual foi a sua melhor e pior experiência no ParaJiu Jitsu?

P: A minha melhor experiência foi quando... eu fui treinar a primeira vez sem kimono. Ai eu fui entender porque que o Jiu Jitsu é uma arte, é... de defesa pessoal perfeita. Porque na rua, se você for agredido, o cara não vai esperar você botar o seu kimono, né? E aí, a gente com deficiência... caramba, a gente precisa entender isso. Eu falei: caramba, que coisa

legal. Eu lembrei uma vez, eu passando por uma praça lá em Goiânia, um malucão, pivete mesmo, de rua, tava de olho em mim desde a hora que eu desci do coletivo, de muleta, passando... batendo minhas muletas e ele veio bem do meu lado e falou assim: "cara, que guerra, hein?" Aí eu olhei assim pra ele e falei: pois é, meu irmão, não é fácil não. "Moço, to te olhando desde lá atrás, desde a hora que você desceu daquele coletivo e você tá ai de boa, sempre te cabeça erguida e tal. E eu: pois é, eu já tive muito mal. Hoje eu to um cara muito confiante. Acho que ele viu o emblema da minha academia bem na minha muleta e eu tava com a camiseta da minha academia. "Você pratica esse esporte?" Falei: pratico, graças Deus. Foi ele que me salvou. "Meu irmão, ó, boa sorte pra você, vai com Deus. E eu fui embora. Assim, não sei se naquele momento o Jiu Jitsu me salvou naquele de uma... de um assalto, de um roubo ou de qualquer coisa ruim. Eu só sei que... eu acho que a mensagem que a gente transmite todo dia foi exatamente essa que aquele cara entendeu, que é de tirar força pra mostrar que a gente é capaz de fazer o que a gente quiser, e pro bem.

E: Legal. E a pior experiência que você teve?

P: Foi num dia no treino, que um garoto iniciante me pegou numa posição onde...ele virou meu corpo e o meu joelho torceu, como eu só tenho um joelho, falei: agora fodeu, né? Desculpa o palavreado (risos).

E: Tranquilo, tranquilo.

P: Que que eu vou fazer? Mas eu fritei tanto, cara. Eu cheguei ac chorar de dor. Agora eu vou pra cadeira de roda. Só uma perna... arregaçar o joelho... E aí eu já tinha uma competição em Cuiabá dentro de... dali a quinze dias. Aquilo pra mim, o mundo acabou. Então... mas mesmo assim eu foi pra competição, perdi a competição porque eu não aguentei, não consegui me recuperar até lá, mas fui, cara. Fui e é aquilo que eu te falei lá atrás, a gente é... desafiado, a gente vai, mesmo que... dê tudo errado, mas a gente vai lá pra ver se faz alguma coisa certo, né? Sai de lá numa maca, mas... não fugi da "raia", não. Eu sou muito grato a Deus, sou muito grato ao que esse esporte fez por mim. Lógico, eu entro pra treinar e dar o meu melhor, não pra sair de lá machucado, mas eu não machuquei na competição, machuquei num treino, onde um iniciante, né... a gente tem muito cuidado com iniciante, né? O iniciante ele é dessas coisas, as vezes... ele mesmo te... ele que te machuca, não é um faixa preta da vida que vai te quebrar. Às vezes é o iniciante que te machuca. Às vezes, não, a maioria das vezes. Essa foi a minha experiência mais ruim dentro do esporte e a única graças a Deus. A partir... de lá

pra cá eu sempre procuro é... sair com mais conhecimento, mas sair da maneira... da mesma maneira fisicamente do jeito que eu entrei.

E: Entendi. E como que você vê o movimento, a organização do ParaJiu Jitsu?

P: Olha, a organização é uma.... é uma luta que assim... de... de fazer o máximo de justiça possível, né? Então assim, eu vejo que... que poucos entendem assim. Hoje eu tenho esse conhecimento, que nós lutamos pela... pela... só um pouquinho, Allan. Já volto aí, tá?

E: Tá joia, tá joia.

P: Aí, meu amigo, tudo certo? Desculpa aí mais uma vez.

E: Opa, tranquilo, imagina. Você pode continuar falando então, sobre com como você acha que é, o que você acha da movimentação, da organização do ParaJiu Jitsu?

P: Então, como eu disse, eu acho que o que eles fazem, é... na organização, nos planejamentos dos eventos, acho muito... é admirável porquê... eles fazem o mais justo possível nas competições, né? É... como eu disse lá atrás, eu tinha ideia que o ParaJiu Jitsu era uma coisa bem... desigual. Eu... eu lutei muito com pessoa sem deficiência. Eu lutei muito com faixa preta. Eu... caramba, aquilo pra mim...eu falei: caramba, sério? Será que isso eu vou desenvolver alguma coisa assim? Eu pego pessoas com... né, com grau de instrução muito alto e... eu não tenho chance de... de fazer muita coisa. E aquilo foi mudando a minha cabeça. Então pra... pra eu chegar na fase de entender que quando eles planejam toda essa... essa estrutura, quando eles planejam toda esse... esse jogo de... de casar as lutas e tal, de formar os... as duplas competidoras ou grupo de...né? Uma chave de três, quatro, seis lutadores, eu acho aquilo incrível. Pra mim, como eu disse, muitas vezes a... a luta começa fora do tatame e a deles não é diferente. Então é admirável.

E: Você falou que já lutou com pessoas sem deficiência, faixas pretas. Isso foi em competição?

P: Sim.

E: Mas não era da federação do ParaJiu Jitsu? Em outras federações ou não?

P: Era do ParaJiu Jitsu.

E: Do ParaJiu Jitsu...

P: É que o ParaJiu Jitsu... assim, a gente tá dentro do ParaJiu Jitsu e aí se você quiser, você luta no convencional. O que seria o convencional? Aquela luta de pessoas fisicamente normais. E ai você é... vai lá se quiser. Então eu fui convidado. Ah, tá afim? Dá pra você e tal? É que eu queria casar uma luta com você, beleza? Beleza, vamo lá.

E: Ah, entendi. E tem algo nessa organização que você gostaria que fosse diferente? Que você gostaria que fosse mudado?

P: Não, cara. Sinceramente, não. Sabe, por que? Porque eu vejo que naturalmente as coisas estão acontecendo. Como eu te falei anteriormente, eu achava muito injustas as lutas do ParaJiu Jitsu e aí eu vejo que eles buscam sempre uma igualdade, senão uma... uma proximidade de uma igualdade, né? Então... pra mim é tranquilo. Do jeito que vai, é natural. Vai por um caminho certo, super natural.

E: Tá joia, entendi. E quais são os seus desafios, as suas motivações na sua rotina de treino? O que te mantém no ParaJiu Jitsu?

P: Me conhecer a cada dia, conhecer a minha resistência, treinar com pessoas mais graduadas, treinar com pessoas, às vezes, até menos graduadas que eu, mas que tem algo a agregar pra mim, ao meu conhecimento. Isso me motiva muito, né? Hoje eu tenho 45 anos e acho o máximo treinar com um garoto aqui que tem vinte anos de idade, que ganha tudo na categoria dele, lutando com o pessoal, "passa o carro" até em faixa preta por ai e hoje eu tive a honra de treinar com ele de novo. Eu falei: irmão, qual é a novidade pra hoje? Ele falou assim: é... é resistência, cara. Vamo embora (risos). E me apertava e... sabe? Buscava finalizações em mim e eu... me desafiava: "agora sai daí, busca uma saída". É... o que a gente vê nesses casos é literalmente sobreviver naqueles minutos ali do treino. Isso pra mim é bacana porquê... com essa pressão de lutar com um garoto vinte e cinco anos mais novo que eu, cara que tá voando no Jiu Jitsu, é... que já vai pro mundial daqui a pouco e tem uma grande chance de ser campeão mundial. Eu lutar com ele hoje, cara. Lutar com ele todo dia, que ele treina aqui com nós, pra mim é maravilhoso... maravilhoso.

E: E quais são as suas expectativas no ParaJiu Jitsu, daqui pra frente?

P: Eu busco todo dia dar o melhor de mim. O que que eu espero do ParaJiu Jitsu? O que que vem de mim... pra mim de diferente esse ano? Como eu te falei, que o garoto vai competir no mundial agora, daqui a pouquinho. Eu também vou, em novembro se Deus quiser, o ParaJiu Jitsu vai estar no Emirados Árabes e eu quero estar lá, quero estar lá. E... já me

considero um campeão se eu chegar lá, sabe? Vou dar o melhor de mim, tô treinando todos os dias pra isso, vou dar o melhor de mim e... quero continuar, quero continuar... Pra mostrar pro meu filho, pra mostrar pra criançada que treina aqui, que... que eu sou grato a tudo que cada um desses alunos que acompanharam, me acompanharam desde o princípio, fizeram a diferença na minha vida, é isso.

E: Legal. Então pra gente encerrar, uma última pergunta. Você achou que ficou faltando alguma pergunta aqui na nossa conversa? O que que você gostaria que eu tivesse te perguntado? Há algo a mais que você queria trazer aqui pra gente?

P: Bom... eu tô satisfeitíssimo com todas as questões que você me levantou, é... eu acho que não me vem muita a cabeça, se faltou alguma coisa, não. Eu acho que você foi bem feliz aí nos seus questionamentos e o que eu puder agregar a mais nessa... nesse seu trabalho aí, pra mim vai ser uma honra.

Anexo I – Perguntas extras realizadas por áudio em aplicativo de mensagens

E: Antes de sofrer seu acidente, qual era o seu contato com pessoas com deficiência? O que mudou desde então?

P: Bom, antes do meu acidente eu não tinha contato nenhum com pessoas com deficiência. Eu não tinha noção do que era esse mundo. Já depois do meu acidente é que eu fui entender, né? Me tornei um e aí fui buscar conhecimento até... pra minha questão, na minha readaptação, né? O que seria da minha vida depois... a partir daquele momento.

E: Como você entendia o esporte antes da deficiência?

P: Antes da minha... da minha deficiência, eu.... nunca pratiquei esporte. Então eu não entendia muito o mundo esportivo, né? Tem... não tinha a noção do que era a prática de um esporte na vida de uma pessoa comum.

E: Por que você era sedentário?

P: Por que eu era sedentário? Eu trabalhava demais, eu trabalhava em torno de 12, 14 horas por dia, né? Às vezes, até no dia... até no dia do meu acidente, eu trabalhei 16 horas. Então assim, eu não tinha... eu não me dava esse tempo, né... para poder praticar algum esporte.

E: Por que e como o esporte transformou a sua vida?

P: Por que e como o Esporte transformou a minha vida? Porque eu sofri o acidente e me tornei uma pessoa com deficiência. Foi onde eu busquei dentro do esporte adaptado, o Jiu Jitsu, é... praticar um esporte pra poder alimentar minha cabeça, minha mente, meus pensamentos e focar em alguma outra situação, até porque eu me tornei uma pessoa com uma deficiência onde eu tinha que buscar algum refúgio, né?

E: Na entrevista, você fala que passou por um "túnel negro" na sua vida. Você pode explicar do que se trata? O que aconteceu durante esse período e como você se sentia?

P: Eu citei o túnel negro... era a depressão. Esse é o túnel negro. Eu entrei no estado depressivo que eu não me aceitava, eu não poderia estar naquela condição e busquei o esporte pra poder sair disso.

E: Na entrevista você usa o termo "se permitir" algumas vezes quando se refere ao Jiu Jitsu. Você pode explicar com mais detalhes o que isso quer dizer pra você?

P:Eu sempre citei a questão de me permitir, das pessoas se permitirem a alguma coisa porque eu penso assim: se você não der o primeiro passo, não tem quem faça as coisas acontecerem por você. Então quem tem que tomar a decisão de sair de uma depressão ou sei lá, buscar um emagrecimento, mudar de vida, é você mesmo. É você se permitir sair daquela condição ruim, entendeu?

E: Nas entrevistas você cita a Superação, você pode dar mais detalhes sobre isso? Superar o que? E como?

P: Bom, toda essa.... esse questionário que a gente fez, aquela live que fizemos, é... a gente falou da superação de traumas. Traumas emocionais, né? Superar o emocional. Eu acho que é bem claro por aí. Superar aquela situação difícil que você tá passando.

E: Você disse que já lutou no Jiu Jitsu convencional algumas vezes. Para você, qual é o significado de lutar no convencional?

P: Fazer uma luta no que chamamos convencional, que seria lutar com pessoas sem deficiência, é uma prova. É mais um desafio, né... do que... uma pessoa vai utilizar de toda mobilidade que ela tem contra a sua mobilidade reduzida. Exatamente isso, um desafio.

E: Você já se inscreveu em competições do Jiu Jitsu convencional? Se sim, por que?

P:Na verdade, eu fiz algumas lutas, mas nem foi de cara para me inscrever naquela luta. Eu fiz porque não tinha lutas pra alguns atletas e aí eu me dispus a fazer aquela luta, né? Me coloquei à disposição pra fazer aquela luta.

15. ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO - LEANDRO

E: A primeira pergunta que eu faço para você, e você pode falar de forma livre sobre isso... É entender quem é você, não é? Então me fala, quem é Leandro?

P: É... então, eu sou o Leandro. Nasci com uma... doença chamada artrogripose múltipla congênita, onde que pega bastante articulação, né? Então eu tenho bastante é... pouca mobilidade da articulação, então tem algumas dificuldades de fazer algumas coisas, mas nada impede. Então, já estou no Jiu Jitsu... já pratico Jiu Jitsu há... vai fazer 8 anos, sou faixa marrom e dou aula em um projeto social também, para criança e sempre estou indo em competições também. Acho que é isso.

E: Maravilha, você tem quantos anos? De onde você é também?

P: Sou de São Paulo, tenho 30 e... vou fazer 33 anos.

E: Legal, e em relação à sua raça, como você se identifica e como isso influencia na sua vida?

P: Hm... Então eu me identifico, tipo, normal, independente de ter a deficiência ou não, eu fico normal, é... tento fazer tudo o que é possível. Se não consigo fazer alguma coisa, eu me esforço para adaptar, dar uma forma de fazer. Então, tipo... como meus amigos falam, não tenho limite, né? Então, sempre estou sendo ativo.

E: Legal. Quando você falou sobre adaptar, você está falando em relação a que? Você pode falar um pouco mais sobre isso, de adaptar?

P: Ah, então, sim, é... tipo adaptar... vai precisar fazer alguma coisa. Eu quero fazer, então eu vou arrumar um jeito de fazer, mesmo se for difícil, de alguma forma eu tento fazer pra... ou fazer igual ou parecido.

E: Entendi. E em relação à sua raça, você se identifica como branco, pardo? Como, como você se se considera e se isso influencia de alguma forma na sua vida?

P: Ah, acho que sou branco, né? Não influencia nada, não.

E: Entendi, beleza. E para você, o que... o que significa ser homem?

P: Significa... ah, ser homem é... tipo, ter responsabilidade, saber é... levar a vida seriamente e respeitando sempre o próximo também, independente de raça, é... e tudo mais.

E: Beleza. E pra você, o que significa ser um homem com deficiência?

P: Ah, um homem com deficiência, é... muitos, muitos vai... te olham diferente, né? Então, se você deixar ser abalado por um olhar diferente ou alguma... alguma outra coisa, é... você ficar abalado, né? Então, tipo, você não pode ficar abalado e tem que ser, tipo... o homem que... tipo, tem a deficiência, mas tem que ter tudo, tudo certo, né? Como respeitar, é... ter todas as éticas possíveis, né?

E: Entendi. É... você pode falar um pouco mais sobre como é esse olhar diferente? Como você identifica ele? Como você recebe? Quando você percebe esse olhar diferente?

P: Posso. Ah, então... quando... vai, por exemplo, você tá andando de metrô ou ônibus, você percebe, tipo, alguém te olhando diferente, assim, tipo... achando você uma pessoa estranha. É... então você consegue perceber. É... quem tá... quem tem, tipo, um pouco de preconceito. É... pessoas que não... que não convive muito com a deficiência fica meio... meio que olhando diferente. Então... vejo muitas, assim, crianças que te olham diferente, mas por não saber, né? Então, tipo, vê alguém... eu tô andando de muleta, aí fala: "olha, olha ele, como ele é diferente." Então, tipo, pra criança, eu não ligo, é... eu sei como... como que é, né? E adultos, você se vê pelo olhar, o... o que ele... o jeito que eles olham.

E: Entendi. E como você se sente nesse caso? Você falou que quando são crianças é mais tranquilo, mas quando são adultos, assim, como você se sente? Qual a sua reação?

P: Ah, então... antigamente eu ficava meio... dava tipo, uma... um pouco de... falo: pô, me olhou diferente e tal, teve um preconceito." Hoje em dia eu não ligo muito, então... eu vejo quem olha diferente... eu meio que ignoro, falo: "ah, a pessoa tá olhando diferente tô nem aí, vida que segue." Então é assim que eu... hoje em dia eu lido, né?

E: Entendi. E como você se vê fisicamente e em comparação com outros homens, outras pessoas?

P: Ah, eu me vejo uma pessoa normal. É... uma pessoa normal, tipo, uso minhas muletas, mas vivo normalmente. Então não dá pra comparar com outras pessoas por eu me achar, tipo, normal.

E: Entendi, tá joia. É... você pode falar um pouco mais sobre como é o seu dia a dia? Como são suas atividades, o que que você faz durante o seu dia? Da hora que você acorda até quando você volta para casa e vai dormir.

P: Sim. Eu provavelmente, de semana, eu acordo pela manhã, as vezes tem dias que eu treino Crossfit pela manhã pra fazer a minha preparação física. Aí a tarde ou a noite eu treino Jiu Jitsu. É... eu tenho um trabalho que eu trabalho em casa também. Então, depois dos treinos, me conecto e... de quarta e sexta, aí eu faço estágio no Crossfit. E à noite, tô fazendo faculdade de educação física.

E: Entendi. É... você falou que trabalha em casa. Você pode falar um pouco mais sobre o que é esse trabalho?

P: Posso. É... então, eu trabalho na Anhembi-Morumbi, na faculdade. Faço a parte administrativa, então eu sou auxiliar administrativo da faculdade. Aí eu trabalho 4 horas por dia conectado, respondendo e-mail, resolvendo todos esses negócios, fazendo planilha...

E: Entendi. E como você se mantém financeiramente? Como é essa... da onde vem essa renda? Como é para você e como você gostaria que fosse?

P: Ah então, a renda que eu tenho é... do... da, do trabalho, da... da faculdade Anhembi. E... também tenho uma renda do estágio, que é, o meu estágio é remunerado também. É, eu gostaria, né? De... é... conseguir melhorar mais o... o valor, o valor da... do que eu ganho hoje em dia, mas enquanto não... não rola, eu vou me virando com o que eu já recebo.

E:Entendi, beleza. É, e no seu dia a dia, quais são as suas maiores dificuldades?

P: Ah, acho que as minhas maiores dificuldades é... acho que é tentar me motivar todos os dias. Então...tipo, as vezes tem dias que você acorda meio mal, então tenho que arrumar algum jeito me motivar para ficar bem, ficar... “dar um up” pra fazer minhas coisas.

E: Tá joia. E quais são as suas expectativas na vida? Seja no campo afetivo, profissional, esportivo...

P: Ah, então... é.... eu penso muito em... após me formar, é... pegar mais experiência e morar fora, né? Mas eu quero muito trabalhar com... é... com atividade física pra competidor de alta... de alta, alto rendimento. Acho que é isso.

E: Beleza. É que tô demorando um pouquinho porque eu tô escrevendo também, tá?

P: Ah não. Aham, Tranquilo.

E: Mas tranquilo. É... eu perguntei sobre as suas expectativas? Então, quais são os seus medos hoje?

P: Ah, meus medos, hoje em dia é... acho que é não poder praticar o esporte que eu gosto de fazer. Então, tipo, me lesionar, é... me lesionar, me machucar e não poder mais praticar. Então acho que esse é o meu... meus piores medos. Então, tipo, o esporte me ajudou muito. É... a ser quem sou hoje, me ajudou muito na minha mobilidade e era bem mais travado, então... tô bem mais solto. Viajo sozinho hoje em dia. Então tô sempre ativo.

E: Legal. É... esse medo, então, não é só de se machucar, é... no treino, é mesmo se machucar fora e não poder treinar, é isso?

P: Sim, é, também, porque no treino, treinando... qualquer um pode se machucar, né? Então, às vezes você pode... tá andando na rua e pode acontecer qualquer coisa, né?

E: Aham, tá joia. É... você já falou um pouquinho quando a gente começou a entrevista, mas vou pedir, um pouco, pra você contar um pouco mais sobre a sua história. Falar sobre a deficiência na sua vida, é... como você se sente a respeito da deficiência e como a deficiência apareceu na sua vida. Se você puder falar um pouco mais sobre essa temática...

P:Sim. Então, eu nasci com a artrogripose múltipla congênita, né? Como ela pega bastante articulação, um pouco de musculatura e... como foi de nascença, então a... pra quem nasce com a deficiência, você já se acostuma, né? Então... fiz muitas cirurgias pra correção. Hoje em dia, acho que eu fiz mais de 15 cirurgias. É... tem mais cirurgia pra fazer mais pra frente também, mas ainda não tô pensando em fazer. Eu me sinto bem como como tô hoje em dia. Consigo... eu consigo me locomover, então... é... isso já é... é uma grande evolução, né? Pra minha deficiência. E como eu me vejo? Pô, é...eu vejo só pessoas que... que andam comigo falam: "pô, você faz de tudo e tal. Você nem parece que tem a deficiência que você tem. Você tá sempre ativo." Então... provavelmente eu... eu, é o que eu falo pra todo mundo, falo: ó, pra mim, eu sou normal, só uso 2 muletas, que é meu já acessórios, mas nada. Tem um pessoal até brinca: "ah, esses aí é seus armamentos."

E: Entendi, é você falou que fez mais de 15 cirurgias, né?

P: Sim.

E:Como foi... como foi passar por esse processo de encarar várias cirurgias?

P: Ah, então, teve cirurgias que eu... Minhas primeiras cirurgias eu tinha 2 anos de idade, então praticamente, não, não, não lembro tanto. Ainda quando eu fui, mas tive que fazer as do joelho, da bacia, eu já lembro mais. Então ficar acamado, é sentindo dor é a pior coisa que tem no mundo, eu acho. Então, mas como tinha que que fazer, tinha que aguentar as dores, não é?

E: E você falou que teria que fazer mais algumas outras cirurgias, como você ficou sabendo disso? Como foi?

P: Ah, com o médico que eu passava. Hoje em dia ele não trata mais de adulto, só de criança. Então ele falou: "Ah, tem mais cirurgia de correção e tal, nos pés é, tem que fazer mais algumas cirurgias nos ossos" e eu sei que toda cirurgia que mexe em osso dói para caramba, então é opção minha não, tipo, fazer agora. É eu quero mais, é tipo do jeito que eu estou assim para mim está bom, então eu mexer mais para a frente e mexer em ossos. É... Não, eu falo assim, não estou muito afim de ficar sentindo muita dor.

E: Entendi, e você sabe a especialidade desse médico?

P: Eu acho que é a ortopedista, é ortopedista!

E: Ortopedista mesmo? Tá. Então, por você, você não faria a essas próximas cirurgias?

P: É, para mim num... Tipo assim, não, eu não faria não para não mexer, para não querer sentir dor, não é? Falo que já senti muita dor na vida. Então, no jeito que eu estou, me sinto bem, então é um... o mais importante, eu acho que é você se sentir bem.

E: Tá joia! É, para você, o que significa deficiência?

P: Ah, deficiência significa, penso que você superar a vida. Muitos que eu, não só eu, como outros amigos que eu conheço, é... Pô, tem uma superação total da de viver.

E: Entendi. E o que é ser uma pessoa com deficiência?

P: É uma pessoa com deficiência, é uma pessoa resiliente, não é? Tá sempre querendo é... melhorar, é ajudar o próximo, sempre isso.

E: Entendi, legal. É... Agora eu vou perguntar para você um pouco sobre a sua trajetória nas lutas. Se você puder falar um pouco sobre o seu início, não é? Essa sua trajetória, você falou também que dá aula. Se você puder falar um pouco mais dessa sua história.

P: Falo, falo. Sim. Então, é eu comecei o Jiu Jitsu em 2015, é... Fazia musculação. Nunca gostei muito de fazer musculação por ser muito parado, então eu via o pessoal no tatame lá se

quedando e eu falei: “Não, eu quero fazer uma luta”, aí pesquisei sobre o Jiu Jitsu e falei com o dono da academia. Aí ele falou: “Ah, vem fazer uma aula experimental e tal”. Aí eu fui. Já fiz, estourei um joelho, aí voltei no, no, no outro dia eu estourei o outro joelho e continuei. É, então, quando eu era faixa branca, só treinava. Aí na faixa azul comecei a querer competir, então eu, eu tenho Paulista, o brasileiro, aí o mundial, aí comecei a conhecer o pessoal do ParaJiu Jitsu que era as lutas que era só de deficiente, então eu comecei aí. Então fui, fiz muitas lutas de campeonato Internacional aqui no Brasil e hoje em dia, tenho 33 títulos. É, e sempre que, que dá eu tô indo viajar para lutar. Eu falo que as competições é mais para eu me vencer, nem para vencer o próximo mais. Então, às vezes dá bom, às vezes não dá, mas é para minha diversão, então lutar para mim é um hobby muito mais, muito divertido. E hoje em dia, eu, eu tô no, no projeto, não é? Onde eu tô treinando. É, além de treinar, eu consegui, é... puxar os treinos das crianças, então eu fico de linha de frente é das crianças, então puxo o treino de terça e, e quinta. E sempre tem, sempre tem um aluno que me ajuda, é quando eu... quando eu às vezes eu não vou. É, tem o, tem um pessoal que vai e fala: “Pô, você não veio? Porque você tá faltando?” e tal, tal, tal, fico meio que com saudade, não é? (risos). E então sou eu e mais outro instrutor juntos, e a gente divide as tarefas. Eu puxo aquecimento, a gente combina com qual a técnica que a gente vai passar e vem fluindo. E nisso que eu que eu fui para lá dar aula, levei todas as minhas medalhas que eu tenho. A gente pendurou lá no nosso centro de treinamento e a molecada agora quer tudo competir, então quando tem competição, a gente... Eu levo, não é? Fico na responsabilidade de levar eles para lutarem e normalmente sempre me envolvo também para lutar. Então fica aquela vibe, não é? De “Ah, eu vou lutar, mas eu quero ver o Leandro no tatame”. É muito louco, uma sensação que acho que não, não há preço que pague você conseguir transmitir é... o que você gosta de fazer para outra pessoa, para ser esse exemplo para ela. É muito louco.

E: Como você se sente sendo esse exemplo?

P: Aí, eu gosto bastante, tipo, ainda mais quando eu levo o pessoal para lutar e eles vencem, eu falo: “Pô, meu trabalho está dando certo, não é?” Então, é uma gratidão enorme que pô, é... Não tem dinheiro que pague, não é? Então, você ensinar e ter o retorno, eu acho que esse é o maior valor que pode ser pago. Fora as amizades que a gente tem com... Que acaba tendo, não é? Com... com a molecada.

E: Entendi, legal. É você falou, então foi você que pesquisou o Jiu Jitsu. Foi pela internet mesmo que você pesquisou? Ou conversou com outras pessoas?

P: Então, eu... O Jiu Jitsu eu já conhecia a modalidade, não é? Por causa do UFC e tal. E quando eu quis praticar, eu comecei a pesquisar várias, várias modalidades, como Muay Thai. Só que Muay Thai eu pensava: "é em pé, não vou conseguir chutar". Aí Judô, o Judô é mais no chão e você cai no chão, falei assim: "Ah, mas não ia ser tão interessante". Aí eu falei, não tem o Jiu Jitsu, não é? Que é totalmente no chão. Então eu, quando eu luto já começo sentado no chão e, e de lá, desenvolvo o meu jogo e de cara deu super certo, me apaixonei pelo esporte e tamo aí até hoje. Eu até...

E: Pode falar, pode falar.

P: Eu até falo assim: "Pô, eu era faixa branca", estava até lembrando esses dias: "Pô, era faixa branca, hoje estou na marrom, quase indo para a preta, quem diria que eu ia conseguir?". Então, tipo, foi lutando, lutando e lutando, me esforçando que eu consegui chegar onde eu estou, não é? Então, é... agora o próximo passo é virar faixa preta e continuar os trabalhos.

E: Tá certo. É, você treina com outras pessoas do ParaJiu Jitsu na sua academia?

P: Então, eu... na minha... onde que eu treino na minha academia não, mas a gente tá com... agora uma nova equipe que tem um paratleta também, que é cadeirante e vira e mexe a gente luta junto, ou às vezes eu chamo alguém, algum paratleta para ir treinar na onde eu treino. Estou sempre em contato com algum paratleta, para, para a gente treinar, sair na mão. Estou até tentando fazer hoje em dia para a gente montar um... meio que uma equipe, é um treino de sábado só de paratleta.

E: Aí seria na sua própria academia?

P: Então, ou na, não, na, na onde eu treino, mas a gente precisava achar uma academia de algum amigo nosso, algum parceiro para liberar um horário para a gente.

E: Entendi. É... você falou que entrou em contato com o seu professor, é o mesmo professor desde a época que você iniciou?

P: Não. Hoje eu mudei. É, eu passei por 2 professores, não é? Quando eu iniciei, era um professor aí na pandemia ele parou, né? O Jiu Jitsu. Aí quando voltou, voltou um faixa preta dele. Aí eu fiquei mais um tempo. É mais ou menos, acho que foi mais 1 ano. Aí acabei saindo. Aí eu fui para ABC Jiu Jitsu. É aqui tem uma das maiores do ABC, né? Onde eu moro, aí eu acabei saindo, agora estou em outra em outra equipe, mas com o mesmo professor que... da ABC.

E: É... Não entendi bem. Esse professor, ele quando começou a pandemia. Depois, voltou com outro?

P: Não. É, foi assim. Eu vou explicar de novo. Primeiro foi um que era um faixa preta. Aí ele deu tipo aula desde a minha faixa branca até a roxa. Aí ele parou na, na pandemia e a gente voltou, quando voltou tudo normal na pandemia, foi um outro professor, que é um, é um faixa preta que é graduado pelo professor antigo. Então, aí eu fiquei mais um ano mais ou menos. E acabei saindo, indo para onde é que eu estou treinando hoje. Aí a gente só fez as trocas de Bandeira, não é? Que fala.

E: Ah, entendi, mas aí o você trocou de equipe, então foi para uma outra academia?

P: É.

E: Que tem uma desse primeiro professor?

P: Não é a outra, é outra academia.

E: Entendi. E tem algum motivo, por que você mudou de, de academia?

P: Ah, a gente sempre tenta procurar. É melhoria, não é? Evolução. Não que estava sendo ruim, mas sempre é bom a gente ir atrás de, de crescer, de crescimento.

E: Entendi. Algum desses professores que você teve, ele já teve contato com o Parajiu Jitsu antes de, de você?

P: Antes de mim, não.

E: Nem... nenhum desses 3?

P: Não.

E: Ah, entendi. E você falou também que nas primeiras aulas, você machucou seu joelho, certo?

P: Sim, mas...

E: Você pode me explicar como foi isso que aconteceu?

P: Ah, então é por causa do atrito no tatame e eu não tá acostumado, é com tanto atrito, acabou meio que queimando. Aí formou casquinha, esse negócio. Não foi nada que uma joelheira não me ajudasse (risos). Hoje em dia até meio que queimo assim, às vezes o pé e tipo, hoje em dia já é normal.

E: Entendi, entendi. E para você, o que o Jiu Jitsu representa? Qual o significado do Jiu Jitsu para você?

P: Ah o significado de Jiu Jitsu para mim é... Ah tem muitas coisas, não é? Que se envolvem. Como diversão, como resiliência, é educação, tem tudo isso. Então, tipo engloba muita coisa. É uma coisa que eu gosto de fazer muito. Não importa se está chovendo, trovoando. Se tiver treino, a gente... faço de tudo para ir.

E: E esse fator da resiliência, como é que ele aparece no Jiu Jitsu para você?

P: A resiliência é tipo, tem, a gente consegue adaptar um golpe, consegue, é fazer uma luta adaptada se precisar. Então, mesmo que a pessoa seja normal e quer se, quer lutar comigo, falam: "Não, vamos na sua regra". Então, às vezes amarra a perna e tal, a gente faz tudo isso, então sempre tem o... Como um ajudar o outro, não é?

E: Aham. E eu você falou também da educação, você pode explicar um pouco mais a educação no Jiu Jitsu?

P: Então, a educação do Jiu Jitsu o que que seria? Tipo, você ter que respeitar o mais graduado, ao menos graduado, então você cumprimenta o tatame na hora de entrar, na hora de sair, tem que pedir autorização para ir tomar água. Então acho que é a disciplina do Jiu Jitsu, é muito educativa.

E: Tá certo. E o que é seu... o que é ser um praticante de Jiu Jitsu?

P: Aí, praticante de Jiu Jitsu é... bom, para mim é uma coisa que eu gosto de fazer muito, então é, é se desafiar, sempre tem um desafio novo pela frente. Então, se eu não conseguir vencer a pessoa, mas vou treinar mais para tentar vencer. Vou sempre me superar.

E: E o que é ser um praticante de ParaJiu Jitsu? Você enxerga alguma diferença entre o praticante de Jiu Jitsu e ParaJiu Jitsu?

P: Ah, acho que é a mesma... É a mesma linha, não é? O que muda é que você vai ter uma luta mais adaptada ou com, com alguém com a deficiência é, semelhante com a sua um pouco mais desvantajosa, não é? Como já aconteceu várias vezes, mas sempre tem que dar o seu melhor quando você está lá no tatame, independente e acho que de vencer ou ganhar. Primeiramente você tem que se vencer.

E: Entendi. E o que é ser um atleta de Parajiu Jitsu para você?

P: Aí é ser, se, se superar, todo dia, não é? Então, se tem que fazer toda a correria. Se tem um campeonato lá no Amazonas ou em algum outro canto do Brasil, se tem que se programar totalmente para conseguir passagem, hotel é, é para ir conseguir viajar para pra lutar.

E: Você pode explicar mais um pouco como é esse... Todo esse processo? Se em algum apoio, se é difícil?

P: Posso. Então é, aqui é que, que a gente fala sempre, não é? Quem é atleta é... Apoio aqui no Brasil ou Patrocínio é muito difícil de ter, não é? Então você sempre tem que... meio que ou ir por conta, ou, ou algum amigo ajuda com algum valor ou algum amigo que é do outro estado. Vai e fala: "Não, fica na minha casa". Um sempre está ajudando o outro, não é? Hoje em dia eu sou bem conhecido aqui no, pelo Jiu Jitsu. Então, é se eu vou para o Rio já tenho lugar onde ficar. É, se eu for para, para o sul também, então sempre você tem que ter o network, né? De conversar com todo mundo, fazer amizade, independente de, acho que de Bandeira, de equipe, é o que vale mais é a amizade entre os paratletas e o pessoal sai na porrada. Então chegou na hora da competição é sem amizade. Depois do tatame, depois que medalhou já era.

E: Entendi. Como é essa, essa comunidade do Parajiu Jitsu no Brasil, como você vê esse movimento?

P: Aí, eu acho que tem muito, um sempre ajuda o outro. Pelo menos aqui em São Paulo a gente já tem grupos. Tipo, eu, eu mesmo tenho um projeto com outros paratletas que a gente faz uma vivência. Com, pra ter... pra... pra praticantes de Jiu Jitsu mesmo. Então, a gente sempre está, vem um paratleta que ajuda, a gente faz de tudo para ajudar, inclui ele no nosso, no nosso time e vamos para cima sempre, não é? Nunca deixa de ajudar o próximo que um dia ele pode ser a gente ou como já foi né também.

E: Entendi, é você pode contar um pouco para, para a gente aqui como é a sua rotina de treino?

P: Posso. Então, é, normalmente, de segunda, segunda e terça, eu acordo para fazer o Crossfit, então segunda feira, eu faço o Crossfit, treino do dia e à noite ou à tarde, eu, eu vou treinar. Às vezes eu treino no horário do almoço ou à noite. Aí de terça-feira eu faço Crossfit e dou aula, não é? Então, às vezes brinco com as crianças lá, entro no meio do treino deles e beleza, mas tem vezes que não dá, eu fico mais observando eles, não é? Pra não dá alguma coisa errada. E de quarta eu também, eu tento fazer, o fazer o mesmo de segunda, é treinar o Crossfit e o Jiu Jitsu à tarde ou à noite. Aí na, na terça, sempre eu, na quinta eu dou aula, aí descanso um dia de treino, não é? E normalmente sexta-feira a gente pega o pessoalzinho e vai visitar algum

amigo do Jiu Jitsu, fazer uma visita. E de sábado e domingo, às vezes eu fui treinar de sábado, às vezes não. Se tem competição eu descanso dois dias pelo menos, sem fazer forço ou treinar. Para ter uma rentabilidade melhor, não é? No, no, no campeonato. Eu acho que é isso, sempre tô, tem... ficando ativo, não é?

E: Está certo, é. E como é o seu treino de Jiu Jitsu? Você falou que é o único paratleta que treina, não é na sua equipe. É, como é a... a dinâmica do treino?

P: Ah, então eu tento treinar normalmente com o que o pessoal faz, eu, eu faço e tipo, e tipo, eu luto com o pessoal normal. E então, tipo, vai ter um golpe, "ah, isso eu não consigo fazer", eu, eu vou tento adaptar, se não o meu professor vai e adapta para mim. É que hoje em dia, com a minha graduação, eu consigo já entender bem o meu, o meu corpo, então eu consigo adaptar eu mesmo. Mas na hora tipo de lutar com o pessoal é normal, então, tipo, porque eu não, não sei, num campeonato eu não sei o... quem que eu vou lutar, não é? Então, tipo não sei como que vai ser a deficiência do meu oponente, então tem que, acho que treinar normalmente e ficar preparado para tudo o que aparecer.

E: Entendi. Você falou que hoje em dia você consegue entender o seu corpo melhor, certo?

P: Sim.

E: Você pode falar um pouco mais sobre como era essa sua noção corporal antes do Jiu Jitsu e como é hoje em dia?

P: Então, antigamente eu era bem mais travado. Tipo, quadril, nos braços eram bem mais limitados para levantar e eu não entendia muito, tipo de "pô, será que eu consigo? Será que eu não consigo?", quando eu entrei no Jiu Jitsu, fui graduando, a partir da minha faixa roxa, já conseguia adaptar meus próprios golpes. Então eu, tipo, eu sempre fui de sair da zona de conforto. Então eu é, e hoje em dia eu desejo um golpe e tal e já vem como adaptar.

E: Geralmente, quando vocês fazem algumas adaptações no treino, elas partem mais de você ou do professor?

P: De... dos 2, a gente vai, eu adapto e tal, mostro para ele e ele fala: "Pô, daora, vamos gravar". Às vezes a gente grava, às vezes gente esquece. E sempre eu uso a ferramenta tipo do Instagram para mostrar o, o, o que eu faço, não é? Os treinos, campeonatos, tudo, todo tipo de esporte que eu pratico.

E: Você pratica algum outro esporte? Outros além do Crossfit, né? Você falou também.

P: É, eu já, eu já prati... Às vezes eu faço o tiro esportivo, né? É... eu faço tiro esportivo, às vezes eu nado também, é que a natação eu fiz quando eu era peque... era criança, não é? Fiz 6 anos de natação. Aí às vezes, eu, quando eu vou para uma piscina ou pulo no mar, é mais para me divertir.

E: E já fez alguma outra... outro esporte, outra prática física?

P: Eu fiz, já eu fiz basquete sobre rodas. É, deixa eu ver o que mais. Acho que foi o basquete sobre rodas só.

E: Já chegou a competir em alguma dessas modalidades?

P: Ah no basquete, eu, vira e mexia, ia para competição ou para evento. Então é assim, eu não tinha minha cadeira de roda, que na época era muito cara, que ela tem que ser toda na sua medida, tem todas as regras, não é? Mas quando é, era um campeonato que era mais amador, aí eu entrava pra... pra jogar, mas se não, eu treinava com o pessoal e era feliz do mesmo jeito. E lá foi acho que onde aí começou a paixão por esportes também.

E: E como você chegou? A onde era e como você chegou a treinar o basquete em cadeira de rodas?

P: Então, é... Fui apresentado para, pro dono do time por conta do meu irmão que ele estudava com o filho dele, jogava basquete também. Aí ele chegou e falou: "Ah, meu pai tem um time de cadeira de roda e tal", aí meu irmão acabou falando: "Ah, meu irmão é deficiente", vou falar, passar o contato, aí passou o contato, entrei em contato, fiz um treino lá e estava indo direto para lá, porque era no centro de São Bernardo, não, num, não era tão longe. Então sempre pedia para alguém me deixar lá e para fazer o meu treino. Eu voltava com a mão toda estourada, porque queimava, não é? Na roda. Então, mas era gostoso assim de praticar. Aí eu tive que parar por conta da escola, não é? Comecei a estudar à noite e só tinha treino à noite, então eu tive que abandonar o basquete.

E: Entendi, é agora dentro do Jiu Jitsu, qual foi a sua pior experiência? E por quê?

P: Acho, deixa eu ver se... Acho que minha pior e... Acho que eu nunca tive uma pior experiência assim, eu me divirto só toda vez que tipo eu entro no tatame para, para treinar, tal ou para lutar, é, é uma superação, não é? É uma superação para si próprio, para você saber o que fazer, não é? Então, tipo, estou sempre sendo reconhecido e tal. É, vou num lugar os meus amigos até falam: "Ah, o Leandro é famosinho e tal". Então tipo, uma pior experiência, acho que eu não nunca tive assim. Acho que, eu acho que de viagem assim que é, que é mais

perrengue de você pegar tipo um ônibus, não ter passagem de avião, cê pegar um ônibus e viajar por 10, 15 horas, isso aí acho que é os perrengues né da, do Jiu Jitsu, que às vezes tem, mas como a gente gosta tanto de, desse esporte, e isso aí acaba sendo o mínimo, não é?

E: E a sua melhor experiência? E por que?

P: Acho que é, uma das melhores experiências que eu tive foi acho que é, sair daqui de São Paulo e ir lá para Francisco Beltrão lá para fazer uma luta que era assim, era o submission, não é? O Nogi. E putz, pra mim foi uma experiência... peguei minha mochila, joguei nas costas, peguei o ônibus, viajei por, por acho que, acho que foi 15, 13, 15 horas para chegar lá, mas foi tipo uma experiência muito louca para mim, foi uma das primeiras viagens que eu "Pô, vou lutar, vou lutar e vou ter que me virar para chegar" tipo, foi o que aconteceu e tal, conheci a cidade inteira lá, muito... foi muito legal, o pessoal foi que me tratou super bem também. E acho que o, o... você ter o respeito que se... que eu tive lá para mim valeu demais, tipo foi uma das melhores experiências assim que eu já tive.

E: Você falou na pergunta anterior sobre esse, essa questão de ser reconhecido e agora você falou do respeito. Você pode me falar um pouco mais sobre essas coisas?

P: Posso. É, então ser reconhecido por... já fui campeonato que eu só estava indo assistir e por ter vídeos meus lutando aí pelo, pelas redes sociais o pessoal fala: "Ah, você que é o Leandro? Participou do tal campeonato e tal, tal, tal?" "Sou, sou eu mesmo." "Posso tirar uma foto?", aí eu vou lá, tiro foto, converso um pouco com as pessoas, então, tipo, isso é legal né? Cê ter esse reconhecimento que nem eu fui agora no, no campeonato no domingo lá em Belo Horizonte, aí fiz minhas lutas de sem... submission, né? E Dando uma volta lá, o pessoal não parava de falar "Pô, você luta muito e posso tirar uma foto?" Aí eu parava, tirava foto, conversava um pouco. E tipo, vira um network legal assim para, pelo reconhecimento, não é? Tipo, porque eu sei que é... a minha mobilidade, ela é mais, ela é, ela é chatinha de, de ter outros atletas mais parecidos, então entro numa, em algumas desvantagens e, tipo, dou meu melhor lá no tatame e tal, ganho, perco e é isso. E respeito também, tipo, o que seria o respeito? É tipo, você chegar num lugar assim, alguém te reconhecer, é... te tratar bem também, tipo, na, na hora da luta o adversário te tratar também bem, nunca tipo, sai falando: "Ah, foi uma luta fácil". Sempre que alguém luta comigo, fala: "Pô, você tem força para caramba". Foi difícil a luta, tal, tal... tal. E acho que é o respeito que tem que ter um com o outro, né? Não só tipo, é adversário, você tem que tratar mal. Ganhou ou perdeu, vai lá e toca na mão e agradece por ter lutado.

E: Tá joia. E como você vê a organização do parajiu-jítsu? O que você acha?

P: Ah então, a organização do parajiu-jítsu, assim, sempre tem algo a melhorar, né? Então… tipo classe funcional às vezes vai ter luta que vai ser mais desvantajosa, mas por não ter para-atleta, muitos para-atletas com a mesma deficiência, né? Então às vezes você vai pegar algum que tem mais mobilidade, menos, é… com uma outra deficiência. Então, tipo, hoje em dia… eu no começo acho que ligava mais pra isso, hoje em dia eu entro no tatame e saio na porrada com todo mundo e… quem aparecer tamo lá, vamos que vamos.

E: Sobre a classe funcional, o que você acha dela.

P: Ah, então, eu acho que tipo, hoje em dia ela tá bem mais certa do que de quando eu comecei, né? Que eu já fiz muitas lutas com para-atleta que começava a luta em pé, pra mim já era uma grande desvantagem. Então hoje em dia ou eu começo com alguém que já começa sentado, pode ter mais mobilidade com o braço ou quadril, mas aí a luta fica um pouco mais justa, já começando sentado.

E: Entendi. Se pudesse mudar alguma coisa, o que você mudaria?

P: Ah, então, eu tentaria deixar o mais justo possível as lutas. Então, tipo, se tem pouca mobilidade já colocaria alguém com pouca mobilidade, também pra ser mais justo. E como hoje em dia não tem mais tantos para-atletas, então às vezes acaba um faixa branca lutando com um mais graduado ou vice e versa. Então acho que para ser mais justo teria que ser o pessoal da mesma graduação também e o mesmo peso… então às vezes você pega um cara que é o dobro do seu peso e pra você se machucar é facinho. então a única coisa que eu mudaria era isso, o peso e faixa e ter mais compatibilidade da deficiência.

E: Entendi. Ainda sobre o ParaJiu Jitsu e as federações, o que você acha das competições que eles realizam e da equipe multidisciplinar que tá envolvida?

P: Ah, as competições são sempre, pô, pra mim eu gosto muito, são bem organizadas. Então, é… todas as federações que eu participo nunca tive nenhum problema, né? De tá lá e tá sendo uma competição ruim, sempre eu me supero. Falo "pô, a competição tava muito louca, foi uma luta muito top, o coro comeu", então… é o certo, né? Então, tipo, em competições eu não tenho nada a reclamar assim, todas que eu já participei até hoje. E a equipe multidisciplinar também sempre está lá pra ajudar, né? Então, tipo, você tem alguma dúvida entre em contato, eles vão, respondem, então não tem tanta burocracia.

E: Tem algo que você gostaria de mudar nessas federações?

P: Ah, eu acho que do jeito que tá, é… tá bom, tem que evoluir mais, né? Só que acho que é só com o tempo pra ver o que dá pra melhorar.

E: Tá joia. E quais são os seus desafios e as suas motivações na sua rotina de treino? O que te mantém no ParaJiu Jitsu?

P: Então, meus… a, eu gosto sempre de me desafiar, né? Então cada competição que eu vou eu sei que eu vou lá para me superar, não é nem para vencer fulano, ciclano ou aparecer, então, primeiramente eu tento me desafiar. Eu falo que eu sou o oponente mais difícil, né? Então eu tenho que me vencer a cabeça, tenho que vencer, é… me superar na movimentação, então eu tenho que fazer meu melhor, né? Qual que foi a outra pergunta?

E: O que te mantém no ParaJiu Jitsu?

P: Ah, eu acho que é o amor ao esporte e os desafios que sempre aparecem. Fora as amizades, né? que você faz, hoje em dia eu tenho amizade com o Brasil inteiro, então, cada um em um estado ali eu conheço.

E: Legal. E quais são as suas expectativas no ParaJiu Jitsu?

P: Ah, as expectativas no ParaJiu Jitsu é… é ter mais desafios e poder ter uma remuneração, né? Futuramente pra… para você ir competir, para ficar mais profissional, né? Então é ser desafiado e poder receber uma verba pra ta lutando, né? Isso seria acho que perfeito, ia ficar sensacional.

E: Entendi. Bom, eu já to chegando aqui no final das perguntas que eu tinha para hoje, Leandro.

R: Beleza

E: E a última pergunta que eu gostaria de fazer para você é se você acha que ficou faltando alguma coisa aqui na nossa conversa, se tem algo que eu não perguntei, mas você gostaria de falar para fazer um fechamento ou algo que eu deveria ter perguntado? Deixo aberto para você agora.

P: Acho que você fez todas as perguntas, foi bem legal sim responder todas, é… eu, como eu sempre falo, né? Eu não tenho… o que me perguntarem eu sempre respondo, tal, não tenho muito isso de me esconder, né? Então, mas eu acho que perguntou tudo também… agora acho que pensando assim não vou saber responder o que faltou, né? Mas também se tiver mais perguntas mais para frente outro dia, se quiser fazer mais perguntas, tamo aí para responder todas.

E: Fechou. Eu lembrei de outras aqui…

P: Se quiser fazer, a gente já…

E: A primeira pergunta é se você já teve contato antes dessas práticas que você fez, né? tanto do ParaJiu Jitsu quanto do basquete em cadeira de rodas, se você já teve contato com outras pessoas com deficiência também?

P: Ah, eu acho que… deixa eu ver… acho que na escola, na escola eu tive… na escola quando eu era da quinta e sexta série eu estudei em uma escola que um outro cadeirante, então a gente era rival, né? Então era… era um de cada time e então o coro comia lá (risos).

E: Como era essa relação com ele na escola?

P: Ah, a gente tinha muita amizade assim, mas na hora do esporte… aí a gente se desafiava, né? Então era… era dois cadeirantes doidos, e… saía, tipo, vai apostar corrida? então vai, apostava corrida, era cada um de um time da escola, mas era bem legal assim.

E: Entendi. E a outra pergunta era se você já participou, já participou de instituições para pessoas com deficiência?

P: É, então, eu nunca participei de instituições para… de deficiente, tal… antigamente eu já cheguei a ir em orfanato, assim, para visitar, fazer umas doações, sempre tentando ajudar, né? Mas em instituição assim própria de deficiente eu… que eu me lembre eu nunca participei.

E: Entendi. Então é isso, Leandro. Essas eram as perguntas que eu quase deixei passar aqui, mas eu acabei lembrando, lembrando no final. Então eu queria só agradecer você.

16. ANEXO 6

TRANSCRIÇÃO - ELIAS

E: Pra gente começar eu queria que você falasse livremente sobre você, né? Quem é Elias? Me conta um pouco mais sobre a sua história.

P: Certo. Bom, meu nome é Elias, tenho 27 anos, é… eu nasci com uma má formação de medula, sou paciente de mielomeningocele, é… tem lombar, minha lesão é bem baixa, é… então noventa por cento das sequelas que eu tive foi… foram sequelas motoras, eu tenho atrofia muscular do joelho para baixo, eu não tenho os movimentos dos dois tornozelos, tanto o movimento de planti e dorsi quanto o movimento dos dedos, não tenho movimento nenhum, e tenho sensibilidade reduzida do meio da tíbia e fíbula para baixo, do meio para cima ela é parcial, do meio para baixo é zero, não tenho sensibilidade nenhuma, nem óssea e nem muscular, é… eu passei por 33 cirurgias, 30 por causa da mielo, cirurgias protocolos, né? Desde cirurgias na infância até na adolescência, cirurgias que é de praxe acontecer no tratamento da mielo, e… 3 por lesões, lesões já no esporte, uma recente… duas no caso no Jiu Jitsu e uma no handebol. Sou paratleta há 10 anos, comecei no handebol para cadeirantes, em um time aqui da minha cidade, no Paraná. Competi até 2014 no handebol para cadeirantes, aí 2014… perdão 2015, aí em 2016 fiquei sem competir nada, é… em 2017 eu fui para o tênis em cadeiras de rodas, competi um ano, competi a temporada de 2017 inteira e o começo de 2018… aí não dei seguimento no tênis porque é um esporte muito caro, é tudo muito caro no tênis, não apenas a manutenção em si, mas, é… as competições em si, as inscrições, é… eu sou muito competitivo, então tinha como intenção participar de um circuito grande, e esse circuito grande a gente sabe que são nas grandes cidades… demanda de uma logística cara, né? E como a gente era pioneiro no projeto aqui, acabei não dando seguimento no tênis em cadeira de rodas. Fiquei novamente em 2018 sem praticar nenhuma atividade física, é… aí começou, né? voltou alguns problemas de saúde… ganho de peso, é… a qualidade de vida em si ela decaiu, né? Simplesmente pelo fato de ficar quase um ano sem prática esportiva nenhuma, visto que eu já tinha uma… uma rotina, já tinha o costume de praticar esportes e não… num tempo sem parar, sem praticar nada. O Jiu Jitsu entrou na minha vida, na verdade, quando eu comecei no tênis em cadeira de rodas, porque uma das pessoas que me ajudou na aquisição da cadeira pro tênis foi o meu professor, hoje, de Jiu Jitsu. Eu já conhecia ele há muito mais de 10 anos e na época, alí no final de 2016 quando eu comecei a fazer as movimentações para comprar cadeira, esse professor foi uma das primeiras pessoas que me ajudou a comprar essa cadeira e na oportunidade ele já me convidou para treinar Jiu Jitsu, mas assim, como eu sou paciente de mielo, eu tenho duas válvulas

de hidrocefalia, na época ainda uma… eu tinha um pouco daquele preconceito, digamos assim, com o esporte de contato, esporte de impacto, né? Por mais que no handebol para cadeirantes ocorria muitos tombos com a cadeira, bem como acontece também no basquete, era mais tranquilo porque eu tava amarrado na cadeira, então a chance de eu ter uma pancada na cabeça era menor, por isso que eu praticava. Eu tinha esse receio de treinar Jiu Jitsu e acabar batendo a cabeça, tendo problemas com a válvula, enfim… aí, um belo dia, num domingo à tarde vendo… mexendo no celular, vendo as redes sociais eu vi um vídeo de um para-atleta daqui da minha cidade que já estava treinando ParaJiu Jitsu, o primeiro paratleta de ParaJiu Jitsu da região. Aí quando eu vi a postagem dele, é… eu vi que outros para-atletas do ParaJiu Jitsu estavam curtindo aquele vídeo, aí eu cheguei até a Federação Brasileira de ParaJiu Jitsu, o professor Elcirley foi uma das pessoas que curtiu aquele vídeo, o professor Elcirley, presidente da Federação Brasileira de ParaJiu Jitsu. Daí eu vi outros para-atletas e encontrei para-atletas também com mielo ou com deficiências semelhantes à minha, e isso me deu um start, tipo: "poxa, se já tem gente que tá treinando, tá competindo no ParaJiu Jitsu e também treina, também compete com a válvula, por que não tentar? Não dar uma oportunidade para mais essa missão, né?" E aí eu liguei para o professor, isso num domingo à tarde, falei: "professor, eu vou ir fazer uma aula experimental na segunda feira", aí fui na segunda, fui na terça, na quarta, na quinta, na sexta, o sábado, é… não fui no domingo porque a academia não abria, mas comecei a ir e foi paixão à primeira vista, foi uma mudança de vida literalmente, tanto que eu sinto que na minha vida eu posso dizer que… eu separo ela em três etapas, o Elias que não fazia atividade física nenhuma, que era totalmente sedentário, que não fazia nada, o Elias que conheceu os esportes adaptados, que… renasceu, que se encontrou dentro da atividade física e dos esportes adaptados, e o Elias do ParaJiu Jitsu, né? Foi a minha terceira versão e até hoje a etapa da minha vida que eu mais tô gostando é essa, essa do ParaJiu Jitsu. Aí a gente começou a treinar, com um mês de treino o professor chegou para mim pro Roger e falou "a gente vai daqui algumas semanas para Curitiba, para seletiva do mundial de Abu Dhabi", eu pensei: "tá, faz um mês que a gente tá treinando". Eu lembrei que quando eu comecei no handebol e no tênis foi seis meses pelo menos para mim começar a competir… eu pensei: "não, a gente vai ir para assistir o evento, para ter uma experiência visual para daqui a seis meses competir". O professor falou "não, vocês dois estão inscritos, você e o Roger vão sair na mão, vão competir". Aí fomos, chegamos em Curitiba, né? Foi o AJP Tour de 2019 em Curitiba, Paraná. E como protocolo naquela época ainda a gente fazia a classificação funcional, né? Que é um ponto bem importante dentro dos esportes adaptados pra deixar, né? Tanto os confrontos no caso de esportes de contato, quanto os jogos em si em outras modalidades mais justos, existe a classificação funcional, né? Pra colocar cada atleta dentro da sua condição física, da sua realidade motora, dentro da sua categoria, né?

Chegamos pro evento, fizemos a classificação funcional no sábado, o evento era no domingo. Na minha chave, eu, faixa branca com um mês de treino, na minha chave um outro faixa branca 4 graus, 2 anos de Jiu Jitsu e um faixa marrom com mais de 12 anos de Jiu Jitsu. Isso no sábado, eu passei o sábado e o domingo, começo do domingo inteiro, torcendo naquela inocência, né? Torcendo pra lutar com o branca para não apanhar tanto… porque também tava começando, né? No esporte. E como bom brasileiro que a gente é e azarado que somos, né? Saiu o chaveamento no outro dia de manhã, eu caí com o professor Luís, hoje faixa preta, consegui fazer um bom campeonato, fiz as duas lutas com o professor Luís e voltamos com duas vagas, tanto eu quanto o Roger, vaga garantida para o mundial de Abu Dhabi de 2019. Aí iniciamos todo aquele… aquele processo de logística para ir para o evento. Nesse meio… meio tempo aí, aconteceu a minha segunda lesão no caso, né? A primeira do Jiu Jitsu, mas a segunda lesão, no handebol eu precisei fazer uma raspagem na perna por causa de uma… é, uma úlcera de pressão que me aconteceu na coxa. E no Jiu Jitsu, 60 dias antes de embarcar pra Abu Dhabi, com o passaporte feito, hotel praticamente reservado, eu tive uma fratura de fêmur treinando… Tava em pé, coisa que eu não deveria ter feito porque na minha categoria eu sou obrigado a começar ou sentado ou de joelho, eu estava treinando em pé, é… fazendo um drill de puxada para a guarda, né? O colega me puxou pra guarda e quando eu caí com o joelho no chão, eu caí com a base muito aberta e minha perna esquerda… eu tive uma fratura um pouco para baixo da cabeça do fêmur, ela quebrou, a cabeça do fêmur deslocou da fossa do acetábulo e girou 90 graus. Eu tive uma lesão, além da fratura, uma lesão total muscular de todos os posteriores, separou em dois, uma lesão bem… muscular foi… o pessoal que me acompanhou no hospital falou que foi bem… bem séria, fiquei com um hematoma bem grande na perna até no meio da coluna, porque perdi bastante sangue ali. E quando eu cheguei no hospital me veio um filme na cabeça, né? Mais uma coisa que a gente ia começar e ia ter que interromper por… é, fatores externos, né? Por situações que ia segurar a gente, mas ali foi muito importante, e… eu cheguei de fato a conclusão de que aquela história de que, é… os colegas de treino… a academia em si é uma segunda família, foi um fator primordial pra minha recuperação, além, claro, da família em casa que não deixou eu desistir… segurou, me ajudou a segurar mais essa barra. Os colegas de treino vindo quase todo dia na… em casa me ver. Era para mim ficar um ano sem caminhar, eu fiquei seis meses e depois desses seis meses eu fiz cerca de 10 a 12 sessões de fisioterapia, voltei a treinar com… um mês depois que eu tinha voltado a caminhar eu já voltei a treinar… é até meio louco escutar isso, né? O cara teve uma fratura de fêmur, quase perdeu a perna e com 10, 12 sessões de fisioterapia já voltou a treinar e com… um mês e meio depois que eu voltei a caminhar, menos de meio meses de que eu tava treinando, eu já competi, participei da Copa Paraná, em Toledo, competi tanto no ParaJiu Jitsu quanto do convencional. No convencional

eu fiquei com a prata, perdi a final por pontos e no ParaJiu Jitsu e fiquei campeão. Aí temos uma… uma carreira aí de quase 4 anos no ParaJiu Jitsu, muitos campeonatos, muitas histórias aí pra contar. Tive uma nova lesão, isso já no final do ano passado, participei do último… do último campeonato que eu fui no ano passado eu já participei com essa lesão no pé, eu tive uma infecção óssea, é… ainda eu não tenho a certeza disso, mas é uma possibilidade que eu tenha contraído essa bactéria pela rotina de treinos, porque além de treinar e de competir, eu também, até o finalzinho do ano passado, eu também era instrutor… também auxiliava nos treinos kids e também dos paratletas da nossa academia. E passava o dia inteiro na academia em pé, por mais que tenha todo o cuidado de limpeza do tatame a cada treino, eu… por não ter a sensibilidade do pé, eu tenho um calo, é… porque usava órtese até o ano passado, tenho um calo no pé esquerdo e esse calo com frequência eu acabo esfolando, né? Eu tenho a pele relativamente fina no pé e esse calo com frequência eu acabo esfolando. Então é uma possibilidade de que eu tenha contraído essa bactéria no dia a dia de treinos, caminhando de pé descalço no tatame quanto ao redor da academia em si, e… num exame de sangue que eu fiz, descobri uma bactéria, eu… treinei um dia normal, no outro dia amanheci com o joelho inchado… primeira coisa que eu pensei… alguma lesão de joelho, rotina de treino pesada, pensei… rompi algum ligamento, menisco ou tive alguma entorse, alguma coisa assim. E por eu não ter a sensibilidade, a sensação que eu tive era apenas do joelho ter travado por causa do edema, porque inchou bastante… fui consultar, fiquei dois dias internado para fazer a medicação pro edema pra daí fazer os exames. Fiz a ressonância… nada, fiz exame de sangue… bactéria, uma infecção na bexiga… o médico achou estranho, mas, né… é uma… começou a investigar. Daí, foram ver no meu pé o calo ali tava com um aspecto estranho, diferente, o pé inchou também, inchou bastante… e a gente descobriu que a bactéria tava no pé, tava nos ossos do pé. Aí fiquei alguns dias internado fazendo medicação pra diminuir a bactéria porque tava… tava bem… assim numa proporção bem considerável, né? A colônia de bactérias no meu pé, aí depois que foi diminuído a quantia dela ali que foi aberto o calo, raspado o calo e raspado um pedaço ali de tecido que já tava… tava começando a estragar ali, né? Aí fiz a reabilitação, muito mais tempo de reabilitação dessa vez, fiz mais de 50 sessões de fisioterapia, ainda tô fazendo fisioterapia, é… fortalecimento... principalmente do joelho pra cima porque eu fiquei 40 dias com a perna totalmente dobrada, não pisava no chão, caminhava de muletas com um pé só, mas fiquei com a perna totalmente dobrada, isso já agora 60 dias atrás. E aí perdi massa, atrofiou o joelho, travou toda a articulação do joelho e ainda tô fazendo fisioterapia e o fortalecimento tanto dos dois joelhos quanto da coxa para cima, que é uma articulação e uma região que eu tenho fraqueza muscular por causa da lesão na coluna. E mesmo assim, com menos de 60 dias de cirurgia, com um mês e pouco de treinos, no último final de semana a gente participou aí da primeira competição, primeiro evento

do ano que a gente competiu… participei do CompNet, da Gracie Barra, campeonato interno da Gracie Barra em São José dos Pinhais e da Quarta Etapa do Campeonato Paranaense também em São José dos Pinhais. Então, um apanhado desde o meu primeiro dia de treinos até a missão mais recente aí no último final de semana no campeonato Paranaense e no CompNet da Gracie Barra.

E: Legal, Elias. Bastante coisa, bastante informação, muito bom saber disso tudo. Uma coisa que eu ia perguntar pra você, você pode falar um pouco mais sobre a mielo? Como ela é? Como é viver com ela? Você pode entrar mais nesse assunto também?

P: Sim. É… a mielomeningocele, ela é a mal formação do tubo neural, é… tanto do tubo quanto da vértebra que abraça, né? Esse… essa… esse canal, né? No meu caso, ela… a minha lesão é L4, L5, é bem baixa. E eu, felizmente, eu tive uma… tanto uma estrutura familiar que nunca me deixou faltar nenhuma consulta, nenhum exame, é… todas as cirurgias que estavam previstas eu fiz à risca, todas na época que deveria acontecer, né? Porque a gente sabe que na mielo existem cirurgias ortopédicas ali na infância, como também tem cirurgias que aparece o indicativo de se fazer na adolescência, por isso que eu que eu cito a questão do de um protocolo digamos assim, né? Porque são várias cirurgias que se faz no decorrer da vida é de um paciente de Mielo até a vida adulta. Eu, com 18 anos, eu recebi alta hospitalar, hoje eu faço as consultas de rotina, mas não tenho mais aquele é aquela regra certinha de todo mês ir pra Curitiba consultar, fazer exame a cada 15 dias... Isso é dos outros para frente já não, não precisa mais, né? Hoje eu faço acompanhamento das válvulas eu tenho duas válvulas de hidrocefalia uma aqui e outro aqui. Essa de trás é a primeira ela entupiu em 2016 é ela já estava trancada há algum tempo, mas as é... as sequelas da mielo elas apareceram em 2016, aí eu coloquei essa, essa em cima que mais nova ela é essa que ela tá desativada e não foi não foi retirado ela não foi possível retirar porque ela ficou ali muito tempo e já aderiu, né? E se faz parte de mim já hoje e uma coisa curiosa referente a Mielo e à hidrocefalia, que foi o motivo de colocar a segunda válvula... quando eu comecei a treinar eu tinha sim receio e cuidava é cuidava muito para não bater a cabeça para não tomar cotovelada. Nos "rolas" eu cuidava pra não deixar galera, tipo... acabar caindo em cima de mim. Eu tinha muito medo de bater a cabeça. Aí isso já na faixa azul, com um ano de treino, eu chego na academia um dia, tô lá me arrumando, eu olho do meu lado um careca grandão falei: "mas eu conheço esse cara de algum lugar". Entrei no tatame, o neurologista que colocou a minha segunda válvula, faixa roxa também de Jiu Jitsu, treina na mesma academia e eu não sabia. Fiquei um ano treinando com receio, medo, me cuidado e... se não me enganou, também, por uma lesão, o Doutor Leandro Pepe ficou um tempo afastado e voltou, ele voltou quando... já fazia um ano que eu tava treinando e no dia que eu vi lá eu fui, né? Com receio e tal, falei: "ô, doutor, tem algum... alguma restrição? Tem que ter

algum cuidado redobrado? Daí ele: “não, cara. Essa válvula que eu coloquei em você é uma tecnologia, uma válvula muito boa, é a técnica em sí, da cirurgia que é muito tranquilo então pode perder esse teu medo, pode rolar sem medo de bater a cabeça.” Hoje vive acontecendo de acabar batendo, é óbvio que eu cuido para não bater direto nela, mas depois que eu tive a oportunidade de conversar no tatame com uma pessoa que me operou, que colocou aquela essa válvula, confesso que eu, até o meu Jiu Jitsu deu uma evoluída porque eu perdi um pouco daquele medo, aquele receio, é... de treinar, de bater, né? Bater a cabeça. Enfim, hoje algumas situações referentes a mielo eu ainda tenho alguns cuidados, dentro do... principalmente, dentro do tatame. Como a gente sabe, paciente de mielo tem... tem geralmente atrofia muscular e tem as pernas finas. É... como eu não tenho movimento do pé toda minha musculatura de panturrilha eu tenho a musculatura, mas ela é atrofiada, ela é flácida e com a minha perna do joelho pra baixo, ela é fina, a perna característica de lesado medular. Por exemplo, né? É uma perna que a musculatura não é definida. Então eu tenho um cuidado é... pra não deixar, as vezes, os colegas não caírem em cima da minha perna. Pelo fato de eu não sentir, não ter a sensibilidade, é um risco, né? De eu acabar tomando uma pancada na perna quebrando e nem ver nem perceber que que eu tive uma fratura. Quando eu participo de eventos convencionais, não é... não é sempre, mas acontece, principalmente nos eventos da região. Eu... conforme a possibilidade, eu busco conversar com os atletas da chave e a única coisa que eu... que eu coloco de observação, eu ou o Professor, é o fato de eu não ter a sensibilidade e pedir pra não atacar a perna, é... pra não fazer nenhuma pegada na perna em si, porque... como eu não tenho o movimento em si do joelho pra baixo, é... por exemplo se eu ficar com a perna travada embaixo de mim, eu não vou ter aquela autonomia de tirar a perna debaixo ali, é... vão pesar em cima de mim, eu vou acabar quebrando. Então, a única observação que eu faço, que eu comento quando tenho a oportunidade de participar de um evento convencional é essa, e no demais aí, é... toda minha carreira digamos assim, né? Ao longo desses 10 anos a mielo nunca me atrapalhou, digamos assim, pra prática muito pelo contrário né mais solução do que o que empecilho, né?

E: Entendi, legal obrigado! É mudando um pouco agora queria que você falasse em relação a sua raça, como você se identifica e como isso influencia na sua vida?

P: É... raça do sentido de pessoa com deficiência ou a raça, que a gente escuta mesmo no dia a dia?

E: Opa, desculpa! raça nesse sentido é branco, pardo, entendeu? e como você se identifica, e como isso influencia na sua vida?

P: Na minha certidão, é... aparece com parda, mas felizmente, no que a gente se conhece assim, como... e vê relatos de preconceito, coisa assim, eu nunca passei por uma situação desagradável, é... e levo uma vida normal bem, bem tranquila referente a isso. Nunca tive uma situação desagradável referente a isso.

E: Tá certo, entendi! É... e para você o que significa ser um homem?

P: Olha, é... lutar pelo pelos meus ideais, né? Pelas coisas que eu acredito, que foi ensinado pra mim como, como certo e não me deixar abater referente aos obstáculos, né? Que a vida e a sociedade impõem, que a gente sabe que é o dia a dia da pessoa com deficiência ele é um pouco... um pouco difícil, referente a situações de preconceito com referente a deficiência em sí, mas acho que, uma definição boa seria essa.

E: Entendi! Você já falou um pouco né, mas você pode falar um pouco mais o que significa, então, ser um homem com deficiência? E como você se vê fisicamente em comparação com outros homens também?

P: Eu costumo falar que aquela... aquela comparação, aquela situação de você ter uma deficiência, pra mim é... eu não tenho uma, uma visão do que é não ter a deficiência, né? Porque eu nasci com deficiência, no meu caso não adquiri ela. Então o meu normal, pra mim, é ser do jeito que eu sou. Foi a forma que eu ia falar que eu cresci, modo de dizer porque eu tenho 1,36 cm de altura, mas enfim foi a forma que eu amadureci, foi tendo a deficiência. Então, é... felizmente eu nasci numa família que nunca me deixou abater referente aos obstáculos que a vida e a sociedade em si, é... colocava na minha frente eu acho que uma definição boa também seria... seria essa.

E: Legal e em relação às outras pessoas, como você acha que as pessoas te veem? E como isso influencia na sua vida? E se influencia...

P: Eu, eu costumo falar que eu vivo para mim, né? Eu busco, é... melhorar a minha qualidade de vida sem deixar o que as pessoas falam ou pensam, é... me bater. Eu não levo em consideração o que pensa sobre mim, se por exemplo querem falar que às vezes eu falo demais referente ao esporte ou que eu explano demais todas as conquistas, as coisas que eu já é conquistei dentro do esporte ou na vida em geral, é... pra mim não, não interfere porque eu busco viver a minha vida do... da maneira que eu julgo como, como correta e nunca me deixei a abalar com que as pessoas falam ou que elas julgam como corretas... correto e tentam empurrar, né? Eu nunca levei em consideração o que a sociedade pensa referente a mim em específico, mas confesso que sim, eu bato muito da tecla do é... da busca dos direitos da pessoa com deficiência e da manutenção dessas questões, mas

referente pessoal a mim, eu nunca me deixei abalar e também porque eu nunca dei margem pra, pra falarem alguma coisa referente é isso, né? Como atleta e praticante de arte marcial eu nunca baixei a guarda, posso dizer assim.

E: Entendi! Maravilha. Você pode falar um pouco mais agora de como é o seu dia a dia, né? A sua rotina é a parte mais importante do seu dia, como você se mantém financeiramente, você pode entrar nesses detalhes também?

P: Sim! É... até a primeira competição, eu treinava três vezes por semana, a primeira competição que eu digo, no Jiu Jitsu, né? Que é o tema abrangente da nossa conversa. Eu treinava três vezes por semana: segunda, quarta e sexta, uma hora por dia, três horas na semana. É... depois que eu participei do primeiro evento, voltamos com vaga para o mundial e no mesmo dia, ainda lá no ginásio professor falou para mim: "ó, agora 5 vezes por semana, agora é todo dia na academia e vamos correr atrás do mundial em Abu Dhabi." Aí depois daquele evento que foi uma virada de chave, né? Onde minha rotina mudou totalmente e eu comecei a treinar todos os dias até então eu fazia apenas o treino específico eu não levava muito é... não digo levar sério, mas eu não tinha uma preparação física é... adequada, eu fazia apenas o treino específico e depois desse primeiro evento que a gente mudou um viés ali de apenas um hobby para tentar levar um pouco mais a sério, que eu acelerei literalmente minha rotina, né? hoje eu tenho uma rotina de treino diária. Treino físico, faço todos os dias, segunda a sexto, treino em academia e o treino de Jiu Jitsu, agora que eu tô voltando da lesão, eu tô fazendo três vezes por semana novamente, por causa do ritmo e tal, pra também... pra não sobrecarregar. Até porque eu ainda tô fazendo a reabilitação, né? Ainda faço a fisioterapia. Então, quem é atleta, quem passou por uma lesão, passou por uma cirurgia, sabe que a reabilitação em si, ela é muito importante, é... o preparo físico em si na reabilitação é muito importante. Tanto que a minha preparação física de membros inferiores, ela é única e exclusivamente na fisioterapia, é... o treino de perna eu não faço academia convencional, é... porque tem muitos exercícios, que por causa da displasia do quadril, eu tenho quadril luxado, eu sei que se eu for fazer uma extensora, por exemplo, o risco de deslocar o quadril mais ainda, é grande, e na academia em si, por mais que tenha os instrutores que me acompanham sempre, é... pelo fato de ser uma pessoa com deficiência, sempre tem alguém do meu lado, não é 24 horas, não é sempre no treino que vai ter alguém. Tem horas que a academia vai estar cheia, que os instrutores vão precisar passar, né, nos outros alunos. Então, o treino de perna, o treino específico de membro inferior eu faço única e exclusivamente na fisioterapia. Na fisioterapia eu sei que vai ter durante, ali, durante o treino, durante a sessão, vai ter o auxílio, vai ter alguém sempre do meu lado, é... porque eu vou no horário marcado, o horário específico que eu sei que vai ter ali o fisioterapeuta

ao meu lado sempre auxiliando no treino específico. Eu faço tanto alguns exercícios adaptados, quanto a parte de eletroestimulação. Coloco... é colocado alguns aparelhos que fazem a musculatura que é adormecida, digamos assim, por causa da falta de sensibilidade, faz ativar ela, é... por um agente externo, né? Por ação elétrica dos aparelhos, e aliado a isso eu faço os exercícios, e o treino de membro superior faço normal na academia. Claro, adapto muita coisa, né? Precisa adaptar muita coisa, porque tem alguns aparelhos que eu tenho uma certa dificuldade de acessar o aparelho. Então muita coisa a gente adapta, mas eu não deixo de fazer nenhum exercício de membro superior, faço 100% dos exercícios é... do meu jeito, mas faço. É uma... um ponto importante que eu acho válido citar que eu não comentei antes referente a mielo, é que eu não sei com exatidão qual a proporção, mas eu acho que passa 90% dos pacientes de mielo é... que são usuários diários da cadeira de rodas. Eu não, eu caminho de muletas, é... tenho bastante dificuldade. É... tropeço bastante no meu pé, nas minhas pernas, é frequente eu acabar, acabar tropeçando, mas eu não fiquei refém da cadeira de rodas. É... principalmente por causa da minha família, que sempre me estimulou a usar as minhas pernas, por mais que elas têm as suas peculiaridades, mas são minhas e eu movimento. eu tenho uma certa força muscular, principalmente do joelho pra cima. Minha força muscular é preservada 100%, por mais que eu tenha displasia do quadril, tenho quadril luxado, é... do joelho pra cima, minha musculatura 100% preservada. Então isso facilita pra mim conseguir caminhar no meu dia a dia eu caminho com muletas. É... um ponto que você citou...

E: Deixa só eu... desculpa o Elias! Deixa só eu aproveitar pra fazer uma pergunta que ia fazer, você falou que até ano passado você usava órteses também?

P:Sim.

E: E aí era na... nas pernas, nos pés?

P: Nas pernas.

E: E aí você parou de usar por quê, como foi?

P: Então, a órtese começou a me trazer alguns problemas. Problemas no sentido de aparecer os calos, é... aumentar os calos e um desconforto, né? Eu já não me sentia tão confortável com a tala, ela já estava me trazendo mais incômodos do que benefícios. Aí eu fiz uma... até brinco, falo que eu fiz uma "AGP", uma ação de gambiarra paradesportiva (risos). Eu fui numa... numa loja de calçados e testei um monte de tênis, e adotei uma estratégia que me ajudou, porque assim, eu piso... o meu pé... eu não piso com a planta do pé totalmente no chão, o meu pé vira um pouco. Então, o que que eu usei como estratégia? Eu comprei um calçado aonde o número dele, ele é um número

maior que a sola do meu pé, então a área de contato do meu pé no tênis ela é pequena, né? E tem sempre uma sobra de calçado nas laterais essas sobras fazem com que o meu pé não vire. Faz com que não deixa o meu pé virar. Então eu consigo pisar com o pé inteiro com a sola do pé inteira no chão utilizando dessa AGP dessa ação de gambiarra para desportiva, é... comprando um calçado com o número maior. Esteticamente não muda nada porque é milimétrico, né? A diferença de tamanho nem dá para perceber que é o número maior, e eu também, eu coloco a meia por conforto e também para o pé não ficar balançando dentro do tênis. Foi é um ponto que, com esses quase 30 anos de vida com deficiência e 10 anos de esporte adaptado, foi uma estratégia que a gente testou e felizmente deu certo. Eu tive muitos benefícios, acredite se quiser, né? Parece é... ser loucura, eu falar que eu parei de usar um artifício que na teoria é para ajudar, né? Que é a órtese, e eu tive melhora. É... eu tive melhora da diminuição de dores no joelho, diminuiu as minhas dores no joelho, principalmente no joelho esquerdo, que é... o que eu tenho várias, eu não tenho os exames clínicos em si, porque eu sei que se eu for fazer os exames, vai ter uma porrada de lesão ali, é... parece... meu joelho parece uma engrenagem totalmente enferrujada. É... eu trocando passo, antes do pé toque no chão a um metro de distância dá para escutar no joelho estalando e eu sei que se eu for avaliar vai ter B.O, vai ter problema ali e vão querer mexer vão querer abrir e reconstituir. E essas dores eu ainda tenho, mas depois que eu parei de usa órteses e parei de usar o aparelho, que o meu aparelho, ele tinha bloqueio...bloqueio no joelho, porque meu joelho valgo, eu batia joelho com joelho, a parte é... medial do os joelhos batiam, e eu usava essa prótese para bloquear, né, esse valgismo. Então por mais que ela tinha esse bloqueio ali, eu tinha bastante impacto no joelho, por mais que tivesse com órtese travando, e depois que eu me libertei dela, as dores diminuíram, ainda tenho um pouco de desconforto por... eu imagino que por causa das lesões que que eu devo ter ali, mas com aparada de usar tala, eu tive uma considerável melhora aí na caminhada e a qualidade de vida mesmo.

E: Entendi, legal! É... se quiser continuar falando então sobre, sobre sua rotina... eu só queria aproveitar esse gancho.

P: Sim.

E: E se você também exerce alguma outra função, se você faz alguma outra atividade no seu dia e também, a parte financeira, como é para você?

E: Eu, além do ParaJiu Jitsu, é... eu, quando tive essa última lesão em dezembro do ano passado, um amigo meu chegou para mim falou: “viu, eu sei que você sabe produzir artes visuais, né?” Eu fazia alguns banners no meu computador, banner pra anúncio de jogos, banner, cartaz... pra...

cartaz pra show, cartão... cartaz de jogos, enfim, de futebol, em geral. Eu brincava, gostava de fazer isso no computador, e um amigo meu sabia ele falou: “cara, eu tenho possibilidade de um parceiro pra ti, só que ele precisa é de um material de divulgação.” Esse meu amigo também já... também trabalhava com arte visual e ele falou pra mim, falou: “ó, eu preciso apresentar esse material só que eu não tô não consigo fazer pra ti, e eu sei que tu sabes fazer, então produz esse material teu, me envia que eu vou encaminhar pra ele.” Esse parceiro precisava para apresentar para pros sócios e tal, né? Por formalidade, apresentar esse material sobre mim e eu fiz mandei pra esse meu amigo ele falou: “cara esse teu material é muito bom, porque você não abre uma agência de marketing esportivo?” É.. daí em dezembro do dezembro... em janeiro desse ano eu abri uma... criei, né? Um perfil no Instagram e abrir agência de marketing esportivo hoje eu faço a produção de artes visuais pra atletas de futebol futsal jatem futebol futsal e futebol, Jiu Jitsu e fisiculturismo, são os esportes que eu já passo a produção de artes visuais, é... aliado a isso eu tenho alguns parceiros que ajudam aí nas, nas, nas ajudas de custos, né? Dos Campeonato em si, tenho alguns parceiros também de prestação de serviços como academia, suplementação, fisioterapia, parte médica. Tenho esses parceiros também que eu faço além da, deles me ajudarem, né, com os serviços em si. Eu faço marketing para eles faço a divulgação é do, dos serviços deles dentro da minha da minha rede social e basicamente são essas as atividades que eu desempenho.

E: Legal, entendi! Você falou bastante também sobre a sua família. Como é a sua relação com a sua família? Eles estão hoje em dia também presentes na sua vida?

P: Sim.

E: Como é essa relação hoje em dia?

P: Nossa, é excelente! Excelente tanto que tanto meu pai e minha mãe meu irmão todos já viajaram comigo em competições é o meu irmão já foi comigo para Curitiba, meu pai já foi comigo para Gramado, a minha mãe foi comigo para Cuiabá, em 2020. Nunca lutei no lugar tão quente igual o ginásio “Ai sím, Tocantins”, memorizei gravei o nome do ginásio porque lutar 10 horas da manhã com 40 graus é... Curioso também referente a essa questão do calor, eu já nos dois extremos, né? Eu lutei num calor absurdo em Cuiabá e no frio Congelante em Gramado... em Gramado, no último evento que eu fui que foi no ano passado era 6 horas da manhã, 5 horas da manhã, eu já tava acordado no ginásio, no quarto do hotel aquecendo porque não tinha condições não detalhe. A gente acordou as 5 para lutar as 10 horas da manhã, e em Cuiabá a gente não via a hora de lutar sair do ginásio pra ir pro Hotel se refrescar, porque tu desembarcar lá as duas da manhã com 39 graus não era uma coisa que eu não tinha ainda, não tinha experimentado. E... cara, a minha família

é uma coisa fora de série, porque tudo que... que eu falo, de loucura aqui, que vem na minha cabeça eles me apoiam, né? Dentro do esporte em geral, a carreira em si, tudo que a gente coloca no papel como, é... coloca a meta, é... eles apoiam desde sempre.

E: Legal, legal! E você mora com eles? Como é essa relação?

P: Sim! Sim moro, os meus pais são separados, eu moro com a minha mãe e com meu padrasto e o irmão mora com meu pai, mas convivo diariamente com todos.

E: Legal, entendi! E ainda nessa sua dinâmica do dia a dia, quais são as dificuldades que você enfrenta no seu dia a dia?

P: Olha, eu acho que principalmente é referente à acessibilidade, como um todo, né? Por mais que a gente tá em 2022, se fala muito na acessibilidade e ainda a gente esbarra muito nessas questões, né, é... no meu dia a dia de treinos, não posso me queixar porque tanto academia de musculação quanto academia de Jiu Jitsu, a clínica de fisioterapia, todos esses lugares são referência referente à acessibilidade. É... são lugares preparados para receber pessoas com deficiência, tanto cadeirante, deficiente visual, enfim, são estruturas é... preparadas. E nas competições, quando a gente viaja felizmente aí, principalmente os eventos que tem uma comissão do ParaJiu Jitsu, são em... no mínimo lugares com acessibilidade, que... é, estão prontos para receber esse público, né? Então, referente à obstáculos eu digo que é mesmo no dia a dia em geral, mas não citando o esporte em si. É mais uma questão social mesmo do que no viés esportivo, né? No viés de rotina de treinos. Então o ponto que eu cito de obstáculo é a questão da acessibilidade mesmo.

E: Entendi... e quais são as suas expectativas para sua vida, seja ela profissional, pessoal, é... esportiva?

P: Então, eu costumo falar que eu tenho metas e tenho sonhos, e objetivos, é... principalmente dentro do esporte, porque hoje a minha vida ela é baseada noesporte. Tenho sonhos pessoais ainda vou ver e vou participar, se Deus quiser, de um Paralimpíadas dentro do ParaJiu Jitsu. O ParaJiu Jitsu ainda, né, ainda não é um esporte paralímpico, mas é um sonho, uma meta pessoal... independente de conquistas né? Mas, estar participando de uma de uma Paralimpíadas, eu acho que é o carro chefe de sonho e objetivo de qualquer paratleta que é competidor, né?

E: Entendi, tá ótimo. E quais são os seus medos hoje?

P: Medos... olha, eu já passei por tanto... tanto perrengue referente a deficiente em si, cirurgias que eu não saberia, não saberia dizer assim com exatidão, medos, mas eu acho que... como todo atleta, eu acho que o principal medo que... o principal fantasma né que nos rodeia é a lesão, que faz você

parar. Eu acho que, como hoje vida se baseia dentro do esporte, se eu tenho um receio ou um medo eu acho que posso dizer tranquilamente que é omedo de alguma possível lesão, que faça com o que eu tenhaque parar de treinar e competindo no alto rendimento. Um objetivo que eu cito também, referente a pergunta anterior que entra também nessa pergunta é... uma meta que eu tenho, é de estar competindo no alto rendimento pelo menos até os 70 anos de vida. Então, dentro dessa meta, desse... desse objetivo, entra o receio, o medo, que possivelmente fisicamente, eu não alcançar esse objetivo, né? Acho que dá para lincar essas duas perguntas.

E: Entendi, está certo...é... focando um pouco agora na deficiência, para você o que significa deficiência?

P: Olha, eu não sei se precisar referente a termos, a partir de gramática nisso, mas deficiência, eu acho que, no português em si ela é o oposto da eficiência, né? E nós batemos na tecla de que não é bem assim na prática. Na prática, as pessoas com deficiências em si, podem ser tão eficientes quanto pessoas sem deficiência nenhuma. Nossa, até soa bem a frase, né? Então a deficiência em si, eu acho que, pra mim, pelo menos, ela mais me motiva a correr atrás dos meus sonhos, meus objetivos do que me bloqueia, então tá aí uma boa definição do que pra mim é a deficiência.

E: Beleza. E para você o que é ser uma pessoa com deficiência? o que a deficiência representa na sua vida?

P: Bom, eu acho que o que é ser uma pessoa com deficiência é... se superar, né? Em todos os sentidos, em todos os aspectos, não apenas da superação de conseguir subir uma escada, por exemplo, sem cansar, mas se superar no sentido de provar que eu sou capaz de alcançar, de chegar em qualquer lugar do meu jeito, no meu tempo, mas alcançar, chegar lá. Eu acho que esse que é um... uma definição também do que é seruma pessoa com deficiência, claro na minha ótica, né?

E: Quando você fala... você falou provar, né, que você consegue chegar lá,mas esse provar seria provar pra quem? ou como você enxerga, para você mesmo?

P: Pra mim mesmo, porque a gente tá cheio na sociedade de pessoas que falam que você não vai alcançar, não vai chegar onde você aonde você é... almeja. Então, eu acho que provar para mim mesmo que eu sou capaz é um carro chefe nesse... nesse sentido.

E: Entendi... perfeito. Agora então, entrando no Jiu Jitsu, você já contou né um pouco sobre a sua trajetória, então o que o Jiu Jitsu representa para você, qualo significado do Jiu Jitsu na sua vida?

P: É, como eu citei também anteriormente sobre eu separar a minha vidaem três etapas, o Jiu Jitsu pra mim, ele é... hoje basicamente tudo.É um... tranquilamente posso citar que é a minha vida, porque é... quem pratica o Jiu Jitsu, independente se é competidor ou não, sabe que se você pisou uma no Tatame você vai... vai ficar sempre nele. É uma parada viciante mesmo. É até irônico falar sobre o vício de uma coisa que te trás desconfortos, porque jiu-jiteiro sem dor no joelho, sem dor na mão não... é... não tá... não tá não tá fazendo da forma correta, né? Eu costumo falar que eu tô todo dia no automático na academia, com 28 anos no CPF e 95 na coluna, mas tô lá todo dia e eu não me vejo em outra... em outra coisa, nem outro, nem outro setor, outro segmento, que não... no Tatame. Então, hoje eu posso dizer tranquilamente que o Jiu Jitsu, é... faz parte da minha vida, se não é a minha vida.

E: E o que é ser um praticante do ParaJiu Jitsu? Tem alguma diferença de em ser um praticante de Jiu Jitsu e ParaJiu Jitsu?

P:Olha, basicamente a diferença em si, eu acho que é nas adaptações, né? Por exemplo, na minha categoria, na N e na K, é... eu sou obrigado a começar a luta ou sentado ou de joelho, eu não posso ficar em pé não posso iniciar a luta em pé, é... dos dois esportes em si, das duas modalidades no caso em si, da convencional para adaptada não... não existe diferença nenhuma, tanto que nas competições o tempo da luta é o mesmo, é... o tatame que a gente participa da competição é o mesmo dos atletas convencionais, é... tudo igual. A principal diferença é as adaptações de cada categoria, de cada modalidade... de cada classe funcional, né, e adaptação do jogo, adaptação de como você vai praticar o esporte em si e como vai desempenhar na competição, mas diferença assim de... no convencional é uma pontuação, no Jiu Jitsu é outra, não, isso não existe, a gente segue a mesma linha, né? O que diferencia mesmo é adaptação dentro de cada de cada classe funcional.

E: Entendi. Mas existe alguma diferença pra você entre ser um praticante do ParaJiu Jitsu e ser uma praticante do Jiu Jitsu?

P: Então, pra mim, na verdade não porque eu pratica as duas... as duas modalidades, né? Eu participo tanto do convencional, né, do Jiu Jitsu convencional quanto do Jiu Jitsu paradesportivo. Claro, no Jiu Jitsu convencional, como não é o carro chefe da minha realidade, né, porque é uma modalidade destinada a pessoa sem deficiência, aí eu que estou sujeito a entrar nas regras do convencional, mas não por isso, eu vou colocar a minha integridade física em jogo, por mais que eu participo também de eventos convencional, eu sempre vou começar a luta sentado ou de joelho. Eu não arrisco de começar em pé porque eu sei que o risco de eu tomar uma queda e quebrar a perna, que nem quebrar um palito é... a chance é de 100%, é fato que vai acontecer, então por isso, por essas questões eu faço, busco fazer meu jogo da

melhor maneira possível, mas dentro da realidade do convencional.

E: Entendi... então além de ser um praticante do ParaJiu Jitsu, como é ser um atleta de ParaJiu Jitsu?

P: Olha... do praticante, vamos supor, até a época que eu ainda não tinha competido, até competir o primeiro evento que eu fui, eu acho que a principal diferença foi na rotina de treinos mesmo, na seriedade do... tanto da constância dos treinos, de ir todo dia na academia, quanto da seriedade de fora dos tatames, né? Da seriedade de... rotina de treino físico, rotina da dieta que eu faço, todo uma preparação física que demanda de uma seriedade maior, né? Então acho que a principal diferença mesmo do praticar e do ser competidor é a seriedade que exige, né, do ser competidor, de ser atletado Jiu Jitsu e do ParaJiu Jitsu.

E: Legal... e você citou até duas vezes que você divide a sua vida em três etapas, né? Você pode falar um pouco mais como era ser cada um daqueles Elias, o Alison que você falou, né, o sedentário e os dos esportes adaptados, que renasceu e agora do ParaJiu Jitsu. Você consegue definir um pouquinho cada uma dessas fases?

P: É... acho que ela se fala por si só, né? O Elias que não fazia nada era aquele que ia da escola para casa, que literalmente levava uma vida que infelizmente... não digo a maioria, mas muitas pessoas com deficiência ainda levam, né, de não fazer atividade física nenhuma, não tinha perspectiva de ser um atleta, por mais que eu sempre gostei de esporte, sempre gostei de assistir esportes em geral. Não tinha uma perspectiva referente a isso, né? E o conhecer o esporte adaptado, se sentir útil dentro... eu acho que um ponto chave é se sentir útil dentro do esporte, foi uma mudança de chave pra minha vida. Isso, eu digo quando eu iniciei já, né, que ali começou as rotinas de treino, é... treinava de segunda, quarta e sexta, mas já tinha uma seriedade a mais porque no... no handebol, se não me engano, os treinos eram de segunda, quarta e sexta. Era duas ou três horas de treino, era o treino puxadinho, então já demandava de uma seriedade a mais. Aí no ParaJiu Jitsu foi aonde... eu, de fato enxerguei a possibilidade de sair do víeis de hobby pra profissão, né? Foi onde eu realmente olhei a possibilidade de me encontrar no esporte adaptado e viver, né, disso. Tá dando uma oscilada aqui, na luz, por isso que piscou aqui.

E:Tranquilo. Você pode falar um pouco mais desse viver profissionalmente do ParaJiu Jitsu?

P:Sim... é o fato ali que comentei da seriedade ali de é...da rotina de treinos, da responsabilidade também de fazer parte de um projeto pioneiro na região, é... eu acho que define bem a questão do profissionalismo,né? Não entra apenas a questão, é... financeira, né, do ser profissional no sentido de viver financeiramente apenas do esporte, mas eu encaro o profissionalismo, principalmente como a seriedade e a rotina de treinos, levar isso como... como se fosse apenas aquilo que eu faço da vida. É... essa seriedade, eu acho que dá para citar também como um ponto chave aí, pra levar em conta essa questão do

profissionalismo, né?

E: Entendi... é... você também citou que você jogou tênis né, mas as competições eram muito caras. No Jiu Jitsu como isso é pra você? E como é a questão financeira no Jiu Jitsu, também?

P: Então, também não é assim maravilhas, não é tudo tão fácil, é... hoje a gente paga inscrição normal, como os atletas convencionais. É... tem também a logística de hospedagem, gasto com passagem, é... toda essa questão que todo atleta, é... que busca o profissionalismo tem, todos esses perrengues a gente também passa, e um ponto bacana também, é que a.... como foi aparecendo os frutos do projeto social nosso aqui, foi também mostrando a seriedade do projeto e das pessoas que estão a frente dele, né? É... eu cito de imediato, né, o projeto, do projeto profissional, o Alexandre Franciscon, que é o mentor é responsável, né, pelo projeto social e a credibilidade queele tem aqui na nossa cidade, na região, é... como sendo o faixa preta mais experiente da região. Isso, pro desenrolar do nosso projeto em se ele facilita também, porque mostra um profissionalismo, mostra uma credibilidade no projeto em si, então a questão da logística das viagens, a gente tem já... eu tenho 10 anos de esporte adaptado, tenho parceiros que me ajudam desde do handebol pra cadeirantes, é... e também, é claro com os resultados ai nas competições do paraJiu Jitsu, a gente vem cada dia mais, é... aparecendo pessoas que acreditam, né, no poder que o esporte adaptado tem, o poder que o paraJiu Jitsu tem na vida das pessoas e que hoje fazem parte do nosso projeto, né? Mas tem essa questão de que não é fácil, como não era também no tênis, no handebol, mas aí com esse tempo já de caminhada dentro para Jiu Jitsu hoje, as coisas são relativamente um pouco mais tranquilas.

E:Entendi... além dessas pessoas, desses patrocínios, né, existe algum incentivo, algum esporte do governo algo desse tipo?

P: Então, aqui na nossa cidade ainda não existe um bolsa atleta, né? Por exemplo, eu sei que nas cidades aí já tem, aqui ainda não... eu até ouvia os bastidoressobrea possibilidade de... não sei se nessa gestão ainda, mas talvez no futura ser votado, né? A questão de... da criação de uma bolsa atleta aqui, mas ainda não tem, e também como o Jiu Jitsu, ParaJiu Jitsu não é um esporte olímpico, a gente também entra na possibilidade aí dos bolsa atletas olímpicos, né, que tradicionalmente a gentevê como, como pros esportes olímpicos, né?

E: Sim, tá certo... e você falou também que você é instrutor tanto de criança, quanto do paraJiu Jitsu né?

P: Isso.

E: Você pode explicar como que você chegou a essa função, como você conduz as aulas?

P: Então, quando eu graduei na faixa azul, eu fiz o curso de instrutor, né? O programa de certificação de

instrutor, o PCI. Eu não sei se posso, na verdade já citei,mas não sei se posso citar com tranquilidade a academia que eu treino.

E: Pode, pode sim.

P: É... na Gracie barra, a gente tem, né, o curso de certificação, o Programa de Certificação de Instrutores que é um programa que permite a partir da faixa azul, ser instrutor de Jiu Jitsu, ParaJiu Jitsu, é...com... é claro, com a supervisão da faixa preta responsável pela academia. Então, quando eu graduei faixa azul, eu fiz o curso, salvo engano, eu digo, se não me engano, é... porque foi divulgado após a formação que eu fui o primeiro para atleta do Sul do Brasil a se certificar instrutor pelo programa de certificação de instrutores da Gracie barra. Confesso que eu não encontrei registros de outros paratletas, dentro do Sul do Brasil, no caso, com o curso, e após a conclusão dele, nós iniciamos aíuma turma de ParaJiu Jitsu aqui e além da turma de ParaJiu Jitsu que o auxiliava, eu também auxiliava nas turmas kids, isso no nonvencional, né? Auxiliava tanto o professor, quanto a instrutora nas turmas kids do Jiu Jitsu, ParaJiu Jitsu aqui.. Eu cito auxiliava, no passado no caso, porque eu ainda não retornei na atividade de instrutor, né, que eu passei pela lesão em dezembro, fiz a cirurgia e ainda to no processo da reabilitação, e no último mês eu tava já na preparação pra esses dois campeonatos que eu participei nessefinal de semana. Inclusive eu separei aqui pra mostrar pra ti as duas últimas missões, aqui o COMPNET, campeonato interno da Gracie Barra, COMPNET de inverno, e aqui a medalha do campeonato Paranaense de Jiu Jitsu , ParaJiu Jitsu, que a gente disputou esse final de semana. Eu tava me programando aí pra após realização desse... desses dois eventos, onde eu coloquei o foco total na preparação pra esse campeonato. É... pra após ele, eu retornar as funções ali de instrução, né?

E: Entendi, legal e parabéns tanto pelas medalhas, como pela sua certificação, ai. Continuando, como é sua rotina de treino tanto do treino convencional quanto do treino de ParaJiu Jitsu? Como é a dinâmica da aula?

P: Então, na minha categoria, na academia aqui, eu sou o único paratleta, não tem outro atleta, ou com a mesma lesão ou com lesão semelhante. Na verdade, tá iniciando, fez apenas dois ou três treinos. É... um paratleta é com lesão... paciente de AVC. Ele teve três AVC, eu conheci ele há algumas semanas na rua. Ele se locomove com triciclo, né, elétrico. Eu encontrei ele na rua e abordei, falei do projeto, ele começou a treinar e já vendo a mobilidade dele, eu imagino que possivelmente vai... vai cair nas minhas, nas minhas chaves, na minha categoria das competições, mas oficialmente, até então, eu era o único paratleta da categoria. O outro paratleta é da classe A é amputado de uma perna, então é outra categoria. Então, basicamente, o meu treino... eu treino junto com os atletas convencionais, no treino de competição, e basicamente a gente adapta ou tenta adaptar mais próximo possível das técnicas convencionais. Eu busco de fazer todas as técnicas, todas as situações do dia-a-dia de treinos, tanto dos treinos específicos do Jiu Jitsu, quanto dos treinos alide defesa pessoal,é... do, das técnica de chão, né? Eu busco fazer do meu jeito de

adaptar, eu sinto também que o professor tem um olhar clinico pra adaptação que é fora de série, porque todo treino que ele passa a técnica convencional, ele termina de passar ali a técnica convencional já sabendo como que ele vai adaptar aquela técnica, e já vem do meu lado sabendo o que que eu vou fazer, como que eu vou fazer e já vem tudo pronto. Então, é... eu fico muito feliz em estar rodeado de pessoas com esse... com essa visão sabe? Com um olhar sempre à frente já, do que a gente vai precisar no dia-a-dia de treino. Então, basicamente, a minha rotina de treino ela é na convencional, dentro das técnicas adaptadas, né?

E: Entendi... você sabe dizer se o seu professor fez algum curso de formação do ParaJiu Jitsu?

P: Sim, tanto o professor quanto a instrutora, eles são formados pelo curso de instrutores da Federação Brasileira de Jiu Jitsu Paradesportivo.

E: E pra você, qual a importância dessa capacitação?

P: Nossa, é uma é uma coisa assim fora de série, né? Você fazer parte da primeira academia certificada do Sudoeste do Paraná traz uma tranquilidade imensa, né? No sentido de que a gente tá no caminho certo e estamos com as pessoas certas dentro da missão, né? Dentro do projeto que é mostrar o Jiu Jitsu para todos mesmo.

E: Legal... e como você vê o movimento a organização do ParaJiu Jitsu em questão de instituições? O que você acha, o que você acha da instituição? Dasas competições, da equipe multidisciplinar... o que você tem a dizer a respeito?

P: Então, cada vez tá crescendo mais, né? Como a gente divulga muito o bem que o esporte faz, que o ParaJiu Jitsu, faz, é uma alegria imensa de ver a... a cada evento que passa, mais paratletas, né? Gente nova que vê, né, o nosso o dia a dia de competições, que conhece o esporte adaptado, que conhece o ParaJiu Jitsu e busca em nós, atletas que já estamos competindo, conhecer mais sobre a modalidade e isso é... pra quem abraçou mesmo a causa, é uma coisa fantástica. Tanto no quesito do número de atletas, quanto... uma coisa que a g e n t e percebe também, na vontade dos árbitros, por exemplo, de se aperfeiçoarem dentro do ParaJiu Jitsu. É... dentro das regras do ParaJiu Jitsu. Por exemplo, na minha categoria tem situações que eu adaptei ou, não necessariamente eu, mas é... pra categoria em si, foi adaptado. Por exemplo, a minha é montada ela é diferente. Eu consigo fazer a convencional, eu tenho o movimento de joelho e consigo fazer a convencional, mas também dentro da categoria que eu participo, se eu estabilizar, por exemplo, os 100 kg e passar a linha do peito acima da linha do ombro do adversário, é... isso, eu estabilizado nos 100 kg, é considerado montada. É uma situação que pra você saber, você tem que ter uma preparação, tem que ter uma instrução da forma correta, e a gente vendo nos campeonatos sempre as

organizações, as confederações fazendo o congresso, ali, com os árbitros, falando ali as adaptações e a gente percebendo o interesse dos árbitros em conhecer mais sobre o esporte, pra eles também atuarem da melhor maneira possível, isso mostra tranquilamente que a gente de fato a gente tá no caminho certo e estamos fazendo um bom trabalho, né?

E: E sobre a classificação funcional, o que você tem a dizer?

P: Hoje, a classificação funcional ela se dá direto pelos exames. A gente, todo início de temporada tem que apresentar um laudo de aptidão física e um laudo com CID da doença, né? Da deficiência que você tem, e com esse documento, a federação, ela já automaticamente faz as classificações funcionais. Não tem mais aquela questão de ir um dia antes fazer o congresso, separar as chaves e tal. Hoje já é otimizado, é computorizado, essa situação com a filiação, né, e o cadastramento do atleta aí, com os laudos detalhando, né, sobre as condições físicas e a deficiência de cada um.

E: Entendi, tá certo. E falando agora da sua experiência com o Jiu Jitsu, qual foi sua melhor experiência e qual foi sua pior experiência, e como você se sentiu nesses momentos?

P: Bom, eu acho que a melhor foi um evento onde, um ano antes, eu tinha lutado contra esse mesmo atleta, aonde pra mim, eu confesso que era... é... não digo uma "pedra no sapato", é um exagero falar isso, mas era uma diferença muito grande de peso e também mobilidade. Na primeira oportunidade que eu lutei contra esse paratleta, eu acabei me lesionando, me faltou experiência, faltou tempo de competição, eu acabei me afobando e nessa primeira oportunidade, entra ali o pior momento, que foi uma lesão. Nesse campeonato eu fiz duas lutas, eu me machuquei na primeira, lutei a segunda, que era uma luta dentro da categoria. Tudo igual, praticamente, peso, faixa, deficiência, tudo igual, mas eu não consegui desempenhar uma boa atuação, porque eu me machuquei na luta anterior. Eu sei que eu me machuquei porque eu me afobei, quis tentar encerrar tudo rápido e dei brechas, e... a diferença de peso, a diferença de envergadura, de mobilidade, influenciou para que eu acabasse me machucando naquela oportunidade, e no ano seguinte eu lutei com o mesmo atleta, ali já com muito mais eventos de experiência, numa nova faixa, e eu consegui mais uma vez provar pra mim mesmo, não pra ninguém, pra mim mesmo, que eu era capaz, independente dos quase 40 kg de diferença, eu consegui fazer uma boa luta na segunda oportunidade e provar pra mim que eu era capaz independente do resultado, de fazer um confronto, ali, digno do esporte, digno do show nosso, né? Do show que é uma competição do ParaJiu Jitsu.

E: E como você se sentiu com essa experiência?

P: Na primeira, frustrado, porque eu tava confiante, tava bem fisicamente e fiz uma boa luta até o finzinho dela, aonde eu me precipitei, tomei decisões erradas e me machuquei. Isso me custou bastante e eu sei que a lesão ali, ela influenciou no decorrer do campeonato, porque na repescagem eu já não consegui desempenhar um bom trabalho porque eu tava com muita dor no braço, eu tive uma luxação do ombro na primeira luta, ele saiu e voltou, eu não comentei nada com ninguém porque eu mesmo fiz ele voltar, fiquei uns cinco minutos descansando e já voltei pra repescagem. Não consegui fazer nada, não consegui nem colocar a mão no tatame, tanto que toda estratégia que eu tinha traçado para aquela segunda luta, eu não consegui desempenhar. Eu ia começar de joelho, eu me obriguei começar sentado porque eu não conseguia colocar a mão no tatame, não tinha base nenhuma, tava com muita dor no ombro, e isso me frustrou. E na segunda oportunidade, foi o oposto da frustação, foi a euforia de ter mais uma vez provado pra mim mesmo que eu era capaz de alcançar um objetivo independente das adversidades que a situação demonstrasse pra mim naquele momento. Então, dois extremos e que por coincidência foram na mesma cidade com dois anos de diferença e contra o mesmo paratleta.

E: Essa primeira luta foi o pior momento que você teve no Jiu Jitsu?

P: Sim, e a segunda eu cito como o melhor. Eu digo isso dentro do tatame, no sentido competição, mas eu posso citar em momentos de treino, que eu consegui fazer coisas que eu nem achava que conseguia. Com o Jiu Jitsu, por exemplo, depois de dois anos de treino, eu voltei a ter o movimento de dois dedos do pé, após a rotina de treino e de fisioterapia de forma regrada. O movimento de 3 dedos do pé direito voltou, coisa que que eu nem sabia que eu tinha esse movimento porque eu nunca tinha conseguido mexer, e por coincidência, depois que eu voltei a treinar no ParaJiu Jitsu, voltou. Uma alegria também, um momento bom dentro da rotina de treinos, foi conseguir fechar um triangulo, coisa que por causa da lesão da coluna, eu nunca imaginava ser capaz de conseguir e eu consegui. Claro, na competição dentro do ParaJiu Jitsu, eu não tenho tanta confiança em fazer porque é uma situação que pode trazer um certo risco pra mim, mas no treino, principalmente no aquecimento, a gente faz o abdominal de triangulo no aquecimento padrão, no treino eu consigo fazer, né? Então, pra mim é uma alegria, uma felicidade porque... pra quem tem setenta e poucos pinos na coluna, de cervical a lombar, quem tinha 90 graus de escoliose, conseguir fazer um movimento onde você tira todo o quadril do chão, tira a coluna do chão e joga os pés pra cima, é uma alegria considerável, né? Então dois pontos, tanto da competição, quanto do dia a dia de treinos, que dá pra citar também dentro dessa pergunta.

E: Entendi, legal. Antes de você começar essa sua jornada nos esportes adaptados você convivia com outras pessoas com deficiência? Como era o seu contato?

P: Sim, eu já conhecia muitas pessoas com deficiência, tanto da sessão de pessoas com mielo, aqui do Paraná, quanto em associação de pessoas com deficiência aqui na cidade e mesmo, vendo vídeos, pessoas na rua, tenho familiares com deficiência também. Então, o convívio em si, com pessoas com deficiências sempre foi bem presente na minha vida, mesmo antes do esporte.

E: E pra você qual a função dessas associações, na sua vida?

P: Então, olha... sempre tem pontos positivos, né? Porque mostra que existe pessoas que brigam, no bom sentido, né, pela causa, e muitas vezes pessoas até sem deficiência, pessoas que simpatizam pela causa, que abraçam a causa também e ajudam a gente a ter voz ativa na sociedade, não apenas no viés esportivo, mas social como um todo. Então, eu vejo como muito importante, essas instituições.

E: Você pode detalhar um pouco mais do que seriam essas causas?

P: Eu acho que basicamente, acessibilidade, que é um setor que tem muito o que se evoluir ainda, e os direitos, né, como um todo. O direito de ir e vir, aquela questão de tirar aquele pensamento de que a pessoa com deficiência, ela deve ficar trancada dentro de casa, que ela não pode ter uma vida social, isso é papo pra boi dormir, né, que nem dizem. É uma coisa que eu não admito. Até pouco tempo atrás, confesso, falo tranquilamente que eu não vivia uma vida social, eu não saia, tinha um certo preconceito comigo, mas não por mim, mas pela sociedade, pelos ideais que a sociedade implanta, né? Não dá pra generalizar, não são todas as pessoas que são assim, mas aquela ideia de que pessoa com deficiência deve viver só no seu canto, só na sua casa e já deu, já era, né? Vai ficar restrito aquilo. Não. Eu, hoje, eu sou militante do oposto disso. Se eu tenho deficiência e tenho vontade de sair com os meus amigos, eu saio, se eu tenho vontade de ir pra balada, eu vou, e se eu vejo uma situação de que o lugar, uma instituição, me restringe o direito de estar nesse lugar, por causa da deficiência, se é por uma questão de acessibilidade, eu sou chato, sim. A ponto de chegar com os proprietários do estabelecimento e comentar dessa questão, falar: "ó, eu não vou conseguir utilizar do seu estabelecimento por uma questão de acessibilidade, você não tem rampa" ou algo assim e muitas vezes até orientar, né, referente a essas adequações. Não ser apenas chato, né, mas falar na boa, que é valido acabar com essa ideia de que pessoa com deficiência não pode viver uma vida social. Tem sim o direito de ir e vir aonde bem entende, e tem que fazer valer essa vontade e não se limitar, né? A não fazer por causa das ideias que a sociedade implanta, aí, que a pessoa com deficiência tem que ficar trancado.

E: Entendi, perfeito. Voltando um pouco pro Jiu Jitsu, na sua rotina de treino, no seu dia a dia, quais são seus desafios e as suas motivações? O que te mantém no para Jiu Jitsu?

P: Então, eu acho que os sonhos que eu tenho dentro do esporte define bem essa questão. Dentro do Jiu Jitsu, além do sonho ali, que eu comentei de disputar uma Paralimpíadas, eu tenho um sonho pessoal em ser campeão mundial, independente de qual mundial for, mas ser campeão mundial na faixa preta. É um objetivo pessoal e visando alcançar esse sonho ai, que me motiva todo dia a tá nos treinos, não faltar nenhum treino. Eu só falto mesmo se eu não tenho condição física de ir ou por algumas questões da mielo mesmo, mas isso que me motiva a dia após dia, estar treinando e levando uma vida de... constante, né, dentro do tatame.

E: Legal, e pra você como é competir no convencional, o que isso representa pra você?

P: É a quebra de um tabu pra mim, porque quando eu comecei, eu imaginava que não, eu tenho a deficiência, só vou lutar contra pessoas que também tem a deficiência. Ai eu vi paratletas que também participam de competições no convencional que me motivou a tentar me testar nesse sentido e competir também no convencional. É claro que eu tomo alguns cuidados redobrados, eventos muito grandes eu não me arrisco, não desmerecendo os eventos menores, mas eu sei que, por exemplo, num evento da AJP, que é a federação árabe de Jiu Jitsu, a seriedade, o nível técnico e de motivação dos atletas é maior. É muito mais... que nem dizem "o buraco é mais embaixo", é um negócio muito arriscado pra mim. Agora, em eventos regionais, campeonatos é... campeonato paranaense, é mais acessível no sentido de se fazer essa participação com mais tranquilidade, né?

E: Entendi, legal. Já tô chegando no final da nossa entrevista, Elias. E eu queria perguntar então uma última pergunta, se você achou que tá faltando alguma pergunta, se você acha que eu deveria ter perguntado outra coisa, ou se você quiser fazer uma conclusão, falar alguma outra coisa a mais que a gente não tenha comentado, deixo esse espaço pra você agora também.

P: Uhum. Eu acho que, basicamente, referente tanto a deficiência em si, a vivência da pessoa com deficiência em geral, falei basicamente tudo que eu já tinha citado em outras oportunidades, além também de paratleta, de ter a questão da agencia também, sou palestrante. A minha experiência nas palestras é pra atletas também. Eu tenho já, cinco anos de palestras pra time de futsal, então basicamente o que eu falo nas conversas sobre mim, é o que a gente conversou, e nesses instantes que faltam da nossa conversas, se tiver ainda mais dúvidas, ainda me coloco a disposição. Agradeço, aproveitar pra agradecer pela oportunidade de tá compartilhando um pouco desses quatro anos de Jiu Jitsu e 10 anos como paratleta, me coloco a disposição sempre que precisar, sempre que precisar, que tiver ai, alguma atividade referente não apenas ao ParaJiu Jitsu, o Jiu

Jitsu, mas também ao esporte adaptado como um todo ou a vivência de uma pessoa com deficiência. Estamos à disposição sempre.

E: Nossa, que legal. Eu que agradeço e já queria fazer mais uma pergunta, então, sobre isso que você falou, como é pra você ser palestrante pra outros atletas?

P: Então, eu respondo essa pergunta citando uma passagem que aconteceu numa das primeiras palestras que eu fiz, foi pra um time que chegou na final de um campeonato aqui do Paraná. Um time que estava com dificuldades internas, questões pessoais e administrativas e nitidamente desmotivado, e mesmo assim eles honraram a questão contratual, né? Chegaram à final de um campeonato, fizeram um jogo de ida muito bom fora de casa, e decidiram em casa a final. Eu fiz a palestra na véspera do jogo de volta, no final, quando acabou o último treino do ano. O campeonato foi em dezembro de 2019. Então era o último treino da temporada dos atletas. No outro dia eles iam fazer o último jogo do ano e depois iam entrar de férias. Naquele ano, aquele clube teve a perca de alguns atletas durante a temporada, pra outros clubes. No meio da temporada abriu a janela de transferência pra Europa e foi perdido 4 a 5 atletas, o time estava, e precisou pra compor o elenco, subir alguns atletas da categoria de base, atletas jovens, 17,18,19 anos sem muita experiência profissional, né, no futsal. E caíram logo nas vésperas de uma final do campeonato paranaense, né? Então era uma pressão grande, era contra um time muito forte, e eu fiz a palestra, nós vencemos aquele campeonato, foi 2 a 1 se não me engano no jogo de volta. Campeão, e no final do jogo, principalmente os atletas ali, que tinham sido promovidos pro principal, pra categoria profissional, vieram conversar comigo, falar que a conversa que a gente teve um dia antes no final do treino, foi determinante pro desempenho deles em especifico naquela final, né? Eles comentaram que saíram um pouco daquela tensão, daquele medo de errar, daquele medo de errar justamente numa final, num jogo que tinha transmissão pro Brasil inteiro. Atletas jovens, de 17,18, anos que um erro determinante numa final desse tamanho, pra cabeça daquela atleta poderia ser o fim, né? Das possíveis oportunidades do futuro, de jogar num time da Europa, de chegar na seleção e tal. E... esses atletas chegarem pra mim e falar que nossa conversa foi determinante pra eles retomarem a confiança retomarem o prazer de fazer o que eles estavam fazendo, e alcançar o objetivo final que era o título, pra mim não tem dinheiro que pague essa gratidão de um atleta que também leva o dia a dia de treino que eu levo. E... eu poder dar uma palavra de motivação e no final de tudo, que deu tudo certo pra ele, ele chegar pra mim e ele dedicar aquela conquista, aquele título, é... por causa da conversa que eu tive com eles, né? Eu sei que no esporte coletivo, é... o coletivo que ganha, mas você chegar e escutar isso de um atleta, ainda mais de um jovem que tá

começando a carreira profissional, falar que você fez a diferença na vida dele naquele evento, eu acho que essa passagem resume bem como que é essa rotina também de palestra pra outros atletas.

E: Maravilha, legal. Então por hora termina aqui as minhas perguntas. Queria também agradecer você aí pelo tempo que você disponibilizou, toda atenção e carinho que você teve muito obrigado mesmo, viu, Elias.